

Cristina dos Santos Pereira Martins

Estudo sociolinguístico do mirandês

Padrões de alternância de códigos

e escolha de línguas

numa comunidade trilingue

Anexos

**Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
1994**

Questionários

DADOS SOBRE O INFORMANTE

Nº _____

1. Idade:

2. Sexo:

3. Para além do português, que outras línguas sabe falar?

Espanhol

Mirandês

Sendinês

Francês

Inglês

Alemão

Outra _____

4. Para além do português, que outras línguas compreende, ainda que não saiba falar?

Espanhol

Mirandês

Sendinês

Francês

Inglês

Alemão

Outra _____

5. a) Onde nasceu?

b) Onde nasceram os seus pais?

c) Os avós? Especificar.

6. Quem vive em sua casa?

7. Estudou? Que estudos tem?

8. Se tem filhos, estes estudam / estudaram? Onde?

9. Que viagens já fez?

10. Profissão ou actividade principal.

11. Nome ou alcunha (facultativo).

Questionário I*FUNCIONALIDADE SOCIAL*

Que língua costuma usar em cada uma das situações que se seguem?

- Português
- Mirandês
- Espanhol
- Outra

1. Com os familiares

- a**-mãe
- b**-pai
- c**-sogro
- d**-sogra
- e**-avó(s)
- f**-avô(s)
- g**-filho(s)
- h**-filha(s)
- i**-genro(s)
- j**-nora(s)
- k**-cunhada(s) / irmã(s)
- l**-cunhado(s) / irmão(s)
- m**-sobrinho(s)
- n**-sobrinha(s)
- p**-outro que se considere relevante (especificar) _____

2. Com o padre

3. Quando reza

4. Com os vizinhos

5. Quando vai ao café

7. Quando vai resolver assuntos burocráticos

a- à Junta de Freguesia ou outra repartição oficial sediada no local de residência

b- a repartições sediadas fora do local de residência (especificar)

8. Quando vai ao mercado / às compras / à mercearia

9. Com a professora da escola

10. Quando fala com estranhos

11. Quando quer evitar que um estranho o compreenda enquanto fala com alguém seu conhecido (da sua terra, seu familiar, etc.)

12. Quando ralha e repreende os filhos

13. Quando pragueja ou diz asneiras

14. Quando conversa com um familiar ou amigo de um assunto íntimo

15. Quando fala de um assunto que o irrita

16. Quando fala de um assunto que o emociona

17. Quando namora / namorava

18. Quando conversa sobre o campo, a agricultura, o gado, os negócios, etc.

Questionário II*COMPETÊNCIA E PROFICIÊNCIA*

1. Qual a língua, das que usa, que sabe melhor?
2. Nota que o facto de saber mais que uma língua lhe cria dúvidas, por vezes, ao falar?
3. Consegue distinguir bem uma língua da(s) outra(s)?
4. Mistura, às vezes, as línguas quando fala?
5. Nota que os outros o fazem também?
6. Porque usam as pessoas mais que uma língua ao mesmo tempo, misturando-as?
7. O que pensa dessa mistura? É bom? É mau? Não acha nem bem, nem mal?
8. Que lhe parece que pensam os outros sobre essa mistura?

Questionário III¹**VALORAÇÃO EXPLÍCITA**

1. Existe uma maneira “correcta” ou “boa” de falar? Essa maneira é em português, espanhol, mirandês?
2. De onde são as pessoas que têm essa maneira "boa" de falar?
- 3.a) Em _____, fala-se bem ou mal?
b) Se a resposta for “mal”, dê algum exemplo que ilustre este modo de falar.
4. Conhece outras pessoas de outras regiões cuja fala (também) não lhe pareça “correcta”?
- 5.a) Quando vai a Miranda do Douro, procura corrigir de alguma forma a sua maneira de falar com os outros?
b) De que modo?
6. E quando vai a Bragança? Vila Real? Porto? Lisboa? Espanha?
7. Pensa que todas as pessoas de _____ falam com o mesmo grau de correcção?
- 8.a) Em _____, quem fala melhor, os homens ou as mulheres? Dê exemplos.
b) Os mais velhos ou os mais novos? Dê exemplos.
9. a) Acha que na escola os meninos devem ser corrigidos quando usam palavras mirandesas em vez das portuguesas?
b) E quando usam palavras espanholas?
10. O que acha de os meninos aprenderem mirandês na escola? Pensa que os anos de aprendizagem desta língua são suficientes ou gostaria de vê-los aumentados?
- 11.a) Parece-lhe bem que alguém o corrija quando diz algumas palavras em mirandês?
b) Alguém já o fez?

¹Adaptado de DAVID AGUADO CANDANEDO, *El habla en Bercianos del Real Camino (León). Estudio sociolingüístico*. León (Institución Fray Bernardino de Sahagún de la Excma. Diputación Provincial de León), 1984, p. 253-258.

Questionário IV

Este pequeno questionário insere-se num projecto de investigação sobre hábitos linguísticos desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradecendo, desde já, a tua colaboração, lembra-te que deves preenchê-lo com **toda a honestidade**. **O questionário é anónimo.**

I. Dados sobre a pessoa que preenche o questionário:

a) **Assinala, sublinhando, a turma a que pertences:**

8°C 9°A 10°A 11°A 12°C

b) **Sexo** (sublinha): Masculino Feminino

c) **Escreve a tua data de nascimento:**

d) **Escreve o nome do local onde nasceste:**

e) **Escreve o nome do local onde resides:**

f) **Já foste emigrante?** (sublinha) Sim Não

g) **Se a resposta à pergunta anterior for sim, escreve o nome do país onde foste emigrante e o número de anos que viveste nesse país:**

II. Estudos recentes indicam que o uso do mirandês entre os jovens do Concelho de Miranda do Douro está a diminuir. Ainda assim, algumas destas pessoas mais novas mostram orgulho em saber falar o mirandês e não parecem dispostas a esquecê-lo.

Diz, em poucas palavras, o que pensas sobre este tema, indicando as causas que, na tua opinião, estão na origem do declínio do uso do mirandês.

Textos utilizados na experiência “MGT”

Texto lido pelo locutor masculino:

Versão em português

S. Martinho de Anta, Páscoa, Sábado — Trás-os-Montes da minha alma! Passa-se o Marão, e entra-se logo no paraíso! Pelo menos vê-se Nosso Senhor Jesus Cristo em carne e osso, e anda-se com ele de camioneta. Guia o Gateiras. E Nosso Senhor, que vai representar a Sabrosa, compra bilhete no Tabuada e embarca a meu lado. Usa cabelo à poeta, e já tem pouco. Leva a caixa da maquilhagem sobre os joelhos e vai sério. Em Constantim bebe um copo do tinto para à noite ter sangue no Calvário. Tudo como vem nos Evangelhos, porque diz: este é o meu sangue...¹

Versão em mirandês

Sã Martino d'Anta, Páscoa, Sábado — Trás-dels-Montes de la miê alma! Passa-se l Marõõ, i entra-se lhõugo no paraízo! Al menos bei-se Nõsso Senhor Jasus Cristo ã carne i ôsso, i anda-se cõ él de carreira. Guia-la l tiu Gateiras. I Nõsso Senhor, que bai a represantar ala Bila de Sabrosa, compra l'antrada nel tiu Tabuada i bai al miu lhado. Trai l pêlo cumo ls poetas i yá tẽ pouco. Lhiêba la caixa de las pinturas subre ls zinolhos i bai múi sério. ã Costantĩr bebe õ copo de bino pala nuite tenér sangue no Calbário. Todo cumo bẽ nos Ëibangêilhos, porque diç: este yê l miu sangue...²

Texto lido pela locutora feminina:

Versão em português

Veio o Seara. Vem sempre. O reumatismo geme-o como meu pai faz às varas da vinha. Mas, torcidinho, vem sempre. Abre os grandes olhos, puxa as pontas do bigode e acaba por concluir que estou mais magro. Depois, a sua Silvina, coitada... E o seu filho que lá anda pela Baía... E o seu genro. Quando chega o momento de pagar dois contos, chora. E só há-de alegrar os olhos outra vez em Setembro, quando de novo eu chegar, e novamente vier ver se estou mais gordo ou mais magro.³

Versão em espanhol

Vino Seara. Siempre viene. El reumatismo lo hace gemir como lo hace mi padre con las varas de la viña. Aunque dobladito siempre viene. Abre sus grandes ojos, coge las puntas del bigote y concluye que estoy más delgado. Y su Silvina, la pobre... y su hijo que sigue lejos en Baía... y su yerno... Cuando llega el momento de pagar dos mil escudos, llora. Y sólo alegrará de nuevo sus ojos en septiembre cuando una vez más yo vuelva y pueda nuevamente ver si estoy más gordo o más delgado.⁴

¹ Adaptação de MIGUEL TORGA, *Diário*, vol. I. 6ª ed.. Coimbra (Edição do Autor), 1978, p. 67.

² Tradução de Domingos A. G. Raposo, docente de Mirandês na Escola Preparatória de Miranda do Douro.

³ Adaptação de MIGUEL TORGA, *Diário*, vol. I. 6ª ed.. Coimbra (Edição do Autor), 1978, p. 68-69.

⁴ Tradução de Maria Carmen Frias Gouveia, docente de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Grelha de respostas “MGT”

| A | Muito pouco | Pouco | Não sei | Bastante | Muito |
|---------------------------------------|-------------|-------|---------|----------|-------|
| inteligente | | | | | |
| lógico | | | | | |
| exprime-se bem | | | | | |
| bonito | | | | | |
| bem educado | | | | | |
| instruído | | | | | |
| apto para tarefas de responsabilidade | | | | | |
| bem vestido | | | | | |
| B | | | | | |
| atencioso | | | | | |
| prestável | | | | | |
| honesto | | | | | |
| de confiança | | | | | |
| bom amigo | | | | | |
| modesto | | | | | |
| tem carácter | | | | | |
| simpático | | | | | |
| tem sentido de humor | | | | | |
| é acolhedor | | | | | |
| tem um sorriso bonito | | | | | |

Parte II

1. Que idade terá esta pessoa?
2. Que profissão terá ela ou que tipo de profissão?
3. De que região será?
4. A que classe social pertence?
 - Alta
 - Média-alta
 - Média- baixa
 - Baixa

Corpora

NOTA EXPLICATIVA

Nos seguintes *corpora* o leitor encontrará vários excertos de diálogo em mirandês. Tratando-se de um idioma que dispõe de uma escassa tradição escrita e que não conhece, por isso mesmo, uma normalização ortográfica, decidimos seguir, na nossa própria transcrição, as propostas gráficas avançadas por José Leite de Vasconcelos no volume I dos seus *Estudos de filologia mirandesa*, sempre que estas se apresentaram tecnicamente viáveis.

Esclarecemos, desde já, que as transcrições efectuadas pretendem reflectir, o mais fielmente possível, o discurso oral produzido pelos intervenientes. Não esquecendo as contingências culturais, sociais, geográficas e educacionais destes falantes, e sem perder de vista que o discurso registado se desenrola, na sua maior parte, num clima de grande informalidade, não será de estranhar que, no registo escrito de uma oralidade com estas características, tenha havido necessidade de menosprezar algumas das convenções ortográficas em vigor.

Será, porventura, ao nível da pontuação que os resultados deste procedimento mais se sentirão. Não dispondo de meios adequados para assinalar graficamente a entoação de forma fidedigna, decidimos que também não nos deveríamos socorrer da pontuação, sobretudo das vírgulas, com este propósito. Não sendo um recurso tecnicamente rigoroso, receámos que a sua utilização pudesse contribuir para criar situações de artificialidade e de grande desfasamento entre o que se lê e o que efectivamente foi dito. Deste modo, encarámos a pontuação, de uma maneira geral, como um mecanismo mais apropriado para registar momentos de pausa que, consoante a sua duração e o ponto sintáctico de ocorrência, foram assinaladas de forma diferenciada.

Para facilitar a leitura dos *corpora*, apresentamos, de seguida, uma tabela com as principais convenções utilizadas:

| | |
|-------------------|---|
| ... | — pausa longa, interrupção do discurso ou hesitação |
| , | — pausa breve |
| . | — pausa breve coincidente com final de frase |
| (...) | — período de conversa não transcrita porque irrelevante |
| [...] | — sequência discursiva incompreensível |
| {...} | — fim da fita de gravação |
| <i>itálico</i> | — discurso em mirandês |
| <u>sublinhado</u> | — discurso em espanhol |
| traçado | — formas mistas ou cuja filiação linguística é de difícil interpretação |

Por fim, resta-nos acrescentar que todos os excertos transcritos são antecidos por uma pequena nota de contextualização situacional. Os informantes principais são identificados pelo número que lhe atribuímos, os informantes secundários são apresentados por letras maiúsculas. As características mais importantes destes últimos são referenciadas em nota de rodapé.

Corpus 1.1

Valoração expressa pelos falantes de Paradela sobre os idiomas, o seu uso e o seu valor simbólico

[Informante 11]

11. [Aqui] nem falam português, nem falam espanhol...
- E¹. Então a senhora está a falar o quê? [Risos]
11. Eu não sei. Eu para já, o português, português não sei falar.
- E. Não?
11. Não porque estive... saí daqui aos 12 anos e estive sempre na Espanha.
- E. Umm...
11. 'Tão aqui a gente entende-se, não é? Mesmo realmente português, não...
- (...)
- E. E então, esteve onde, em Espanha?
11. Em Vitória.
- E. Em Vitória? Então fala muito bem espanhol?
11. Espanhol, sim...
- E. E mirandês?
11. Mirandês, um bocadinho de francês...ah, mirandês é o que a gente fala aqui....
- (...)
11. Falam o fidalgo, diz-se aqui.
- E. Ai, o fidalgo.... ah... está bem.
11. É a maneira de dizer aqui, o fidalgo...
- (...)
- E. Os miúdos também, os garotos?
11. Não, os garotos pequeninos lá dão uma de vez em quando de ouvir os pais e isso... ao demais falam português.
- E. Umm, umm...
11. Sim, mas de ouvir os pais e assim, dão lá as suas patadinhas, como dizemos...[risos]
- (...)
- E. E então com a professora?
11. Com a professora fala-se português.
- E. Fala-se?

¹E. representa a entrevistadora.

11. Sim. Ela até fica chateada quando os miúdos le falam mirandês...

E. Ai é?!!

11. ... porque depois escrevem igual que falam, então é por isso que... está mal.

E. Então e vocês acham bem que ela repreenda os ...

11. Eu acho bem.

E. Acha?

11. Acho porque é para o bem das crianças...

(...)

E. Então aqui em Paradela, fala-se bem ou mal?

11. Fala-se malíssimo!

E. Ai é?! Então diga-me lá... dê-me lá exemplos do que é mau falar.

11. Dizem muitas asneiras aqui o pessoal. Cada palavra sua asneira, sempre vai para a frente, e eu acho isso muito mal... acho bem falarem mirandês, gosto do mirandês, mas aqui as pessoas dizem muitas asneiras e então eu acho malíssimo.

(...)

11. Ele [o filho] nem fala o mirandês, nem o português (...) Por exemplo, eles [os meninos] agora estão a ouvir falar o mirandês e depois ouvem falar o português e então não sabem qual a maneira é a boa (...) é por isso que eu o corrijo.

(...)

[A propósito da escolarização em mirandês]

11. Acho bem, acho bem porque a gente não esquece, não é ...uh... e é bem saber um bocadinho de tudo, não perder as antigas atitudes senão a gente esquece tudo [...] eu acho bem. Sempre aprender um bocadinho mais, mas não esquecer o que já se sabe.

[Ele¹ e Ela², jovem casal residente no Porto]

E. Usa o mirandês com quem, com os seus familiares?

Ela. Sim.

Ele. Chega cá e não adianta. (...) Ela sabe que eu não falo nada disso, mas ela, quer dizer, chegando cá, fala logo, mesmo, é sem intenção ...

Ela. Já no caminho [do Porto para Paradela]...

Ele. ... sem intenção, só pelo facto de chegar aqui ...

Ela. Não é isso! Senão dizem-me que venho para cá falar fidalgo!

(...)

Ela. Gosto de falar [mirandês] (...) também se não falar, acabo por esquecer um bocado.

¹Estrato etário b; trabalha no sector administrativo de numa empresa de construção civil.

²Estrato etário b; é enfermeira.

[Informantes 26 e 28. Depois de terem começado a interagir em mirandês, começam-se a rir]

E. Para que é que vocês se riem? Têm vergonha!?

28. Não. Não temos vergonha nenhuma!

26. Não temos vergonha nenhuma... o que... parece que a gente está mais habilitada para falar o mirandês correcto como é devido.

E. Então como é o mirandês correcto como é devido?

26. O mirandês não é nada fidalgo, é só... uh... transmontano.

(...)

E. Então, ouça lá, existe uma maneira correcta de falar?

26. Como? Que diz?

E. A senhora pensa que há assim uma maneira mesmo boa de falar?

26. Sim, deve haver. Devia ser o português para toda a gente e não falarmos o mirandês.

E. Não gosta do mirandês?

26. Gosto do mirandês, mas nós somos portugueses, havia de ser o português só que havíamos de falar.

[Informantes 7 e 26]

E. Não sabe falar [mirandês] ou não gosta?

7. Não, sei falar. Se me puser a falar, sei falar, claro, mas ...

E. Mas não gosta?

7. Não calha ou não gosto de...

26. Do mirandês?

7. Não é que não goste, é que...

26. Não te calha, pronto.

E. Não dá jeito?

26. Estás habituada já no português e pronto, não vais para o mirandês.

7. Sim, mas o meu pai às vezes também fala, só que... como estou habituada a responder assim...

[Informante 37]

37. (...) Para le dizer a verdade, andamos juntos com os espanhóis e quase, quase, quase, que nem sabemos falar, nem espanhol, nem português.

E. Então o mirandês? É uma mistura de espanhol e português?

37. É uma mistura de espanhol e português porque vamos... de um dia para o outro, vamos a chegar... [...] passamos para aquele lado para o Castro e há que falar com os espanhóis, vem-se para este lado e já se fala com os portugueses.

(...)

E. Acha que se deve preservar a língua cá do local?

37. Deve. Deve-se estimar [...]

[Falantes SM.¹ e TAg.²]

SM. Isto aqui nem falamos o mirandês, nem o espanhol.

E. Umm...

SM. Agora o mirandês bem falado é na cidade.

E. O mirandês bem falado?

SM. Sim. Há ali pessoas que falam o mirandês correctamente.

(...)

E. É engraçado, porque me disseram ontem que em Miranda ninguém fala mirandês...

SM. Não. Mirandês, em Miranda, falam o mirandês correcto. Ali é que é o mirandês correcto [...]

E. Quem é que fala, por exemplo? Que pessoas é que falam o mirandês correcto?

(...)

SM. Não é bem qualquer pessoa, é [...] como é que se chama ele o...?

E. O professor?

SM. Vários. O professor...

E. Domingos?

SM. Domingos. Esses é que sabem falar mirandês...

TAg. Esse talvez seja o número um...

SM. ... tem por obrigação... é estudado e percebe do mirandês. De maneiras que, em Miranda, aqueles comerciantes todos sabem falar mirandês, mais ou menos (...) Mas isto aqui... não sabemos falar, nem o mirandês, nem o espanhol, nem o português...

[Informante 10]

E. Porque se riu quando eu disse “mirandês”?

10. Porque tem um som bonito, é bonito, toda a gente gosta...

(...)

¹Estrato etário c; sexo masculino; é agricultor.

²Estrato etário d; sexo masculino; é agricultor.

10. (...) Se 'tiver eu a falar para si, mesmo que queira falar mirandês, não consigo (...) agora se 'tivermos a falar duas pessoas sem interesse nenhum, claro, aí sai o mirandês mesmo fechado (...).

(...)

E. E com a sua mulher, fala em mirandês?

10. Às vezes. Pouco, pouca coisa.

E. Pouca coisa? Fala mais em quê?

10. Nós falamos mais em... ela estudou e falamos em português (...)

E. E com a sua filha?

10. Com a minha filha não, falamos em português.

E. Só em português?

10. Só, para ver se ela compreende alguma coisa, que esqueça isto.

E. Quer que ela esqueça?

10. É triste isto.

E. É?

10. Eu acho que sim.

(...)

10. Acho que isso, de estudar mirandês, não sei se é obrigatório, se... devia ser só para aqueles que quisessem (...)

E. Porquê? Você não gosta do mirandês?

10. Não gosto.

E. Não?

10. Sou mirandês, mas não gosto muito do mirandês. Acho muito vulgar porque ninguém entende.

E. Ninguém entende!? Então e vocês não se entendem?

10. A gente entende-se aqui, mas sai por aí afora e ninguém entende o mirandês. Eles preferem que a gente fale espanhol, como já le disse, ou outra linguagem qualquer, entendem melhor que o mirandês, não sei porquê.

E. Ai é?...

10. A gente aqui entende-se bem mas eles não entendem, tanto que acho que é uma língua muito difícil. Eu tenho estado aí na vizinha Espanha em trabalhos, a gente se estiver a falar português correcto... uma pessoa para a outra, eles entendem alguma coisa. Se nos pusermos a falar mesmo mirandês, eles não entendem nada.

E. Pois é. Mas é uma boa maneira de falarem entre vocês?

10. Ai isso sim, entre nós sim, a gente entende-se...

[Informante 16]

16. (...) Com a mulher a gente até parece que se percebe melhor com o mirandês... assim uma coisa mais vulgar que a gente... portanto, foi aquilo que os nossos pais nos ensinaram e temos ainda aquele carinho...

E. Claro, claro...

16. E... eu gostava que o mirandês continuasse, não é?

(...)

16. (...) Porque a gente ainda tem um certo orgulho em falar mirandês, mesmo em Miranda e em Bragança... ou em Bragança, em Lisboa ou no Porto, quando encontro gente daqui...

E. É logo!

16. A gente aqui é ao contrário, parece que tem o prazer em falar português, e eu tenho o prazer de falar mirandês quando encontro pessoas conterrâneas daqui...

E. Engraçado...

16. 'Tão pá, estás bom? *Que tal bai la bida?*, e tal...

E. E acha que as pessoas aqui têm vergonha de falar mirandês?

16. Há pessoas, sim, têm complexos em falar mirandês. Eu não tenho nenhum, até sinto um orgulho... conservar o dialecto.

(...)

E. Acha que o professor que vem para aí devia saber falar mirandês?

16. Acho que sim (...) É sempre bom... portanto, lidar com pessoas que sabem falar o mirandês e o português, porque quando há dúvidas num lado, a gente faz exemplos do outro e a gente sempre chega a uma conclusão que se entende, não é?

E. Pois...

16. Portanto... eu pela minha parte acho bom conservar o mirandês.

(...)

16. (...) O mirandês é uma mistura com o português, e compreende-se muita coisa.

(...)

[Interrogado sobre a língua que costuma usar para repreender a filha, afirma]

16. Se 'tiver muito chateado, vai a língua de origem... a raiva vem do sangue!

(...)

[Sobre a alternância de códigos]

E. (...) Acha bom misturar assim as línguas?

16. Bom, por um lado é bom para não deixar perder o mirandês, não é, por outro lado é mau fazer assim esta salada russa...

(...)

16. (...) A falar mirandês não será tão fácil escapar-se-me uma fala portuguesa, mas se estiver a falar português de vez em quando é capaz de me aparecer uma fala mirandesa.

(...)

16. Já se sabe que em Coimbra é onde se fala bem o português.

E. E acha que se fala bem o português em Lisboa?

16. Não me parece que é onde se fala melhor...

E. Quando vai a Miranda do Douro procura corrigir a sua maneira de falar de modo a... não deixar escapar o mirandês?

16. Sim, depende das pessoas com quem falo, não é? Se forem pessoas daqui conhecidas, pois até por vaidade, sou capaz de falar em mirandês. Agora... agora, se forem pessoas com quem tenho pouca confiança..., pois fala-se educadamente português, concerteza.

(...)

E. Acha bem que os meninos, quando vão para a escola, sejam corrigidos pela professora, quando falam mirandês?

16. Uh... sim, acho bem porque... porque... é a melhor maneira de nos compreendermos como portugueses, se tivermos uma língua que sirva para todos, não é, embora encontro também bem defender o dialecto mirandês, que é único.

E. Então acha bem que eles tenham mirandês no ciclo...

16. Sim, pois, para não esquecer e para fazer... portanto... o sinónimo das palavras, o que é o português com o mirandês e compreender as duas línguas perfeitamente. Encontro bem.

(...) Acho que, pois, devia existir mais anos (...).

[Informante 18]

[18 fala sobre os seus hábitos linguísticos, tendo dito que, antes de ir para França, praticamente só falava mirandês. Adquiriu o hábito de falar mais português devido ao contacto com as colegas de trabalho no estrangeiro que eram maioritariamente portuguesas. Quando nasceu a filha, tomou a resolução que de seguida se transcreve]

18. (...) Eu disse assim ao meu marido:

—Não, porque um dia mais tarde a miúda se quer seguir um caminho, ou uma carreira, ou qualquer coisa, não vamos falar o mirandês [...]. Mesmo eu com o meu marido é raro falar o mirandês...

E. Uhm, uhm...

18. Sim. Aqui dentro de casa, por exemplo, estamos em casa, falamos sempre o português, mas depois quando andamos os dois por aí ou assim com a cria e tudo, falamos sempre o mirandês.

E. Uhm, uhm...

18. Sim. E é bem saber tudo, não é?

[Informante 11]

11. O problema é que a gente mistura várias línguas, ao final não sabe o que é que fala.

E. Mas o que interessa é que as pessoas se entendam, não é?

11. Ah sim...

(...)

E. E lá em França, falava mirandês?

11. Com a família... sim, com a família... (...) em Paris há muita gente daqui (...).

[Informante 10 e falante Ma.¹]

10. Eu acho... eu acho... eu para mim acho que o mirandês é que está certo.

Ma. Tem muitas palavras, tem... o mirandês [...]

10. Eu acho... eu acho... eu para mim acho que o mirandês é que está certo (...) Eu, quando andei na escola, chateava-me muito era com a palavra que se diz “muito”, “muito”. Eu preocupava-me com esta palavra, porque se escreve “muito” e tem que se ler [mũjtu]. Não há “n” nenhum, não há nada! Escreve “muito” e lê-se [mũjtu]. Porquê? Porquê? (...) Quando agora estou a ver que o [mujtu] é mirandês! (...) O mirandês tem um bocado acertado na linguagem portuguesa às vezes.

[A informante 11 começa a contar uma história de juventude em português. Face a isto, diz o informante 10]

10. *Fala mirandês que yê más bonito!*

[Informantes 31 e 22]

22. É que nem se fala mirandês, nem espanhol...

31. Nós nem espanhol, nem mirandês, nem português...

22. É que nós aqui lidamos com os espanhóis todos os dias... sim.

(...)

E. E então vocês um com o outro falam mirandês?

22. Nós não!

E. Não!?

22. Não, há pessoas mais... [não chega a precisar]

(...)

¹Estrato etário b; sexo masculino; trabalhador da construção civil.

[Depois de 31 ter feito uma pequena exibição, para mostrar como se fala em mirandês, comenta
22]

22. Coisas! Só asneiras quase!

[Informantes 25 e 29. Depois de terem verificado que a entrevistadora residia em Coimbra]

29. Olhe que eu digo-le uma coisa, para já... eu trabalhei, assim, com muitas pessoas... ao lado de ... das aldeias ali à beira de Coimbra...

25. Não estejas a... o que nós dizemos agora!

29. Não importa, não importa!... E, quer dizer, encontrava que davam muito... quer dizer... a pronúncia ao mirandês.

E. Ai é!? Lá perto de Coimbra!

29. Perto de Coimbra.

(...)

E. Então vocês não acham bem que eles [os professores] os repreendam [aos meninos], pois não?

29. Bem, não é bem assim, vá...

25. Não é bem assim!

29. Uma pessoa... quer dizer, uma pessoa deve aprender a falar o melhor que se possa o português. É como o francês. Eu vivi em França e as professoras diziam:

—[Na escola] só é o francês que se fala. Saem daqui, falam à vontade, não é?

É o que dizem.(...) Mas as professoras... o português. Mas, em geral sempre... não esquecer o mirandês, que é idioma da terra.

E. Então o senhor acha bem, por exemplo, que agora haja... lá em Miranda... uma disciplina de Mirandês na escola...

29. Pois tem que haver!

[Informante 7]

7. Há poucos verbos em mirandês, não há?

E. Não sei. Não, há muitos verbos!

7. Não sei se é por não falar muito...

[Informantes 16 e 29]

16. Aqui tem uma tendência... o mirandês... em pronunciar a letra com que começa a palavra... por exemplo, “saco”, é uma coisa que aqui se diz “saco”¹... se for, por exemplo, “caça” já é “caça”²...

E. Já é “caça”³. Se for “passo”⁴, de “dar um passo”...

16. É um “passo”⁵, exacto.

E. Se for “paço”⁶, de “paço do Bispo”...

16. “paço”⁷, pois. Por acaso até é uma... é uma... portanto... digamos... é uma coisa que ajuda... o estudante...

(...)

16. “Coser as meias” diz-se “coser”⁸. “Cozer as batatas” *yê cozer*⁹ as batatas!

(...)

29. É o que eu le disse hoje, nós nem é português, nem é espanhol... quer dizer...

16. Não! Nem se afigura muito ao espanhol!

29. ... nós é entre as duas coisas, não é?

[Informante 22]

E. Então diga lá, 22... a 22 fala com toda a gente aqui em mirandês?

22. Eu falo...

E. Fala? Mesmo com os seus netos?

22. Tanto me dava... o que é agora a gente já se escapa muito, porque a gente está habituada mais a andar já por a cidade... e com os filhos... com os netos a gente já não gosta de falar à nossa maneira... mas eu sei-o falar.

E. Mas fala com a Isabel às vezes, não fala?

22. Falo, muitas vezes.

E. Mas nem sempre, não é?

22. Não.

E. E com o seu netito pequenito?

22. Com o meu neto não, porque os pais não gostam.

(...)

¹⟨s⟩ com uma articulação ápico-alveolar surda.

²⟨ç⟩ com uma articulação pré-dorso-alveolar surda.

³⟨ç⟩ com uma articulação pré-dorso-alveolar surda.

⁴⟨s⟩ com uma articulação ápico-alveolar surda.

⁵⟨s⟩ com uma articulação ápico-alveolar surda.

⁶⟨ç⟩ com uma articulação pré-dorso-alveolar surda.

⁷⟨ç⟩ com uma articulação pré-dorso-alveolar surda.

⁸⟨s⟩ com uma articulação ápico-alveolar sonora.

⁹⟨z⟩ com uma articulação pré-dorso-alveolar sonora.

22. [A propósito do neto] E quando diz “picha”¹... e ...“caralho me foda”!
- E. Diz, diz! Mas isso é mirandês ou é português?
22. É mirandês!
- (...)
- E. Mas gosta de falar mirandês comigo?
22. Gosto, mas tenho medo que não perceba!...
- (...)
- E. Vocês às vezes falam à fidalgo, não é?
22. Sim. A gente fala o fidalgo... bom, a gente... atravessado, nem fidalgo, nem mirandês...
- (...)
22. Quando se casam, *ã beç de dezir* um casal, dizem *ũ matrimónio*... ao antigo, *bá, ã mirandês*... porque agora a nossa pronúncia vai mais modificada... (...) A nossa pronúncia já vai toda mais diferente... já vão criados por as cidades...
- E. Pois, pois...
22. As minhas neticas ... eu tenho uma netica de seis anos... tem sido criada já no Porto... passa aqui quinze dias...
- E. E ela fala alguma coisa?
22. Fala, mas o mirandês já o apanha pouco... já apanha mais... o Porto... mais fidalgo...
- E. Pois é, pois é... mas vocês gostam desta maneira de falar, do mirandês? Gostam do mirandês?
22. Gostamos porque fomos criados...
- E. Pois...
22. ...fomos criados aqui, não é... e a gente apanha ... este ambiente... como dizem aqui.

[Informante 2]

2. (...) As pessoas mais idosas já falam mais o mirandês...
- E. Tá bem. Então e se eu te perguntasse assim mais ou menos a partir de que idades é que as pessoas começam a falar mais português e menos mirandês, qual era a idade que tu me davas?
2. A idade... acho que a idade que começam a falar mais mirandês é com os quarenta...
- E. Para cima?
2. Para cima. O português acho que é mais os dos quarenta para baixo.
- E. Tá bem. E achas ... quem é que fala mais mirandês, as pessoas que foram à escola ou as pessoas que não foram?
2. As pessoas que não foram.
- (...)
- E. Em Paradela fala-se bem ou mal?

¹ <ch> foi, neste contexto, articulado como fricativa predorso-prepalatal surda.

2. Algumas pessoas bem, outras mal...
- E. Dá-me exemplos do que é falar bem e do que é falar mal...
2. Quando falam bem é quando não misturam. Quando falam mal é quando começam a misturar tudo... falar em mirandês, em português... outros vêm e falam em francês!
- (...)
- E. Quando vais, assim, a Miranda do Douro, procuras, assim, corrigir a tua maneira de falar?
2. Sim.
- E. Portanto, tens assim a preocupação de não deixar fugir o [č]?
2. Sim.
- E. As pessoas lá em Miranda também dizem [č]?
2. Não!
- E. Ninguém diz?
2. Só... normalmente... os que eram das aldeias e foram para a cidade é que confundem um pouco, mas pouco.

[Falante Iv.¹]

- E. Então, ouve lá, vais escolher mirandês?
- Iv. Não.
- E. Não? Porquê?
- Iv. Porque não gosto.
- (...)
- E. Olha, tenho aqui uma cassete com umas canções em mirandês. Queres ouvir?
- Iv. Não. Não é preciso.

[Informantes 6 e 21]

21. Mas tendes que le falar ã... *falar ã fidalgo assi nũ dá jeito ningũ!*
6. Se nós falarmos em mirandês ela *nũ cumprende nř boia!*

[Falante TDS.² Estavam presentes, enquanto esta conversa decorria, as informantes 2 e 4.]

TDS. Uma vez, foi um e disse assim... disse... os espanhóis... disse:

—Mira!

Vai um que esteve aqui... bem, um rapaz qualquera... disse:

—Mira!

¹Estrato etário **a**; sexo feminino; é estudante.

²Estrato etário **d**; sexo masculino; foi pastor.

—“Mira” não se diz. “Mira” é os espanhóis!,
disse a senhora professora.

E. E o senhor achava bem que ela repreendesse assim as pessoas?

TDS. Eu aprendia tudo...

E. Sim, mas achava bem que a professora dissesse, não se diz assim, diz-se assado? Achava bem?

TDS. Atão!!

(...)

E. Porque é que o senhor não fala mirandês comigo?

TDS. Eu? Eu falo de todas as maneiras!

E. Então! Mas, porque é que não fala o mirandês comigo? Ou não distigue bem o mirandês do português e do espanhol? É tudo a mesma coisa?

TDS. Eu tanto falo mirandês, como espanhol, como português...

E. Então fale mirandês comigo!

TDS. Como?

E. Eu sei falar mirandês, um bocadinho...

TDS. Pois o mirandês é assim... agora em mirandês, *yöu dio la mesma cöufa! Dio-le las mésmas cöufas que los portugueses...* a senhora quer... quer saber?

E. *Si! Quiêro saber!*

TDS. O português ou... *pöus*, é a mesma *cöufa!*

E. Não, não é a mesma coisa...

TDS. *Bẽ a sér lo mésmo...(...)*

[Informantes 9 e 30]

9. Esta fala não se pode escrever.

E. Escreve, escreve. Já se escreve.

9. Sim? Mas é mal isso...

E. Já se escreve... Acha que é mal? Não gosta do mirandês?

9. [rindo-se] Eu não gosto, não!

E. Mas fala mirandês?

9. Falo sim, que remédio!

E. Fala aqui... este é o seu pai?

9. Não, é o meu sogro.

E. E fala com ele?

9. Pois, que remédio! Nós uns com os outros falamos assim... mirandês.

E. E com o miúdo, fala mirandês?

9. Com os miúdos, não! Quero que aprendam a falar de outra maneira [...]

30. A palavra mirandesa é a palavra mais bonita que há.

E. Ai o senhor acha que é a palavra mais bonita que há?

30. Sim senhora!

E. Então, porque é que não fala comigo, se é bonito? Eu também acho que é bonito!

30. É bonito... atão... eu falo em mirandês... [exemplificando] a senhora faça favor de me dizer tal coisa...

E. Isso não é mirandês, isso é português, isso é fidalgo! Isso sei eu!

[Risos de 9]

30. Não! Isso é mirandês, isso é mirandês!

E. Ai é?

9. Não.

30. Atão! Eu vou [...] [exemplificando] a senhora faça favor...

E. Ahhh! Mas eu quero que você fale como fala aqui com os seus vizinhos...

9. Com a minha *abó*¹ e com o meu pai e comigo, como *stábades* ali agora a falar!

E. Como é que ele estava ali a falar?

9. Assim, mirandês!

E. O que é que estava ali há bocado a dizer à sua...?

9. *Böu a dar-te...*

30. [Exemplificando] Vai com as vacas! Olha que já te...

9. *Böu a lavr... a arar ã cacho alhi a Balsugo...*

30. ...já não fazes o que eu mando, mas tu²...

9. *Oh, él nũ fala...*

30. ...mas tu, já não me respeitas. *Tu já sós ãra bruta, tu*³...

9. Não falais bem...

30. [Depois das várias tentativas de exemplificação de como se fala em mirandês] Atão, assim...

E. Não falais bem...

30. O mirandês é assim...

9. Não! Não é nada!

30. Atão, como é o mirandês, vá!

9. Mirandês é como falais aqui na aldeia... todas as gentes!

(...)

[A conversa continua com 30 a insistir na sua opinião]

E. Eu gostava de saber porque é que vocês me falam à fidalgo, isso é que eu gostava de saber!

(...)

30. Mas quer que le fale mal!?

E. *Quiêro!*

(...)

¹*Abó* com o sentido de 'sogra'.

²Continuação da exemplificação.

³Continuação da exemplificação.

30. Eu se le vou falar mal, aqui no mirandês... olhe, eu até... [sequência intercalada em que a informante 9 ensina E. a dizer correctamente *quiêro*]... até se me envergonha!

9. [Continuando a exemplificação, que, desta vez, 30 ouve distintamente] *Yöu quiêro ãrja maçana.*

30. Ahh! Ai ... ai isso falo tudo!

E. Então diga lá...

30. [Exemplificando] Aqui é uma feira... quer uma pera? (...) O senhor quer uma pera?

Sim senhor, dou-la. Quer uma maçã? Dou-la. Ah... quer comprar uma vaca? (...)

[**Informante 23 e falante TO.**¹. No lavadouro público, logo a seguir à conversa anterior com os informantes 9 e 30]

E. 'Tão, 23...

23. O que é que dizeis da vida?

E. O que é que eu digo da vida? Digo que ninguém quer falar mirandês comigo...

23. Ninguém quer falar mirandês?

E. Não.

23. *Stã mi squesitas... (...) todo o mundo stã mi squesito! (...) Nũ dizẽ pa'lhi, pr'acolhá, pr'öutro lhado? Nũ dizẽ nada disso?*

E. Não dizem nada disso...

23. *Que burras sõi!*

(...)

TO. Ai, (...) não querem falar ao mirandês?

23. *Nũ quérẽ falar fidal... nũ quérẽ falar cumo nós...*

E. *Na bõssa lhengua...*

23. *I éilha rẽ bontade de öubir...*

E. Pois tenho!

TO. Pois!

E. *Tengo!*

23. *Tengo, ora si ?*

(...)

E. Então eles [os meninos] em casa aprendem é o mirandês, não é?

23. É conforme! Olhe, aquele meu miúdo que eu tenho ainda nunca le ouvi falar... em mirandês...

E. Não?

23. Logo de pequerrucho² começou a falar o fidalgo, como nós dizemos...

E. Foi?

TO. Qual? o mais novo?

¹Estrato etário c; sexo feminino; é agricultora.

²«ch» foi, neste contexto, articulado como africada.

23. *Aquél garoto nunca falou como nós, nunca...* eu não sei que hábito apanhou... (...) Fala o fidalgo cerradinho, cerradinho... não se le escapa uma fala do mirandês...

E. Ai é? 'Tão, mas vocês em casa falavam com ele em mirandês?

23. Pois, nós falávamos em mirandês, mas o garoto começou a... pior... foi para a escola, inda pior! (...)

(...)

TO. Ag. [o filho] inda é capaz de falar o mirandês, mas eu me admira porque a gente nunca le fala em casa assim mesmo à maneira do mirandês... vá, alguma vez ou outra que se fala uma fala, eu contigo ou assim... mas com o meu, não... (...) eu com o meu Dg. [o marido], nós nunca falamos em casa como aqui... Nunca, nunca, nunca!

E. Nunca? Falava sempre em fidalgo com ele?

TO. Mais ou menos... assim...

{...}

[Sobre o uso do mirandês e do português]

23. Se encontrar duas pessoas, se estiverem as duas a falar uma com outra, assim sim!... Agora se *ñja* dá de cara com a senhora, pois logo *se scapa qualquera cõufa* [em português]...

E. Ah pois... pois escapa...

23. Nem que a gente *ñ* quer, logo se vão... porque estamos habituados a outra gente que vêm de fora a falar le...

E. ...em fidalgo...

23. ...em fidalgo.

(...)

E. Se eu aprendesse mesmo, mesmo mirandês, já toda a gente falava comigo à vontade...

TO. Pois!

(...)

TO. Mas olhe, aqui fala-se assim. Já estive em Sendim?

E. Não.

TO. Ali fala-se pior... as velhas falam pior que aqui ainda.

(...)

TO. Agora a gente nova, não. A gente nova já modificou, mas a *antia*... aqui modifica pouco, mas ali a gente nova modificou... mas os velhos falam muito mal!

[Informante 26 e falante N.¹]

N. O mirandês é uma mistura...

E. Mas há coisas que são mesmo mirandesas, por exemplo...

¹Estrato etário b; sexo masculino; é guarda exercendo funções no Porto.

26. Não é mistura nenhuma, filho...
 E. ...há bocado estavam a falar mirandês...
 26. ...*yöu se me pongo a falar contio como yê debido, falamos todo ã mirandês...*
 N. Ná, ná...
 26. *Antöü nũ falamos todo ã mirandês?*
 N. Ná! Não é uma mistura, não é bem aquele mirandês, aquele...
 E. Pois, mas há uma diferença, né? Ainda há uma diferença?
 N. Há...

[Informantes 28 e 38 e falante TR.¹]

- E. Fala com ela [a neta] em mirandês?
 28. Não, em fidalgo!
 E. Em fidalgo...
 28. Ai, os pais não querem que fale mirandês...
 E. Ai é?!!! Mas eles... os garotos percebem todos!
 28. Ai, ela percebe tudo!
 (...)
 38. Aqui já os pequenos ensinam a falar os velhos em fidalgo!
 E. Ai é?!!!
 38. É! É! Nós é que aprendemos deles!
 E. Ai é?!! Mas vocês aqui entre vocês falam mirandês...
 28. Nós entre nós falamos todos... vá... em mirandês, agora se vamos p'rá cidade, não!
 E. Pois é...
 (...)
 E. Então, vêm aí os espanhóis e fala-lhes como?
 38. Ai! Os *spanholos* falam lá em Espanha... nós falamos aqui...
 TR. Os *spanholos falã ã portugueses* que já não... *yá nũ se diferençã* daqui!
 E. Ai é?!!
 TR. Sim, senhor!
 E. Ai eles falam em português... quando vêm aqui?
 TR. Quando vêm aqui falam em português que não se diferença a fala deles daqui...
 E. Ai é?
 38. Diga-le que a espanholada sempre tem que le dar... a fala e a espanholada...
 28. ... sua pronúncia...sempre...
 E. Mas eles não falam português, que eu já os vi aí e falam espanhol...
 38. Não...
 TR. Falam os que querem...

¹Estrato etário d; sexo feminino; foi pastora.

38. Não...

28. Não, eles em português... em vez d'dizer "cinza", ceniza...

(...)

[Falante TOI.¹]

TOI. Aqui não sabemos o que dizemos, o que falamos...

E. Não??!!

TOI. Somos muito estúpidos!

(...)

E. Fala com os seus filhos em mirandês?

TOI. Sim.

E. Sim?

TOI. Sim.

E. E com toda a gente aqui?

TOI. Com toda a gente, então?! Nós falamos com toda a gente porque nós somos mirandeses, não é?

E. Pois, pois...

TOI. Mas somos assim meio atravessado porque já somos à beira do Castro [rindo] ...somos meio atravessados...

E. Ai é? Então vocês misturam assim às vezes as línguas?

TOI. Agora... agora... muitas vezes. Quando estão aqui os meus filhos, eu também falo o que le falava o Ca. [marido de TOI.]... assim em espanhol, muitas vezes.

E. Ah, porque eles est... a sua filha está em Espanha?

TOI. Sim, a minha filha está em Zamora.

E. E ela fala bem espanhol?

TOI. Sim!! Espanholinho cerrado!! Porque a minha filha foi ali criada...

E. Ummm...

TOI. ... e casou ali (...)

[Informante 9]

E. [Que língua é que usa com] a sua avó? E com o seu avô? (...)

9. (...) É o mirandês também, porque elas não compreendem outra língua...

E. E os seus filhotes?

9. Estes, já é fidalgo...

E. É?

9. ... para eles aprenderem outra coisa... outra maneira de falar...

¹Estrato etário d; sexo feminino; é agricultora.

(...)

9. Quando vamos a Miranda, com o senhor doutor, com as enfermeiras falamos também assim...

E. Pois...

9. ... fidalgo.

E. Pois, pois... 'tá bem. E então e...

9. Já viste a... paranóias... íamos a Miranda e falávamos desta maneira... Não! (...) Quando vou ao Porto também! Já viste falar mirandês no Porto! Foge!

E. Acha que as pessoas se riam?

9. [Rindo-se] Eu acho que sim. Eu às vezes, quando lá estive a morar, que estive lá quatro anos, no bairro donde estive, no sítio onde estive a morar, elas ainda apanham alguma coisa... porque uma pessoa bem que queira falar, sempre se escapa alguma coisa para a nossa pronúncia, para o nosso lado...

E. Pois, pois...

9. ... e elas depois... pegavam-me... (...) depois elas riam-se (...)

(...)

E. Acha que se faz bem em misturar [as línguas]?

9. Não... eu acho que não se devia misturar, que o fidalgo devia ser o fidalgo e o mirandês o mirandês... mas isto é uma coisa complicada para a gente, como tem que usar as duas línguas quando... com certas pessoas há que usar uma, com certas pessoas há que usar outra...

E. Ai é?

9. Mas acho que está tudo bem assim.

E. (...) Então, existe assim uma maneira correcta de falar? (...)

9. Eu para mim acho que era melhor usar só uma língua...

E. Era?

9. ... por exemplo o fidalgo e o mirandês não usar...

E. Não? Porquê? Não gosta do mirandês?

9. Acho paranóio o mirandês...

E. Paranóio!!?

9. Sim. Acho le assim... ahh... que não é bonito...

E. Não?

9. Acho que não... que é uma língua... assim ahh...

E. 'Tá bem, 'tá bem...

(...)

E. E sendinês, percebe alguma coisa?

9. Sendinês, não.

E. Não?

9. Eles têm outra pronúncia, diferente...

E. E não os entende?

9... e em Constantim, outra pronúncia diferente, em... na Póvoa outra... cada aldeia tem sua pronúncia diferente...

E. Ai é?

9. Capaz de não notar, *sós* capaz de não notar, mas nós notamos...

E. Vocês notam bem...

9. Os sendineses não sei como é que falam...[tenta imitar alguns sons] (...) não sei que maneira dizem...

[Informante 6 e falante Ed.¹ No café.]

(...)

E. E agora, se pudesses voltar atrás, escolhias mirandês?

Ed. Atão! Para aprender a língua!

E. Pois...

6. Para aprender a escrever...

(...)

Ed. Eu ia às aulas... aquilo é muito custoso de escrever...

E. É?

6. É!

Ed. É pior que o espanhol...

6. É igual que o francês e o inglês... era pior e nós bem que tínhamos de aprender...

(...)

[Sobre as palavras tabu]

E. Mas vocês aqui quando... quando dizem “caralho” é... consideram que estão a dizer em mirandês ou que estão a dizer em português?

6. “Caralho”?

Ed. É mirandês!

6. É mirandês...

(...)

E. Então vocês vão ... quando vão assim a Miranda, procuram, assim, corrigir-se a falar?

6. Ai não!!!

E. Ai não!!!

[Risos]

6. Senão às tantas não nos vão compreender nada... claro, compreendem, mas...

E. E eles fazem troça? Eles fazem troça?

Ed. Não, mas há miúdos lá na escola...

6. Não... às tantas... às tantas na frente não fazem troça, mas ficam a fazer por trás...

E. É?

¹Estrato etário **b**; sexo masculino; trabalhador da construção civil.

Ed. Mas há miúdos dessas aldeias por aí abaixo que não são capazes de falar o... prontos... a língua que... do...

E. Fidalgo?

Ed. ...português correcto¹...

6. Claro...

Ed. Nós, não! Nós falamos o... o ... o mirandês e falamos ao mesmo tempo o... o português correcto², quanto que eles não... chegam³ aí a Miranda, a professora pergunta-les qualquer coisa e eles falam sempre em mirandês... não é?... mas não é mirandês correcto⁴...

(...)

Ed. Aqui a gente velha quase toda fala o mirandês... mas não é o mirandês correcto⁵... é o mirandês, com... junto...

E. Com quê? Com o espanhol?

Ed. Meio espanhol... meio... meio fidalgo...

6. Falamos metade espanhol, metade mirandês e metade português...

(...)

E. De onde é que são as pessoas que falam bem?

6. As pessoas que falam melhor o português... o mirandês é... Duas Igrejas...

Ed. Duas Igrejas...

E. É?

6. Sim.

E. E o português?

6. O português... só numa cidade...

E. É?

Ed. Só numa cidade...

E. Mas assim, o quê... Bragança?

6. Toda a gente tem...

Ed. Não, mesmo aí em Miranda ... mesmo aí em Miranda já...

6. ...toda a gente tem seus defeitos...

E. Pois...

6. ... que em Bra... Bragança dão uma pronúncia, em Miranda já dão outra...

E. Ai é?

6... vai ao Porto, já dão outra, em Lisboa já dão outra... Ehh! Nós não sabemos qual é a pronúncia certa.

(...)

Ed. Na Espanha é igual, na Espanha é igual...uns já falam...

¹O <c>, que normalmente não se pronuncia, foi articulado como [k].

²O <c>, que normalmente não se pronuncia, foi articulado como [k].

³<ch> foi, neste contexto, articulado como africada.

⁴O <c>, que normalmente não se pronuncia, foi articulado como [k].

⁵O <c>, que normalmente não se pronuncia, foi articulado como [k].

6. ...uns já falam...

Ed. ...os *galhegos*, em *Galizia*, por exemplo, falam já mais o português...

E. É...

Ed. ... enquanto que aí... em Burgos, por aí, já falam o *spanholo* correcto¹...

E. Pois...

Ed. ...mas em *Galizia* não. Falam mais o português que o espanhol.

6. Mas os espanhóis têm o mesmo caso que nós. Os espanhóis também falam muito o mirandês...

E. Falam?

6. O mirandês deles...

Ed. Sim. O mirandês deles, não é igual que aqui, o mirandês...

E. Ahh, 'tá bem... Aqui onde? Em Zamora...

6. Pois, aí...

6. O espanhol deles...

E. No Castro?

Ed. Pois, aí no Castro, em Brandilanes...

6. Eu isso não sei diferenciar, isso... não sei quando é que estão a falar espanhol nem quando estão a falar o mirandês deles...

(...)

Ed. Aqui gente... gente daqui, já... assim média idade já, fala mesmo o fidalgo...

E. Ai é?

Ed. Eu já os conheço, passo por eles, já falo mesmo também o mirandês correc... não, o mirandês não...

6. O fidalgo!

Ed. O fidalgo...

E. Então, as pessoas mais novas...

Ed. Pois... não! A gente... a gente que esteve na cidade ou esteve na guarda e agora está aqui a viver, falam o fidalgo... e um já sabe quem é, fala-le fidalgo também...

[A entrevistadora pede exemplos de pessoas com as quais os informantes costumam ter este comportamento. Ambos apontam Dg., marido de TO. e pai de Ag.]

(...)

Ed. Gente que veio de fora para cá... que esteve fora a viver... e agora veio para cá, falam sempre o fidalgo... e é por isso que uma pessoa, quando passa por eles, já fala o fidalgo também... agora a gente não... a outra, a que está cá, já sabe que fala o mirandês, fala-le o mirandês também...

E. 'Tá bem...e para as crianças?

Ed. Para as crianças...

6. As crianças... com as crianças costumo falar português.

E. É?

¹O «c», que normalmente não se pronuncia, foi articulado como [k].

Ed. Português correcto¹, sim...

(...)

6. (...) A J. falava muito bem, ai, falava tão bem aquela miúda!

E. Em mirandês?

6. Em português correcto, um português correcto, mas mesmo correcto... foi uma pena, pá... estar com os pais que tem (...). A mãe falava-le totalmente em mirandês. A rapariga foi para a escola (...) a mãe falava... chegava a casa, a mãe falava-le em mirandês, chegava à escola, (...) a professora falava-le português... a miúda, meteu-se-le uma mistura que ela só dava erros. Pois a mãe, um dia, pôs-se-me a dizer:

—Ai, isto é uma burra, isto é aquilo, isto é o outro...

E eu disse:

—Não estejades² a dizer que ela é burra, que a burra fostes vós... Vem para casa falais o mirandês, vai prá escola, falam-le português, vai para os amigos, falam português... a miúda confundiu-se de tal maneira que ela não sabe como vai escrever!

Pois a mãe lá disse:

—Acho que sim, acho³ que tem razão, acho⁴ que não sei quê...

(...)

6.(...) Os meus pais nunca falaram comigo português. Eles acham estranho... às vezes estou a falar eu e o meu marido, um para o outro, e eles acham estranho que eu esteja a falar... outro dia [...] a conversa, a minha mãe estava na cozinha e nós estávamos na sala e diz a minha mãe:

—Mas que cambada de fidalgos, não sei quê, não sei que mais...

(...)

[Interrogada sobre as circunstâncias que propiciam o uso do mirandês ao falar com o marido, diz a informante 6]

6. (...) Por exemplo, estamos zangados por quaisquer problema é mais o mirandês!

(...)

6. (...) Nenhum garoto sabe falar. Nem nós sabemos falar, como é que vão saber os garotos!?

E. O quê?

6. Nós aqui, pode-se dizer que não sabemos falar, porque nós falamos três linguagens, os garotos apanham aquilo, vão para a escola e não sabem escrever!

(...)

E. Não gostam do mirandês?

6. Eu, por exemplo, gosto...

¹O <c>, que normalmente não se pronuncia, foi articulado como [k].

²Forma verbal que denota interferência morfológica do mirandês na medida em que apresenta, no presente do conjuntivo, o morfema número-pessoal *-ades*.

³<ch> foi, neste contexto, articulado como africada.

⁴<ch> foi, neste contexto, articulado como africada.

Ed. Eu também gosto...

[Informantes 38 e 36 e falante M30¹]

E. Então... ó 38, também sabe espanhol, não sabe?

38. Diga?

E. Sabe espanhol?

38. Eu também sei espanhol...

E. Pois!

M30. *Antöü nũ sabe*, esta gente aqui é muito inteligente...

E. Sabe tudo... sabe muita língua, não é?

36. Mas a dúvida é que nós percebemos os espanhóis... não nos... não nos percebem a nós...

E. Eles não percebem nada?

36. Não percebem, não!

M30. Os espanhóis são muito burros!

E. São? Mas eles... eu dá-me ideia que eles percebem qualquer coisita, mas não sabem falar é nada...

38. Não...

36. Lá apanham uma ou outra...

M30. Nós apanhamos a fala espanhola e eles não apanham a portuguesa...

(...)

E. Então, e gosta do mirandês... a 38 gosta do mirandês? Acha que é uma fala bonita?

38. Mir... Mirandês?

E. É.

38. É a fala mais clara que há! *Os spanholos yá nũ los atendémos tã biẽ*. Os fidalgos também *nũ le atendémos* metade das falas...

E. É?

38. Oitras falas por *alhi* fora, já são demudadas daqui... e a nossa fala, entende-la os espanhóis, entende-la os fidalgos... e...

(...)

E. Mas é uma fala bonita, o mirandês, não é?

38. *Pöus yê*, e é a fala que se entende melhor...

(...)

[Informante 6]

E. Então, ouve lá, e [que língua é que usas] quando tu ralhas com a tua filha?... Quando estás assim mesmo danada, mas mesmo danada...

¹Estrato etário c; sexo feminino.

6. Português, português...

E. É?

6. É.

E. Evitas falar [mirandês]... mesmo em todas as circunstâncias...

6. Não. Não é evitar, é que uma pessoa 'tá habituada... como andei no ciclo, já andei no liceu e tudo mais, uma pessoa está mais habituada a falar essa... mais que o mirandês cá...

E. Pois é. Então, ouve lá, e quando dizes asneiras?

(...)

6. Costuma-se dizer mais asneiras em mirandês do que em português.

E. É?

6. É, porque, sei lá, no português não há tantas asneiras como em mirandês...

[Risos]

[**Informante 36.** Falando sobre o declínio do mirandês]

36. (...) É uma pena. A gente agora só quer falar o fidalgo... mas é pena.

(...)

E. Tem, assim, pena que o mirandês acabe, qualquer dia?

36. Eu por acaso tenho pena porque a fala que a gente... conheceu sempre...

E. Pois...

36. Sempre, sempre... foi a fala que a gente sempre conheceu... e agora os... os que vão a estudar, filhos de um qualquer miserável, falam o fidalgo...

E... O fidalgo... e tem pena disso, não tem?

36. *Tengo.*

E. Pois, porque se perde, não é?

36. Pois, assim é que se perde... que é mesmo assim.

[**Informantes 27 e 21]**

27. Bem... nós, o português não falamos... vamos a ver... nós falamos um português agalegado...

(...)

[Tendo residido em Barrancos, o informante 27 tece considerações sobre o Barranquenho]

27. Barrancos *inda* era pior que o mirandês. Aqueles é que estavam a falar... começavam... empregavam as palavras e deixavam-as a meio (...) Em vez de dizerem três”, diziam “trê”...

(...)

[Sobre a alternância de códigos que já tinham, indirectamente, admitido que praticavam]

E. Então e essas misturas que às vezes se fazem quando se está, assim, a falar... às vezes passa-se do mirandês para o português... pronto, às vezes acontece, não é?

21. Ah, pois acontece...

27. Muitas vezes...

21. Muitas vezes...

E. Então, o que acham disso? Acham que é, assim, uma boa maneira de falar?

27. Depende... é como eu le disse... depende da pessoa com quem se está a falar...

E. Ahh hah, pois. Pois, porque às vezes essa mistura até nem faz mal nenhum...

27. Não, pois...(...) [Exemplificando, explica que depende do grau de confiança que se tem com o interlocutor]

E. Então não acham mal essa mistura?

27 e 21. Não, não, nada!

(...)

[Sobre o declínio do uso do mirandês no Picote]

E. Então você acha que eles [os trabalhadores da barragem] é que deram cabo do mirandês ali?

27. Não, eles não foram quem deram cabo do mirandês. O mirandês, no meu modo de ver, quem está a dar cabo do mirandês é a televisão, é a rádio, é a... a grande convivência que o povo está a ter uns com outros...

21. E os estudos... que hoje as crianças estudam até muito...

27. Os estudos...

(...)

E. Então, ouça lá, destas três línguas, o mirandês, o espanhol e o português, qual é a língua mais bonita?

27. Bonita, vamos ver... isso de bonito, é como *yá* le falei há bocado... eu parece-me que o bonito é... para nós é sempre o nosso, não é?

E. Ah hah, é o mirandês?

27. Não, mas, mas... mas, se formos a ver, o português é bonito. O espanhol parece-me mais feia...

[Informante 5]

5. Aqui também não se fala o mirandês fechado...

E. Não?

5. Não. Há sítios onde se fala mais...

E. Onde?

5. Em... em Cicouro, acho¹ que se fala o mirandês mais fechado que aqui.

E. É?

5. E muitos em Ifanes... às vezes estão a falar o mirandês, tu nem os entendes!

E. É?

¹<ch> foi, neste contexto, articulado como africada.

5. É diferente as... as... o mirandês de uns, de uns lados p'ros outros...
- E. Umm huh... 'tá bem. Então e qual é a melhor maneira de falar mirandês? É o mirandês cerrado?
5. Pois, mas eu é que não o sei...
- E. Não sabes? Mas achas que é a melhor maneira de falar miandês?
5. Sim.
- (...)
- E. Os daqui que deixam de falar mirandês, tu achas bem?
5. Não. Tudo faz falta!

[Informante 22]

- E. Atão, e quando os meninos vão para a escola, para Miranda... sabe que eles podem aprender mirandês na escola?
22. Pois podem.
- E. E acha bem?
22. ... Eu acho que também le deve ficar o mirandês como o portu...
- E. Como o fidalgo?
22. Como o fidalgo... (...) Eu o que acho mal é que... o espanhol... o espanhol é que não o haviam de aprender, mas também aprendem...
- (...)
22. Eu... eu fico mais contente a que aquele... aquela criança que le digam assim:
—*Alebanta aquél talho...*
Que le digam:
—*Levantá aquele banco...*
- E. Fica mais contente quando dizem...?
22. Eu fico mais contente... é porque já é outro... já não é pessoas atrasadas como nós que fomos *ūs antios*, que não tivemos aulas, que não tivemos quem *mos* explicasse...
- E. Então, mas acha melhor que digam “banco” do que “*talho*”...
22. Sim! Muito melhor!

[Informante 25]

- E. Atão, e ouça lá, às vezes mistura assim as línguas... quando está a falar? Mistura uma com a outra?
25. Não... não sendo assim...
- E. Não? Não lhe dá, assim, para escapar, assim, uma palavra em mirandês ou em português quando está a falar a outra língua?
25. Não...

- E. Não?
25. Quando estou a falar em fidalgo, *inda* se me pode *scapar* o mirandês...
- E. Ai é?
25. Mas quando estou a falar mirandês, *nã* se me escapa fidalgo! [Risos]
(...)
- E. Mas aqui as pessoas misturam muito... em Paradela? Misturam as línguas?
25. Oh! Misturam as línguas porque te falam a ti muitas vezes...
- E. Um huh...
25. ... é por causas disso...
- E. Falam com quem? Comigo?
25. Pois claro! Querem-te falar fidalgo em... em... em fidalgo e muitas até nem são capazes!
- E. Pois... e então, umas com as outras, não misturam?
25. Não.
- E. Não? Ou é mirandês ou é fidalgo...
25. Não, é mirandês... assim umas com as outras é mirandês puro...
- E. Mas olhe que já aí houve gente que me disse que às vezes tem que falar fidalgo, assim, com algumas pessoas que já estiveram fora...
25. Oh!
- E. Não, a Ti Glóra não...
25. A gente que está assim fora e que seja muito... muito imperial...
- E. Pois...
25. Agora não sendo, não... Oh! Mesmo que estejam fora, sendo da minha idade, eu não falo nada em fidalgo... agora sendo assim mais... mais... da minha idade, estando assim, sendo assim muito... pois há que le falar... agora não sendo, não.

[Informante 33]

- E. E [que língua fala] com os seus netos?
33. Os meus netos, também le falo em mirandês!
- E. É? E os pais gostam?
33. O meu... o meu... o meu genro já não gosta muito... mas vá...
- E. O genro é que não gosta?
33. Não gosta muito... [Risos]
- E. 'Tá, 'tá...
33. Porque já anda em... porque já há dois anos que a miúda anda... uma miúda... uma neta... já há dois anos que anda no liceu...
- E. E os miúdos sabem falar?
33. O mirandês?
- E. Sim...
33. Sabem, sabem...

E. Sabem? Então quando estão cá em férias falam com toda a gente em mirandês?

33. Falam em mirandês!

(...)

33. Quem não temos... a ter muitos estudos... ah... o português não... sabe... que aqui não se fala muito bem...

(...)

E. Atão, destas três línguas, qual é a mais bonita? O mirandês, o fidalgo, ou...ou o espanhol?

33. Ah, o mais bonito sempre será o fidalgo, não é?

E. Um huh... o fidalgo...

33. O fidalgo!

E. E onde é que se fala aqui bem o fidalgo, em Portugal? Em que terras é que se fala bem o fidalgo?

33. Também ... também... eu vou-le a dizer, também é nas Terras Trasmontanas!

E. É?... que se fala bem fidalgo...

33. Vá lá!... Porque, p'ró Alentejo já é uma... uma... uma fala que não é bem portuguesa... p'ró Minho, também já não é... não é bem...

E. Então e no Porto?

33. Pois, é o que eu estou a dizer, o Porto pertence... a trasmontano!

E. Ai o Porto pertence ao trasmontano?

33. Atão!

E. Uh huh... e em Coimbra, fala-se bem?

33. Ah, em Coimbra, está no Centro e também se falará, mas já vê que p'ró Alentejo e p'ró Algarve, já não se fala bem o português... p'ró Minho tão pouco não se fala bem o português...

(...)

[Informante 38]

E. Acha bem que se acabe a fala mirandesa?

38. ... Podem agarrar a fala... a fala fidalga agora, mas a mirandesa também não pode acabar... porque se acaba a fala mirandesa, os velhos, a fala fidalga, não entendemos certas coisas...

[Informante 29]

E. O 29 tem pena que o mirandês se esteja a perder, que esta canalha mais nova não fale?

29. Eu digo uma coisa, que até é pena deixar perder a... nossa mirandesa... já le digo... até porque há muitas vezes, muitos garotos falam por aí... tá tá rá tá tá... e muitos pais, vá, vamos lá ver... a gente... para nós, quando estamos juntos aqui, é bem falar o

mirandês... (...) agora lá fora, *pöus* a gente há que... *pöus*... quer dizer, conforme o sítio onde está...

[Informante 12]

12. Mesmo em Ifanes, podem falar também mirandês, mas nós já nunca falamos em mirandês...

E. Não? Mesmo em Ifanes?

12. Se não fôr gente... se não fôr gente da mesma aldeia...

(...)

12. Há vinte anos, ou isso, se a gente falasse para um velho destes em fidalgo, ficavam...

E. Ficavam danados?

12. Sim, ficavam... como é que se diz?... a falar por trás. Depois dizia:

—Olha, o gajo está...

E. Já está fidalgo?

12. A falar fidalgo... porque eu lembro-me de outras pessoas...

(...)

[Falante J.¹]

J. Eu acho que é bem escolher todas as disciplinas porque sempre uma pessoa as diferença umas das outras...

E. É, não é? Então porque é que não foste para Mirandês quando andaste no ciclo?

J. Porque eu não sabia ainda como explicar... agora é que eu compreendi!

E. Ai é?

J. É!... Não sabia o bem... sei lá... pensei que me confundia e assim, mas agora é que eu estou a compreender que...

E. ... que confundes porque não sabes fazer a distinção entre uma língua e outra...

J. É...

[Informantes 24 e 23]

E. Então e aqui em Paradela, todos falam assim mais ou menos da mesma maneira?

24. Quase, mais ou menos...

E. Sim?

24. Andam por aí uns que são guardas e assim...

E. Já falam melhor?

¹Estrato etário a; sexo feminino; é estudante.

24. Vêm para cá feitos uns... uns engenheiros...

E. Uns fidalgos?

24. Uns fidalgos...

23. E sabes Cristina, sabes o que les chamam?

24. Chamam-lhes “chave-fechadura”¹ (...) Eram uns chaparros aqui e agora é só andam: “chave-fechadura”...

23. Eles... querem falar fidalgo e não sabem...

(...)

E. Então como é que eles dizem “chave-fechadura”? É como os fidalgos... em vez de dizerem *chabe- fecha...* Como é que é?

23. *Fechadura...*

(...)

24. E, por trás, diz-se:

— Olha este porco não sabe onde se criou e hoje já começa a falar fidalgo!

[Informante 30]

30. Atravessado não é língua nenhuma...

(...)

[Depois de ter demonstrado alguma confusão na denominação das línguas chamando ao português, ora fidalgo, ora fala mirandesa, a entrevistadora compreende que todas as vezes que o informante se refere, durante a entrevista, à “fala mirandesa”, está a designar a língua portuguesa falada na cidade de Miranda do Douro. Esclarecido este aspecto, a entrevistadora passa a interrogar]

E. Então como é que se chama a fala aqui da aldeia? Esta fala aqui?

30. Aqui? Esta fala não tem nome!

E. Não tem nome?

30. Não! Esta fala é que é a fala atravessada!

[Informante 19]

19. (...) Uma vez por outra, sempre pode começar [a conversa] em mirandês... ou terminar em fidalgo... outras vezes a começar por o fidalgo e acabar em mirandês... eu, depende da pessoa com quem estou a falar... ver aquela que melhor se está a adaptar...

E. Ah! Tá bem! Então é assim... vai assim explorando e tal...

19. Pois...

E. Usando uma, usando outra...

¹ <ch> foi, nestes contextos, articulado como fricativa predorso-prepalatal surda.

19. Se eu vejo que ela tem possibilidades de falar melhor o português, falo-le em português, se vejo que é uma pessoa de idade que tem possibilidades de falar melhor o mirandês, falo-le em mirandês...

[Informante 32. A entrevistadora refere que encontra algumas semelhanças entre certas formas linguísticas ocasionalmente usadas pelos espanhóis das aldeias vizinhas e palavras mirandesas]

32. Agora os espanhóis, agora os espanhóis aqui, os nossos raianos, ao ver que nós... que também queremos falar mais ou menos como eles, pois eles também querem falar igual que nós!

Corpus 1.2.

Valoração expressa pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro sobre o mirandês, o seu uso e o seu valor simbólico

1. "Acho que é uma forma de nos afirmarmos mirandeses." (F, 17 anos, Sendim)
2. "Muitos dos nossos emigrantes destas aldeias de Miranda, mesmo nos seus países de emigração, quando se encontram falam a sua língua mãe." (M, 17 anos, Duas Igrejas)
3. "Para os amantes de Miranda do Douro, o mirandês deveria ser a língua mãe." (F, 19 anos, Miranda do Douro)
4. "Deveremos considerar isto como algo nosso, algo que não deveríamos deixar perder, pois identifica-nos perante o mundo e perante o nosso país." (F, 16 anos, Miranda do Douro)
5. "O mirandês é um certo prestígio dos mirandeses (...) por isso não devia ser esquecido." (F, 16 anos, Miranda do Douro)
6. "As pessoas, querendo fazer sobressair a sua educação e cultura, usam o mirandês como uma língua de segunda, pois pensam que o mirandês é um "dialecto" que é somente utilizado por pessoas com pouca cultura. Esta "teoria" está errada, pois saber falar mirandês é um pouco como um privilégio." (F, 14 anos, Miranda do Douro)
7. "Eu penso que o dialecto mirandês é muito bonito e não deveria ser esquecido." (F, 14 anos, Póvoa)
8. "Eu acho que é bom saber falar mirandês. Não se devia esquecer porque é um uso de muitos tempos." (F, 15 anos, Póvoa)
9. "Acho que realmente é uma pena deixar esquecer um dialecto tão antigo e interessante." (F, 17 anos, Miranda do Douro)
10. "A língua mirandesa devia ser estudada nas escolas, tanto preparatória, como secundária. Não devemos esquecer essa preciosidade que nós, mirandeses, temos já desde tempos imemoráveis." (F, 14 anos, Cércio)
11. "A língua mirandesa não devia ser esquecida, porque já é conhecida ao longo de muitos anos e porque é um dialecto da Terra de Miranda." (F, 14 anos, Duas Igrejas)
12. "Eu acho que o mirandês não se pode esquecer." (F, 16 anos, Vilar Seco)
13. "Eu acho que as pessoas devem utilizar o mirandês nas ocasiões certas e (...) se é a nossa região que tem o privilégio de falar mirandês, não o devemos esquecer." (F, 14 anos, Especiosa)
14. "Eu acho que o mirandês devia continuar, pois é uma língua muito bonita e se a continuassem era uma recordação dos tempos passados." (F, 14 anos, Angueira)
15. "Eu acho que o mirandês é uma língua muito interessante, com muita tradição." (F, 14 anos, Miranda do Douro)

16. "Penso que o mirandês é uma língua bonita e vem desde tempos muito remotos." (F, 14 anos, **Miranda do Douro**)
17. "Eu acho que o mirandês não devia ser esquecido, porque é uma língua regional da nossa terra e (...) traz muito valor histórico." (F, 14 anos, **Miranda do Douro**)
18. "Penso que se devia dar mais importância ao mirandês pois também se estuda o latim que já não se fala." (M, 15 anos, **Malhadas**)
19. "Eu acho que o mirandês é uma língua tão bonita como as outras." (F, 13 anos, **Miranda do Douro**)
20. "Eu acho que o mirandês é uma língua tão importante como todas as outras." (F, 13 anos, **S. Martinho de Angueira**)
21. "Eu acho que não se deve esquecer a fala mirandesa pois é uma tradição da terra de Miranda do Douro." (F, 15 anos, **Cércio**)
22. "O mirandês deveria ser empregue nesta escola, porque é importante e orgulhoso saber falar mirandês." (M, 15 anos, **Miranda do Douro**)
23. "Penso que o mirandês é uma língua bonita e que deveria ser mais falada na região, pois é através da língua que uma pessoa se identifica." (F, 14 anos, **Sendim**)
24. "Eu acho que o mirandês não devia acabar." (F, 14 anos, **Travanca**)
25. "Eu acho que devíamos falar o mirandês para nos divertirmos de vez em quando, visto que é uma língua engraçada." (M, 14 anos, **Barrocal do Douro**)
26. "Eu acho que era bem saber falar o mirandês porque é a língua da nossa terra, e a língua que falam os nossos pais, e os nossos avós e toda a família mais antiga." (M, 15 anos, **S. Pedro da Silva**)
27. "Sim, eu acho que não se devia perder, porque faz parte dos costumes de Miranda e arredores." (M, 17 anos, **Miranda do Douro**)
28. "Eu acho que devíamos ter mirandês [na escola]." (F, 15 anos, **Palaçoulo**)
29. "Muitos estudantes procedem das aldeias, e o mirandês deve ser a língua dominante em aldeias e lugares do campo." (M, 17 anos, **Malhadas**)
30. "Eu acho que é uma pena [que] a língua mirandesa entre os jovens do concelho de M. Douro esteja a diminuir." (F, 19 anos, **Miranda do Douro**)
31. "Acho que o mirandês é uma língua interessante e não se devia esquecer, pois deve-se conservar os costumes de cada região." (F, 16 anos, **Miranda do Douro**)
32. "Eu penso que este tema é um assunto a não esquecer, devia ser mais difundido (até obrigatório) e acho que entrou em declínio porque certos pais pensam que vai prejudicar no português e línguas estrangeiras, o que não é correcto, pois ainda vai ajudar na compreensão da formação das palavras. Também acho que os dialectos portugueses deviam vir mais a público e não haver vergonha em falá-los." (M, 14 anos, **Miranda do Douro**)
33. "Acho que o mirandês não deve ser esquecido por ninguém." (F, 15 anos, **Miranda do Douro**)
34. "Eu acho que é uma pena que o uso do mirandês entre os jovens do concelho de Miranda do Douro está a diminuir, pois é uma língua bastante interessante e que caracteriza toda a região do concelho de Miranda do Douro." (F, 16 anos, **Especiosa**)

35. "Eu acho que as pessoas o devem falar (...) para que esse dialecto não seja esquecido."
(**F, 18 anos, Silva**)
36. "Eu penso que está bem que as pessoas falem o mirandês." (**F, 19 anos, Miranda do Douro**)
37. "Uma língua morta não interessa ser falada, mas os seus valores devem ser conservados."
(**M, 17 anos, Vimioso**)
38. "Eu não encontro importância e não gosto do mirandês, mas se alguém falar comigo esta língua não me importo." (**M, 18 anos, Prado Gatão**)
39. "Não gosto do mirandês." (**M, 17 anos, Cércio**)

Corpus 1.3.

Excertos da entrevista ao Dr. Domingos Raposo

(DR)

Informação Atitudinal

DR. (...) Para a maior parte das pessoas, o que conta é o seguinte... eles não vão matricular [os filhos] em Mirandês, porque senão vão confundir o português...

E. Eles têm muito essa ideia, têm.

DR. ...vão confundir o português... simplesmente no Mirandês não vão confundir o português porque o Mirandês praticamente é uma segunda aula de Português... porque acaba por ser um estudo comparativo... porque eu tenho de lhes fazer ver a evolução que sofreram as palavras, como é que é ... e a tradução em mirandês e em português... erros que eles dão... porque muitas vezes... eles dizem sempre que em mirandês não há “v”, há só “b”... e eles dizem:

—*Yöu oije böu culas bacas pal cerrado* (...)

Eles dizem sempre *bacas* e vêm para português a escrever <bacas>...e eu tenho de lhes fazer ver a comparação... a palavra latina e essas coisas... e fazer ver que em português se escreve com um “v” e que em mirandês se escreve com um “b”. Se lhes fizer ver essa distinção e insistir na palavra, eles nunca mais dão o erro, ao passo que aqueles que... dessas aldeias que não andam em Mirandês, vão continuar a dar erros!

(...)

[Sobre a alternância de códigos]

DR. As pessoas de Paradela, elas é que tentam misturar...

25. [Em tom de desdém] Pois! Pois!

DR. ...porque sempre que lá vai alguém de fora, elas já não querem falar o mirandês, porque regra geral... já José Leite de Vasconcelos dizia e hoje ainda se verifica muito isso... se bem que agora tenhamos... agora os meios de comunicação social... a televisão tem dado umas reportagens, os jornais também de vez em quando fazem uns apontamentos, uns artigos... e tem sido bastante ventilado... desde a vinda do Presidente da República que assistiu a uma aula de Mirandês... ao Primeiro Ministro quando vem... nos discursos referem sempre a língua ... a população hoje, regra geral, já começa a desfazer mitos e a ver as coisas com outro prisma. Regra geral, se bem que há sempre aqueles renitentes. Em todo o caso, as pessoas acham que o português é que é a língua “fidalga”, a língua “grave”, a língua bonita,

a língua que não ofende ninguém. O mirandês... é o que dizia José Leite de Vasconcelos... é a língua *charra*, aquela língua *palhantré, palhantré*, quer dizer que...

(...)

DR. (...) então o mirandês é uma língua que (...) desclassifica as pessoas.

(...)

DR. Seja lá como for, mesmo aquelas pessoas que lhe dizem que o mirandês confunde o português (...) e que o mirandês é feio, porque o dizem muitas pessoas...

E. Mas há outras que dizem que não...

DR. ...outro dia com um senhor brasileiro, fomos aí a umas aldeias e várias nos disseram:

—*Ui! l'mirandês yé mi feio, isto nũ se pôde falar, ante nós si, agora quando ben ãrja pessoa...ãrja persona de fora nũ pôde sér! Mui feio, mui feio!*

E o brasileiro:

—Não é, que é bonito! Isto é que é bonito! (...)

(...)

E. Acha que eles têm vergonha?

DR. Sim, sim, eu acho que sim. Muitos, acaba por ser vergonha.

E. Precisamente por causa da conotação social que tem...

DR. É, por causa da conotação social, sim. Eles consideram que isto é a língua do subdesenvolvimento, quer dizer, dos atrasados.

E. Os próprios mirandeses pensam isso?

DR. Pensam isso, pensam, de uma maneira geral. Isto é uma ideia generalizada que era preciso eliminar, mas que vai ser difícil... isto não era muito difícil se, realmente, houvesse uma equipa a trabalhar com condições, unida e ...

(...)

DR. A língua é tão importante (...) porque há determinados termos... na vivência das pessoas (...) podem ter um sinónimo, ou podem ter uma tradução em português, simplesmente a palavra mirandesa é mais carregada de simbologia, de significado do que a portuguesa. Há determinados conceitos que se exprimem de uma maneira melhor (...)

(...)

E. (...) Pensa então que a atitude global dos pais ... a atitude global da generalidade dos pais não é uma atitude positiva...

DR. Não.

(...)

DR. (...) Os [professores] de fora estão mais sensibilizados [para a importância e o valor do mirandês]. Aliás, qualquer pessoa de fora. Quando (...) saem (...) os Pauliteiros e sabem que são de Miranda, querem é que falem mirandês e deliram com o mirandês!

(...)

DR. (...) Fomos a uns cursos e eu chego aos curso começo a falar... falo... chego aos cursos só falo em mirandês com as pessoas... pois, se elas falam mirandês... claro, estão na

escola, ali devem falar português e falam português, mas eu chego lá... há aquela relação mais íntima, quer dizer, aquele tu a tu, assim mais... falando na ... as pessoas sentem-se mais à vontade e dizem:

—*Éste tamiẽ yé dels nôssos...* este também...

Estão mais familiarizados... eu falo em mirandês. (...)

[A propósito do uso do espanhol]

DR. É interessante e eu não sei... não sei se... não sei se não será o tal caso de nos sentirmos um pedacinho inferiorizados em relação aos outros ou não sei... ou temos maior poder de adaptação. Das duas, uma. Porque sempre que um estrangeiro... um espanhol vem aí, ele nunca faz esforço por falar português, nunca... e nós, apesar de falar mal... podemos falá-lo mal, mas fazemos um esforço para nos adaptarmos...

Corpus 2

Alternância de Códigos

[Informante 37]

37. Quando vou a Miranda do Douro *chego*, *chego* [...] *enche-me ũ copo de bino!*

—*Tá! Guapo u cõufa...*

—*Ténes pã, ténes carne, ténes ésta, ténes aqueilha?*

(...)

[Informante 28. Situação: a informante, na rua, encaminha-se para uma horta e conversa com a entrevistadora]

E. Também fala fidalgo?

28. Também. También si quiero, también hablo español!

E. Ah sí!?

28. Estamos ao pé da Espanha!

E. Tá bem.

[Risos]

28. Ai, que raio de *risa!* Pois é, aqui há uma barragem, ali para baixo, e vai-se a pé... vamos a pé. Estão uns penhascos, *ũ ças penhas*, em fidalgo são rochas *i nós dezimos penhas*.

[Informantes 28 e 26. Situação: conversa que decorre na rua, à porta de casa da informante 26]

E. Vocês falam normalmente em mirandês?

26 Sim.

[Risos]

28. [Ao longe] 26! *Andubiste a dobrar los farrapos?*

26. *Nũ yê assi que se fala, abó!*

E. Não é assim porquê?

26. *Falais más al spanhol...*

(...) [28 aproxima-se]

E. Então já veio do campo?

28. Já! *Yá [...] a buscar los tomates a la horta.*

E. Estão maduros agora?

28. Quer um?

E. Não, tenho ali. Eu também trouxe. Que bonitos!

26. *Por cafo já stã bônos, yá.*

28. *Ora si.* 'Tão capazes de comer.

26. *Stã. Cũ mólho bôno d'azeite.*

[Risos]

(...)

[A entrevistadora pede para fazer uma entrevista à informante 26]

26. Eu trago-le uma cadeira.

E. Não, deixe estar que eu faço isto num instante.

26. [Dirigindo-se a 28] *Ésta parece-me tanto la M. de M. A.*

28. *Ésta yê más guapa que éilha.*

26. *Yê más guapa? Aqueilha tamiẽ yê guapa!*

(...)

[Sobre uma forasteira que, em tempos, esteve na aldeia]

26. Ia apanhar batatas.

28. *...i a todo. Fúrũ comio a buscar carros de bóbidas.*

26. *Andaba cula Al. i contio a plantar batatas i por adonde calhaba...*

28. *...i comio a buscar carros de bóbidas culos burros...*

26. [Caindo em si] Ora! Agora é que ouve o mirandês!

(...)

28 *Até lhöugo, si?*

E. Diga?

28. *Até lhöugo, si?*

[**Informantes 37, TAB.¹, DP.² e MP.³. Situação:** o informante 37 é censurado pelos restantes porque fala com a entrevistadora em português e não em mirandês. À censura, reage]

37. Não me entendes tu? Não me entendes tu bem?

TAB. *Ai antendo, antendo...*

37. Então, caramba!

DP. *Olhai! Tóda la gente bos antende, bós yê que q'reis sér fidalgo [...]*

(...)

MP. *Más bós tenéis que le falar assi a la nôssa môda. Ibastes culas bacas i nũ encontrestes la Ti Marie l'öutro die i cumecestes a palpá-la? [...] Isso nũ se fai! Isso nũ se fai!*

¹Estrato etário c; sexo feminino, é agricultora.

²Estrato etário d; sexo feminino; é vendedora no Porto.

³Estrato etário d; sexo masculino.

37. *Nũ se fai porquêi?*

(...)

MP. *Mandestes bení-la até eiqui que estaba coxa dũrja piêrna.*

37. *Si.*

MP. [Citando 37] *"Áh Tìe Mariè, yõu compongo-bos".*

[...]

DP. "Eu amanho-vos!", também.

MP. *Á Piedade, isto foi verdade! Começou...*

DP. *Eu amanho-vos!*

MP. *"Eu amanho-vos e tal". Cumeça a le mostar la piêrna i al sfregar...*

[...]

(...)

E. [Para 37] *Mas porqu'ê que não fala mirandês comigo? Tem vergonha?*

DP. *Ora bem, 37, esta moça, sabeis o que é que quer? Ela está a fazer um trabalho para a formatura dela e ela precisa que bós le faléis cumo falábades, quando inda nũ sabìedes falar fidalgo.*

(...)

[O informante 37 conta um episódio da sua infância à entrevistadora, para explicar a génese da sua alcunha "Tarrã"]

37. *Um vez quando era pequeno, sabe, quando era pequeno... então... e em vida de minha mãe, estava ali... estava a costurar e andava-me ali com umas tesouras de costura e as tesouras... faltaram. Pois:*

—Áh 37!, por adonde stã las texeiras? Por adonde stã las texeiras, filho?

—Por adonde tarrã, por adonde tarrã?

E Tarrã ficou.

(...)

[Aparece, nesta altura a **informante 23**]

23. *Más yá cumbersestes biẽ la tiè u biẽ nũ la cumbersestes?*

37. *Yá la tengo cumbencida [...] mi cafa.*

23. *I apuis... [...] nũ saberéis si nũ lo dezirẽ ...*

E. *A senhora é irmã deste senhor?*

23. *Não.*

E. *São vizinhos?*

23. *Somos vizinhos já há muitos anos. Há muitos anos que somos aqui bizinos.*

[**Falante TA**¹ **Situação:** dialogando casualmente no café, o informante exemplifica como se pedia, antigamente, namoro em mirandês²]

¹Estrato etário d; sexo masculino; é agricultor.

²Precede e segue um diálogo em português entre E, 11 e TA.

TA. *Yöu böu-te a falar namoro. (...) Tu agradas-me. Tu sós bôna rapaza.*

[**Informantes 33, H.¹ TJ.² e 16. Situação:** cinco homens discutem no café, em mirandês, sobre um problema de apropriação indevida de terras que tinham sido destinadas aos caminhos públicos por parte de alguns habitantes da aldeia. Todos falam ao mesmo tempo e os ânimos estão exaltados. A certa altura, a discussão em mirandês é interrompida pela seguinte afirmação em português]

33. Mas [...], ninguém de nós põe um palmo... ninguém, homem!

H. Olha, ninguém de nós... mas nós somos tão egoístas...

33. Atão...

H. ...somos tão egoístas que por um palmo de terreno vamos fechar³ a nossa casa... e os caminhos é para passarmos todos, porque é para todo o povo e não é o terreno.

[A discussão continua, com todos falando em simultâneo, em mirandês. Depois da discussão, um dos homens comentou com a entrevistadora que o uso do mirandês se deveu à exaltação dos ânimos. Na sequência da discussão, TJ. e 33 ficam a conversar]

TJ. *Qualquera diê bolta a tocar a Conselho* e depois que vá para lá que depois ali é que agrava.

33. Mas TJ. , o homem quer aquela... *nũ hái uns técnicos*⁴?

TJ. *Ai, más se nó...* nós vamos a ver uma coisa, *más nũ...* não é assim...

33. Mas aplica o que tu estavas a dizer... diz, quem são os donos das terras?

TJ. Eu não disse... eu disse... para os donos das terras... para os donos das terras... porque eu também... se eu te vou pôr um marco na tua terra e sei que 'tás tu ali, tu não gostas.

33. E se os três membros da Junta os pondes, *biẽ pôstos stã!*

TJ. E atão agora, escuta lá, e se os membros da Junta dizem assim:

—O marco pertence aqui, e nós vamos a pô-lo ali!

Tu ficas contente?

(...) [Este assunto fica por aqui. Pouco tempo depois, começa-se a falar do tempo, em português. A certa altura diz 16]

16. *Yá bai a chuber!*

H. *Ná!*

[...]

¹Estrato etário d; sexo masculino.

²Estrato etário d; sexo masculino; é agricultor.

³«ch» foi, neste caso, pronunciado como africada.

⁴O falante referia-se a “técnicos”.

[**Informantes 11, Er.¹ e V.² , o filho desta última. Situação:** Er. faz compras na mercearia³]

11. *Éste yê pequeno, quiêres lhebar ã maior?*

Er. ...

11. *Más diêç, sõi sessiênta⁴... [...]*

Er. *Querê leite.*

[...]

11. *Éste yê mei-górdo, más yê melhor éste...*

Er. Pois...

11. Este tem mais gordura...

[...]

11. Gostas de leite V. ?

V. Eu gosto.

[...]

[Er. , voltando-se para a entrevistadora, explica-lhe, em português, que o filho não gosta de leite com café. A conversa entre 11 e Er. prossegue em português. A certa altura começa-se a comentar o tempo e 11 volta-se para Er. para perguntar]

11. *Cumo yê que se diç ã mirandês “trovoada”? Trovoada, nũ yê?*

Er. Pois, *yê trovoada, trovoada.*⁵

[**Informantes 11 e Ad.⁶ Situação:** 11 e E. vinham de tratar umas galinhas. Tinham ido de carro. Ad. faz sinal para que parem]

Ad. [...] agora aqui?

11. *Stá eiqui cõ nós ãs diês.*

E. Está boa?

Ad. Vamos andando... e então, a menina?

E. Também!

Ad. Também? Melhor!

11. Ela está a gravar o que dizeis!

Ad. Ah, está a gravar o que eu digo? [Risos]

E. Gosto de ouvir falar!

Ad. Ah gosta!?

¹Estrato etário b; sexo feminino; é agricultora.

²Estrato etário a; sexo masculino; é estudante.

³Não se transcreveu a sequência conversacional anterior porque a gravação tinha muito ruído de fundo que tornava os diálogos difíceis de acompanhar. É, no entanto, notório, que a língua dominante era o mirandês.

⁴Leite de Vasconcelos documenta, para este numeral, a forma *sessenta* e não *sessiênta* (cf. *Estudos de filologia mirandesa*, vol. I (...), p. 347). Registámos, no entanto, na locução desta falante, a presença de um claro ditongo crescente.

⁵Segundo o informante 20, a forma mirandesa é *tronada* e não *trovoada*.

⁶Estrato etário d; sexo feminino; é doméstica; reside em Bragança.

E. Gosto.

11. Ela veio aprender o mirandês.

E. Já estive ali em cima *culas pitas*...

Ad. Ai esteve com as *pitas*? [Para 11] Tenho de ir a buscar uma caixa de leite.

11. 'Tá bem...

Ad. *Yá acabei l'outra*...

11. 'Tá bem...

Ad. *Aquél pacotico que lhebei para bér se le gustaba, diç que nó, que yêra¹ má[s] ruĩ.*

11. *Era má[s] ruĩ*...

Ad. *Él yê más gordo, ora yê?*

11. *Si.*

Ad. *Ténes döutro más fino?*

11. *Si*, mas tem... não é tão gordo, é menos gordo.

Ad. *Porque me dixo AM que diç... quando stube ã Bragança que le dórũ daquél fino, i diç que le gustou más.*

11. Pois o preço é o mesmo...

Ad. *Bôno, pöus, lhöugo yá böu alhá.*

11. Prontos, *Tie* Ad. !

(...)

[**Situação:** no café, várias pessoas que conversam com a entrevistadora e entre si, em português. De repente, 33, olhando para a televisão, diz]

33. *Olhai aqueilha spanhola que guapa yê!*

(...)

[Segue-se um longo período em que os falantes recordam, descontraidamente, episódios curiosos e humorísticos ocorridos na aldeia. Alguns exemplos são aqui transcritos]

10. No livro da primeira classe, lembro-me perfeitamente, tinha uns desenhos e tinha o nome da coisa por baixo e então era [...], e o irmão dali, dali da Sr^a 11, andavam os dois na escola. E então, a professora... já sabiam as letras todas e a professora começou a ensinar a juntar: um “t” e um “i”, um “t” e um “a” e essas coisas todas. E então chegou a vez da “pipa”. Estava uma pipa por cima e tinha por baixo um “p” e um “i” e um “p” e um “a”. (...) Depois ela começou então a ensinar as letras, um “p” e um “i”, “pi”, um “p” e um “a”, “pa”. Pronto, já todos sabiam. Ela perguntou e diz que já sabiam. Vai a irmã daquela muito séria, a Sr^a professora para ela e diz... diz:

—Ó... ó D., como é que se lê um “p” e um “i” e um “p” e um “a”?

Vai ela muito séria:

¹Leite de Vasconcelos só regista esta forma como uma das alternativas para a 1ª pessoa do singular do imperfeito do indicativo, indicando, em todo o caso, que ela é característica do mirandês raiano. Constatámos, no entanto, que ela ocorre em Paradela, de forma bastante sistemática, sobretudo entre os falantes mais velhos, como 3ª pessoa do singular. Cf. *Estudos de filologia mirandesa*, vol. I (...), p. 417.

—“*Cu-ba*”.

[Risos] (...) O meu irmão começa-se a rir por trás (...) e diz [a professora]:

—Tu sim sabes, ó A. , tu sim sabes? Sabes? Então como é que se lê um “p” e um “i” e um “p” e um “a”?

Diz ele:

—“*Cubete*”!

Era mais pequenino que uma *cuba*, então era um *cu-be-te*!

[Risos]

(...)

[De seguida, o informante 20 conta, em português, uma história da sua infância (um dia em que faltou à escola com alguns colegas para ficar a brincar)]

20. (...) Havia ali uma fonte, tínhamos tanta sede. Tínhamos feito [caminho] sem encontrar fontes, nem nada...

10. *Aproveitestes?*

20. ...bem, vamos lá beber água, e tal (...)

(...)

[A conversa evolui, a certa altura, para a discussão das razões para o decréscimo do número de habitantes da aldeia, discussão que decorre em português]

Ma.¹ Antes havia muita mais malta na escola...

10. Hoje a professora aqui tem quatro, cinco, seis, sete, oito alunos.

Ma. Antes andavam dez, doze na 4^a classe...

10. ... só na 4^a classe havia doze!

20. Ah pois havia, havia!

6. Nós éramos dezoito na escola naquela altura...

11. Nós éramos quarenta...

20. Só do meu ano aqui na aldeia éramos sete rapazes, só no meu ano...

(...)

20. Os nossos pais... os nossos pais... tinham sessenta ou setenta vizinhos na aldeia nessa altura. Podia haver cinco ou seis pais de família que soubessem ler e... escrever, mais de resto não.

10. E depois também havia outro problema, desculpai-me os termos, ela [a entrevistadora] não vai compreender, *los tîus e las tîes fodiedes más que se fode agora*.

[Risos]

11. Ai meu Deus, *cochino*!

(...)

10. Cada família tinha quatro ou cinco, cinco ou seis, sete ou oito, dez. *Agora ã u döus, palos sustantar, i, i...*

E. E, e...

11. E chega!

¹Estrato etário b; sexo masculino; trabalhador da construção civil.

(...)

11. [Para o filho G.¹ que, tendo estado a brincar com uns figos, parou, atento à conversa dos adultos] Estás a ouvir as histórias?

G. Não.

R. *Taba biẽ por drento d'la cama...*

10. *Tás a pesar, 'tás a pesar fios aí? Feios, cumo dizã los de Sandř. Feios, é fios. Em vez de dizer figos... nem é figos, nem é fios como aqui, é feios.*

6. Pois eu e 14 *fumos al ötro die* a comprar figos e a mulherzinha:

—*Comprai, comprai feios! Comprai, comprai feios!*

33. *Ah! Más “feios” sõũ los sãndineses...*

(...)

6. Os de Aldeia Nova também dizem... em vez de dizerem “dobrar”, também dizem “drobar”...

10. (...) eles também não falam nada igual que nós ...

(...)

33. Os de Aldeia Nova só dizem *pali...*

10...em vez de *palhi...*

R.² Atão, “chão” dizem “*chano*”...

E. E vocês dizem?

10. *Sôlo.*

(...)

33. *Yõu quiêro ir a la cama.*

10. *Isso yê bõno.* Eu, *pula manhana*, também tenho que levantar cedo.

(...)

10. *Yá se nos acabou lo que dezir. Yá nũ ténes más que dezir?*

Ma. Vou contar uma história de antes... de 11... [Risos]... [...] quando andavam esses bonecos na barragem...

11. Oooh! Já sei!

Ma. *Quando chegámos³ culas bacas al cerrado... bruumm⁴... a la barrage. Chegámos⁵ al cerrado...*

6. Olha, eu depois conto uma que tu fizestes...

Ma. ...as vacas já não estavam no *cerrado*, fomos para casa... *Ai Jasus! Eiquilo yêra incrível!*

10. *I a despui chegabas ã casa i las bacas habiẽ-se scapado...!!!Anda!*

(...)

¹Estrato etário a; sexo masculino; é estudante.

²Estrato etário a; sexo masculino; é estudante.

³<ch> foi, neste caso, pronunciado como africada. Consideramos, por isso, e porque a forma verbal se insere numa frase totalmente mirandesa, que se trata de uma forma que regista interferência morfológica do português, uma vez que não apresenta a desinência verbal mirandesa *-emos*.

⁴Onomatopeia.

⁵<ch> foi, neste caso, pronunciado como africada. Consideramos, por isso, e porque a forma verbal se insere numa frase totalmente mirandesa, que se trata de uma forma que exerce as funções de “trigger”. Vd., a este propósito, o que é dito na p. 50 da dissertação.

11. *Ūŋa beç... ūŋa beç...* era o que ele ia a contar... ele ia a contar, mas deu-le vergonha, mas agora vou vos eu a contar ... Fomos para os Bragais...
10. Fala mirandês *que yê más bonito!*
11. [...] Quem havia de estar? Eu, P. e O. ...
- (...) [Interrupção em que se brinca com as alcunhas de cada uma destas pessoas. 11 quer retomar a narração da sua história e diz]
11. *Bós q'reis que bos conte?*
10. Sim. Conta *que éssa débe sér anterssante.*
11. E depois vínhamos para ali para cima, um calor tão grande! Era uma da tarde, no Verão [...]. Vínhamos no meio das *arribas* destes [...]. Já vínhamos despidas, *desnudas*. Fazia tanto calor! Quem nos apareceram? Três moços... Zé G., D. e Ar. .
- R. *I M.*¹, *tambiẽ ?!* [Risos]
- Ma. Não estava nessa zona!
10. *Éste néssa altura yêra más pequenho...*
11. D. deitou-se a correr atrás de mim, Zé atrás de P. e Ar. atrás de O. ...
- (...)
11. Caça a O. [o pai], deu-le *tanto palo, tanto palo!*
10. Depois a filha é que pagou...
11. Chegámos a casa, meu pai já estava com o *cornal* atrás da porta.
- (...)
11. ... O pai de P. também. Que carga nos deu, meu Deus do Céu, não me esquece na minha vida!
10. Só contais...
11. E era o que aquele ia contar.
10. Só contais... *la de los palos, só contais palos...*
- (...)
- [Falando sobre marcos paisagísticos interessantes da aldeia]
6. A pedra...
- Ma. *La Penha del Relóijo...*
- (...)
10. *La Penha donde?*
- Fe.² Do Relógio.
10. Sim. Também *nũ sabes... más nũ sabe éilha* [referindo-se à entrevistadora]... [...] *yê adonde se bei la barrage por completo, i d'la Penha das Torres yê õutra tambiẽ!*
- [A conversa, sobre este mesmo tema, continua em mirandês]
- (...)
- [A certa altura começa-se a falar sobre equipamento fotográfico e passa-se, com esse tema, para português. Diz 11 a propósito de uma máquina que tem]

¹M. é irmão de D., um dos intervenientes na história.

²Estrato etário a; sexo masculino; é estudante.

11. (...) É que nunca a utilizei. É uma máquina que comprei lá na França assim... dei cem francos por ela e ñã sei...

10. Então é de candonga...

11. Pois é! É disso! E ñã sei como se tira as fotografias...

(...)

11. ... depois cheguei a casa e diziam... e diziam os primos, diziam assim:

—Comprei esta máquina.

—Quanto *daste* por ela? *Daste* quinhentos francos, *daste* mil, *daste* dois mil...

E eu tinha dado cem...

(...)

[Continua o relato de histórias da aldeia]

10. (...) Uma vez uma miúda deste disse para o pai que le queria oferecer uma gravata. Disse:

—Ah pai, porque é que não pondes *ũrja gurbata*?

... uma garota pequenina que tem, disse:

— Ó pai, porque é que não pondes *ũrja gurbata*?

Diz ele, diz assim... diz:

—*Oh! Más tu sós tonta, gurbata porquéi?*

—*Ah, quiêro bos bér c'ũrja gurbata, que nunca bos bi c'ũrja gurbata!*

E diz assim:

—*Más quiêro que la pongades biẽ pôsta!*

E diz, e então o 20 (...), o pai:

— E então como queres que ponha a *gurbata* bem posta?

—Como o Cavaco Silva.

E diz-le assim:

—*Nó! Cumo Cavaco Silva nó, que yê poné-la mal. Cumo Cavaco Silva sólo la ponga l'Tiu F.*, [para a entrevistadora] que é pai daqui, [continuando a história] *i l' Tiu P.* (...)

(...)

10. [Falando para um dos rapazes presentes] *Stubemos*¹ *ũrja beç yöu i la tûe armana, Mariè, stubemos ã casa de Abô F.*, *l'burro tamtẽ, i habiẽ ãrjas bilhas antes de fazérẽ ... éssa que bai a serbir l'auga por eiqui, i antõã, nós íbamos no burro tódos tranquilos*² *cula nôssa cesta... cula cena [...]* e o burro desviou-se de uma, *buma*³... *enfiõu-se-nos nõutra, nós nos pusemos a sacá-lo, yêra de nõute, mas o burro que ñã arredaba i nós... ah, cena [...]* *pr'a casa! Nt ceta, nt nada! [...]*

¹Forma verbal que não respeita, inteiramente, as regras da flexão mirandesa (seria “*stúbimos*”). Denota, por isso, interferência morfológica do português.

²Nesta forma, «u» não é pronunciado.

³Onomatopeia.

[**Informantes 31, 22 e VI¹ (um vizinho de Ifanes). Situação:** junto à casa onde a entrevistadora ficou, os informantes tentavam tirar uma pedra com umas cordas puxadas pelos burros para o fundo do quintal]

22. Olha já encaixou² a pata o burro ali...

31. *Más yõu queriè tombar la piêdra... [...] más nũ sale assi... la piêdra, tengo que la sacar pr'eiqui.*

VI. *Porque nũ me dás aqueilha [...] pr'eiqui...?*

31. Pois...

22. Não! Os burros tiram-la fora!

31. Não tiram-la nada, não tiram-la nada, *nũ tirã...* chama os burros...

22. 'Tá encaixada³ aquela pata, o burro... tira-la!

31. ...chama os burros para aí. *Pone ésta mano na piêdra pr'a sacar*, para acolá...

[O burro dá um coice]

22. Éhhh..., uma patada!

VI. Agora que me dizes? *Pone la côrda...*

31. *La côrda stá, o que nũ stá biẽ.*

22. *Saca la pata al burro, stá la côrda ã la enxada⁴... Sõũ malos!...* Tira a parta do burro, 31!

31. Filha da mãe!

22. Bota-le a mão! Eu chamo, vá.

31. *Ténes que puxar los burros más pr'a aquél lado.*

(...)

VI. Agarra tu 31, a pedra!

31. *La piêdra nũ sale! [...], nũ sale, homi!*

VI. *Agarra tu la piêdra! ...*

(...)

31. Vamos a ver se a podemos agarrar...

VI. *Nũ se agarra porquéi? Spera! Tira la mano daí!*

31. Mas espera! [...]

VI. Não. Calça-me já a pedra!

31. Espera um bocadico⁵... põe-se aí uma leva...

VI. Calça-me a pedra!...

31. [...]

VI. *Ujã qualquiêra, homi!* Essa mesma. Agarra pouco, agarra-me aqui nesse bico⁶, mete nesse bico⁷. *A ber se segura ã pöuco pa metê-lo... solta! Tira la mano!*

¹Estrato etário **d**; sexo masculino; é agricultor.

²<x> foi, neste contexto, articulado como uma africada.

³<x> foi, neste contexto, articulado como uma africada.

⁴<x> foi, neste contexto, articulado como uma africada.

⁵No sufixo <-ico>, a consoante velar foi pronunciada de forma bastante palatalizada.

⁶Na sequência <-ico>, a consoante velar foi pronunciada de forma bastante palatalizada.

⁷Na sequência <-ico>, a consoante velar foi pronunciada de forma bastante palatalizada.

31. *Deixa scapar!*

VI. *Tu nunca calces la mano!*

31. Ó rapariga! Anda cá botar uma mão!

VI. *Más tu nũ pegas, assi nũ pegas!*

[...]

VI. 31, 31, desculpa, *la punta aí dêsse lhado.*

31. *Dêste lhado? Más spera!*

[...]

VI. *Escuïta! A ber se la sustentas anquanto yõu pongo la mano.*

31. *Cuidado cũ tõus piês!*

[...] [Já depois da pedra levantada]

31. *Nós agora, deiqui yá la lhebamos nós [...] bota aí l'piê!... Riba!*

(...)

31. *Põus olha, tu yá te purparestes* [referindo-se ao facto de a roupa deste vizinho, que vinha lavada, se ter sujado nesta operação] *i chegõu biẽ pra nós dõus, chegõu biẽ pr'a nós dõus!*

22. *Yá bos sujetes!*

31. *Él nũ se q'rìe purparar pula fiêsta, más agora purparõu-se!*

(...)

[O resto da operação decorre com diálogos em mirandês, sem alternância. No final, o seguinte diálogo]

VI. *La moça stá a grabar?*

31. *Ai, yê capáç, si !*

VI. *Anquanto carregas cula piêdra, yõu santo-me eiqui. U quiêres que te ajudi?*

31. Não!

E. O senhor também é de cá? Não?

VI. Não. Eu sou de Ifanes. A minha mulher é que era de cá.

E. Mas o senhor vive cá?

VI. Não, em Ifanes.

[Este pequeno diálogo continua em português. A certa altura, VI levanta-se e volta para junto de 22 e 31 e prossegue a conversa com eles em mirandês. Apercebendo-se de que a entrevistadora o tinha seguido e que estava atrás dele, diz para 31]

VI. Nós temos que falar...

31. *Nós tenémos que falar a la môda de Paradela!*

(...) [Continuam, depois desta afirmação de 31, a falar livremente mirandês sobre questões agrícolas]

[**Informantes 11, 25 e Ca.**¹. **Situação:** discute-se, no café, um caso de conflito na aldeia a propósito da serventia de uns poços de rega. I l começa por esclarecer a 25 a identidade dos envolvidos]

11. O... A *Tiê AN*... A *Tiê AN*, a *del Tiú*...

25. [...]

11. Não, do *Tiê AN* [...] da *Tiê M.* ...

25. Não, andava a regar...

11. Escutai! Aqui. E *nũ* la deu. *Dixo que nũ la daba!*

25. *La Tiê M.?*

11. *L'Tiú An. à B.*

25. *Nũ la dôu!?*

11. *Nó, dixo que nũ la daba.* Que faz? *Pide la de DB.* e deu-la DB. (...). Que fazem entre...? DB. e a B. trocaram. A B. deu a DB. da do H. e o DB. ...

Ca. *Diç que mandórũ depuis H. foder l'auga...*

25. *Yá biste!?*

Ca. *L'auga...*

11. O outro disse *que se amontiaba ã Spanha.*

25. *Quiẽ se amontiaba?*

11. *DB.*

25. *DB. andaba a regar inda agora aquilho de Tiê M.*

11. *Põus!* Depois... mas depois disse que já tinha mandado a do H. e que falhou a água. Disse que ia para Espanha, *que se amontiaba.*

(...) [Reacção intempestiva de 25 que não se entende bem, mas em que ela se refere ao roubo da água]

11. Mas já vem logo o fiscal.

(...)

[**Informante 25. Situação:** conversa entre a informante e a entrevistadora dentro do automóvel a caminho de Miranda do Douro]

25. Aqui no nosso costume é dizer, *bamos pr'a Aldiê Nôba...*

E. *Bamos pr'a Aldiê Nôba...*

25. ... e em fidalgo é Aldeia Nova.

(...)

25. Tem que virar aqui assim ao pé da Igreja... à esquerda... *à la squiêrda!*

(...)

25. Agora naquela casa *bira a la d'reita!*

(...)

25. Agora onde chegámos é *Baldaila* [Vale de Águia].

¹Estrato etário **d**; sexo masculino; é pastor.

(...)

25. (...) Ninguém fabrica nada à beira do rio. É para andarem as cabras, as *canhonas*, lá.

(...)

[**Situação:** já na biblioteca de Miranda do Douro, a informante 25 acompanha a entrevistadora, que tinha marcado um encontro com o Dr. Domingos Raposo (DR.). Também está presente outra senhora, bilingue mirandês-português e natural do Picote, localidade onde exercia funções docentes (PP¹). Na sequência que se transcreve, DR. fala essencialmente para a entrevistadora, tendo começado, no entanto, por dirigir a palavra a 25. Esta, descontente com o conteúdo da conversa, insiste em interromper DR. por várias vezes, a fim de fazer esclarecimentos]

DR. [Para 25] Vocês ainda dizem... janela ainda dizeis *bantana*, não?

25. Não. *Bantana* nunca ouvi!

DR. Mas ouvia-se até... até nós... até nós andávamos aí com uma história... às vezes...

25. *Bantana* nunca ouvi, não!

DR. ... às vezes... eu ouvia às vezes alguns de Aldeia Nova quando queriam...

25. *Ūŕa jinela*, sim!

DR. Não, *jinela* é o mirandês...

25. *Jinela*, si ...

DR. *Jinela* é a palavra mirandesa típica... se bem que por aculturação, não é...

25. *Bantana*, não!

DR. ... por influência do português hoje já se diz... “janela” também, embora a pronúncia não seja bem a portuguesa, mas já se diz “janela”, só que a palavra mirandesa, propriamente, é *jinela*. Mas é engraçado que em Aldeia Nova, às vezes, quando queriam criticar os de Paradela...

25. Ná, mas isso era para criticar!

DR... contavam uma anedota que... uma vez diz que ... dois namorados... a rapariga chamava-se Maria e o rapaz um dia queria falar com ela, que ela estava lá dentro de casa mas tinha-lhe medo aos pais, e então...

25. *I él fui se calhar al cacho d'eilha...*

DR. Não... não e ele falou-lhe da rua em vez de entrar na porta, começou... pôs-se de pé... para ela, *À Mariè*, [a rir] com a pronúncia própria de Paradela, *À Mariè sobe-me ls morres² a la bantana que te quiêro dezir dôus palabruços!*

[Risos de todos, menos de 25]

E. [Para 25] É assim que se fala em Paradela?

25. Se calhar ela estava a julgar que ele... dantes, antigamente ouvia dizer que de Paradela ninguém queria, nem os rapazes, nem as raparigas de Aldeia Nova, e o Sr. Domingos também deve-se lambrar... De Paradela, ninguém ligava aos de Aldeia Nova!

¹Estrato etário c.

²*Morres* por “morros” com o sentido de ‘focinho’.

E. Porque os terrenos eram maus?

25. Diz que os terrenos tinham muita *penha*... ouvi dizer assim... que os terrenos tinham muitas *penhas* e que ninguém ligava...

DR. [Para a entrevistadora] *Penhas* são fragas, são rochedos.

(...)

[Abandona-se este tema para tratar de aspectos atitudinais]

E. (...) Uma das queixas que eu ouço ali em Paradela é que toda a gente mistura... é espanhol, é mirandês, é português, é uma grande mistura.

(...)

DR. As pessoas de Paradela, elas é que tentam misturar...

25. [Em tom de desdém] Pois! Pois!

DR. (...) Em todo o caso, as pessoas acham que o português é que é a língua “fidalga”, a língua “grave”, a língua bonita, a língua que não ofende ninguém. O mirandês, é o que dizia José Leite de Vasconcelos, é a língua *charra*, aquela língua *palhantré*, *palhantré*, quer dizer que...

25. Não é *palhantré*, Sr. Professor, é *palantre*...

E. Então como é que se diz?

25. É *palantre*, *ir palantre*...

DR. Não, estou a falar... a nível geral... não estou agora a falar em... sim, *ir para a frente é ir palantre*... mas *palhantré* é uma pessoa... um *palhantré*... quando nós dizemos, *tu sós ñ palhantré*, é um parolo, é uma pessoa sem categoria nenhuma... e então o mirandês é uma língua que (...) desclassifica as pessoas.

25. [Novamente em tom de desdém] Pois! Pois!

(...)

[DR. recorda um episódio que ocorreu em Paradela quando lá levou um estudioso brasileiro]

DR. (...) Estavam a falar mirandês, mas por estarmos nós ali, iam logo para o português e... era o tio coiso... [para 25] *cumo yê que se chama l'Tiu Chu... , cumo se chama...?*

25. Oh! o meu cunhado?

DR. *Si, l'bôssso cunhado. Cumo yê que le chamam? L'nomi?*

25. [para a entrevistadora] É aquele pequenito.

E. Ah! Já o conheço.

DR. E depois...[para 25] ele é vosso irmão, a mulher, não é? Não?

25. Não, irmão de 29, *él*.

DR. É irmão do 29, pois... eh... a mulher, a certa altura... depois ele começou a compreender e eu disse assim...

25. Ai, ele fala muito!

DR. ... —*Falai mirandês i yöu tamiẽ falo, homi!* Falai comigo, vá! Porque haveis de estar agora aqui...*you söu d'la tiêrra, bá!*

E pronto, e somos conhecidos e o homem lá começou a falar mir..., lá compreendeu, e pronto continuou a falar mirandês normal. A certa altura a mulher [dirigindo-se para 25] *lá se embergonhaba, lá scapaba pal' português*. [De novo olhando para E.] A certa altura diz ele assim...bem, não vou repetir que está aqui isto a gravar [protestos de E.; E. incita-o a reproduzir] Mas é asneira! [continuam os protestos] ... diz ele assim para a mulher a certa altura:

—*Nũ fales assi, caralho, foda-se!*

[Risos]

25. E ele ia dizer? Ele ia dizer isso?

[Risos]

(...)

DR. Não, mas, o engraçado é que ele compreendeu que tinha que falar, pronto, tinha que falar... que estava a falar e que teria que continuar na mesma linguagem dele. A mulher envergonhava-se e então ele ... e diz, «até parece que estás a mostrar burrice estares agora a mudar para português. Porque é que não hás-de continuar a falar mirandês?»

[DR. refere-se a uma entrevista que deu para a Rádio Difusão Portuguesa e que foi difundida não só a nível nacional como para algumas comunidades portuguesas radicadas no estrangeiro]

DR. Um rapaz de Malhadas outro dia viu-me:

—Eh pá! *Yöu öubi-te ã Paris! Até chorei quando t'öubi*, pá! Estava com o rádio ligado...

[A certa altura, PP., que tinha estado calada até ao momento, conta uma história passada no Picote e que lhe foi contada pela filha]

(...)

PP. —[Citando a filha] Fui lá para baixo, foi ao café, no domingo... e ouvi uma conversa.

—Então que conversa era?

—Aquele, o A. ... ele não é tolo?... (...) apareceu ali um que saía do café e que queria fazer xixi à frente da porta e que ele disse assim:

—*Eiqui nũ meijas! Eiqui nũ meijas!*

E que dizia... que dizia:

—*Olha que meijo!*

Vai o tal que não deixava mijar, disse... deu-lhe dois murros e:

—*Antöü agora meija!*

[**Informantes 11 e Ca. Situação:** No café, em Paradela, Ca. tenta convencer a entrevistadora de que é espanhol]

Ca. Gusto mucho de la España que es muy buena...

E. Vai lá muita vez?

Ca... Tengo una hija casada en Zamora, tiene muchos chiquitos e muy bien...

E. Mas fala muito bem português!?

Ca. [Risos]

E. Sabe o que é que me dizem aqui as pessoas? Que os espanhóis quando vêm cá não falam português, por isso eu estou a desconfiar que você não é espanhol...

[Risos]

Ca. Porque eu ando muito por aqui, venho sempre a buscar o vinho aqui e a fogaça... (...) e eu falo português... [Risos]

11. Que lafrau yê l'Tie Ca. ...

Ca. Que te parece a ti 11?

11. Este é muito lafrau!

Ca. Ai Jesus! [...] *si yõu fur cõ ésta senhora a la fiêsta agora, quando chegar yõu alhá cõ éilha, que me dirẽ a mi?*

11. Que diriam? Hombre! Ca. !...

Ca. Mira que es tan bonita!

(...)

[A propósito de umas uvas que E. estava a comer]

Ca. *Los bagos sõõ malos!* Os bagos fazem doença!

E. São *malos*?

Ca. Fazem doença.

E. Fazem doença de quê? O que são os bagos? [Apontando] É isto, o bago?

Ca. *Si ...*

E. Fazem doença?

Ca. *Fáiẽ múita* doença, *fáiẽ !* Amanhã tem que ir ao médico!

E. Ai é!?

11. [...]

E. Dor de quê? *Dolor* de barriga?

Ca. *Si !*

11. *De barria. Dolor de barria.*

E. *Barria. Dolor de barria.* [Para Ca.] Isto é espanhol ou é mirandês?

Ca. O quê?

E. *Dolor de barria...*

Ca. É português!

E. É português!?

(...)

[**Informantes 25 e 29. Situação:** ao almoço, em casa deste casal, 29 conta um episódio que se passou no Castro, na sua juventude, onde, durante uma festa, arranjou uma namorada espanhola]

29. Era festa no Castro, era dia de S. Tiago. Chegámos lá e eu assim que *foi* a dançar com a rapariguita, estava lá um carabineiro a olhaaar...

—Eh! Tu es portugués, venga! Marcha ya para Portugal! (...)

E disse assim... digo:

—Mira!...

...a gente fala o espanhol... digo:

—Mira usted, mira, yo he venido con Señor Teniente y me mandó al baile, pöus ahora voy a bailar un poco...

—Ha venido con el Teniente?

—Si!

—Pöus böü le a preguntar. Venga conmigo!

Chegou ao tenente e disse assim, disse:

—Ah Teniente, has traído este chico contigo?

—Trouxe!

E voltei para dançar com a mesma rapariga (...)

(...)

[A conversa continua com o mesmo tipo de alternância, citando os espanhóis]

[**Informantes 7 e 26. Situação:** no lavadouro público, as informantes conversam com a entrevistadora em português. A certa altura 26 dirige-se especificamente a 7]

26. *Yá screbiste a... a la Cl. ?*

7. Não, ainda não.

26. *Biṛ preguiceira ténes sido...*

7. [Risos]

E. O quê, o quê?

7. *Ésta nũ la antendi!*

(...)

[**Informante 11 e dois rapazes de Ifanes (RI1, RI2). Situação:** conversam no café de Paradela sobre as reacções da família de uma jovem de Paradela à sua gravidez. Neste caso está envolvido Em.¹, irmão de 11]

(...)

RI1². Pronto, *yá se sabe... éilha... pöus, nũ se notaba nada!*

11. Depois veio aí a minha tia C. e disse assim:

—EM. , mas que é que se passa?

—O que é que le disseram?

¹Estrato etário b; sexo masculino; trabalhador da construção civil.

²Estrato etário b; sexo masculino.

[...] [11 refere, em português, que confrontou o irmão com o boato que corria na aldeia. À interpelação de 11, reage EM.]

—Tu estás maluca!

Disse que eu estava maluca... isto foi no Domingo. Na quinta-feira da mesma semana...

[...] [11 é interrompida por um cliente que quer falar ao telefone. Este pequeno diálogo não se ouve bem na gravação]

11. [Retomando o relato]... e então depois diz:

—Tu estás maluca!

Isso foi no Domingo. Na quinta de manhã... de domingo a quinta... veio aqui a avó... tínhamos a minha sobrinha, a pequerrucha¹ de A. , no hospital, estava no Porto... [...] e Ad. perguntou por ela. Disse que a miúda se ia morrendo... estava chorando... estava preocupada. Chega aqui a velhota, a do ti S., *sabes quiẽ yê*, Ti F. , *nã sabes quiẽ yê?*

RII. [...] *la mai...*

11. *La abó...*

RII. [...]

11. ... e a mulher disse:

—Então que te passa, e tal?

—Eu estou tão desgostada... a minha sobrinha está tão doente, não sabe o que tem, já não fala...

Pronto. A mulher disse depois:

—Também... eu também estou desgostada...

La mulhiêr veio aqui:

—Eu também estou desgostada!

—E porquê?

—O teu irmão fez pouco da minha AM...

(...)

[O resto do relato é feito em português, sem alternância. Só no final, 11 cita o marido numa resposta que este deu a EM. que lhe pedia que o acompanhasse até a casa dos pais de AM.]

11. E diz assim 12:

—Ah, sim?! Chamaste-me a mim para a outra vez!!!? *Agora quiêres que yôu báia!!!?*

[Neste momento entra um casal idoso de Brandilanes (HB²) e (MB³)]

11. Que tal? Que tal?

HB. Bien!

11. Muy bien!

HB. Están todos buenos?

11. Sí...mira, como siempre!

¹<cb> foi, neste caso, pronunciado como africada.

²Estrato etário d; sexo masculino.

³Estrato etário d; sexo feminino.

[11. volta-se de novo para os rapazes de Ifanes e continua a relatar a história em português. A certa altura R11 conta um caso análogo passado em Ifanes]

(...)

R11. *Éssa inda fui pior que la de Ifães. La rapazica...*

11. Pois...

R11. *iba... stube...*

11. ...para o hospital... o que é que tem, o que é que tem...

E. Mas houve uma mulher lá da minha terra que foi a mesma coisa...

R11. ... e dali a quinze dias teve...

11. ... teve um garoto. [Retomando a história anterior] E depois disse assim... ela baixou a cabeça...

R11. *Nó, más aqueilha...*

11. [retomando a história anterior]... disse EM.:

—Não me envergonhes... não te envergonhas...

A miúda com a cabeça baixada, ali cheia de vergonha (...)

(...)

[Passado um tempo, já os rapazes de Ifanes se tinham ausentado, 11 telefona para uma amiga, para Espanha. No meio do telefonema entra a informante 7 no café.]

11. Sí... buenas tardes! Sí... Teresita? Mira, soy 11 de Portugal! Qué tal?... Bueno, y Zulmira?

... Bueno... Mira, ya fueron las chiquitas de [...]? Bueno, no tienes que llamar... (...)

12. está en Burgos trabajando... (...)

[O telefonema decorre todo em espanhol. No final, 11 despede-se]

Ala Teresita, besitos para todos... Adeus! Adeus! Adeus!

[A alternância de códigos encontrada no final desta produção linguística de 11 motiva o seguinte comentário]

11. (...) *Dá-me ampessõit que estava a falar galhego...*

7. Tu agora estavas ... estavas a falar diferente...

11. *Falo ã galhego, falo ã galhego!*

7. E tu também sabes falar à galhego?

11. Já me esqueci, antes sabia, mas já me esqueci...

7. Mas tu agora estavas a falar diferente e eu disse, mas ela não está a falar espanhol...

(...)

[Entretanto, entra a informante 22 no café, acompanhada da informante 5. 22 cumprimenta os espanhóis]

22. Mira, mira, quién está aquí! Qué tal? [Agora para E.] Olá!

E. Olá!

22. Então!?! Foi *malo* não a ter chamado para nós...

E. Porquê?

[Risos]

22. Porque fomos tirar feijões!

E. Ahh! *Freijones*?

22. *Freijones, si!*

(...)

E. Fui almoçar com a 25...

22. Já *mos dixo*.

E. ... até às quatro e meia da tarde. (...)

(...)

22. Olhe o que eu trago aqui!

E. Ahh! As ditas. Como é que isto se chama?

22. Eu não sei! Como se chama isto *ã España*?

MB. [...]

HB. *Nosotros*...

22. Ya lo tenía visto. Isto ofereceram-mo por aí. Y tenéis simiente de eso?

(...)

22. Comprais una carta della i la traís eiqui a 11 y 11 los la paga.

(...)

22. [Para 11] *HB bai-me a trazer la semiênte i depois tu la pagas pr'a sembrar...* (...) Yo ya había visto a venderlos en Vitoria, nas tiendas, no... mas eu nunca los compremos, nunca me recuerdo de los comprar.

(...)

[Já na mercearia¹, com os espanhóis, 11 só fala em espanhol. Os assuntos variam bastante, mas este parâmetro não altera o comportamento linguístico de 11, nem dos espanhóis, que, de resto, não fazem nenhuma tentativa para falar, quer português, quer mirandês. A certa altura, 11 conta um episódio sobre um roubo de pesetas na sua loja e cita o marido em espanhol]

11. (...) Las pesetas, las fui dejando, las fui dejando y mi marido:

—Mira, no las cambies que yo las voy a necesitar, yo las voy a necesitar...

(...)

[**Informante 22. Situação:** conversa informal com a entrevistadora na rua, à porta da casa desta última]

22. Estavámos [22 refere-se a si própria e a uma rapariga forasteira que esteve em Paradela], então, sempre juntas... *íbamos* a vindimar, a apanhar batatas, apanhávamos *moras*, íamos

¹A mercearia é anexa ao café e é igualmente propriedade de 11.

com os burros, com as vacas, pelávamos folha para os porcos, para os *cochinos*... eu estava *a filar*, *a debanar*... sabe o que é?

E. Sei, sei, sei! A sua filha disse-me que tinha um *telar*...

22. Pois, uma roca, para *filar* que *yê ruca*... um fuso... *cardas la lhana, lhabas la lhana*... tudo isso... ela gostava muito... *traïemos lhenha cul carro d'las bacas*...

E. Vocês aqui não tiram o *lheite* às *bacas*?

22. Tiram, sim! (...) *Pöus aqueilha garóta*, aquela miúda, gostava muito (...) mas nada se le metia na cabeça! (...) Sabe o que fez uma vez?

E. O quê?

22. *Subírũ-se*¹... vou-le a falar já à nossa maneira...

E. Sim...

22. *Subírũ-se no burro i fúrũ lo a pastar, a comer*. Vieram para casa. Vinham para casa em cima do burro, aos saltos no burro. Foram a *antrar* para a *lõije* do burro, a porta era baixa... 5, como sabia, amarrou a cabeça... a outra não amarrou a cabeça...

E. Ai!

22. Rompeu a testa!

E. Ai, coitada!

22. *Rachõu la cabêça, dezimos nós*.

[Informantes 4, 6 e 7. Situação: conversa informal com as informantes na rua. A primeira e a última estavam acompanhadas pelas vacas e preparavam-se para levá-las a pastar aos respectivos lameiros. A informante 6 ia com um alguidar de roupa para ir lavar ao lavadouro público]

E. Vocês vão à vida?

7. *Bamos até bueiras... bamos culas bacas!*

4. *Bamos culas bacas!*

E. Para onde é que vocês vão? Para o lameiro?

4. Sim. *Pal' cerrado!*

7. *Yê ã cerrado!*

6. *Bõu a lhabar...*

7. [Para 4] Como é que é... o que é que vamos levar? O que é que levas?

(...)

4. Vamos!

7. Ainda não comi, temos que levar merenda...

4. *Tu comes ã chegando a casa!*

(...)

¹A forma verbal está no plural, porque a locutora referia-se a duas moças que já antes havia mencionado.

[**Informante TC.**¹. **Situação:** tentativa de entrevista a esta senhora, por parte da entrevistadora. A conversa decorre toda em português, porque tinham dito a esta falante que a entrevistadora era a nova professora que tinha sido colocada na escola primária da aldeia. Tal circunstância condicionou, visivelmente, o comportamento linguístico da falante. A certa altura a entrevistadora tenta a seguinte estratégia]

(...)

E. A TC. conhecia o Ti Chico² Biolero³?

TC. Sim.

E. E ele é que sabia cantar o Pingacho⁴...

TC. Oi! *Mi biẽ!*... A senhora conhece-o?

[A conversa é retomada em português, não se produzindo mais nenhuma alternância de códigos. A certa altura começa-se a falar do fenómeno emigratório]

(...)

E. Então, na sua época, não ia muita gente fora... nem para França, nem para a Espanha?

TC. Não.

E. Não? Ficavam todos aqui?

TC. Tudo aqui.

E. E havia muita gente em Paradela nessa altura?

TC. Havia muita gente...

E. Era? Mais do que agora?

TC. Mais... agora há muita gente por fora...

E. Pois...

TC. ... para a França, para a *Almania*, para... muita gente...

(...)

[Sobre questões agrícolas]

E. O que é que vocês semeavam aqui... e criavam?

TC. *Trio i garbanços i batatas.*

(...)

[**Falante TDS.**⁵. **Situação:** durante a entrevista ao falante, estão presentes as informantes 2 e 4. TDS fala só em português]

(...)

E. Porque é que o senhor não fala mirandês comigo?

¹Estrato etário **d**; sexo feminino.

²<ch> foi, neste caso, pronunciado como africada.

³O Ti Chico Biolero era um senhor, natural de Paradela, à altura desta conversa, ainda vivo, que era muito conhecido na região pela sua criatividade artística. Compunha canções e poemas e animava culturalmente a aldeia. Por este motivo lhe atribuíram a alcunha "Biolero" ('o que toca viola').

⁴<ch> foi, neste caso, pronunciado como africada.

⁵Estrato etário **d**; sexo masculino; foi pastor.

TDS. Eu? Eu falo de todas as maneiras!

E. Então! Mas porque é que não fala o mirandês comigo? Ou não distigue bem o mirandês do português e do espanhol? É tudo a mesma coisa?

TDS. Eu tanto falo mirandês, como espanhol, como português...

E. Então fale mirandês comigo!

TDS. Como?

E. Eu sei falar mirandês, um bocadinho...

TDS. Pois o mirandês é assim... agora em mirandês, *yöu dio la mésuma cöufa! Dio-le las mésmas cöufas que los portugueses...* a senhora quer... quer saber?

E. *Si! Quiêro saber!*

TDS. O português ou... *pöus*, é a mesma *cöufa!*

E. Não, não é a mesma coisa...

TDS. *Bẽ a sér lo mésmo...*¹ [Exemplificando] *Antöü ...pr'adonde bás?*

E. *Donde benes?*

TDS. *Donde benes!?*

E. Então e ouça lá...

TDS. Venho de [...]

E. *Böu a las arribas...*

TDS. *Böu até las arribas...*

E. *Böu até las arribas... Böu até al Castro...*

TDS. *Até al Castro yöu nũ böu, caraças!*

E. Não!?

TDS. *Yöu al Castro ... yá hái más de carent'anhos* que não se vê no Castro!

E. Ai é!!

TDS. Sabe quanto... quanto... quanto eu tenho saído daqui para fora?

E. Quanto?

TDS. Cheguei a Bragança... da tropa... só cheguei ali. (...)

(...)

[Olhando para o gravador, de que, pelos vistos, se tinha esquecido ao longo da conversa]

TDS. A senhora agora... ai caralho!... *Stá-me a dezir todo que yöu le dio! Tá-me a pegar ã todo!*

[Risos]

E. Quero sacar tudo!

(...)

[Falando sobre o seu namoro com a segunda esposa]

E. O senhor namorava com as suas esposas em mirandês ou em português?

TDS. Assim como vós... assim como estou a *dezir*. *Sabéis lo que yöu dio d'la prumeira?* Já era uma velha de trinta anos...

¹Esta parte do diálogo já foi transcrita no *corpus* 1.1. É reproduzida novamente aqui por razões de contextualização.

E. Uma velha de trinta anos!!?

TDS. De trinta anos, da segunda *beç*... e depois disse-le assim... eram cinco irmãos... *cinco armanos*... eram *cinco armanos i éilha yêra la segunda*... e vai... e depois disse-le assim... havia por aí oito dias que me tinha morto a outra... e depois disse-le assim:

—Atão, que tal? *Yá ténes namoro?* Já tens... estás comprometida?

Disse:

—Eu não... *yöu nó!*

Disse:

—*Yöu nó*... e tal...

—Que te parece... para que não te comprometas!

(...)

E depois disse:

—*Ora pöus antöü ... antöü, yá sabes. Lhöugo haia bergonha... agora hái tã pöuco tiêmpo que se morriü l'öutra... bai bendo [...] y baia... ñ armano más biêlho, yá tenie ñs oitenta anhos quando...* [referindo-se à gravação] agora é que vai dar uma linda... quando... a *prumeira beç que me biü cü éilha* disse:

—*Olha que bẽ alhí miü pai!... Nó!...bẽ alhí miü armano...Foge!*

(...)

[**Informantes 11 e António (A.¹).** **Situação:** os falantes conversavam, no café, sobre uns rapazes de Ifanes que tinham andado a causar distúrbios em Paradela. A conversa decorre maioritariamente em português, até porque parece ser essa a preferência linguística dominante de A. Assim, reproduzimos apenas aqueles excertos em que ocorre alternância de códigos]

A. (...) Aquele dorme de dia e depois trabalha de noite!

11. E eu disse-les assim, disse-les:

—Olha, eu já vos disse que quero fechar!

—Ai não, não, [...] não sei quê...

Eu disse:

—Ó menino (...) em minha casa mando eu!

Disse-le:

—Portanto, põe-te a mexer já!

A. Este é dos tais que *durme de ñe* e trabalha de noite!

11. Disse-le:

—Tu respeita ...

disse-le:

—Tu respeita se queres ser respeitado, senão estamos lixados!

¹Estrato etário **d**; sexo masculino; é carpinteiro; viveu em França algum tempo.

Vim pr'aqui, apaguei as luzes dali dentro... mas os outros todos saíram... [...] já estava armada!... E vou-vos a dizer *Tiu Antôho*... e depois quando de manhã... quando AR. me esteve a contar aquilo ...e o homem *diç*:

—*Ah, tu trás-de-onte purteste-te mal!*

—*Purtei?*

—*Porque los metiste deiqui pr'a fôra.*

Eu disse:

—*Ó amigo, quando yôu los meti deiqui pr'a fora yêra quase la ãra!*

Dixe-le:

—*Yôu sôu ãra mulhiêr...*

Dixe:

—*Yôu nã stôu eiqui até las tres u quatro d'la manhana [...]*

A. Eu comigo não... *chegôu la* meia-noite... e pronto... rua e acabou...mais nada!

11. E AR. ... *Dixe:*

—*A mim tanto m'importa que te ãnfades, cumo te contentes...i yá stá!*

(...) [A conversa, a partir daqui, prossegue em português]

[**Informantes 25 e 29. Situação:** em casa deste casal, a entrevistadora conta um episódio, passado durante a entrevista a TDS. Está também presente a informante 2]

(...)

E. —A menina... a menina é solteira ou casada?

Eu:

—Sou solteira!

—Então...então ainda bem...

[Risos]

29. *Fiquemos ...côufa... juntos, nã yê?*

E. Eu disse assim:

—Ná!

29. Mas olhe, eu vou-le a dizer uma *côufa*... a menina já *conhecêu aquêl rapáç*... assim, um bocadito gago... não é... um bocadito, não, muito?

E. Não, não sei quem é...

29. Não sabe quem é. Pronto. Eu vou-le a contar... quer dizer... uma partida...

25. *Quiẽ?*

29. O CF.

25. Oh!

29. *Spera! Más bôu-te a contar ãra partida que se passôu a dona*... como é que se chama... a professora... ah ...ah...

25. [...]

29. Não... ah... a que aos rapazes deu a escola... como é que se chama, vá?

25. Al. , D. Al. !
29. Não, a outra, a primeira... a outra, a que foi para... para onde é que ela foi?
25. *Parece-me que stá ã Malhadas...*
29. Pois, vá...
25. *Stá ã Malhadas...*
29. Pois, é a do...
25. Ve. , a D. Ve. !
29. A D. Ve. , vá la! *Aqué*l tipo, eu digo-le uma coisa, palavra de honra, *él* a contar, quer dizer, a anedota, como o rapaz foi falar... porque o rapaz é um bocadito... sei lá... não terá lá as suas coisas em condições, não é... e chegou... eram muito amigos os pais, que era... quer dizer, o pai dele era capador dos porcos, não é... mas era um homem...
25. *De Eingueira...*
- E. De Angueira?
29. *De Eingueira...* mas era um senhor que era um senhor, vá. Pronto... era tio de um de Ifanes que chamam o *Tiu L*, era o dono da padaria e aquilo tudo que lá tem, vá... mas eram pessoas mais ou menos, vá ... chegou o gajo... quando a senhora professora veio de... de... das... férias¹...
- [Emitando o gago] *Antõõ ... stais bõna?*
- 'Tou bem e atão, ó V, tu também estás bem? Teu pai também *stá bõno?*
- E tal...
- Si, que sõõ ... múito amios l'miù pai i l'bõsso.*
- Pronto. (...) [O resto da história é contada em português²]

[**Informantes 23, 6, TO.³ e MV.⁴. Situação:** no lavadouro público, logo a seguir à conversa anterior, as informantes conversam com a entrevistadora e também entre si enquanto lavam roupa]

- E. 'Tão, 23...
23. O que é que dizeis da vida?
- E. O que é que eu digo da vida? Digo que ninguém quer falar mirandês comigo...
23. Ninguém quer falar mirandês?
- E. Não.
23. *Stã mi squesitas...* (...) todo o mundo *stá mi squesito!* (...) *Nũ dizẽ palhi, pr'acolhá, pr'ötro lhado? Nũ dizẽ nada disso?*
- E. Não dizem nada disso...
23. *Que burras sõõ!*

¹Interferência do francês.

²Esta história diz respeito à tentativa frustrada de V. em pedir a professora em casamento.

³Estrato etário c; sexo feminino; é agricultora.

⁴Estrato etário d; sexo feminino; é agricultora.

(...)

TO. Ai (...) não querem falar ao mirandês?

23. *Nũ quérẽ falar fidal... nũ quérẽ falar cumo nós...*

E. *Na bõssa lhengua...*

23. *I éilha tẽ bontade de öubir...*

E. Pois tenho!

TO. Pois!

E. *Tengo!*

23. *Tengo, ora si ?¹*

(...)

TO. *Afinal yá sabe falar múito!*

23. *Éilha bá daprendendo biẽ!*

(...)

23. *Éilha yê bõna pr'a daprender, ora si ?*

E. *Si, si !*

[Risos de 23]

23. [Voltando-se para a neta que fugia] *Adonde bás tu tamiẽ ? Olha que döu-te no culo! Toma!*
Nũ stá quiêta, la garóta...

E. É sua neta?

23. É, sim.

E. Como é que tu te chamas? *Cumo te chamas?*

23. Não fala.

E. Não fala?

23. Não fala nadinha. Nadinha, nadinha. Tem estado doente. (...) [Para a neta] Papá! Chama o papá, filha!

TO. Coitadica, a culpa não é dela...

23. Papá! *Ãntende las cõufas más nũ fala...*

TO. É uma pobre!

...²

6. Mas eu já tenho o gorro roto!

23. *Yõu parece-me que tu lo rompiste más, que él nũ staba tã róto!*

(...)

23. [Para E.] Não te rende o tempo por aqui, não?

E. Rende!

23. *Si ? Rende muito?*

E. Então não rende?

23. São os dias tão grandes, *ora si ?*

E. Ai isso é!

¹ A primeira parte deste diálogo já foi transcrita no *corpus* 1.1. É reproduzida novamente aqui por razões de contextualização.

² Período de silêncio longo.

...

23. Mas já começam a... *ãncolhir-se*, como dizia o outro...

...

23. [...] [Fala para a neta, mas o que diz não se ouve bem na gravação]

TO. Começam as noites a ser grandes... e os dias pequenos.

23. *Si* ...

TO. As noites grandes *i los diēs pequenhos!*

(...)

[A propósito da emigração]

23. Aqui não se ganha nada.

E. Mas dá para viver, não dá? Aqui?

23. *Si*.

E. Mas toda a gente vai para fora... uns anos?

23. *Quaije que si*. A gente... só paramos por aqui os *bagamundos*...

[Risos]

23. ... os velhotes...

TO. *Bagamundos!?*

23. Vagabundos... os velhos...

(...)

TO. *Olha, tengo lexíbia bôna, se q'reis metér aí... algũ ɲa cõuŷa...*

MV. Olha dá cá para eu botar *eiqui ã las mias mantas*...

TO. Não!... *Nũ botéis la lexíbia que la deixais... a los curdones todas... i bós nř habiedes de metér aí las mantas, sabeis?*

MV. *Porquéi?*

TO. *Na pila ficábã melhor põus ficábã más stendidas!*

MV. *Más deixá-lo ...más yõu onte pus-las arremar¹ i ficã assi altas...*

TO. *Na pila... mas nũ bos ficã assi... que assi bã bos a ficar tódas amalhoadas...*

MV. *Olha, más até amanhana stã...*

TO. *Deixá-lo...*

MV. *Agora ficã assi.*

TO. *Nũ se arremaba, não, i assi ficã amalhoadas, pudéis tenér la certeza.*

MV. No "Omo" *tamiẽ*?

TO. Sim.

(...)

6. [Para a filha] Já te bato no cu! ... *bato-te no culo!*

TO. *Olha que la Tie T. te bate no culo, rapaza!*

(...)

[Entretanto, TO conta uma história à entrevistadora sobre uns sendineses que tinha conhecido na infância]

¹Arremar por "arramar" com o sentido de 'estender'.

TO. Olha, nunca me esqueci...ahmm... uma vez... era eu ainda pequena, olhai, tinha uns... quê?... os meus sete anos ou isso, mas eu não me esqueci... Vieram uns sendineses a casa da minha madrinha Paula ... [Para 6] tu já não a conheceste, mas tens ouvido falar nela... e depois, eu não sei o que é que eles lá foram a fazer a casa dela... eram destes sendineses antigos... e depois caiu um para fora... chamaram, chamaram à porta, ninguém les respondeu. Entrou um... tinha assim um curral com uma porta para dentro... e foi lá para dentro... atão... a chamar... a chamar por ela. Por o visto, ela ou se estava a levantar, ou não sei como foi, que ela disse que estava sem saia. Quando saiu para fora, o outro procurou-le:

—*Antöũ, la mulhiêr nũ se sale pr'a fôra, i tal?*

E diz ele assim:

—*Nó!*

Diz:

—*Nó, porque staba-se-le sť saia, quedöu-se-le a bestir la saia. Nó, inda nũ saliũ porque staba-se-le sť saia, quedöu-se-le a bestir la saia.*

(...) [TO comenta que em Paradela não se diria desta maneira]

E. Aqui não se diz assim?

TO. Não!

E. Então como é que se diz?

TO. *Staba a bestir la saia*, ou assim... (...)

(...)

[Informantes 9, 7, 21, 26 e N.¹ Situação: em casa de 9 e N., ao serão, os informantes conversam (também estão presentes os dois filhos pequenos de 9 e N.). Falam quase exclusivamente em português, só passando para mirandês quando chega a informante 26, que se tinha atrasado. As informantes 21 e 26 cantam e dançam o “Pingacho” e ficam cansadas. Face a isto, recomenda a informante 7]

7. Vocês ...se estivésseis... se estivésseis sentadas a cantar, aguentáveis-vos mais tempo.

26. Ahh?

7. *Se bos sentardes a cantar, ã beç de dançar, aguentábades más tiêmpo.* Assim cansais-vos.

(...)

[Informantes 9, 21, 26, 30, N. e Z.² Situação: Na rua, os informantes preparavam-se para ir plantar couves para uma horta]

N. Quer vir a pôr couves?

¹Estrato etário b; sexo masculino; é guarda exercendo funções no Porto.

²Estrato etário b; sexo masculino; é guarda exercendo funções em Lisboa.

- E. Ah sim! 'Tá bem!
9. Quer vir a plantar couves conosco? Quer vir?
- E. 'Tá bem! Onde é que é? É muito longe?
9. Não. É perto...
- N. É aqui mais ou menos a...
26. *Diã-le que fage múito calor...*
- N. Faz muito calor... faz muito calor...
9. ... e é sujo ... cava na terra!
- N. ...apanha pó...
- E. Então olha... [Risos] Também se lava!
21. *Pöus antöü, é verdade!*
26. Onde *stá* o Z. ?
- N. Não sei...
26. *Bai a bér se trai aqueilha... trás del burro... anda!...la burra...*
- E. *Las alforjas?*
26. *Las alforjas... Mira q'alforjas!*
- E. Estive a ouvir... é tão lindo. Têm que me ensinar a letra...
- [Segue-se uma pequena sequência em que 26, 21 e 9 tornam a cantar]
- (...)
- [A caminho da horta, sugerem que a entrevistadora vá a casa de 38, mãe de 26]
9. Eu agora não sei se estará lá em casa, ela...
21. *Stá, stá...*
9. *Éilha nũ pára ã cafa, nũ yê?*
26. *Yê capaç nũ star... ohh... antöü ... atão a menina Cristina e aquela faziam um cinema!...se se juntassem as duas!*
- E. Quem? Quem?
26. A minha mãe...
9. A minha sogr... a minha avó...
26. Bem começasse a cantar cantigas... se visse o que o meu filho tem aqui agravado também... num gravador daquelas *cantias* da Semana Santa... da Páscoa...
- E. Ahh sim...
9. *Cumo se chama... yê aqueilha del Sagrado Sacramiênto?...*
26. *Éilha fui de tódas. Û diè staba tã desposta, tã desposta...*
9. ...yê *ũrja que yê mi...* muito grande...
26. ... *apuis* que viemos de semear batatas... [21 informa, ao longe, que 38 está em casa] ...Ela que *baia, stá biẽ*?... [para a entrevistadora] Quer ir pr'a ela?
- E. 'Tá bem.
9. É ali naquele bairro...
26. Vai com nós e eu ensino-le onde é a casa...

¹Referência a uma canção que 26 e 21 estiveram a cantar na véspera em casa de 9 e N..

(...)

[Já em casa da informante 38. Presentes estão 38 e 26. A primeira sequência transcrita foi gravada ainda no quintal]

E. Adeus!

38. Esta senhora, quem é?

E. Dê cá um beijinho!

[Cumprimento]

E. 'Tá boa?

38. 'Tamos, e a senhora?

E. Também.

38. Inda bem...

26. *Bamos, ala!*

E. Isto é que é calor, ahh?...?

38. Muita calor... muito!

... [Enquanto caminhamos para casa, 26 ensina vocabulário à entrevistadora]

26. ...*ũrjas canhiças*...

E. Caniças?

26. *Canhiças... d'las õubelhas*...

E. E é para quê? Para cercar...?

26. Pr'a fazer l' *chiqueiro*, pr'a estrumar os campos...pr'a depois dar fruto...

E. 'Tá bem, 'tá bem...

26. ...pão e batatas e... depois estrumam...

E. Uh, huh... pois, pois, pois... já sei...

26. *Isto yê lo que cerca todo pr'a que nũ saiam*...

E. Ahh! 'Tá bem...

[...]

26. Trago cá esta menina [...] toda a tarde, está bem?... para fazer o seu... companhia vós e ela... [para a entrevistadora] anda pr'aqui... *ides a ãnsinar... más estéiades descansada*... descansada que agora inda tendes calor *i benis cansada... quando estéiades descansada, ides le cantar... ides le cantar biẽ la que onte*...

E. O "Pingacho"...

26. ... *a que onte a nõute me sacou*... aquela...

E. Ah! Aquela que é... ah... a "Ciringonça"?

26. Isso! *Cantais la "Ciringonça"*, mas bem cantada porque *éilha bai bos a grabar*... mas *estéis*¹ bem descansada!

38. *Más yõu que yá nũ stõu*...

26. ...e ela tem os... os... os... as cassetes do *Tiu Chico!*

¹Forma anómala do presente do indicativo que resulta, possivelmente, de uma analogia com a flexão dos verbos da 2ª conjugação.

- E. Ai tenho, tenho, tenho! Eu... eu...eu deixo-a ouvir... deixo-a ouvir... as cassetes do tio Chico¹...
38. Como é que *sõũ*?
- E. Do tio *Chico Bioleiro*...
26. [canta para ilustrar]
- E. É “Alta vai a lua”?
26. Sim...
38. *La cantia d'la segada*...
26. *Põus éilha tamiẽ ... põus também vos ensina aquela... bõs cantais ... antõũ cumo yê?... yõu sólo... só sabiẽ dõus berços...*
- E. A “Ciringonça”?
26. A “Ciringonça”... *i aqueilha de los cornos*... “Daqui, vós dali somos tantos como vós”² *i todo*...
38. Oooiiii!...
- E. Ainda se lembra?
38. ...*nũ ibades dar pouco trabalho!*... *yá nũ posso...* já *nã posso!*
26. Ela não tem garganta já...
38. *Yá* não posso cantar!
26. Mas a “Ciringonça” [...] [para a entrevistadora] Ela tem aqui umas para le cantar a “Ciringonça” [agora para a mãe] *más nũ yê cumo bõs*...
- E. Que era ... são de Duas Igrejas?
26. Não são como vós...
38. Ai, são de Duas Igrejas? Cantam outras modas...
26. Ficais a conhecer... *olha que éilha yê taluda*. Eu tenho lidado pouco com ela, mas é taluda!
[Risos]
38. E onde é a senhora?
- E. Coimbra...
26. Anda aqui a fazer estágio como a Cristina. ... quando estive aqui com a nossa Al. ...
38. Já tivemos aqui outra...
26. Cristina... ela também se chama Cristina...
38. Esta?
- E. É!!
38. Que seja por muitos anos!
- E. Obrigada... obrigada, igualmente!
38. Pois, já tivemos aqui outra Cristina que era donde? ... era de Lisboa! Era de Lisboa!
- E. Era, era, era, era...*yêra!*
38. E... e estive aqui uma temporada...

¹«ch» foi pronunciado como africada.

²Reprodução do refrão de uma cantiga.

(...) [A conversa prossegue, sobre esta Cristina, em português. A certa altura 26 comenta que a entrevistadora gosta é das casas velhas]

26. *Diç que le gustaba las cañas biêlhas...* ela coitadinha tinha... esta é que ela gosta então...

E. É, as casas antigas... vivem aqui os animais... aqui?

{...}

38. *A corteilha dos porcos...*

E. *A corteilha dos porcos...*

38. ... que é esta...

26. *La corteilha d'los cochinos...*

E. *Dos cochinos!*

38. ... dos *cochin...* [Larga-se a rir]

E. Como é que é... como é que é... das vacas... o *triato*?

26. *L'triato d'las bacas.*

E. *L'triato d'las bacas.*

26. *Si.*

E. *Si ...*

[Risos de 38]

E. Já sei qualquer coisa!

[Aparece a informante 28]

28. *Ei!*

26. *Diç que yê ... parece la mai* que já la conhece...

E. [Para 28] *Atão!!*

26. *Olha, já bos la truxe p'reiqui, agora be se me la aturais biẽ aturada tóda la tarde!*

28. *Quer vir comigo hoje!?*

E. *Eu agora vou ficar aqui!*

[Risos]

28. *Vamos a ver os espanhóis, quer vir?*

E. *Vou amanhã!...*

28. *Então porqu'ê que não vem hoje?*

E. ... *a la manhana!*

26. *Vai pela manhã?*

28. *Vem agora, coño!*

38. *Bai... bai a la manhana...*

26. *Bai manhana...yê manhana!*

(...)

28. *Íbamos a las mîes ubas!*

E. *Já tenho aqui!!!*

28. *Já tem?*

E. *Esta gente não me deixa passar fome...*

[Risos]

28. Não merece a pena... por tanto se governa uma formiga, não é!?
- E. É, é!!
38. Por hoje já tem, para amanhã é que vai...
28. Amanhã Deus dará!
38. Pois!
- E. Mas eu venho um dia destes ficar aí um bocadinho consigo...
28. Adonde é que estava o dia que me *purmeti*? Eu estava ali à sombra...
- E. Toda a gente... toda a gente...
26. [Para 28] 'Tá aqui o pescoço todo...
- E. ... eu ia... eu ia...
26. ... o pescoço, 28, que o tendes *sudado*...
28. Tenho-lo *sudado*, *andube a regar*...
38. *Andubímos a batatas, toda la manhã*...
26. *Andubímos a arar*...
28. [...] olha...
26. [...] *Stá sujo!*
- TAI. *Nó, i yê tãpöuco*...
26. [...] *ã baixo*. [Para a entrevistadora] Não estranhe... aqui a gente... é de andar sempre na terra...
- E. Atão, a genta sabe... atão eu não sei!?
28. Por aí fora é igual. Só os fidalgos...
- E. É...
- [...]
38. *Andubímos toda a manhã as duas a scabar e a sacar batatas de la*...
- E. E a arar...?
38. E a arar...
26. Ela já sabe como nós somos... trazéis *los farrapos pr'a que sãnte aí*... *i eiqui stais bñe* toda a tarde...
38. *Olha... pös rē ã bom sãntar*... [lamentando as condições de pouco conforto da sua casa]
26. E atão!!?
- (...)
26. *Mai! Si bos bédes a mi i 21 onte la nöute a beilar l'... l'... las alforjas!*
- E. *Ai, las alforjas!* Gosto tanto das *alforjas!*
26. *Las alforjas*...
- E. *Gusto!*
26. *I a beilar l' Pingacho*...
38. *Nũ penses que éilha... Cristina... que éilha ...*
28. *Yöu inda stube prumeiro cu'éilha que bós... yöu yê la mandöu benir eiqui!*
38. *Ai, mandeste-la?*
28. *Mandei la benir, só que éilha onte nũ apareciü*...

- E. Olhe... não apareci porquê? Entretanto apanhei não sei quem, depois não sei quem, depois apanhei a 26...
26. Não sabeis? Não sabeis...?
- E. ... entretanto fui andando, fui andando... fui parando e...
26. ... não sabeis que ela falou ao TDS e ao 37?
- (...) [26 conta este episódio em português. Segue-se pequena sequência em que ensinam vocabulário à entrevistadora. A certa altura, 38, dando-se conta de que a filha se ia embora, diz]
38. *Más olha, i pr'adonde bás tu?*
26. *Bamos a poner las batatas. Éilha q'rie ir com nós más pr'alhí... calor... i q'er grabar essas cantias. Cantai-las, sólo d'ues u três... stá biẽ ? (...)*Yá la deixo. *Bá!* Boa tarde.
- E. Boa tarde.
38. *Antõũ quantos ides pr'alhí?*
26. *Põus yê Z. , N. i la...la 9...*
38. *Antõũ stá Z. ?*
26. *Stá.*
38. *I N. tamiẽ ?*
26. *Tamiẽ.*
38. *Antõũ tamiẽ q'rie ir.*
26. *Nó. Bós ésta tardi stais biẽ ãntregue.*
38. *Tengo que ir à la hõrta...*
- E. É só um bocadinho... ela canta e depois vai lá ter convosco... ela quer ir ter convosco, não é?
38. *Queda la Tìe 28... a senhora fica aqui com a 28.*
28. *Yõu bõu cõ lo burro.* Eu vou a buscar uvas com o burro pr'a guardar... *a la miè binha d'la Castanha.*
38. *Vais manhana.*
28. *Vou hoje que manhana yê l'Deimindio.*
26. *Ouçã, cantéis agora ã cachico i a la... a la horta, se q'reis ir, só ides a la noítica... quando seia l'fresco... i cantais antõũ la cantia que éilha bos pediu... éssa i más d'ues u três... sõũ más pequenhas...*
- E. *Pequenhas, pequenhas!*
26. *A ber se nũ bos cansais múito...*
38. *Yõu yá nũ sei cantar...*
- E. Olhe, eu vou-lhe passar aqui uma cantiga... uma cantiga que foi o Ti... Ti... Ti Lérias¹ que cantou².
38. Como?
- E. É assim... eu passo-lha aqui, quer ver? Quer ouvir?

¹Outra alcunha pela qual o Ti Chico Bioleiro era conhecido.

²A entrevistadora alude a uma gravação, editada em LP ("Terras de Miranda"), em que este senhor participou.

... [É passada a gravação]

26. Menina Cristina, aqui vem outra, pega... pegue nela. Não a deixe ir embora daqui pr'a fora e fique com ela também toda a tarde [referido-se à falante *Tie R.* (TR.)].

[Risos]

E. Sente-se, Ti 38...

38. Mas vou pôr outra [cadeira], que inda tenho mais!

E. Ai é!?

38. Sente-se nessa!

E. 'Tá bem.

26. Mas ponha adonde esteja assente que aí cai-se...

E. Não caio nada.

26. *Tie R.* !

TR.¹ Senhora?

26. *Quedai comio toda la tarde... ala, que ésta tarde te bás eiqui toda... toda a tarde... que stais biẽ ...*

TR. *Que guapa!*

26. *Guapas?*

TR. *Si mos mandasses ù pito bôno.*

[...]

(...)

26. Venha aqui *cũ mi mai, Tie R. ! La Tie 28 tamiẽ queda...*

28. *Tamiẽ, si ...*

26. Olhai que esta... *i ésta menina tamtẽ queda cũ bós...*

28. *Tamiẽ ...*

TR. *Tamiẽ ...*

26. ... ficais aqui toda a tarde todas três. Já ganhais *bôna pansão, bôno ordenado...*

28. Tamém tu carai...

26. *Yöu!!?*

TR. Tu!

26. *Yöu!!? Si bós nũ agarréis melhor, Tie 28, antõũ biẽ perdida stábades! Ahh... yöu tengo que ir a trabalhar pr'a pagar...*

28. *Tamiẽ nós paguémos... más tu inda recibiste prumeiro, que inda sós ùrja garotica...*

26. Recebi, recebi...

28. *Nó?*

26. Quanto recebi?

28. *Lo que te dórũ... cumo nós...*

TR. Como os outros...

26. *Ah Tie 28, quando eu recebi que nũ lo ambejeis bós!*

28. *Cumo lo de los öutros!*

¹Estrato etário d; sexo feminino; foi pastora.

26. *Nũ yê cumo de los öutros! Quando recebi que nũ lo anvejéis bós! Mirai pr'aqui! Bá!*
 [Aponta para a perna] [...] *más dórũ ãõa miséria, inda por cima!*

28. E graças... e dantes que não davam nada!

TR. *I aquél... aquél nũ le dórũ nunca nada* [Referindo-se a um vizinho deficiente]...

26. Pronto! Ala! Já vos deixo!¹

38. *Quiêres tu santar neste?*

E. **Adeus 26!**

28. *Quiẽ? Yõu?*

26. Até à noite, sim?

38. *Si.*

28. *Nó. Yá me böu...*

E. **Até lhõugo!**

26. Até lhõugo!

28. *...yõu yá me böu! Nó! Yá nũ me quero sentar!*

TR. *Que diç?*

28. *Nũ me quiêro santar...*

38. *Diç... stá ... diç...tudo... que stá sujós éstes, cumo stábã sacos de batatas em cima, cheios de terra e cheios de...*

[...]

[Período em que as falantes ouvem a gravação em que canta o Ti Chico]

E. Inda sabe cantar o “Pingacho”²?

38. Isso já ñã sei cantar...

E. Não!? Atão e a...

38. *Ñã... veio deiqui mi afogada, não tenho pulmão...*

E. Atão, mas disse que sabia a “Ciringonça” à outra moda, como é que é a outra moda?

38. Eu também já n...

E. Veja lá se se lembra... a outra moda, como é que é?

38. *Nós nũ la cantámos cumo las de Dũes Eigrejias...*

TR. Atão, atão...

38. *I éssa que stá a cantar ã Dũes Eigrejias canta mi biẽ, mi biẽ, mi biẽ !*

E. É?

38. *Canta mi biẽ i tẽ ʔõõa boç mi sana³...*

E. Ah si, si ...

38. *... i mi biẽ, quedã mi biẽ l... las cõõõas agraboadas por éilha porque canta-lo biẽ ...*

E. Si, si ...

38. Agora daqui, yá nũ... fazemos um torno!

[Risos]

¹A transcrição em carregado indica a sobreposição do diálogo entre E. e 26, em que esta última se despede, e do diálogo que se processa entre 38 e 28.

²«ch» foi pronunciado como africada.

³«s» foi pronunciado, neste contexto, de forma bastante palatalizada.

38. Daqui... *yá nũ tenémos pulmõ! Yê berdade! Yá nũ, nũ...*

E. Mas a senhora ainda sabe cantar...

38. *Yá nã* podemos cantar!

E. *Si!*

38. Eu, quando era *nôba*, *tamiẽ cantaba!*

E. Cantava nos campos?

38. Nos campos *i ã cafa i adonde calhaba... a sér pastora...*

E. Era pastora?

TR. Atão!

38. *Foi* ¹*pastora* muito tempo! Agora já não, agora já não posso cantar...

E. Então que idade é que a senhora tem?

TR. Pastoras! Fomos pastoras!

E. Pois é... Atão que idade é que a senhora tem agora?

38. Diga?

E. Que idade?

38. Oi, já tenho muitos anos!

E. É? ... Quantos?

38. Já *cunto* oitenta e quatro feitos.

E. Oitenta e quatro feitos?

38. E ando a... uhm ...oitenta e cinco...

E. Uhm, uhm...

38. ... que os hei-de fazer o dia trinta do *Marcio* que vem...

TR. E não... e não *minte*...

38. ... oitenta e cinco.

TR. E não *mi*... olhe que *nũ minte!* É verdade!

38. Quando era nova *tamiẽ* ...

E. [Para TR.] E a senhora, que idade é que a senhora tem?

38. Esta é muito mais nova.

E. É?

38. Levo-le eu uns tantos anos...

TR. Essa foi... Eu sou a primeira deste povo que *batizórũ* por a República.

E. Baptizada na República?

TR. A primeira deste povo!

E. Ai sim!/? Então que idade é que a senhora tem?

TR. Atão já ...

[Neste momento, torna a aparecer 28]

28. *Múita calor! Ai Jásus!*

38. Já *nũ me purmite la eidade*...

¹Leite de Vasconcelos regista, para a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, a forma *fui*. Todavia, verificámos que, nesta aldeia, a forma recorrente é *foi*.

TR. *Stá caliente!*

28. *Stá caliente, stá!...*

38. Já *nũ me purmite* a idade a cantar bem, porque já *nũ* posso.

E. Cante lá, cante lá o “*Pingacho*”!

28. *Cantai l' Pingacho, Ti 38...*

38. Canta-lo tu 28!

28. *Ah pöus! ...*

E. 28, 28, cante o “*Pingacho*”!¹

28. *Yá nũ lo sei...*

38. Digo-le que *si ...*

E. Qual não sabe?

38. Essa canta-lo *más* bem que eu, que é mais nova!

28. Eu não, eu não.

E. Então e a... a “*Ciringonça*”?

28. *Tãpöuco nũ lo sei...*

[Período em que 38 canta a *Ciringonça*]

38. *Yöu nũ canto a sùe môda...*

E. Não?

38. *La môda das...*

E. Duas Igrejas?

38. ... *d'las Dûes Eigeijas. Aquilha môda nũ la sei.*

E. Atão? Canta à sua!

[Risos]

(...)

[A entrevistadora explica-lhes a origem da gravação das canções da Terra de Miranda. 38 canta de novo a “*Ciringonça*”, comentando logo a seguir]

38. *Yá nũ me lembra la cantia, yá nũ me lembra...*

E. Vá!

38. *Yá nũ me lembra porque ésta cantia... quiẽ la canta? porque ésta cantia náide la sabe! A mai dela [referindo-se a 28] sabe!*

E. Vá, qual é... cante lá com a 38...

28. Ó filha, eu não sei. Eu...

E. Qual não sabe!!? Não sabe a “*Ciringonça*”!?!?

38. *Ésta sabe las cantias tódas!*

E. Pois sabe! Ela é que não quer é cantar! Vocês aqui são todos muito envergonhados.

28. Não, não!

E. Sois muito envergonhados!

28. Não. Eu não sei...

TR. Não é. Não sabe...

¹ <ch> foi pronunciado como africada.

28. Eu não sei.

E. Não!!!!? Falta cá o Chico¹ Lérias...

38. *La que cantou del carro de lenha... yá nũ me lembra ã lo princípio... yõu pal carro de lenha yá nũ sei yá.*

E. Como é que se chamava... como era... os carros de lenha?

38. *La cantou agora del carro de lenha... éssa yê mi lhara². L'carro de lenha ...amãntórũ-lo pr'a...*

28. *Põus*, pois de uma aumentavam outras...

38. ... *amãntórũ-lo palhí... que alhargórũ la cantia... não me lembra, yá não me lembra.*

E. Não? *Yá... yá não lembra?*

38. Não me lembra *las cantias*.

28. *Ai!!... Tãe R. , yá me böu!*

TR. [...]

38. *Dĩç que bai à la binha.*

28. *Bõu à la binha. Q'reis venir comio?*

TR. *I dás-me más algũrja uba?*

28. *Oi, a mai! Nó las tengo...*

[Risos]

TR. *Ai! I algurjãs semiê... las miès tenẽ tamiẽ tanta uba...*

[...]

[Entretanto 38 e TR cantam]

(...)

E. A senhora andou na escola?

38. Diga?

E. Andou na escola?

38. Eu não!!! Nunca teve professora.

TR. Não havia escola quando nós nos *striémos* aqui.

E. Não?

TR. Não, não!

E. Quando é que... quando é que abriu aqui a escola velha?

28. Quando abre?

E. Quando abriu, quando abriu? Em que ano? Não se lembram? Em que *anho*, não é?

38. Nós não sabemos eras...

E. Não?

38. ...*põus nunca tubimos professora!*

E. Pois...

38. Temos de saber as eras...

E. Pois...

¹«ch» foi pronunciado como africada.

²*lhara*=larga (?)

38. Quem teve professora ou professor, por as eras, sacam as coisas, mas nós não sacamos nada!
- E. Pois...
38. Nunca tivemos professor!
- E. Pois...
- TR. Nem escola...
38. Nem escola... naquela altura aqui não havia escola.
- E. Não?
38. Nem havia casa pr'a escola, nem havia professora...
28. Ensinavam-nos assim um conto...
38. A primeira...
28. Um entrejeitado...
38. A primeira professora que veio pr'aqui, *meitū-se ā casa...* na primeira casa que há por aí abaixo.
- E. Uh hum...
38. Na casa do Tio Câ. ... *Paröu alhí al piê de onde él bebìe... alhí stube la professora até que... apuis inda fui p'a la... p'a la...pal quarto d'la Tie Rosa, neta del quartel... del por... del por trás del quartel...*
- TR. [...]
38. Inda te lembra? ...*anquanto amanhórũ la casa d'la scôla...*
- TR. [...]
38. *Anquanto... enquanto amanhóũ, que la casa yêra biêlha... de tiêmpo... enquanto la amanhórũ... i yá fui...*
- TR. *Má[s] nũ yêra d'la scôla...* não havia escola...
38. Não era *d'la scôla*, mas era... *ũrja casa biêlha que amanhórũ apuis pula scôla... i apuis fui por adonde éilha passöu. I enquanto andubo... stubo a dar scôla aí na... na casa del tiu... de Câ... na casa de Câ i d'la Tie Co. ...*
28. [Para E.] Eu ensinava-le uma dos gatos...
- E. Atão...
38. ...*i apuis fui pal quartél del...*
28. Mas não sei cantar...
- E. Então vá... diga lá!
38. *Más ansina-le la cantia...*
- ... [Risos]
28. O bichano paciênte tem olhar misterioso
Tem patinhas de veludo e às vezes é manhoso
Leva horas à espera da caçada desejada
Dela faz um passatempo em la tendo apanhada
38. E tem uma moda bonita...
- 28 e TR. Tem!

E. Tem? Como é que é?

38. Ela não sabe *la môda*...

28. *I apuis yê* ...[começa a cantar]. **Mas eu não sei cantar, sabe, eu não sei. Daprendi las cantias antiamente...**¹

TR. Também eu...

28. Não sei cantar... *Apuis bolta öutra bez assi*...

38. *I estas cantias eiqui yá náide las canta*... já não se lembram ... as modas...

28. O outro dia...

E. Então vocês já não cantam há muito tempo!!...

38. Diga?

28. O outro dia...

E. Vocês já não cantam nos campos?...

38. Que havemos de cantar!!?

28. O outro dia...

38. ...Só se fosse chorar...

28. O outro dia quando fomos lá para baixo...

E. [Rindo] Se fosse chorar...

38. Se fosse chorar...

28. Não ouve!?

38. Chorar, choramos nós, agora...

28. Menina Cristina!! O outro dia quando fomos lá pr'a... pr'a Macedo...

E. ... de Cavaleiros?

28. ...dos Cavaleiros, olhe... as meninas que iam de...daí de... de Miranda, todo o caminho foram cantando o... o "Malhão"!

E. Ah sim?

28. Todo o caminho... foram cantando.

38. Mas o "Malhão" não é tão velho como estas cantigas...

E. Não...

38. O "Malhão" anda *mi usado*, *éssa cantia do "Malhão"*...

E. Pois é...

38. *Inda la canta* todo o mundo...

E. É! Eu também a sei...

21. Inda outro dia estiveram aqui uns... uns homens e estiveram lá cima comigo... e *diç* que eu le ensinasse... que le ensinasse as cantigas que cantava o Tio Chico Lérias... [...]

E. Vocês então agora já não cantam nos campos...

38. *Yá nř*... nem o Tio Chico canta já *tãpöuco*...

E. Não?...

38. Já não tem garganta, já não canta...

28. Já...

¹Intervenção sobreposta à anterior, de 38.

E. Que idade tem o Tio Chico?

38. Levo-le eu dois anos.

E. Foi?

38. *Él tē oitenta i döus i andarã... fez oitenta e dois... no dia de Reis que nasciu él... i antröu pr'a uitenta i três...*

E. Uh huh...

38. ... e eu tenho oitenta e quatro... *i ando ã uitenta i cinco!*

E. Pois é...

38. E já não canta, já não canta *tãpöuco*. Já não canta, já le passa como a mim, já não tem garganta... a garganta...

E. O Tio Chico... o Tio Chico Lérias era... era quem cá fazia as canções todas?

28. Era... donde vinham... oi Jesus!

E. De onde vinham para o ouvir, não é?

28. Pois!

E. De onde vinham para o ouvir...

28. De muito longe... até vinham do Brasil. Quando vinham [...]

38. E ele que fazia as canções aqui quando se... quando se dava um ramo... quando se dava um ramo aqui ...

28. A senhora sabe o que é um ramo?

38. Uma promessa...

E. Sim...

38. ... que se prometia aqui a Nossa Senhora...

E. Sim...

38. ... e depois para cantar... para cantar o ramo e o entregar... era quem fazia as canções e... e comparava as canções muito bem e...

28. Era quem fazia os versos.

38. ...e essas coisas todas...

E. Ele ainda fez aqui há seis ou sete anos os... os versos para o S. Sebastião...

28. Pois fez.

38. Pois!! Fazia!!

E. Tem a 7...

38. Pois...

E. A 7, sabe?

38. Pois, pois...

E. A filha da 21...

28. Sim, sei eu...

(...) [A conversa prossegue em português]

E. (...) Atão vocês não querem cantar para mim, eu vou-me embora...

[Risos]

38. Há que se ir, que remédio tem, para oitro sítio *pr'a onde le cantē...*

- E. Pois é... tenho que procurar...
38. *Eiqui nũ dõu cõ cantadeiras...*
- E. Não dei com cantadeiras, não... não dei...
38. Vai mas é com esta à vinha...
- E. A vinha é muito longe...
28. *Yê múito longe...*
38. É longe é!
- TR. *Si fur pula manhana...*
38. É na raia do Castro.
- E. Na raia do Castro...
38. Sim.
- E. É pr'ali?
38. É.
- E. *P'alhí?*
38. *É, é p'alhi...*
28. *Yê p'alhi... olha, passas por aquielha cafa pr'a baixo...*
- E. *Si ...*
28. ...por aqui abaixo, *por aquél camino abaixo... pul'camino del Castro abaixo... pul'camino d'la Questanha... yê alhí mésmo, eilhí.*
- E. *Eilhí...*
28. *Eilhí...*
- E. *Las arribas é ao pé do Douro, não é?*
28. É.
38. *Põus é.*
28. *Inda não foi a ver a barrage?*
- E. Não.
28. Oi...
- E. Tenho que lá ir com a... tenho que lá ir... a... a 4 disse-me que ia lá comigo.
28. Quem?
- E. A 4!
28. A 4...
- E. Não sabe quem é?
28. Sei.
- E. Disse que ia lá comigo... e ver as Escadinhas do Céu...
- TR. Umm...
28. Olha que são *guapas!*
- TR. [...]
28. Olhe meta-se pr'aí vá... *nã são do Céu, são do Inferno!*
- E. São do Inferno!
28. Meta-se, meta-se pr'ali!...

E. É ao pé do rio também?

28. Diga?

E. Ao pé do rio?

28. Ohh minha filha! Se metesse pr'ali não saía! Quando saísse...

TR. Atão não saía?

28. ...vinha ... vinha mais suada! Olhe que eu inda agora trazia mesmo a...

TR. [...]

28. ... a [...] lá debaixo dos Castanheiros... é verdade!

TR. Vai... o caminho... atão se vai lá *ã* baixo ide pelo caminho...

28. Si ... e depois abaixar aquelas arribas abaixo...

TR. *I apuis iba...* atão quando tivemos lá com os... os... *tã cansados...* os sacos a... a chegar lá...

28. *Si, a la barrage...*

TR. ... tiravam tudo e voltavam pr'a cima... *la barrage mésmo... antõũ !*

[28. chama um gato de nome "Fidalgo"]

(...)

[28 conta um episódio sobre a neta]

28. O outro dia, *q'reis ber*, comprei-le um jogo de toalhas, vá, assim numa caixa, toalhas dessas bonitas e dei-le... e atão naquele dia só havia aquelas, daquela cor, em Miranda... e chegou do Porto e chamei-le, *dixe-le*:

—Olha, não digas nada ao 8...

...porque eu quando compro, tanto compro pr'a um como pr'a outro...

— ...e não digas nada ao 8 porque... eu o dia em que vai a Miranda já trago outras ao 8...

E diz assim a mãe... a mãe dela chama-se M. e o pai chama-se V. ...

E. Uhhh...

28. ...Estão em França, mas agora estão aqui. E diz assim, diz, assim que chegou pôs-nas ali em casa e que le diz assim:

—Já le vou a dizer a meu 8...

—Ah grande bruta! Más tua avó disse-te que não havia mais desta cor e ela... e eu queria-as comprar irmãs...

... eu quando compro a um, compro-lo a outro...

Bom. Logo le foi a dizer. Pois a mãe logo me disse a mim:

—Ah! *Comprestes ùga toalha...* comprastes umas toalhas a S. e o 8 não...

—O 8... *ñã* as havia aquele dia...

Agora outro dia foi a Miranda e comprei ali... porque ela tanto *pide* pr'a ela como *pide* pr'a *él*... *diç*:

—O 8 é meu primo... eu tanto quero o meu 8 como ele me quer a mim.

[Risos]

Dei-le, foi aí comprei-le antõũ öutra... pr'a él... comprei-le öoutras... ele não é nada coisado, mas ela há-de escolher e inda há-de depois escolher... Chega a casa da

madrinha, que ela fica com a madrinha aqui, os pais vão para França... fica com a madrinha, chega a casa e diz-le assim:

—Ah 8, pois eu não quero essa, eu quero esta...

E. Pois é...

28. Olhe e... e o outro dia... diz-me...

38. *Yê* porque a tendes mal educada...

28. Escutai! O outro dia...

38. Só quer *scolhir*...

28. E o outro dia diz...

38. ... o que é bom.

(...)

[**Informantes 11, Ma., D.¹ e ED.². Situação:** D. e ED., que vivem em Espanha (ED. é, aliás, espanhola) tinham vindo a Paradela visitar Ma., irmão de D. Aproveitam para se abastecer na mercearia de 11]

11. [Contando latas de conservas] Atún, atún, atún, atún, sardina, sardina, sardina, sardina...

ED. Éstas no son sardinas?

11. Sí, esas son sardinas. Llevas cuatro... llevas cuatro de atún y...

D. *Bôno, ã princípio agora stá todo.*

11. *Stá?*

D. *Stá todo...*

11. Queréis pagar en portugués o en español?

D. Sí, en esp... en portugués...

11. Portugués?

D Sí. [...]

(...)

Ma. *Manhana yê quéi? Deimindio?*

11. Não...

D. Não, amanhã...

Ma. Não! É verdade que é Segunda...

11. *Si.*

(...)

[**Informantes 27, 21, 26, 7. Situação:** todos estão na rua e fala-se sobre 38 e a tarde que a entrevistadora passou com ela]

(...)

¹Estrato etário b; sexo masculino.

²Estrato etário b; sexo feminino.

7. Ela sabe, mas ela não quer cantar, porque ela sabe muitas cantigas.

E. Ela cantou-me algumas, mas está muito... está muito cansada.

26. Não tem já força na garganta. Pense que já tem oitenta e cinco anos...

E. Pois...

26. ... e toda a vida trabalhou também muito...

E. Pois, pois, e continua...

26. Pois...

E. ... *a scabar*...

26. *Nũ... nũ tẽ yá garganta. [Para 21] Sabes lo que mos dixo? Diç que l'miũ N. tẽ múitas agrabadas de ã anho ... fumos a semear batatas [...] i quando bẽ, olha... apuis comiũ... só q'rìe borgas, beilar, cantar i que la grabasse i puxar pula memória d'él... até que él fui obrigado a dezir-le:*

—Ah abó, yá nũ cõufo más... yõu nũ bos aturo más!

Pr'eiqui tẽ urjãs cantias que yõu sei... alhá agrabadas no grabador...

21. *Bamos lhá!*

26. *Bamos!*

E. Vamos lá!

7. E será que ainda as tem?

[...]

(...)

[Estes mesmos informantes seguem para casa de 9 e N. 26 canta, comentando depois]

26. Pois com isto... acaba comigo!... Essa é que era bonita cantado pelo *Tiu Chico* e... pelo *Tiu Chico Lérias*... a mulher. *Aquél*, sim, podia cantar, sim, podia gravar esta cantiga...

21. Sim, sim...

26. ... aqueles dois...

E. Mas agora já não cantam...

21 e 26. Pois não...

26. Há-de a ter ela gravada em, em...em certos sítios, em cassetes...

7. Olha! Exacto! Ele...ele há-de ter canções gravadas...

26. Há-de a ter... menina Cristina, se viesse o Tio Chico... que [...] não está, quase em... há-de ter tantas cantigas, tantas que le davam jeito...

21. Agravava tudo...

26. ... agravadas e depois...

21. Tinha um gravador [...]

26. ... *Aquél* sim as podia gravar...

N. Aquele sabia-as [...]

9. Eu só sei um ou dois...

N. Muitas vezes [...]

26. *Antõũ l' da Tíe Cl.*, a mulher, já está morto, *i algũrjas bezes* põe-la a cantar ali numa... *nũrja jenelica* que ali tem, *al pié d'la casa de miè mai...* aquilo... aquilo parece um céu aberto quando... quando a mulher... e dá terror àqueles vizinhos quando a vêem cantar...

E. Ai é?

26. Sim... Põe-la a cantar ali *nũ jinelo*, tem-la tardes inteiras a cantar...

(...)

26. Agora nós somos... *ũs sapateiros remendones!*

E. [Risos]

26. É verdade! *Pr'a bista del somos ãs sapateiros remendones!*(...) *Aquél nunca se habíe de haber morto...*

21. Ah pois!

26. *Quiêr dezir, inda se morre i nũ se habíe de morrér... i nunca le habíe de passar de ãrja ciêrta idade...*

21. *Põus não, coitadico...*

26. *Quando andaba a beilar... começiũ a beilar comio, dezíe assi... diç-me assi:*

—Vai ao centro, Maria!!

Apuis puxaba:

—Vai ao meio!! E depois vira!!

I cula guitarra macho: zumba, zumba, zumba, zumba, zumba, zumba, zumba¹... Apuis tornaba õutra beç, alhá iba cantando, [...]

—Vai ao centro, Maria!!

I yõu iba ã meio de todos, tornaba três:

—Vai ao meio!! E depois vira!!

A dançar comio... i la guitarrra, zumba, zumba, zumba, zumba, zumba...

E. Era o *Tio Chico Bioleiro* que fazia as violas?

21. E 26. Sim, sim...

26. Fazia dos latos do *petoilho*... dos latos... [...]

(...)

[26 comenta, depois de cantar uma canção]

26. *Más tal cumo esta, apuis mete-se múitos bersos neilha...*

21. Pois...

26. Esta é que era bonita... *ũrja criatura que tubisse garganta...*

21. Si ...

26. ... *i que... cumo la miè Ad. que canta mi bẽ !!... i que se õubisse los bersos [...]* *yêra capaç de le lhebar inda múito tiêmpo porque metíe bersos, bersos, bersos, bersos i [...]* *êilha... ah... ah... la Tíe Ma. ... éssa a ber se me alambraba...*

(...) [Vão cantando mais algumas canções. Tecem considerações similares a estas com o mesmo tipo de alternância]

¹Onomatopeia.

[**Informante 38. Situação:** conversa informal na rua com a entrevistadora]

38. Que tal passou a *nöute*?

E. Passei muito bem!

38. E já foi ao Castro?

E. Não, vou à tarde.

38. Ai, vai à tarde?

E. Vou.

38. Se vai já mais um pouco... estivemos eu e a 26 agora um bocado...

E. Ai, estiveram a cantar?

38. ...e estivemos a falar na senhora!

E. Ahh! 'Tá bem!

38. [risos] Agora eu já me vou... já me vou embora...

E. Vai? Vai para casa?

38. Vou.

E. Foi à missa?

38. *Foi.*

E. 'Tá bem. Quem foi? Foi as irmãs?

38. Foi a irmãzinha.

E. Ahh...

38. Sim. Foi a irmãzinha... E à noite? Quer...

E. Fui à festa... fui à festa ontem...

38. Foi à festa?

[Passam na rua os falantes M. e D. Há uma pequena sequência em que a entrevistadora cumprimenta e fala, em português, com estes informantes]

38. À noite volta a haver festa.

E. Volta? Em Constantim?

38. Aqui!!... *É Deimindio!*

E. Ahh...

D. *É Deimindio, oije yê fiêsta ã Paradela...*

38. *É Demindio*, voltam a fazer a festa aqui...

E. Ai é?

38. É!

E. Todos os *Deimindios*?

38. Todos...

E. É?

(...)

38. *Pöus*, eu vinha pr'aqui à *nöute* um bocadito, *más quéi...* é festa... quer ir à festa...

E. É aqui mesmo a festa?

38. No *salõ*.

E. Ai é??!!

38. ... à porta de 26...

E. Ai é!??

38. Sim.

E. Atão vou. Se for a festa, eu vou.

38. *Põde a sér que oije nũ quérã tocar, más tocã...* é aqui o meu 10.

E. Ai é... o 10 é que toca?

38. É. Toca a... a grafínola... e é uma festa!

(...)

E. Eu tive ontem com a 26, à noite...

38. *Dixo-mo* ela...

E. Pois...

38. *Dixo-mo* ela e eu até le deixei dito:

—*Bẽ, a nõute* venho eu pr'aqui ao *scurecer*, um bocado e estou pr'aqui com *bofõutros*...

[risos]

(...)

[**Informante 22. Situação:** Em casa desta informante e na presença do filho (Em.) e do marido (31), são contadas histórias, em português, dos tempos de escola de E. , nomeadamente sobre um professor que se tinha revelado pouco capaz de manter a disciplina da turma. Num período anterior, os informantes tinham estado a explicar vocabulário mirandês à entrevistadora]

(...)

22. *Apuis chegábades*... chegou da escola... *tõdo abarrantado*¹... o meu pai andava a fazer cestos e cestas... *pr'a que me döu? ...pr'a agarrar nũ abrime*²... *Bimba*³! O professor foi-se arrumar *pr'a que nũ le batisse*... [Risos] E disse-le:

—Tire-se-me daqui de diante, senão já apanha você também!

[Risos]

(...)

[A caminho do Castro, com esta mesma informante, no dia seguinte. Encontramos uma espanhola⁴ conhecida de 22]

22. Y el marido?

Esp. Se morió!

22. Se morió? Bõna foda llevabas tu si te moriese!

¹*abarrantado*=sujo de barro.

²*abrime*=vime.

³Onomatopeia.

⁴Estrato etário d; sexo feminino.

Esp. Qué? Qué? [Para a vaca] Oh, coño!

22. Tu lo ibas... lo dejeste¹ a tratando de las cuadras y benes?

Esp. No. Viene... [...] a la cortina...

22. [Referindo-se à burra] Andate esgalhando ahí...

Esp. Andan ahí... Costano...

22. Sí...

Esp. Pois (...)

[Já no Castro. Na mercearia de Pe.² onde tomamos refrigerantes. A informante 22 dirige muitas vezes a palavra à entrevistadora em Espanhol. Ex:]

22. Senta-te si quieres!

(...)

Pe. Caliente está hoy, eh?

22. Oi! Aquí hace mucho calor... mucho. [referindo-se à entrevistadora] Ella no comprende...

E. Comprendo!

22. Sí?

E. Sim!

Pe. Ésta... ahora está por aquí, no?

22. Es de Coimbra...

Pe. Ah... Coimbra... he pasado ahí varias veces...

E. Sim?

22. Coimbra...

...

22. [Para G.] Bebe, filho. (...)

(...)

G. [para Pe.] Sabes cumo me chamo³? G. ...

Pe. Como te llamas? Cumo te chamas⁴?

G. G.

22. G.

Pe. G. ⁵...

(...)

[Pe. pergunta por 12]

22. El ahora está en Burgos... a trabajar... 12...

Pe. Para quien?

22. Pöus no sé... ha venido un patrón...

G. Sabes com quem está a trabalhar?

¹Forma que denota interferência morfológica do mirandês, pois evidencia a desinência verbal *-este*.

²Estrato etário b: sexo masculino; é comerciante.

³<ch> foi pronunciado como africada.

⁴<ch> foi pronunciado como africada.

⁵Pe. reproduz o nome de G. na versão espanhola.

22. Com quem?

G. Com T. ...

22. Não, filho...

G. Sim!!

22. Ha venido un patrón de Burgos a procurar obreros allí al pueblo... y entonces nadie [...]

Pe. A las patatas?

22. No! No es a las patatas, as obras... [...] sí...ya... lleva dîes semanas.

...

Pe. Ahí está también...[...] J. ...

22. J. ? Está para Vitoria...

Pe. Ah, está para Vitoria? Dice que está en Burgos...

22. Dice que venían hoy o mañana la mujer y las chavalas que vienen a estudiar ã Miranda... ã Burgos nó, estan... ã Vitoria [...]

Pe. La maiorinha no estudia, no?

22. El año pasado no estudió, estuve a trabajar y este año yá... yá le telefonó para se matricular allí ã Miranda... porque la pequeña estuvo comio todo el año... y estudiaba ã Miranda... mas venía todos os fins de semana y pasaba con... con nosotros ã casa... y este año la mayor... pois já pediu para volver...

Pe. Hasta cuando[...] a Miranda?...

22. Ã Miranda, bom, hay até ciclo... hay até el décimo y después más dos años... ya hay el décimo... dos años ... mais dos años... [...] asdepois ya tienen que ir a Bragança... agora dicen que van a hacer otro colegio para acabaren los estudios allí...

Pe. Donde? Allí?

22. Miranda, sí... Bom! Miranda está biẽ, vá! Ya estan... a la familia... y ya... ponen los autocaros y todo... [...]

(...)

[Já em casa dos pais de Pe. (PPE.¹ e TA.²)]

22. [para PPE.] Cuanta gallina tenéis... y estos gallos... gallos, gallinas... una gallina, [para a entrevistadora] se dice gallinas...

E. Gallinas...

22. Gallinas en español...

E. Gallinas...

22. Y la TA. , por donde anda?

PPE. [...]

22. Sí? Anda biẽ ?... Esta señora, ela es de Coimbra...

PPE. De Coimbra?

22. Está en nuestra casa...[...] Mira una malagueta si queréis meter en vinagre... Olha la TA!

(...)

¹Estrato etário d; sexo masculino.

²Estrato etário d; sexo feminino.

[Já com TA.]

22. Oi!! Antöñ, mujer! Qué tal? Inda andáis rijica?

TA. Andamos sí. Y ésta?

22. Esta es una chica de por ahí abajo... ha venido para aqui, para nuestro pueblo... sí, a conocer estas tierras, sí... mi biẽ. Y entonces, inda andáis biẽ, tía?

TA. Sí, andamos bien. Mira [...] [Embora a gravação não esteja clara, compreende-se que é feita referência às inúmeras moscas]

22. Ohh!! Cuanta... Deixai¹ el remedio... el veneno de las moscas...

(...)

22. Böñ-le a enseñar a esta chica un poco del pueblo por ahí arriba...

TA. Es francesa?

22. No!

E. Não.

22. Es portuguesa.

TA. Ah! portuguesa.

22. Sí. Böñ-le a enseñar un poco... [Olhando para uma planta que estava no jardim] Mira y éste que tuve yo una vez...

TA. Qué?

22. Ésta planta... que la tuve yo una vez...

TA. Ay! Ésas son las... las lindas, ésas. Ay, ésas salen... nunca se... tengo una en la horta más grande...

22. Tenéis que me dar de simiente. ... Como se sembra ...éste... destas coisas?

TA. Yo no... cuando la he puesto... es que salen. Salen ahí al pie de... de [...]

22. Tuvela yo una vez hay muchos años...

TA. Pero yo no sé se iba aquí [...] la grana...

22. Sí tiene. Mira simiente...

TA. Sí tiene, sí...

22. Sí tiene...

(...)

TA. No tenes un bolso?

22. (...) Yá me llega. Yá me llega!

(...)

[Muda-se de tema. Passa-se a conversar sobre o caso da gravidez de AM.]

TA. Qué tal el chavalo y la chavala? [...]

22. Tudo biẽ !

TA. Bôno...

22. Pöus agora tenemos boda y crío, todo al mismo tiempo...

[...]

TA. Y nadie lo sabía?

¹⟨x⟩ foi pronunciado como africada.

22. Nada! Nadie sabía nada! Ni el padre, ni la madre...
[...]
- TA. El ha contado?
22. El ha contado, claro... sí...
- TA. [...]
22. Oi isso... stá mi biẽ. Los padres no saben que lo han hacer! [...]
- TA. El Go... el Go. ¹ era hodido... es hodido...
22. Sí... Pois, mira...
- TA. Así como la abuela, la tía...
22. Todos...
- TA. ... esa está contenta?
22. Uhii! jolinas[?]²! Mi contentísimas! Todos... sí... como mi chaval también en el pueblo donde ela encontraba? Mi chaval, no es por nada, más trabajador y honrador y no tiene vicios y... só trabajar y honrar y... y comprar y nada más... no te responde a nada...
- TA. Cuantos años tiene, yá?
22. El llevale ocho años a ella...
- TA. [Risos] [...] es tan jovenzita!
22. Pois ela é jovenzita...
[...]
22. Han recibido aquel choque... al saberlo... pöus não ves que... la quería estudiar...
- TA. Tenía que ser, tenía que ser...
22. Recebirõũ lo... yá ves... iba tanto tiempo... inda si es de tres, cuatro meses, más ya de siete meses... recebirũ aquél choque más al de fin pasó tudo... el mío... lo... lo... hacía la tía L. ... aquella allá...
- TA. Ya sé quien es, sí...
22. La tía L. ... [...]... ochenta años... me ha dicho hoy que tenía muchas ganas de venir, más como sabes, aquellas piernas no la ayudan...
- TA. Sí [...]
22. Sí, ha hecho años hoy, más [...] con ellos p'allá y... todos estan... uhii! Y el Go. está contentísimo!
- TA. Pues [...] es un cosito tan... un poquito... un poquito raro!
22. Sí... [...] un poquito raro... y mi chavalito tiene miedo! [risos] Más nada, no...
- TA. Quien es mayor, la chica o el chico? El chico?
22. El mío?
- TA. No... de los dos que tienen...
22. Es el chico. El le lleva dos años... el chico a la chica...
- TA. Ah [...] porque venía mucho y... la chica con la abuela siempre venía... cuantos años?
22. Sí. Pues ella es joven... tiene diecisiete años, va a hacer dieciocho...

¹Referência ao pai da jovem.

²O Diccionario manual y ilustrado de la lengua española. Real Academia Española. Cuarta edición revisada. Madrid (Espasa-Calpe), 1989 registra "¡jolin!", "¡jolines!" como interjeição eufemística por "¡joder!".

TA. Bueno... Dieciocho años ya...

22. Sí, cuando tiene el crío... pois ya tiene dieciocho años, sí. Agora no sé [...] i agora pöus... mi chaval también es mi llamado... y la chavala también, mi llamada... y... yo... va... la chavala, pöus, logo la [...]... la llevó para nostra casa...

TA. Ah sí?

22. Van... van e vienen... los padres están para Bragança y así que vienen, llöugo los van a buscar... [...] Lo padre le dicho así, dio:

—Mira! Vos quedo aquí la casa. Conforme está, venís pr'aquí y dejai vos estar aquí en mi casa y... No, mas o mío chaval dice que no. Dice que no se pasa allí pal Palácio... no se pasa, pöus están... [...] no dia que se casaram pelo civil... el Go. [...] la cena... allí no faltó de nada, de nada, apenas foram a casar por la tarde... porque tubírũ que le dar permiso los padres a la chavala pöus ella era...

PPE [ofrecendo "pepitas" a G.] Toma!

22. [Para G] Mira lo que te da!... lo Tío PPE... ..

G. Não quero!

[...]

TA. [Referindo-se a G.] Éste no sé ... el...

22. Éste es lo de 12...

TA. Tiene belos ojos... 12, sí... [...]

22. Pepitas ahí...

PPE. Bueno...

TA. Qué grande está...

[...]

22. [para G.] Dile gracias!

G. Gracias!

[...]

22. ...y entonces, pues, como vos digo, fomos a falar... los fírũ a buscar allí de coche, el G. y el hijo y la madre que döu... haciendo la cena... entre la abuela y la G¹. ... la G. es muy valentona... me ha dicho:

—Mira, sí...

TA. Más... más que el abuelo... más que el viejo...

22. Sí, más! La G. es mi valiente...

TA. El viejo es más [não chega a especificar]...

22. [Para G] Gostas? Tira! Gostas? Come! Logo compramos para levar... [retomando o relato] y... y le dice:

—Mira, sí no quieren quedar na tua casa van para mi casa...y yo no [...] nada... dice, que estén conmigo ã mi casa, que me hacen bõna falta, más nó, mi chaval trabaja, no es, todos los días sale a las siete y media y sólo viene a las ocho de la noche... trabaja en Miranda... y nada... y el G. también le ha dicho:

¹Referência à mãe da jovem.

—*Eiqui queda la casa... con todo... eiqui [...] de star que nós só benimos nos fins de semana y estamos todos.*

Más nó, ella está a la... durme na nostra casa... y ella está ã casa... mos hace la vida de casa... y yo y A. salimos nós pr'ó campo... y estan mi biẽ ... y...ya le digo, el día del civil, fúrũ a buscarlos de coche... porque nós nũ fumos a Miranda con ellos, só fúrũ os padres. Ellos benírũ de Miranda... benírũ de Miranda... quando benírũ ya de Bragança, trairũ de todo, allí no faltó de nada. Benírũ las familias todas... todas de su lao, llamó las de nostro lao todas... 12, 11, los mis hijos, va...

TA. Sí, la familia toda...

22. La familia toda... chegaba... tenía los viejos todos y los... las abuelas todas de ellos, los viejos...

TA. Sí, sí...

22. Ya le digo... así como... llevaran aquel disgusto...

TA. Hasta la tía C. estaba contenta, no?

22. Todos! Todos mi contentos, coitadicos... y l'he dicho:

—*Agora, yá passõu...*

Dice:

—Tu quedas siendo un hijo igual que los otros ã casa...

Y todos mi contentos, allí nũ faltórũ con nada [...] de todos... contentísimos... y ahora la fiesta del Naso, benírũ de vísperas de Bragança, fúrũ allí... dice que teníamos aquella merenda toda para ir a comer al Naso... Go. tiene un coche bueno... pöus fue... [...] tres fretes a buscar los viejos, a llevarlos, a buscarnos a nós... a llevarnos... hicimos las merendas, las dejemos¹... EM. antõũ... mi... mi chaval y la chavala fúrũ más tarde... nosotros fumos a misa y ellos ya sólo fúrũ a finales de la misa... le dejemos la merenda, la nuestra, la de ellos, todo... y fumos a comer todos al Naso... y todo. Así que bénẽ no ñim-de-semana, llõugo nos van a buscar todos para su casa...

TA. Y ella no estudiará? No seguirá estudiando?

22. Agora tiene que tener el bebé, como va a estudiar?

TA. [Risos]

22. Agora, el padre, sí, quería... el padre quería que estudiara, que... que la ... sería lo mismo que si estuviera soltera... Ahora sí... hoje... buena [...]... agora estan locos con... con mi chavalo, locos... locos, contentos todos, de un lao y de otro... contentísimos...

PPE. Ya eres abuela...

TA. Va a ser...

22. Bõu a ser...

TA. Esa ahora... ya es abuela...

22. Agora ésta, inda nó... por todo este mes...

PPE. [...]

22. Nós nunca lo supimos... até el día que... catorze...

¹Forma que denota interferência morfológica do mirandês, na medida em que evidencia a desinência *-emos*.

TA. Y la gente no lo sabía? Nadie, no?

22. Muchos ya, dice que lo sabían allí, a un mes y poco...

TA. Pero nadie se atreveron a decirlo...

22. Nadie se atreveron a decir...

PPE. [...]

22. [...]

PPE. Claro...

22. Se hablaba que... que... se contaba que uno era de Aldeia Nova... con otro era Ifães, con otro es de Paradela... con esa es igual, pöus nós ya hay tres años sabíamos que andaba de vuelta de ella... os padres también sabían que *namoraba* con ella, *más no esperaban esa... no esperaban esa...* (...) [Mudando de assunto] Mira, me ha dicho A. se teníais escudos...

PPE. [...]

TA. Esa será Pe. ... si tiene alguno...

22. Sí, ya le preguntámos, ya... [...] *Pöus, mi biẽ. A ver si mos ides a ver un día...*

TA. Oii! Tantos años aquí y yo [...] ya a dieciseis años que yo no voy para aí...

22. Más tenéis que ir un día en el coche...

TA. Ah! En el coche sí!

22. Sí, en el coche, sí...

TA. Antes iba... íbamos andando...

22. Y llevamos la merenda... allí todos juntos...

PPE. Un día que venga P. y M...

TA. ...que calhe quedar en Paradela, sí no...

TA. Ah sí, el... la hija...

TA. Sí...

22. Sí, el yerro *inda* está allí con nosotros cuando [...] con las chicas, va para dos años...

TA. Ya se jubiló... ahora ya está...

22. Ay, ya está jubilado? [Para E.] Sabe lo que es jubilado? Já reformado...

E. Ahh... sim.

22. [Ainda para E.] Sí... que tienen un yerro que es guardilla...

E. Ah sim?

22. Carabinero...

E. Sim...

22. E agora *yá stá* retirado disso... jubiló...

E. Sim...

22. Se jubiló... *ã Spanha*...

E. Se jubiló...

22. Se jubiló...

PPE. [...]

22. E em Portugal, já se reformou...

E. Exacto...

(...)

[...]

22. Y entonces, [...] nôssa cafa...

PPE. No sé...

TA. No lo saben porqué... andan por todo el pueblo, ya no sé... [...] las muchachas...

PPE. [...]

TA. Ahora sí, la tiene muy cerca, ya nos la ha traído en el día de la fiesta...

22. Ay, ya bos ha traído?

TA. Sí, ya ... ya la ha apresentado a toda la familia...

22. Sí, es como el nuestro...

TA. Pero [...]

22. [...] Y esa que la tenía tan callada... Mira!

TA. Donde estaba?

22. Pöus ella estaba en Bragança... sí... ella estaba en Bragança... Bueno! Pöus, vamos a dar una vuelta por ahí a ver...

TA. Poca gente veréis porque no hay nadie más que los viejos aquí...

E. Ai é!?!?

(...)

[Saindo da casa dos pais de Pe., a informante 22 encontra, na rua, DC., uma senhora de meia-idade]

(...)

DC. Y 12 ahora que hace?

22. 12 agora stá ã Burgos... trabajando...

G. Não está nada!

22. Sim!

G. Não!

22. Sim, sim!

G. Não!

DC. No? Como sabes tú?

22. Ha venido un señor a buscarlo...

G. Está com T. ...

DC. Está con T. ?

E. Está nada!

G. Está!

DC. Está con T. ? Y quien es ese T. ?... Ehh?... Ehh, garoto? Quien es ese T. ?

G. Ai, vocês que... que o meu pai não me disse... telefonei um dia com ele e disse-me...

(...)

[Já perto do edifício velho da escola em ruínas estão uma mulher dos seus 40 e tal anos que vive em Zamora (MZ), o respectivo marido (ZM), uma mulher alta do Castro também com 40 e tal anos (AC) e uma senhora idosa igualmente do Castro (SI). A conversa começa com um comentário ao estado degradado do edifício]

(...)

22. (...) Era una obra que estaba bonita...

MZ. Claro, y valía para muchas cosas, para hacer baile... para otras cosas...

22. Pöus claro...

MZ. En el invierno...

22. Allá... allí no nuestro pueblo, la casa de la escuela, la vieja, pöus han hecho una casa para el acampamiento, para baile...

MZ. Claro...

22. Bueno, baile agora ya no porque tē un salón [...] bodas...

MZ. Sí, sí, sí... para lo que hace falta...

22. ...para el pueblo... yo por ejemplo, cuando casé mi hija, yo no tengo casa a condiciones¹, pöus, hace...

MZ. Sí, sí, allí...

(...)

[...] [Várias conversas sobrepostas. A certa altura, sobressai este diálogo]

MZ. [Para G] Escucha lo qué te digo! De cual te gusta más, de España o Portugal?² Dime!

22. Di a ésta señora...

G. Eu gosto de França...

MZ. Qué dijo?

22. Que gusta de França, que gusta de França...

MZ. Que te gusta Francia?

G. França!

MZ. Ahh! Que te gusta Francia...

22. Sí, porque estuvo a Paris...

MZ. Ahhh!

22. ... hace dos años... no, ya lleva dos años con nosotros... mi hija estaba a Paris...

(...)

MZ. [De novo para G] Ojea!...pues entonces, quieres venir conmigo para Zamora? Ehh? (...)
Quieres venir conmigo? Yo marchó esa noche, te llevo en coche, te mando al colegio mañana [...] los colegios de los niños... te llevo en un colegio para que vayas allí a la escuela...

22. Quieres ir... con ésta señora?

MZ. Cuantos añitos tienes?

¹Decalque fraseológico do português “em condições”.

²A estrutura sintáctica desta frase não é tipicamente espanhola. Julgamos, deste modo, que a informante pretende aproximar-se de uma estrutura mais em conformidade com a língua portuguesa, denotando uma estratégia de convergência linguística.

G. Tenho cinco...

MZ. Ahh, ya pues puedes ir...

(...)

MZ. G. ! Di: Quiero venir!

22. Habla! Si o no!

G. Não!

MZ. No quieres venir!?

(...)

22. Más dio que stá muy abandonao esto... mismo el pueblo... de tener lavaderos, de tener esto... la casa de...

MZ. Sí, pues, porque no hay ayuntamiento aquí...

22. Pues... esta casa está abandonada, porque no hay ayuntamiento que se interese...

MZ. Ehh... efectivamente... si hubiera un ayuntam... o si...

22. Ésta até estaba bien... la nuestra... ayuntamiento compró una televisión buena, la tiene allí, la abren a los Domingos por las tardes, pa las... críos, para la gente que no tiene en su casa... si quiere ir allí... a divertir, abren la escuela...

(...)

[A conversa sobre o estado de degradação da escola continua. Entretanto, seguimos para casa de uma outra senhora espanhola (SI). Registam-se alguns fenómenos de convergência linguística por parte desta senhora na secção que se transcreve. Ela dá laranjas a G.]

22. No, no le des más! Tē eiqui agora... yá le dórñ bolachas... yá... [Para G] Mete-as aí! Ya te llega! Ya te llega! Bueno... No le des más... Olha ya se calla... olha, y yo había de las comprar...

SI. Pues, pero no sé cuanto valen...

22. Ñā, sabes?

SI. No, porque...

22. [...] no está ahí?

SI. No... está... a buscar os burros...

22. Ah, fué a buscar os burros?

SI. Sí...

22. Tu e A. ainda tendes *cochinos*?

SI. Cuatro...

[...]

SI. Yo no, ya no quiero más *cochinos* grandes...

22. Ya no...

(...)

[Já na rua, 22 encontra outra senhora, mais ou menos da sua idade (MSI) e torna a contar a história de E. e AM. Só se transcreve o passo com alternância]

22. (...) El resultado es que la abuela ya hay cuatro o cinco días que lo sabia... la madre de Go.
...

MSI... La madre de Go....

22. Sí, sí... [para G., ofreciendo-lhe gomos de laranjas] Toma! Toma!... y (a)despues llamó la... la chica para detrás de la casa... sólo estaba esperando, ya hay tres o cuarto días que lo sabía...

MSI. Llamó... llamó a la muchacha... a la nieta...

22. ...A la nieta para detrás da casa y la dijo así... que ella disse que nem sabia tal... que namoraba... que öubia dezir, más nunca pensando que era verdad... que namoraba con nuestro chaval...

[Neste momento, aparece um senhor de meia idade a quem 22 diz:

—Buenas tardes!

O senhor segue, e 22 continua o relato]

22. Y entonces, que sólo estaba esperando que ellos llegaran. Llegórti¹ ahí por las cuatro de la tarde, que son las cinco vuestras...

MSI. Sí...

22. Y que la llamó así que [...]

MSI. La llamó para detrás...

22. La llamó para detrás de la casa (...) y que le dijo así:

—Mira, AM...

Que se llama AM...

MSI. Sí, sí...

22. Mas tu namoras com ...con lo hijo de Tío A. y de la MR. ?

Diz:

—Namoro...

—Olha, tu já estás grávida, não já?

Y que le dice ella:

—Estou!

E que le diz assim:

—Pöus hái que lo dezir a tiës pais, porque nũ le has dito²?

—Ai eu não le digo nada. Se o quereis dizer, dizei-lo vós, mas eu não le digo nada!

(...)

[**Informantes 11 e Ca. Situação:** conversa informal no café de Paradela]

Ca. Buenos días!

{...}

¹Forma que denota interferência morfológica do mirandês, na medida em que apresenta a desinência verbal *-órti*.

²Forma do pretérito perfeito que denota interferência morfológica do espanhol.

E. Passei muito bem.

Ca. Siempre biẽ ?

E. Sim.

Ca. *Milhor. Así gusto yo. Siempre bien...*

E. Sim, sim. Senhor Ca. , também?

Ca. Eu também muito bem...

E. Sim?

Ca. Cheguê¹ agora do Castro...

[Risos]

E. [Risos] Não é “cheguê” agora do Castro, é “llegué” agora do Castro!

Ca. Llegué agora do Castro...

E. Está a ver como eu o apanhei?! [Risos] Um espanhol não fala assim, que eu já vi que os espanhóis não falam português...

Ca. Sim, falam...

E. Falam?

Ca. Pero... si yo soy spanholo, ehh?

E. Uhh...

Ca. Mira que... estoy hablando spanholo cerrado...

E. Sí, sí... estou vendo...

Ca. Antõõ, porqué no? Põus soy...

E. Olhe, sabe o que me disse a sua mulher? A TOI. ...

Ca. Ehh?

E. A TOI... Não é a sua mulher?

Ca. Yo no... yo no tengo mujer ninguna...

E. Ai pois não...

Ca. Yo stõu solico... yo solico...

(...)

Ca. 11, se visses *inda* agora o que me passou... *andaba a carregar ã carro de lhenha... i l'...* o diabo do burro atopilou e caiu, e eu caí *pal mei d'la silbeira* e, vá lá, que não me piquei nada...

E. Não?

Ca. Não!

E. Teve sorte...

Ca. *Tube sôrte, tube. Caí assi pal mei i...* vá lá... [...]

(...)

E. Se calhar nem nunca ao Castro foi...

Ca. No Castro? Ya estuve allá de... de novo... quando era novo... seis años, a guardar una piara, y cinco años ã Brandilanes...

E. Foi?

¹Forma que denota interferência linguística: apresenta a desinência verbal espanhola e o radical português.

Ca. Sí! E *bônas* pesetas que ganhava naquela altura... e agora não ganho nada!

(...)

E. Então Ca. , foi à escola?

Ca. Diga?

E. Quando era pequeno, foi à escola?

Ca. Eu olhe... *iba a scôla i apuis ã bez de ir a scôla*, sabe o que fazia?

E. O quê?

Ca. *Íbamos... Iba als pássaros...* e lixava a escola...

(...)

[Informantes 38 e 36. Situação: Comíamos a merenda em casa da informante 38]

36. [Para a entrevistadora] O presunto daqui *yê mi bôno*, sabe?

E. É?

36. *Yê! Yê, yê!*

E. Ummm... pois, aqui há muitos *cochinos*...

36. O presunto daqui, e... e... digo... *l'chöuriço*...

E. Sim...

36. ... tem fama!

E. Uh, uh!

38. *Má[s] agarra tu tamiẽ ã cachico!*

36. *Yöu* não, obrigada!

38. Agarra!

36. *Tengo inda de onte que comimos al mei-die porque...* fazia hoje os anos, *i apuis como êilhes se scapábã onte a la nöute*, disse-les:

—*Pöus antöõ*, fazemos comer *al mei-die*...

I él querè scapar a Bragança...

38. *Éste anho nũ bai a star tã bôno* [...]

36... E depois *fazimos al mei-die* [...] *sobröu conelho assado, sobröu cordeiro assado, pöus a gente, nũ bés, nũ tengo appetite*...

(...)

38. Bebe e agarra um...

36. *Nũ me apetece, mulhiêr!*

38. Bebe, *que yê bôno!*

36. Deixá-lo, mas não me apetece...

38. *Yöu* [...] *gustã*... *Yöu, al comér*, bebo *ũrja pinga bĩe bubida*...

36. *Tamiẽ yöu!* *Yöu* bebo *döus, três pingas al comer biẽ bubidas*, mas depois não me apetece...

(...)

[**Informantes 11, 10 e PP¹ (professor primário da aldeia).** Situação: Tínhamos estado a fazer uma entrevista a PP no café da aldeia. No fim da nossa conversa este levanta-se, paga os cafés e dirige-se aos presentes]

PP. *Até amanhã!*

11. Até amanhã, senhor professor!

[Perante esta resposta de 11, e já depois de PP se ter ausentado, os presentes evidenciam uma atitude de censura. Neste sentido, o informante 10 recrimina a informante 11]

10. *Parece que sós más fidalga inda que él!*

11. Então, ele não é um qualquer, ele é o professor!

[**Informantes 28 e AdG.².** Situação: na rua, as informantes conversam com a entrevistadora e entre si sobre os serões que se têm passado na aldeia]

28. *Pöus onte a la nöute* logo se ajuntou ali o Tio N. do realejo...

E. Sim...

28. ... a Tia Fe. , Ed. , os garotos... a 36, o Tio MA. ...

AdG. *Antöü, yöu onte tamiẽ stube alhí*, mas eu não sabia... eu não sabia nada destas coisas... *eu foi alhí a birar ãrja cuba* que disse *que querie que la fusse a birar... quando la foi a birar* disse que *inda andube...* andava a beber o vinho, inda a tinha cheia... *bi-me perdida pa le birar la cuba...*

28. *I yê berdade!*

AdG. *Inda la tinha chena, pöus éilha nũ tẽ bubido nada...* do vinho.

28. *Quanto bino habê de bubér!* [Risos!]

AdG. Custou-me a virá-la!

(...)

[**Informantes: 22 e 28.** Situação: na mercearia, as informantes conversam sobre AM. , que tinha ido para o hospital de Bragança porque entrara em trabalho de parto]

28. Boas tardes!

22. Boas tardes! [Para E.] Olá!

E. [Para 22] Alguma novidade?

22. Já chamou 11!

E. Já?!

22. Já! Já chamou 11, mas inda não há nada...

¹Estrato etário b; sexo masculino.

²Estrato etário d; sexo feminino; é agricultora.

E. Não?

22. Não sei se haverá, disse que estava em sala de... de partos...

E. Ai sim?!

22. Já estava na sala de partos... já estava o pai e a mãe com ela...

E. Ai é?

22. Sim. E o EM. disse também que já tinha-lo dado o recado, mas não sabemos agora se virá para casa...

28. Tendes *farina de los polhos*?

22. Não sei se há aí... eu vou ver...

(...)

22. Está AM. a ter o bebé.

28. Ah! *Más inda nũ tubo?*

22. Não! Telefonou agora 11 *que stá ã Bragança*... na sala de partos...

28. *Pöus sùe... sùe abó nũ sabe nada...*

22. *Pöus* não, *la sùe abó Ad.* soube-o agora que veio a procurar...

28. Ai!... Olha! Pronto, *i la arranjørũ i yöu sř saber de nada i tódos los dñes alhí... i tódos los dñes alhí...* [Risos] ... e todos os dias à minha porta...

(...)

[Longa sequência, não transcrita, em que os informantes 31, 22 e 5 têm uma discussão, algo exaltada, completamente em mirandês. A discussão é sobre a discordância de 22 e 5 em relação a um negócio que 31 tinha acabado de fazer. Registam-se esporádicas interjeições em espanhol, especialmente “coño!”. Os únicos momentos em português ocorrem quando 5 dirige a palavra ao filho a quem estava a dar de comer.]

[**Informantes 27, 21, TZ.¹ e TAd.² . Situação:** passa-se o serão em casa de 27 e 21.

Os informantes conversam informalmente sobre vários assuntos. Predomina a narração de histórias antigas]

TZ. [Sobre a esposa] Já está velhota!

E. Está velhota o quê! Que idade é que ela tem? *Quantos anhos?*

TAd. Já ando em sessenta e quatro, sessenta e cinco...

27. *Ã que anho... ã que anho nasciste?*

TAd. *Yöu nũ sei... yá nũ me lembro...*

TZ. *Ã binte nôbe...*

(...)

27. *Ã binte nôbe, ela?*

¹Estrato etário d; sexo masculino; é agricultor.

²Estrato etário d; sexo feminino; é agricultora.

TZ. *Si, pöus lheba döus anhos a mi...*

27. Atão, nesse caso, já tens...

TZ. ... anda *ã* sessenta e cinco...

21. Andas em sessenta e cinco anos...

TAd. Não! *Fago-los no Natal... fago-los n'último diê del anho... diê de S. Silbestre...*

[...]

27. Sessenta e cinco? Atão nasceste a vinte oito... (...) Portanto, na era, leva-me seis anos...

TZ. Leva-te seis anos...

E. [Para 27] Quantos anos é que tem?

27. Eu nasci a trinta e quatro.

21. Ele tem cinquenta e nove... eu tenho cinquenta e um...

E. Eia! É mais nova que a minha mãe...

27. [Para E.] Está a ouvir? *Stais a öubir?* Olhai!

E. Sim...

27. *Yöu tube múito trabalho cū éilha... que éilha inda yêra pequerrica, i yöu apuis casei-me i tube que ayudar a criar...*

TAd. ... *tubo que ayudar a acabar de criar...*[Risos]

27. ... *i sabeis los trabalhos que yöu tube cū éilha!*

[Risos]

TAd. Ah 27! Sabeis que me lembro *d'éilha* nascer como *lo* que fiz hoje... *stábamos ã nôssa cafa tódas i... i paraba ã bezerreiro*, de por aí abaixo... e dormiu com *Agostino i Chicho, antöü*, na... na... *lõija*...no palheiro... *dormirü eiqui na lõija*, lá onde era as vacas... *i nós ã baixo...*

TZ. Era...era... *yêra onde tenè lo cabalho...*

TAd. Pois... e um bezerreiro *cū ã cabalhico...* *i pula manhana quando saliu*, lembro-me tanto *de dezir:*

—*Ah Agostino. ... i Chicho!*

Diç:

—*Adiùs, até öutro diê, i Diùs querga que la moça se crie pr'a ãõõa bõna sôrte...*

Foi la noite que tu nasciste... lembra-me tanto, stábamos a fïlar...

[...]

27. *Yê por caufa disso que yöu... nunca se pôde a dezir, déssa auga nã se bai a buber...*

TAd. *Si, si ...*

27. Porque olha, yöu... *yá me aembro d'õõõa armana d'éilha* que se chamava...

21. Pal. ...

27. Pal. ... *sér anterrada juntamente cula mi armana que se chamaba ...Al...*

21. *Yêra tã linda, tã linda q'éilha [...].*

27. *I fúrü môrtas no mésmo diê... de garrotilho...*

TAd. *D'la bõssa armana* lembro-me, *más d'la armana de 21* não...

E. Quantos anos tinham... *tenîẽ?*

21. [...] Um ano...

TAd. *La bôssa armana era como nôsso nino pequerrico*¹...

27. Eu vou-te a contar uma... eu vou-te a contar... *las... los garótos...*

21. ... morreu a minha avó... morreu... ahh... saiu de casa de minha mãe e nasceu a menina e que le diz a minha avó:

—[...]

E minha avó foi para casa ...e... *de nöute*... morreu quando o meu avó [...] que estava mal...

TAd. Eram todos meninos... Era... Minha tia tinha todos meninos...

21. *Tódos homes, tódos filhos...*

TAd. Todos rapazes... *i apuis*... nasceu-le aquela... e... e não tinha mais rapariga nenhuma... mas atão já se tinha morto outra...

21. *Yá!* Pal. ...

TAd. Não me lembra a mim daquela...

27. A mim lembra-me bem dessa, olha, e vou-te a dizer mais... [...] E depois eu... *yöu yêra ñ garóto pequerrico i staba ã cafa de mi buela... i böu... Marie Rosa*... e depois... *yöu pula manhana* levantei-me... [...] *i yöu alebantei-me de manhana i foi pr'a cafa de mi buela Grilha* [...] *i foi culas bacas pal cerrado del Pilo*... deixa-me falar a mim²... [Risos]... e depois... *yöu staba alhá* no lameiro...

TAd. *Cerrado!*

(...)

27. ... *i yöu staba no cerrado del Pilo*...

TAd. Pois...

27. ... *i chegöu la* 28... *i diç-me assi a mi:*

—Ah 27!... Ah 27! *Antöü, morriü-se la bôssa nina!*

—*Que stás a dezir!?*

—*Que se bos morriü la bôssa nina!*

—[...] *Antöü, se... yöu alebantei-me pula manhana i la niña* [...] *i agora stás a dezir que la niña stá môrta?*

—*Si ! Stá môrta!*

TAd. *Ah mai!* Lembra-me...

27. *I yöu fiquei*... fiquei assim bastante aborrecido...

TAd. Ah milagre!

27. ... mas... eu... *yöu* [...] *falar cu'éilha anquanto eilhi stube*... quando... *apuis botei las bacas... subi-me*³ *pr'a cima del burro i bñ pr'a cafa. Quando cheguei a cafa yê que me dezírü que mi armana staba môrta*...

TAd. *Ai Jasus!*...

¹No sufixo <-ico> a consoante velar foi pronunciada de forma bastante palatalizada.

²Sequência dirigida a TAd. que interrompia frequentemente, gerando os períodos de discurso incompreensível assinalados na transcrição.

³<s> foi pronunciado, neste contexto, de forma bastante palatalizada.

21. E era verdade...

27. E era verdade...

21. Quando saiu estava bem, e depois quando entrou...

27. *I naqueilha altura...*

21. [Para E.] Só tinham aquela menina...

27. *Naqueilha altura... al que le daba... caíam... vinte quatro horas, morria...*

(...)

21. [Explicação para E.] Era *garrotilho*... era uma doença que se chamava *garrotilho* (...) Era a garganta...

TAd. Era aqui na garganta... atafanhavam-se logo...

21. As crianças era um instante...

TAd. Um instante...

21. E a menina estava muito forte, quanto mais forte estivesse a criança, *más fôrte atafanhaba*...

TAd. Era *ũrja nina igual que l'nosso nino pequeno, que l' nosso Ti. ... gordica assi... mi colorada, mi bonita, mi branca... mi linda*, e parece quase que estou a ver... *yêra madrina la senhora B*, uma mulher dum cabo... *stabã alhí, stábamos bizinos, staba naqueilha casa onde stá Tiu F. agora...*

27. Parece aquilo... de facto, aquilo naquela altura era de tudo... atão havia aqui umas doenças, *que éstas, hái éstas bacinas...* era *l'garrotilho, l'rife...*

TAd. Pois... *i nũ habiê* médicos aqui...

21. Ah pois não, aqui não havia médico nenhum...

TAd. Nada. Em Miranda...

21. Aqui só se... só vingava um garoto, os que tem carta de seguro; os que não tinham carta de seguro morriam...

(...)

[A conversa prossegue sobre parentes antepassados]

TAd. *Olha que stabámos ã diê... bebiemos na Beia, onde yôu stube... i apuis beniemos*, eu e Mar. , *antõũ, a ber-lo, yá staba malico na cama, i responde-le d'la cama, a la abó Mariè Rosa:*

—*Mariè Rosa, Mariè Rosa, dá-le ã cachico de pã a las ninas!*

I coitadico... só me lembro... lembro-me tanto de él dezir isso à la abó Mariè Rosa...

—*Dá-le ã cachico de pã a las ninas!*

Staba malico yá na cama, mas não me lembro de lo ver... i apuis, dôu-mos antõũ, a cada ãrja ã cachico de pã que yêra trio, mi bôno... i metímos-lo nũrja cistica... i fumos-mos pa la Beia... Quando íbamos al aportar los peches, sôrte... sôrte mala, al aportar los peches, aparçiu-mos ã ganado grande, ã ganado grande, alhí... al aportar los peches... i tirôu-mos lo panico... los cachicos de pã das gestas...

27. *Quiẽ?*

TAd. *Lo ganado! Las õubelhas! Tirórũ... i apuis scapémos, chorando, pr'a casa...*

[...]

27. *Yérã blẽ pequerricas...*

TZ. *Pöus fúrũ milhor sť nada do que carregadas...*

21. Pois olha 27, eu lembra-me muito *d'la abó Mariè Rosa...*

TAd. *Abó Mariè Rosa si ... bôna jeira, coitadica...*

27. TAd. ! TAd. ! Eu vou-te a dizer uma coisa, não me admira a mim nada disso, *porque yöu quando me criei, quando íamos a... a moler a las molinas de Penha Marelha i a las del Rïu...*

TAd. *Si ... i d'la Raia...tanta beç...*

27. *I d'la Raia... i apuis salïu-mos ù pântano negro... tantas bezes... às bezes nós quando íbamos assi... ù panico de trio até mos entelhabamos [?] tanto de lo ber... i...*

TAd. *Ai, Mai Santíssima, yê berdade! Mirai! Mi mai... mi mai, Dïus la perdona, massaba... massaba ùŋa fogacica a la abó Mariè Rosa ... de söu triguico... i apuis l'nôssu yêra çanteno, i yöu nũ sei como se misturaba la raça d'la sùe massa pa la nôssa...*

21. *... pa la bôssa...*

TAd. *... cula nôssa... i apuis... aqueilha massa branca, na massa negra del trio... del çanteno... i apuis... sabïe tanto!!!*

21. Eu lembra-me *quando yöu i C. andábamos na scôla, éramos pequerricas, i benïemos, antiöũ, ùŋa beç a ber la Mariè Rosa... i tenïe ù copo, assi grande, de bidro... i éilha tinha aqueilha fonte à porta mi lhimpica, mi lhabadica...mi...*

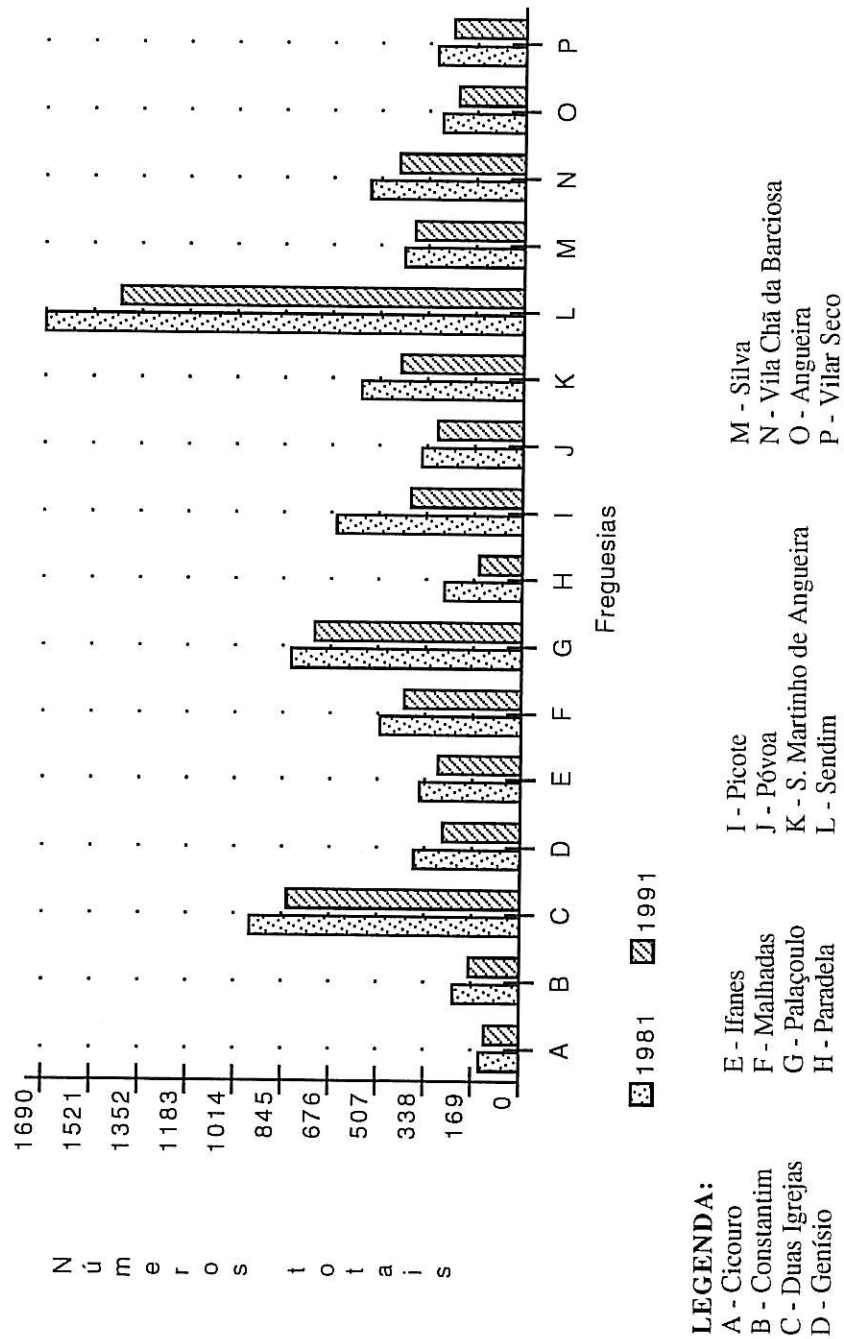
TAd. *Ūŋa prata...si, si ...*

(...) [O diálogo prossegue, em mirandês, com cada vez menos alternância de códigos]

Gráficos

Gráfico I

Comparação entre o número de habitantes na área de implantação do mirandês, por freguesias, em 1981 e 1991 (população presente)



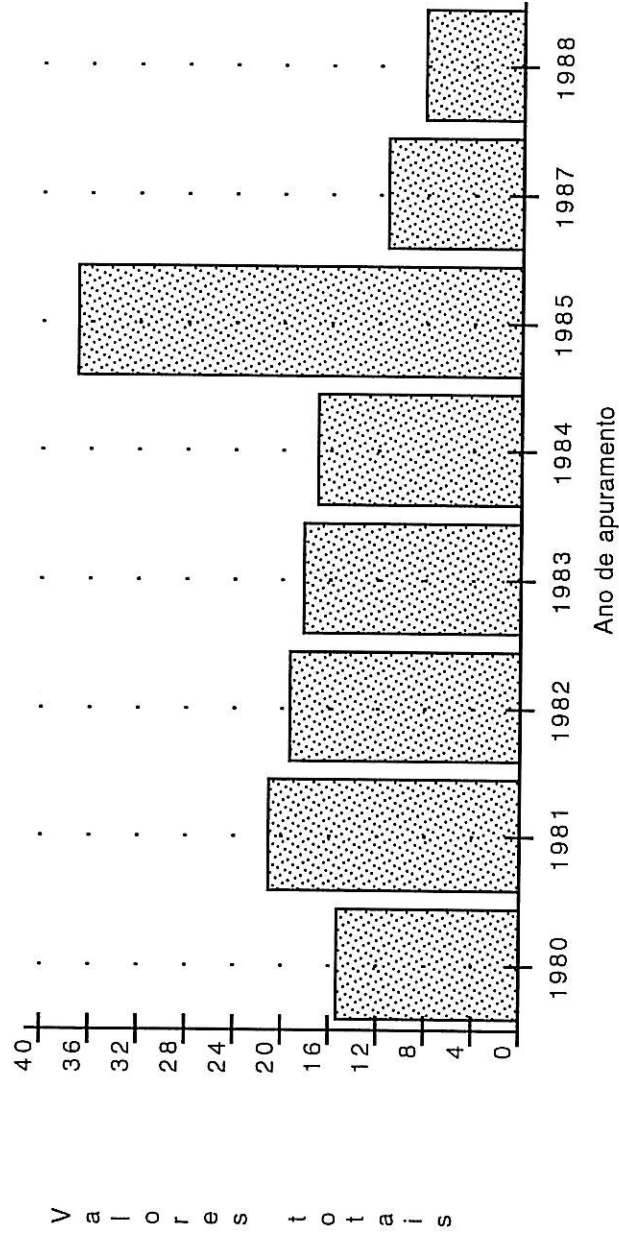
LEGENDA:

- A - Cicouro
- B - Constantim
- C - Duas Igrejas
- D - Genísio
- E - Ifanes
- F - Malhadas
- G - Palaçoulo
- H - Paradela
- I - Picote
- J - Póvoa
- K - S. Martinho de Angueira
- L - Sendim
- M - Silva
- N - Vila Chã da Barçosa
- O - Angueira
- P - Vilar Seco

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Gráfico II

Número de emigrantes no concelho de Miranda do Douro: década de oitenta



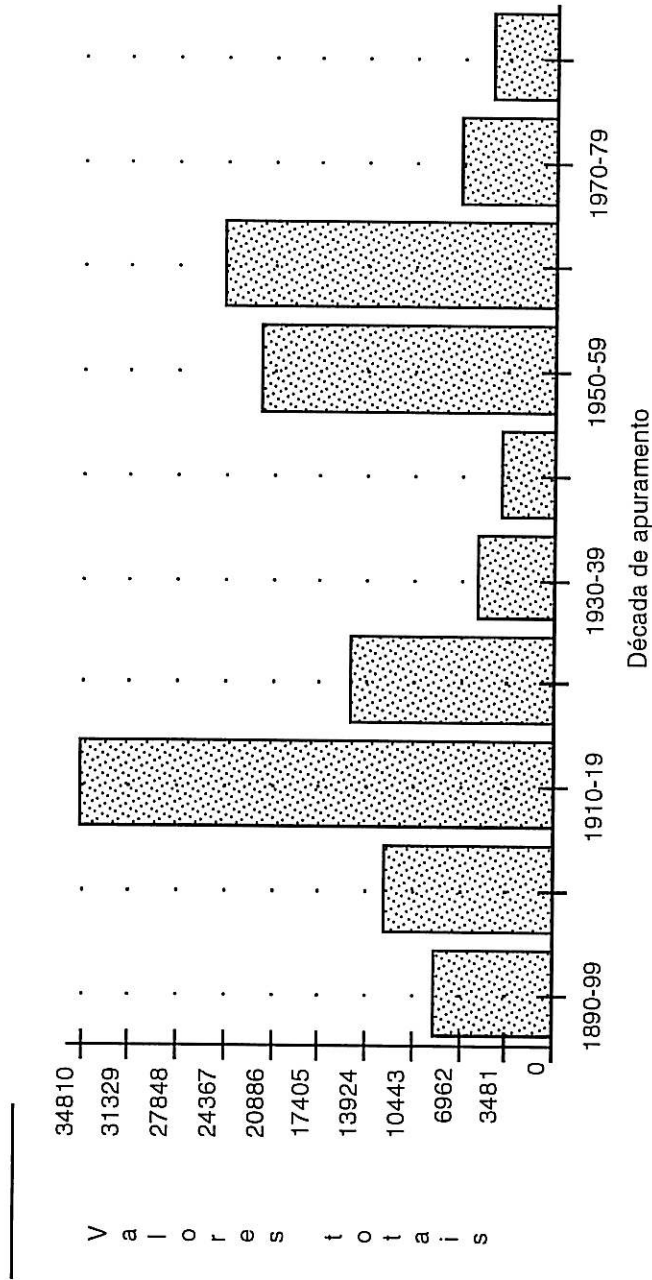
Total na década de oitenta: 146 emigrantes = $\pm 14,6\%$ habitantes

Nota: Não tivemos acesso aos dados relativos a 1986 e 1989.

Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas. Boletim Anual.

Gráfico III

Emigração no distrito de Bragança de 1890 a 1988



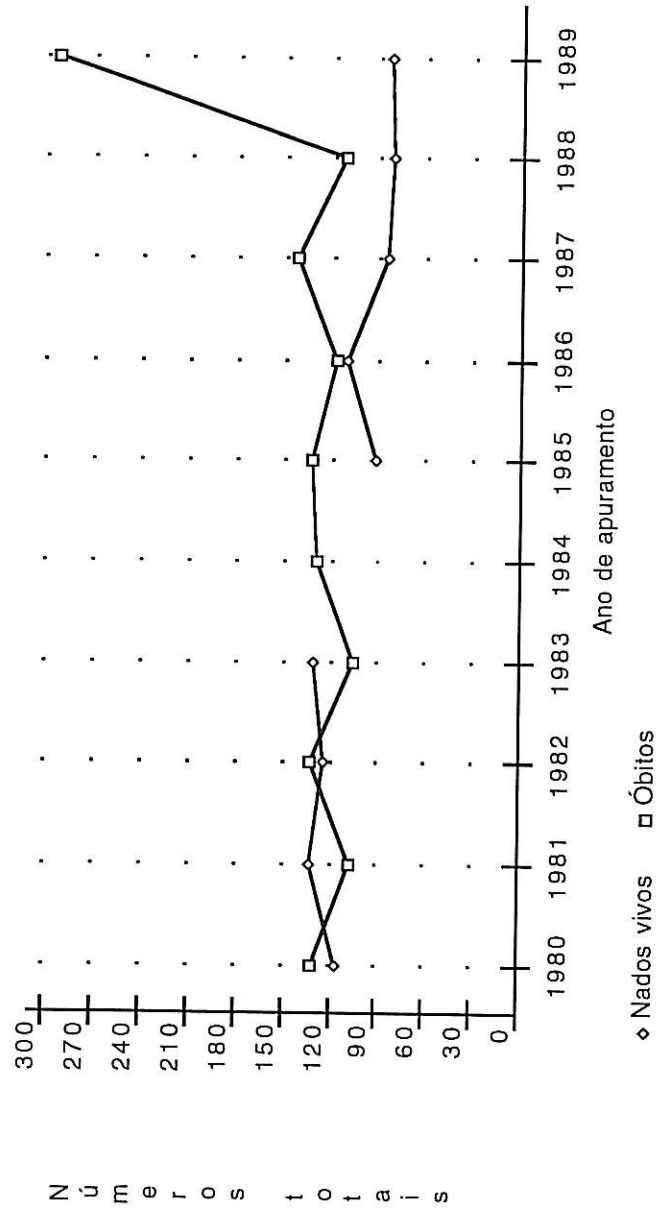
Nota: O valor referente aos anos 1920-29 exclui os dados de 1922, uma vez que estes são desconhecidos. A última barra do gráfico diz respeito ao intervalo entre 1980 e 1988 sem incluir os números de 1986. Estas exclusões devem-se ao facto de não termos tido acesso aos respectivos dados.

Fontes:

- Boletim Anual da Junta de Emigração* (dados de 1890-1954).
- Boletim da Junta de Emigração* (dados de 1955-1967).
- Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas. Boletim Anual* (dados de 1968-1979).

Gráfico IV

Relação entre nascimentos e óbitos no concelho de Miranda do Douro durante a década de oitenta

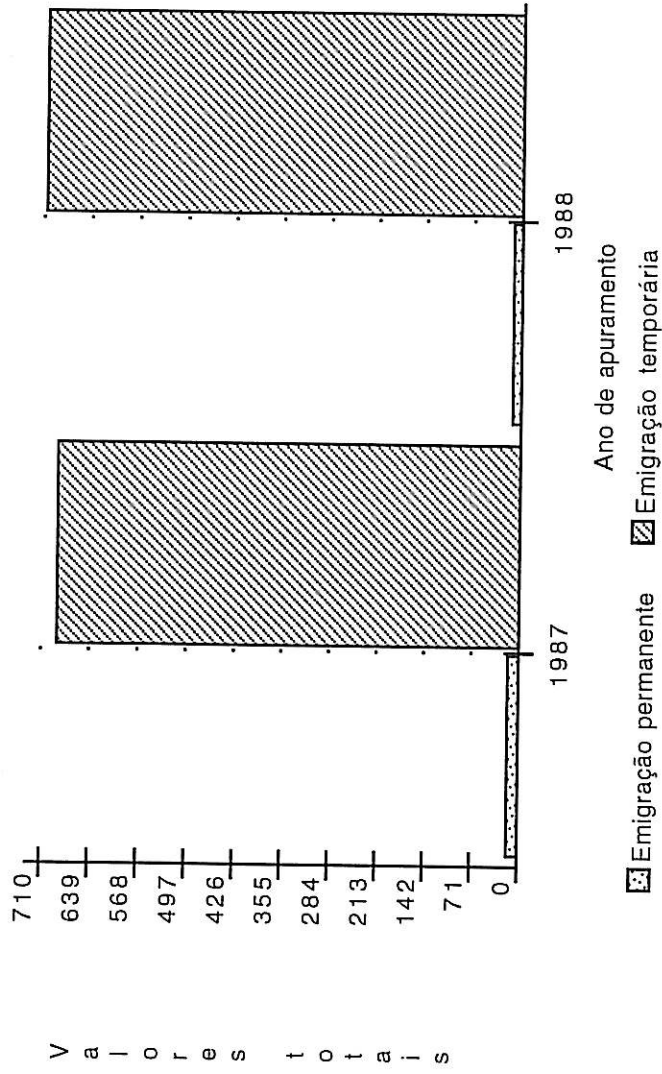


Nota: Em 1984 o apuramento do número de nados-vivos fez-se por distrito e não por concelho.

Fonte: *Estatísticas demográficas*. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), anos de 1980-1989.

Gráfico V

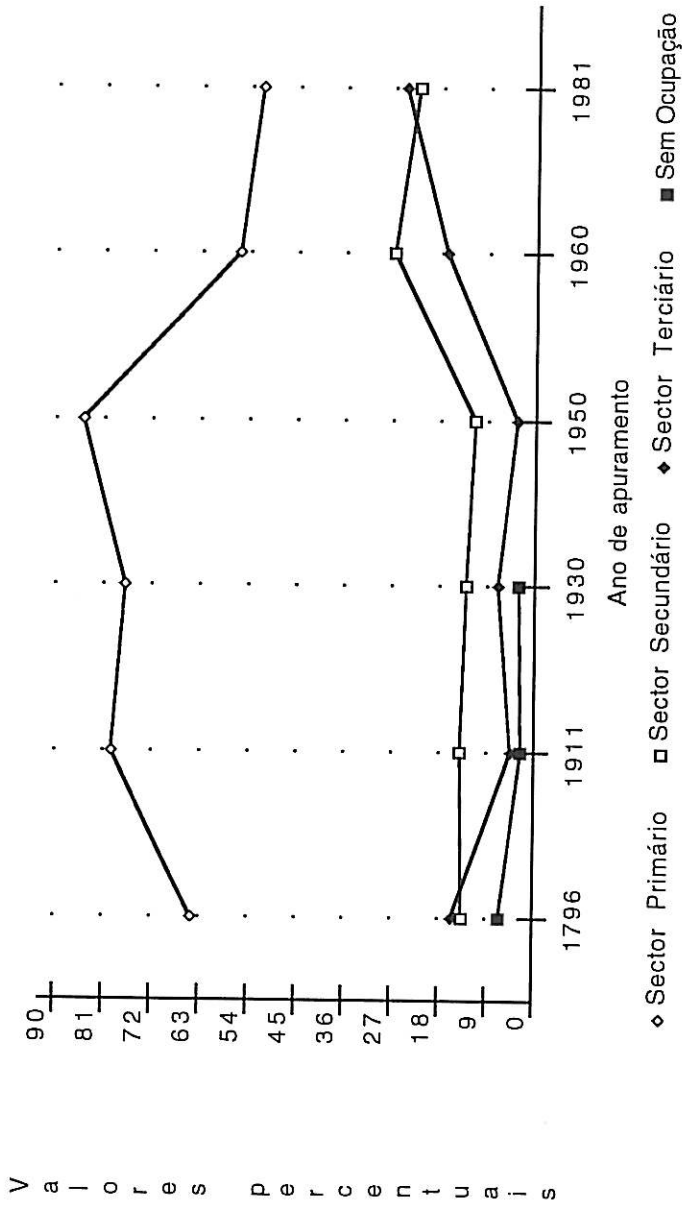
Comparação entre a emigração permanente e temporária no distrito de Bragança em 1987 e 1988



Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas. Boletim Anual.

Gráfico VI

Distribuição da população activa do concelho de Miranda do Douro por sectores económicos de 1796 a 1981



Fontes:

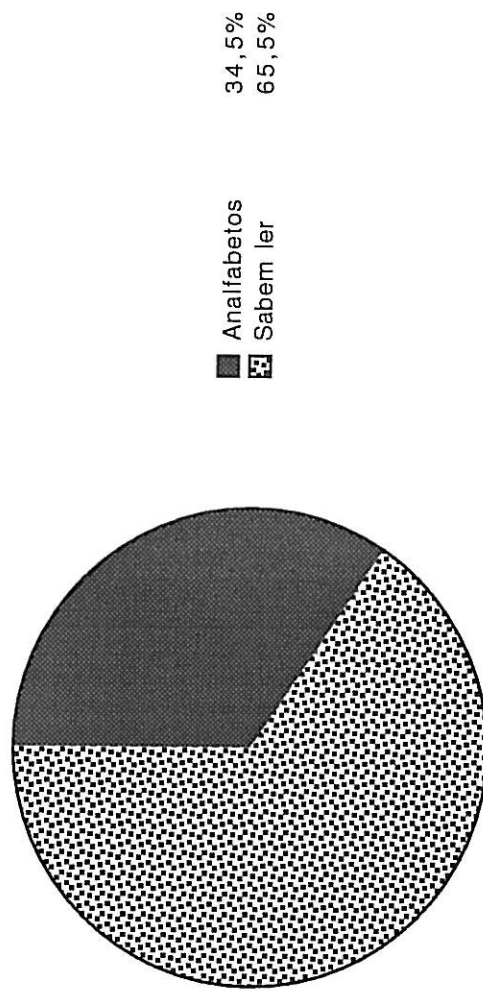
MENDES, José Maria Amado - *Trás-os-Montes nos finais do século XVIII segundo um manuscrito de 1796*. Coimbra (INIC—Centro de História da Sociedade e Cultura da Universidade de Coimbra), 1981.
Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1911. Lisboa (Imprensa Nacional), 1917.
Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1930. Lisboa (Imprensa Nacional), 1933.
IX Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950. Lisboa (Tipografia Portuguesa, Lda.), 1952.
X Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes (às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960). Lisboa (Instituto Nacional de Estatística).
Recenseamentos da população e da habitação. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1981.

Nota:

O Censo de 1920 não inclui dados relativos à profissão dos habitantes, enquanto os de 1940 e 1970 só os referem a nível de distrito. Para 1991, ainda não existem dados disponíveis.

Gráfico VII

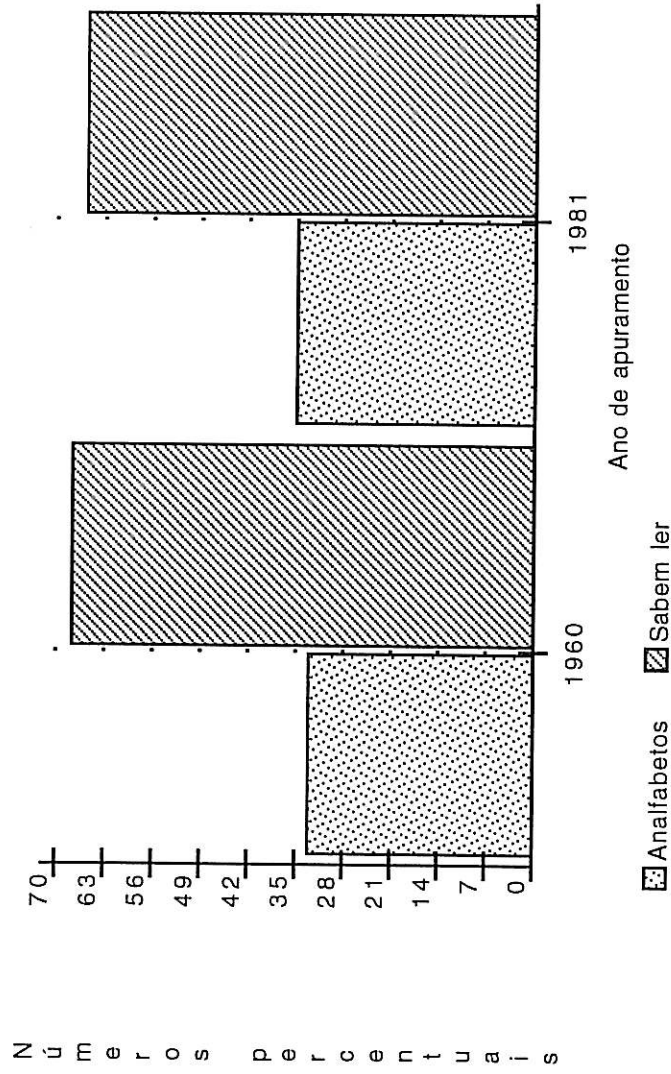
Grau de analfabetismo no concelho de Miranda do Douro em 1981



Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Gráfico VIII

Comparação entre os graus de alfabetização e analfabetismo no concelho de Miranda do Douro em 1960 e 1981



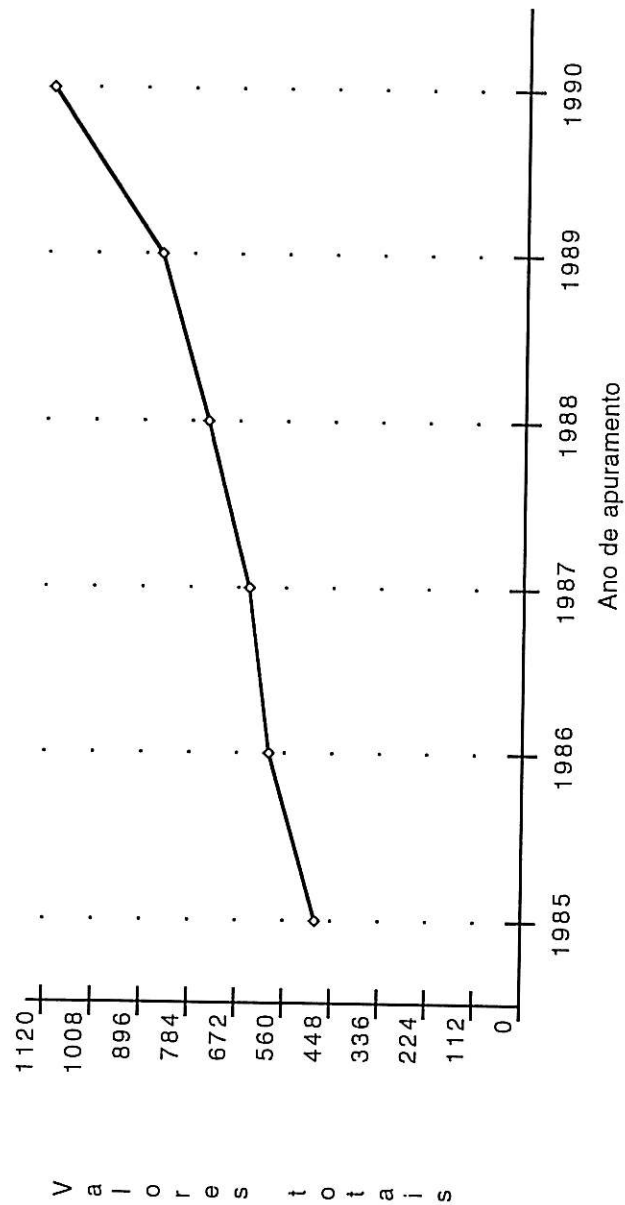
Fontes:

X Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes (às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960). Lisboa (Instituto Nacional de Estatística).
 Instituto Nacional de Estatística

Nota: O Censo de 1970 refere-se aos dados sobre escolarização apenas por distrito.

Gráfico IX

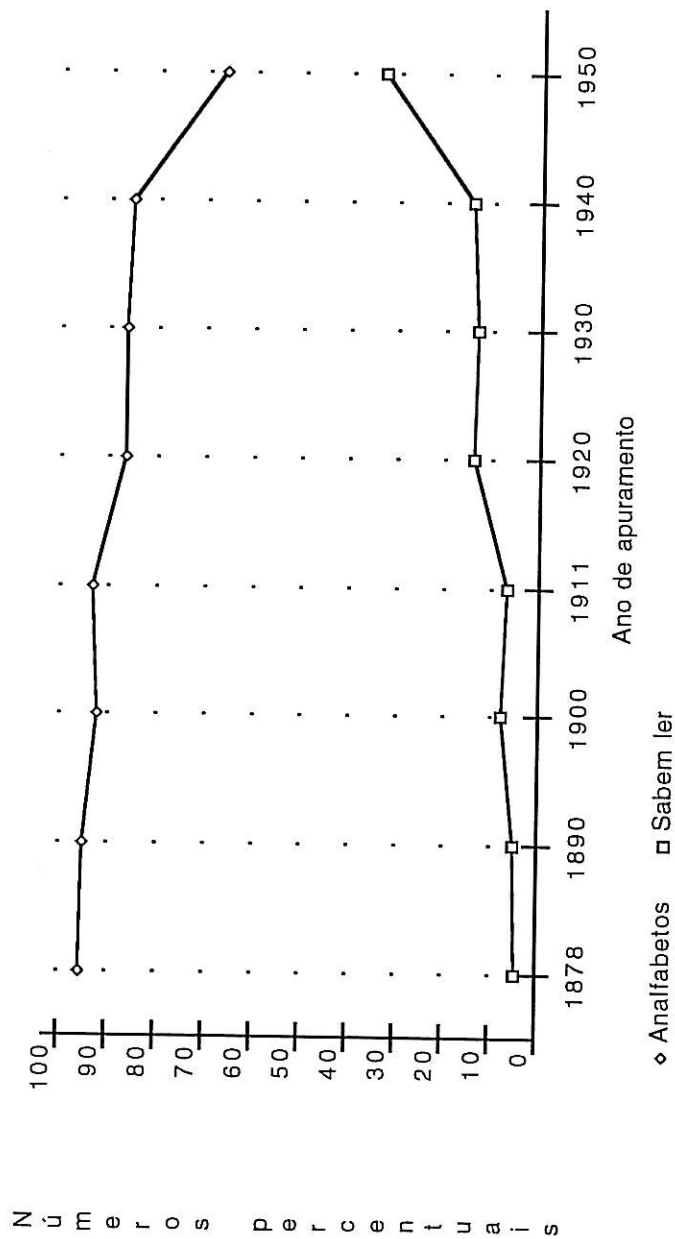
Evolução do parque telefónico no concelho de Miranda do Douro de 1985 a 1990



Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Gráfico X

Evolução comparativa dos graus de alfabetização e analfabetismo na freguesia de Paradela desde 1878 até 1950

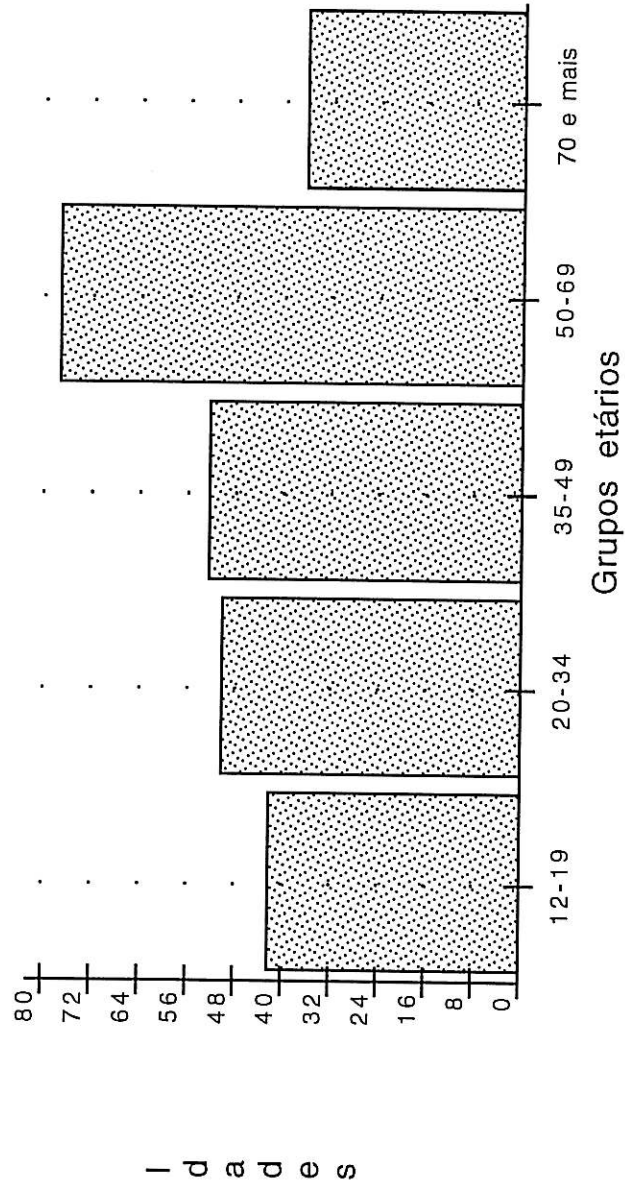


Fontes:

- Censo no 1º de Janeiro de 1878. Lisboa (Imprensa Nacional), 1881.
- Censo da população do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1890. Lisboa (Imprensa Nacional), 1896.
- Censo da população do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900. Lisboa (Imprensa Nacional), 1905.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1911. Lisboa (Imprensa Nacional), 1917.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1920. Lisboa (Imprensa Nacional), 1923.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1930. Lisboa (Imprensa Nacional), 1933.
- VIII Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940. Lisboa (Imprensa Nacional), 1943.
- IX Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950. Lisboa (Tipografia Portuguesa, Lda.), 1952.

Gráfico XI

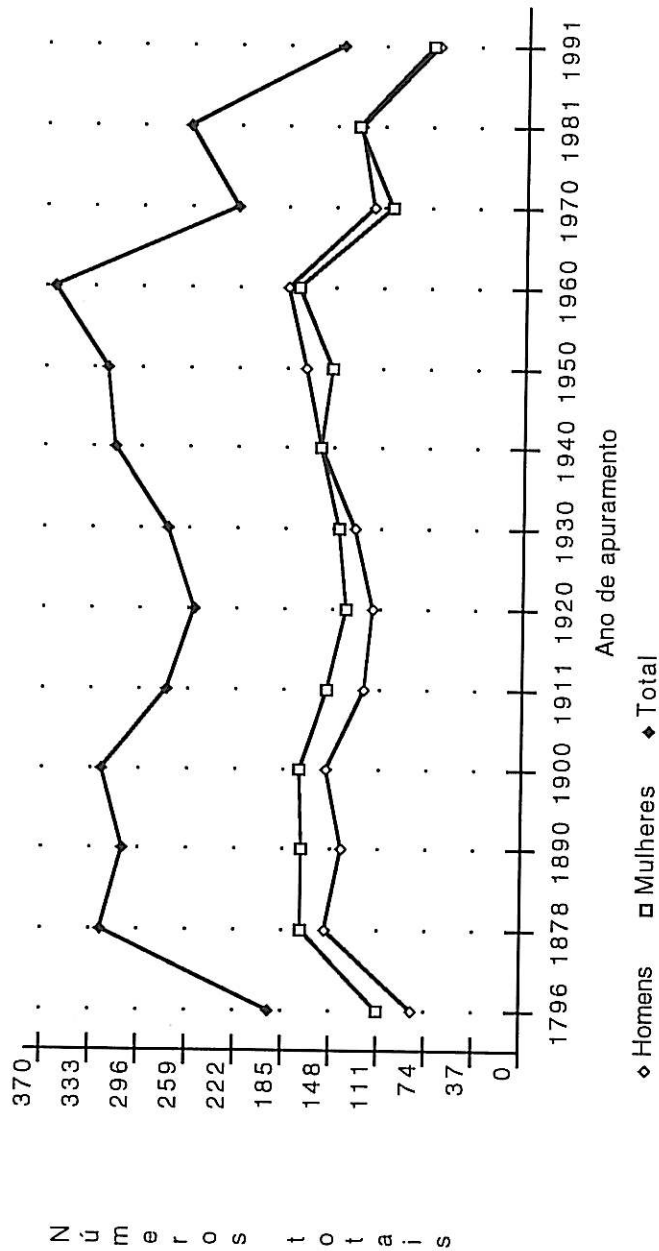
Grupos etários na freguesia de Paradelá em 1981
(população residente)



Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Gráfico XII

Evolução do número de habitantes na freguesia de Paradela, por sexo, desde 1796 até 1991 (população presente)

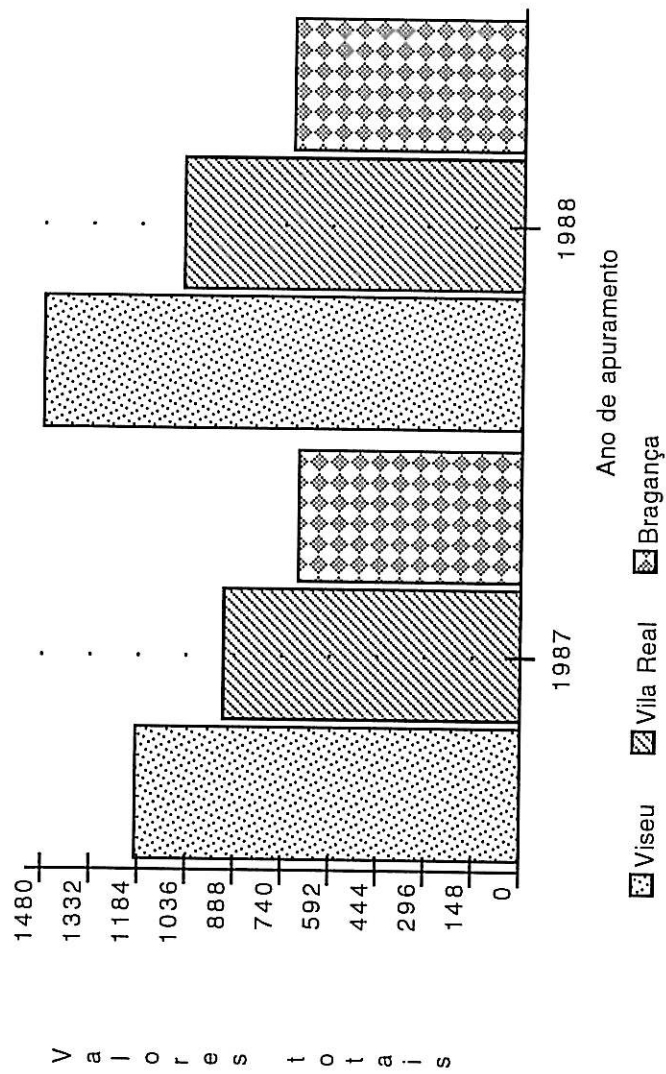


Fontes:

- MENDES, José Maria Amado - *Trás-os-Montes nos finais do século XVIII segundo um manuscrito de 1796*. Coimbra (INIC—Centro de História da Sociedade e Cultura da Universidade de Coimbra), 1981.
- Censo no 1º de Janeiro de 1878*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1881.
- Censo da população do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1890*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1896.
- Censo da população do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1905.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1911*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1917.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1920*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1923.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1930*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1933.
- VIII Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1943.
- IX Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950*. Lisboa (Tipografia Portuguesa, Lda.), 1952.
- X Recenseamento geral da população. Continente e ilhas adjacentes (às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960)*. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1960.
- 11º Recenseamentos da população e da habitação. Continente e ilhas adjacentes*. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1970.
- Instituto Nacional de Estatística (dados de 1991, ainda não publicados).

Gráfico XIII

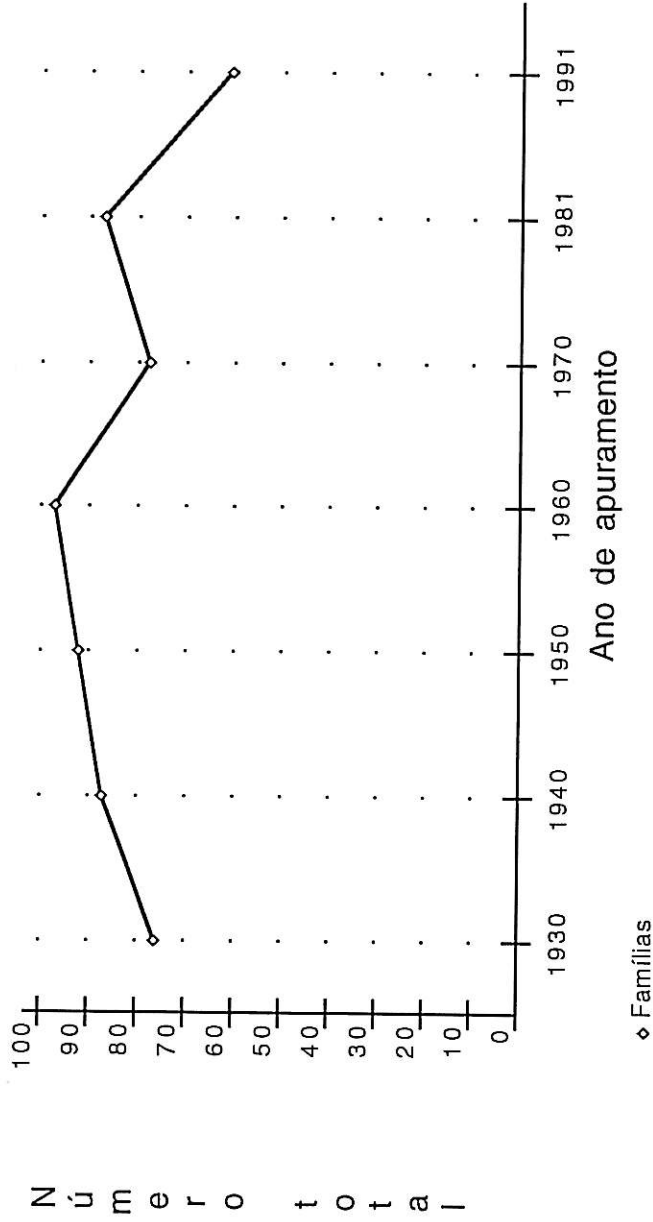
Comparação dos valores de emigração temporária nos distritos de Viseu, Vila Real e Bragança em 1987 e 1988



Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas. Boletim Anual.

Gráfico XIV

Evolução do número de famílias na freguesia de Paradelas de 1930 até 1991

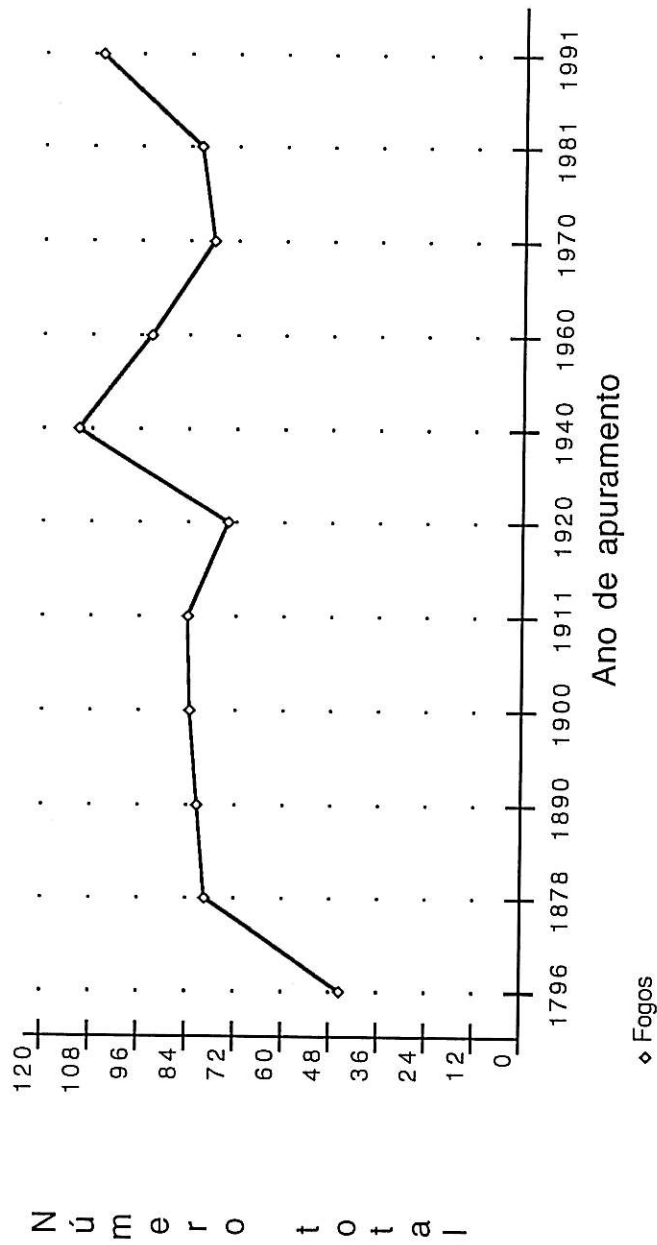


Fontes:

- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1930. Lisboa (Imprensa Nacional), 1933.
- VIII Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940. Lisboa (Imprensa Nacional), 1943.
- IX Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950. Lisboa (Tipografia Portuguesa, Lda.), 1952.
- X Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes (às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960). Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1970.
- 11º Recenseamento da população. Continente e ilhas adjacentes. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1981.
- Recenseamentos da população e da habitação. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1991, ainda não publicados

Gráfico XV

Evolução do número total de fogos na freguesia de Paradelas desde 1796 até 1991

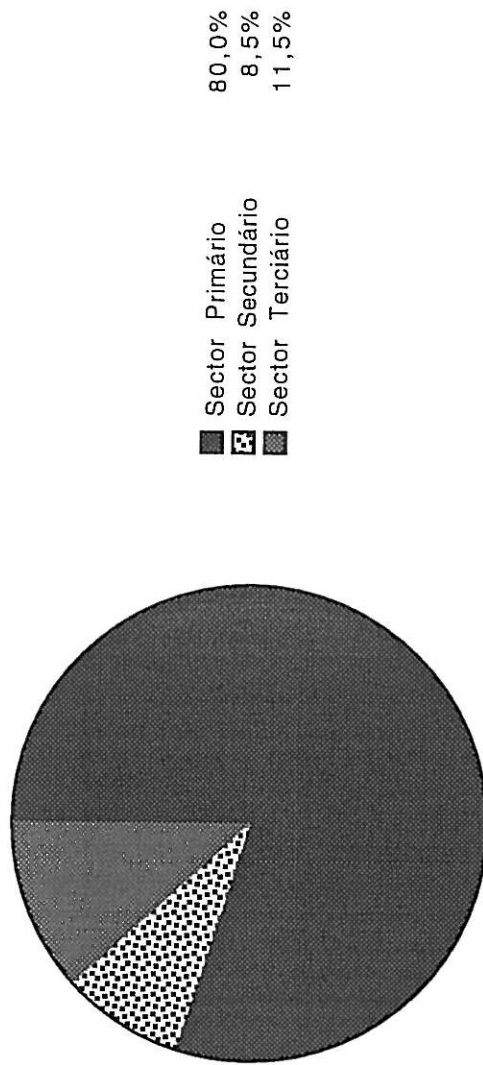


Fontes:

- MENDES, José Maria Amado - *Trás-os-Montes nos finais do século XVIII segundo um manuscrito de 1796*. Coimbra (INIC—Centro de História da Sociedade e Cultura da Universidade de Coimbra), 1981.
- Censo no 1º de Janeiro de 1878*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1881.
- Censo da população do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1890*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1896.
- Censo da população do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1905.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1911*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1917.
- Censo da população de Portugal no 1º de Dezembro de 1920*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1923.
- VIII Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1943.
- X Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes (às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960)*. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística).
- 11º Recenseamento da população. Continente e ilhas adjacentes*. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1970.
- Recenseamentos da população e da habitação*. Lisboa (Instituto Nacional de Estatística), 1981.
- Instituto Nacional de Estatística (dados de 1991, ainda não publicados)

Gráfico XVI

Distribuição da população activa da freguesia de Paradela por sectores económicos em 1981



Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Gráfico XVII

Sexo dos informantes que constituíram a amostra de Paradelá

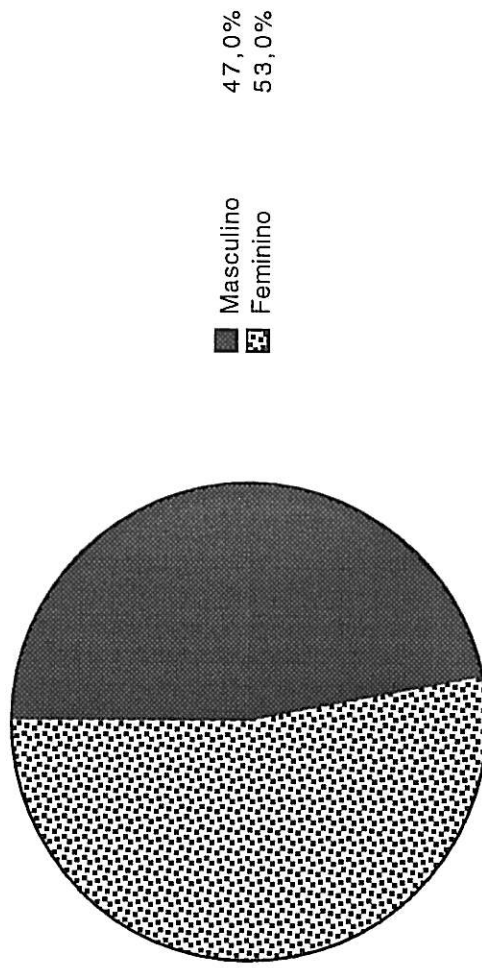


Gráfico XVIII

Estrutura etária da amostra constituída pelos informantes de Paradelá

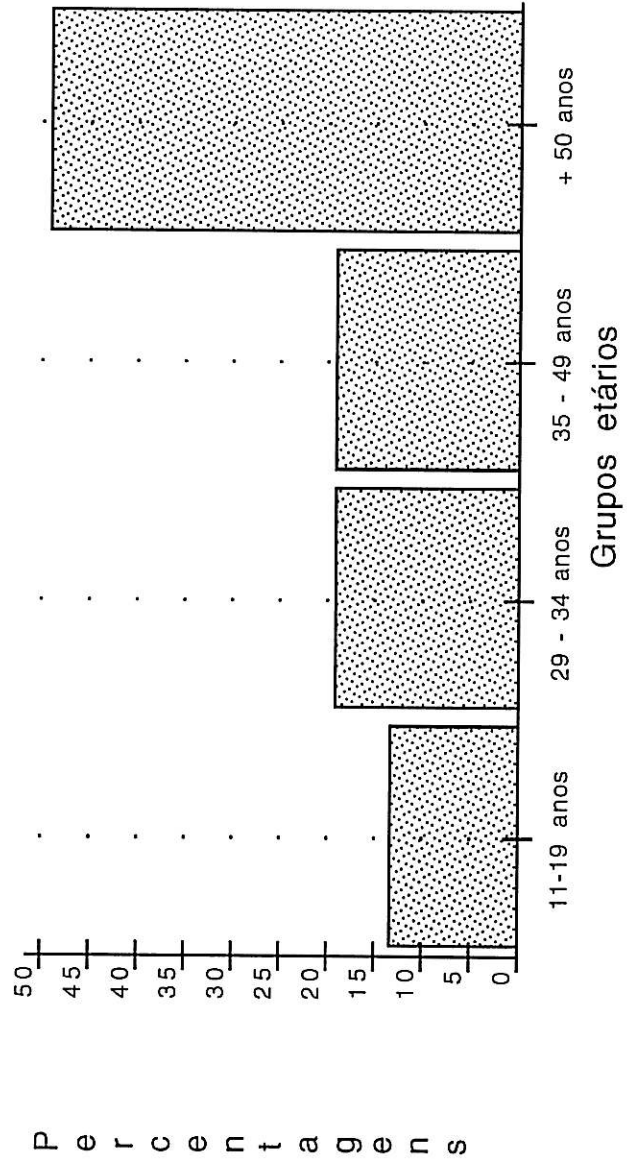


Gráfico XIX

Grau de escolarização dos informantes que constituíram a amostra de Paradela

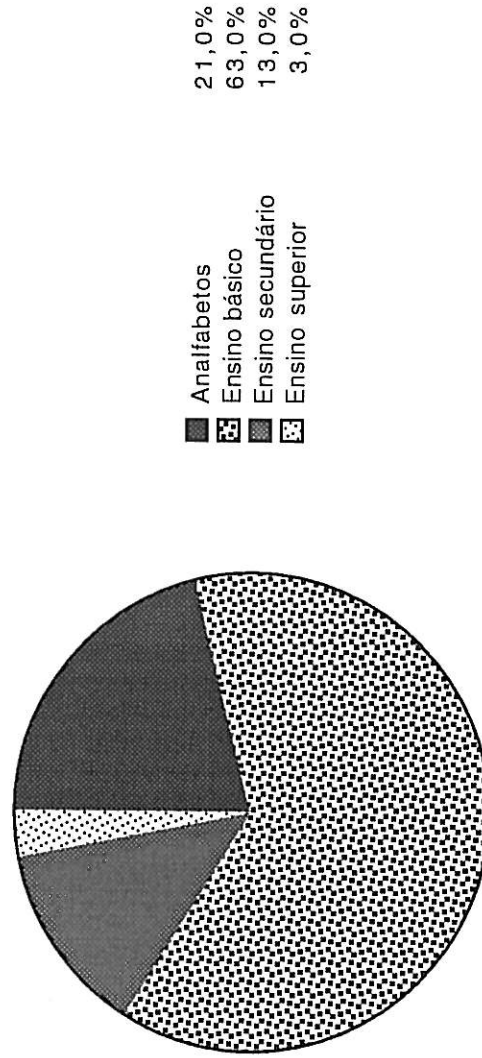


Gráfico XX

Grupos profissionais representados na amostra constituída pelos informantes de Paradela

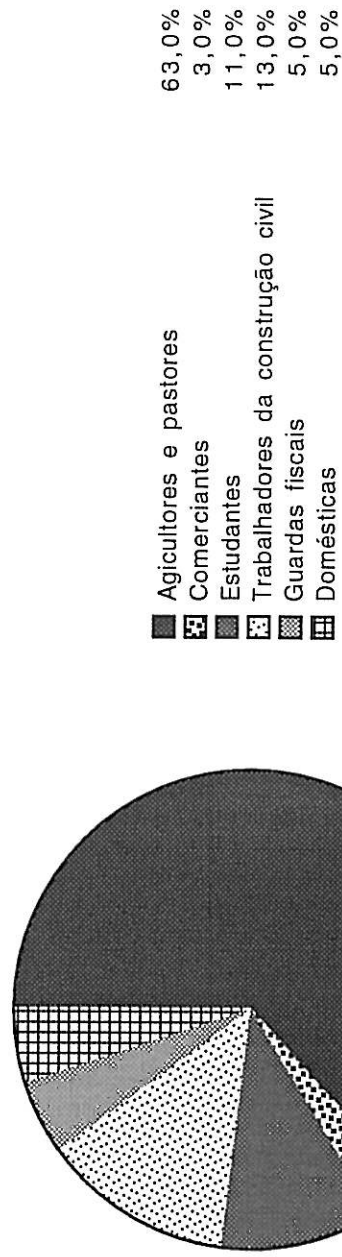
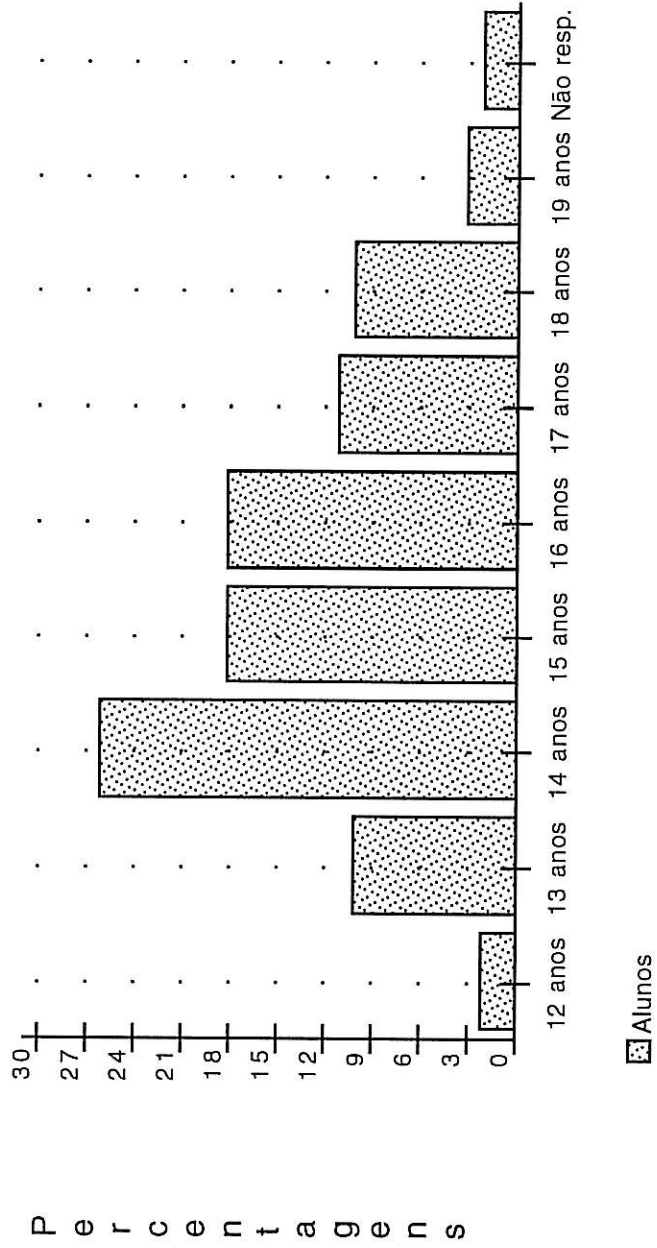


Gráfico XXI

Estrutura etária da amostra constituída pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro



Média de idades: 15,3 anos

Gráfico XXII

Sexo dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro que constituíram a amostra

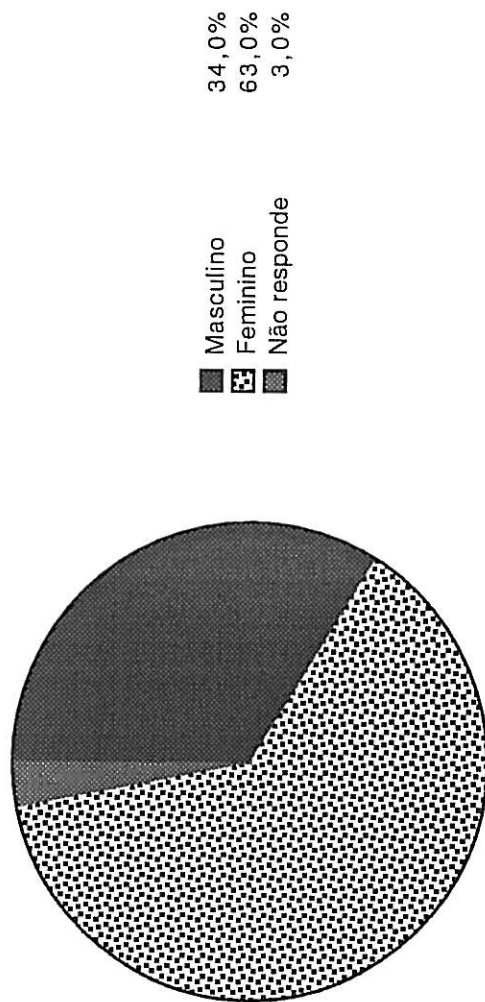
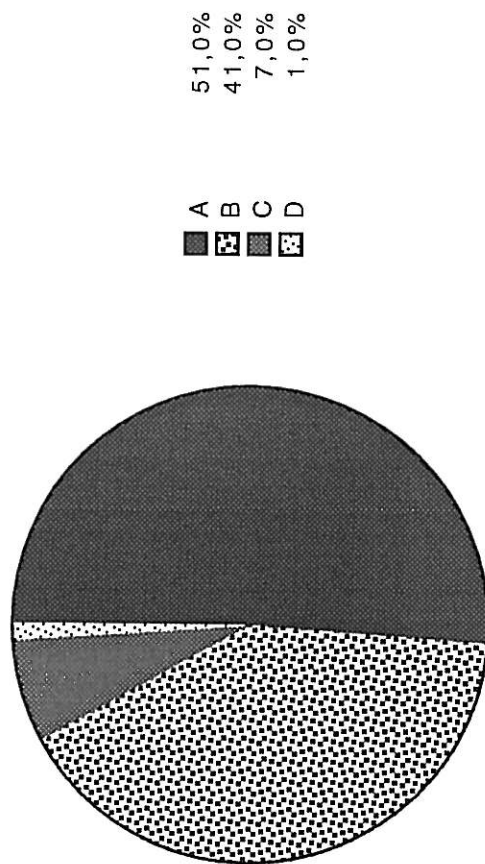


Gráfico XXIII

Zona de residência dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro que constituíram a amostra

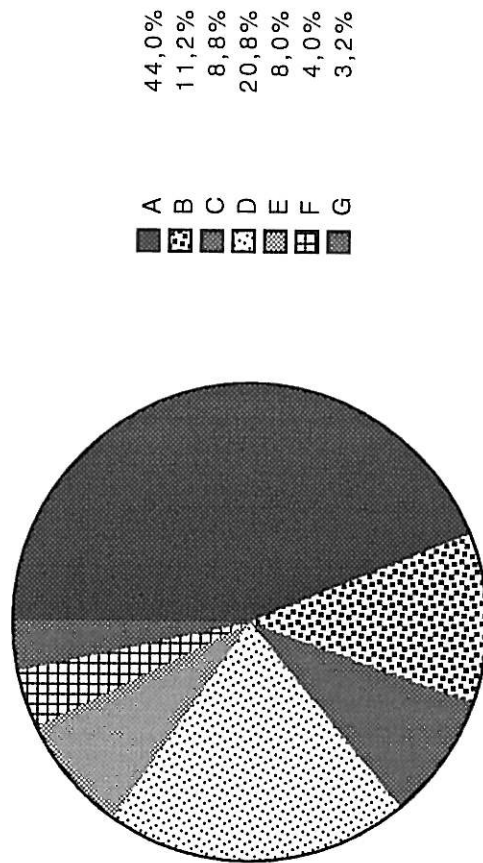


Legenda:

- A—Alunos residentes na zona linguística mirandesa
- B—Alunos residentes na cidade de Miranda do Douro
- C—Alunos residentes em área rural exterior à zona linguística mirandesa
- D—Não respondeu

Gráfico XXIV

Causas apontadas pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro para o declínio no uso do mirandês por parte dos falantes jovens



Legenda:

- A—Vergonha / receio de serem ridicularizados / conotação social de falta de cultura
- B—Não está na moda
- C—Falta de apoio institucional / escolar
- D—Transformações económicas e sociais na região / aumento de população escolarizada / influência dos meios de comunicação social
- E—Dificuldade do idioma / receio de interferências linguísticas do mirandês no português
- F—Desinteresse pela herança cultural e linguística
- G—Porque é um idioma minoritário / receio de ininteligibilidade

Gráfico XXV

Opinião dos informantes de Paradelá sobre a escolarização em mirandês

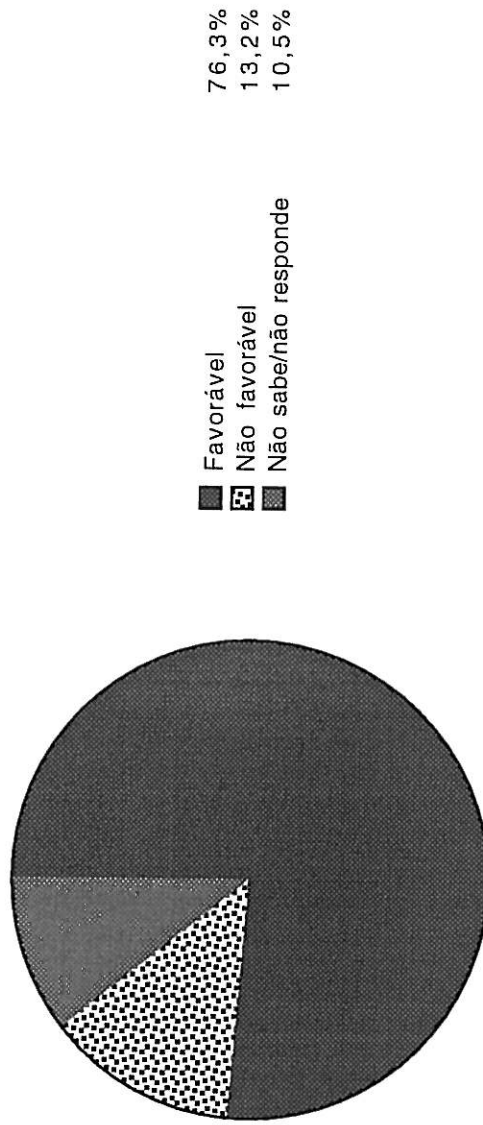


Gráfico XXVI

Opinião dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro sobre a escolarização em mirandês

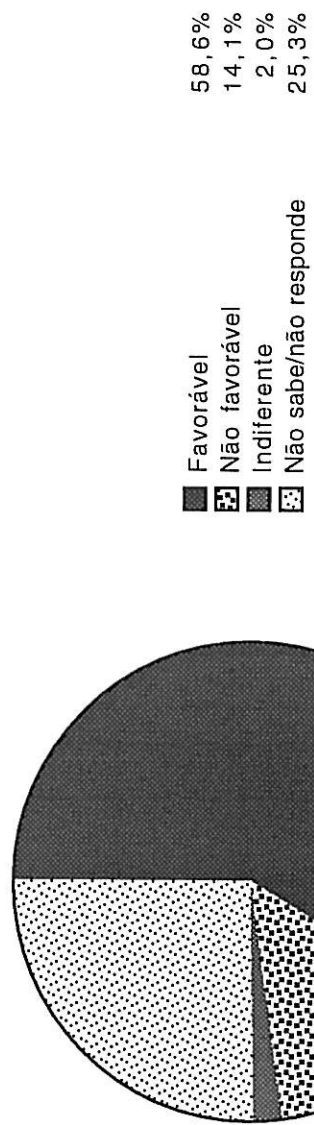


Gráfico XXVII

Opinião dos informantes de Paradelá, favoráveis ao ensino em mirandês, sobre o número de anos de aprendizagem deste idioma

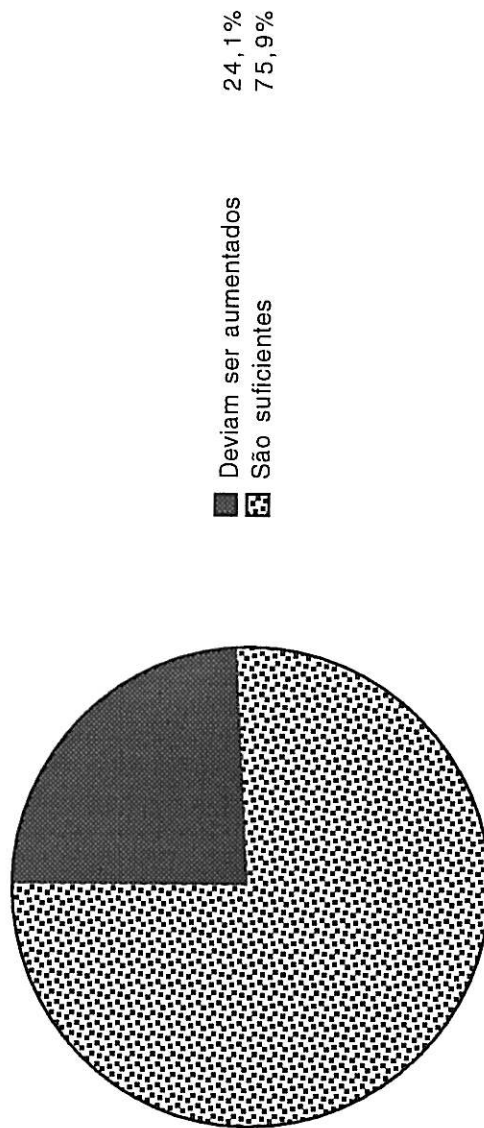


Gráfico XXVIII

Opinião dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, favoráveis ao ensino em mirandês, sobre o número de anos de aprendizagem deste idioma

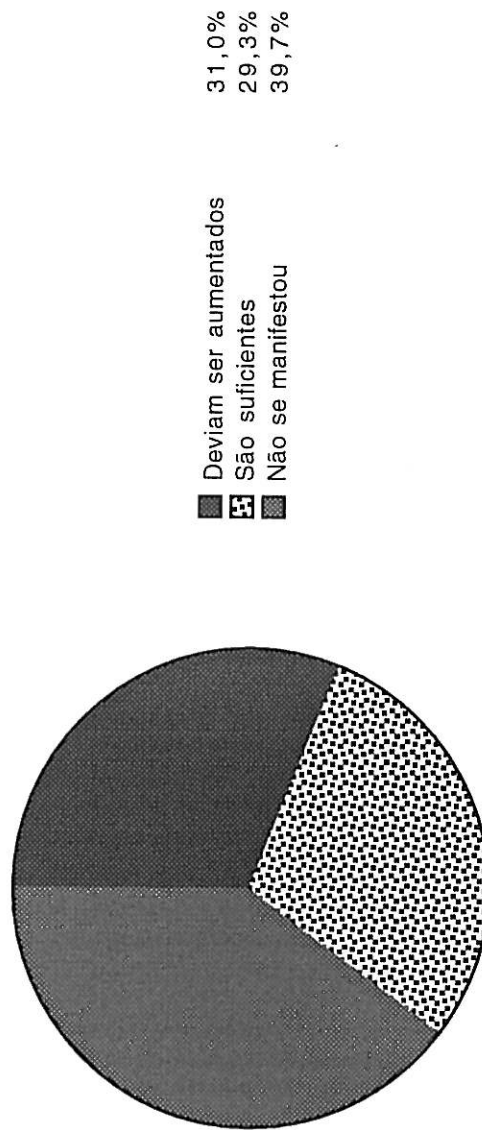


Gráfico XXIX

Percentagem de alunos da Escola Preparatória de Miranda do Douro inscritos na disciplina de Mirandês desde o ano lectivo de 1986/87 até ao de 1993/94

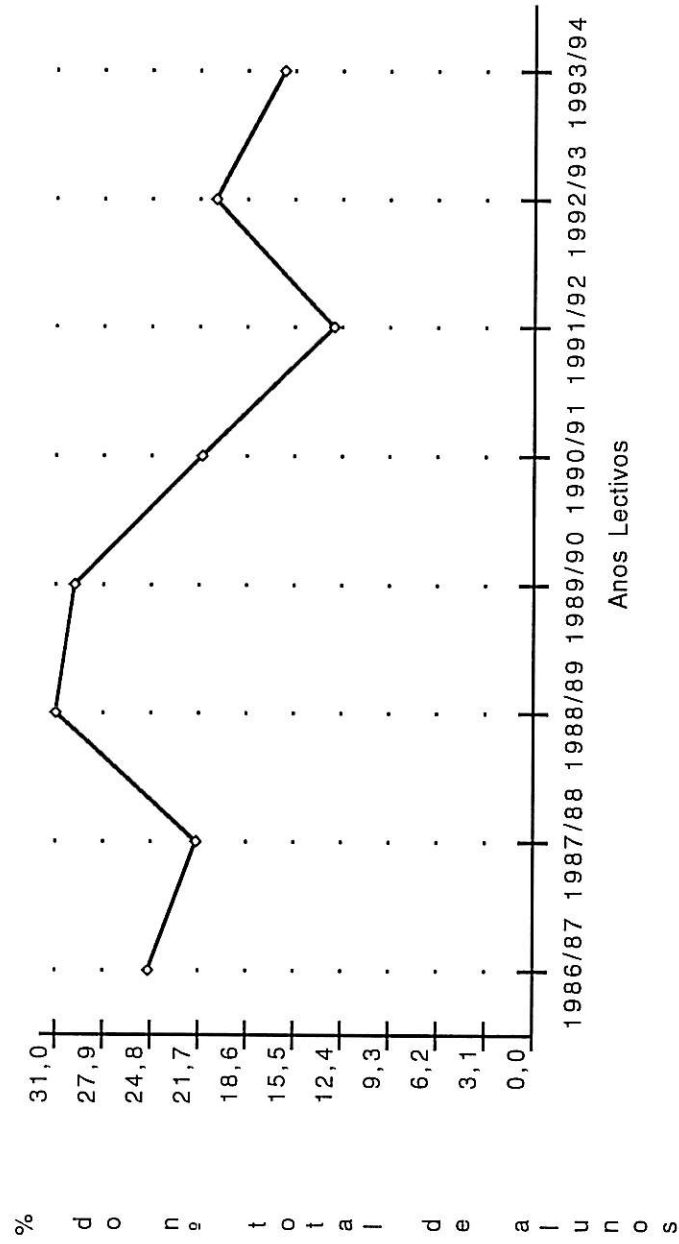


Gráfico XXX

Proveniência regional dos alunos inscritos na disciplina de Mirandês em cada ano lectivo

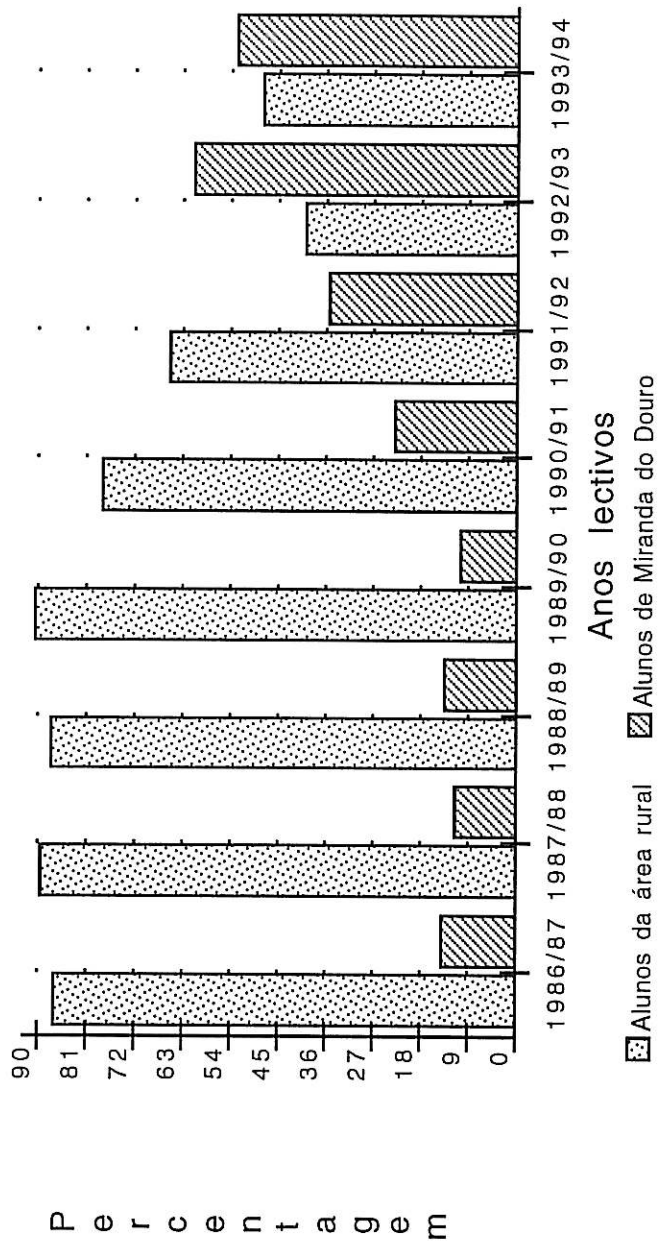


Gráfico XXXI

Variedades idiomáticas em relação às quais os alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro admitiram ter melhor proficiência

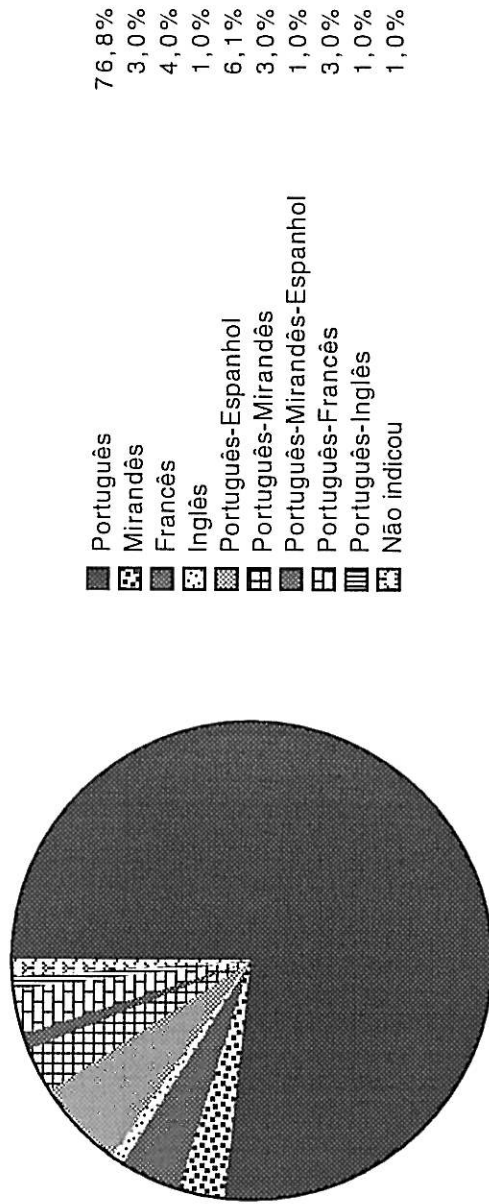


Gráfico XXXII

Proficiência linguística dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro em relação ao sendinês, mirandês e espanhol

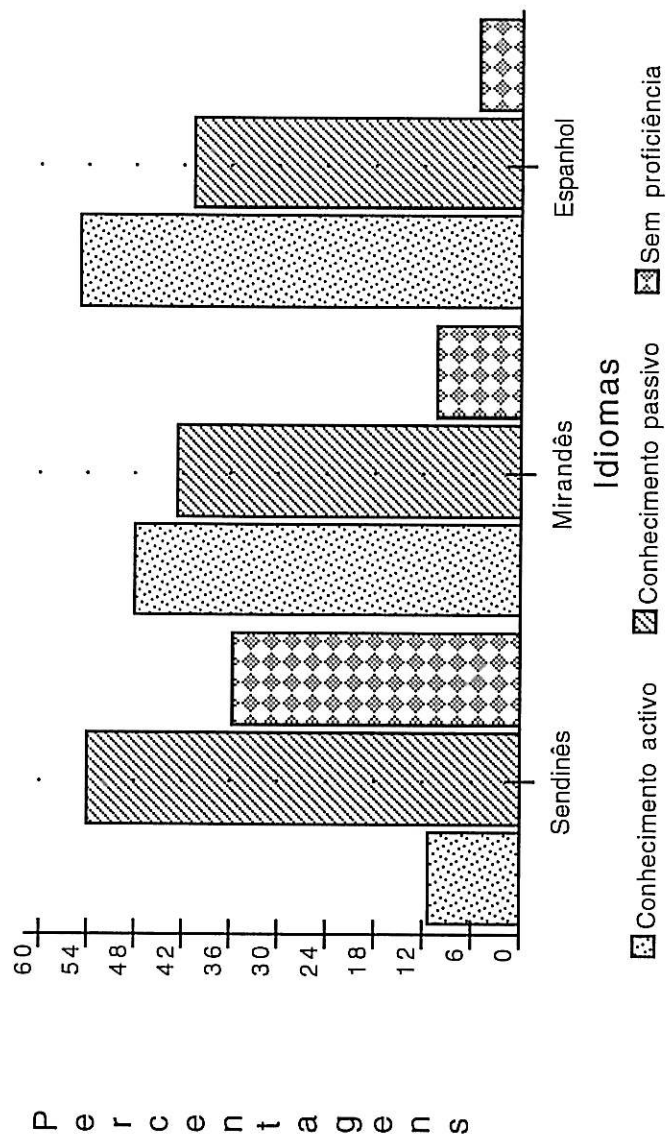


Gráfico XXXIII

Variedades idiomáticas em relação às quais os informantes de Parabela admitiram ter melhor proficiência

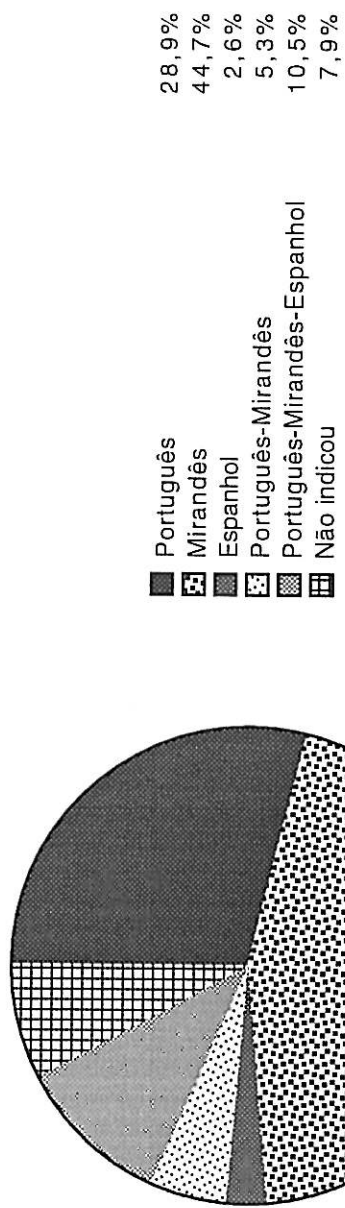


Gráfico XXXIV

Proficiência linguística dos informantes de Parabela em relação ao português, mirandês e espanhol

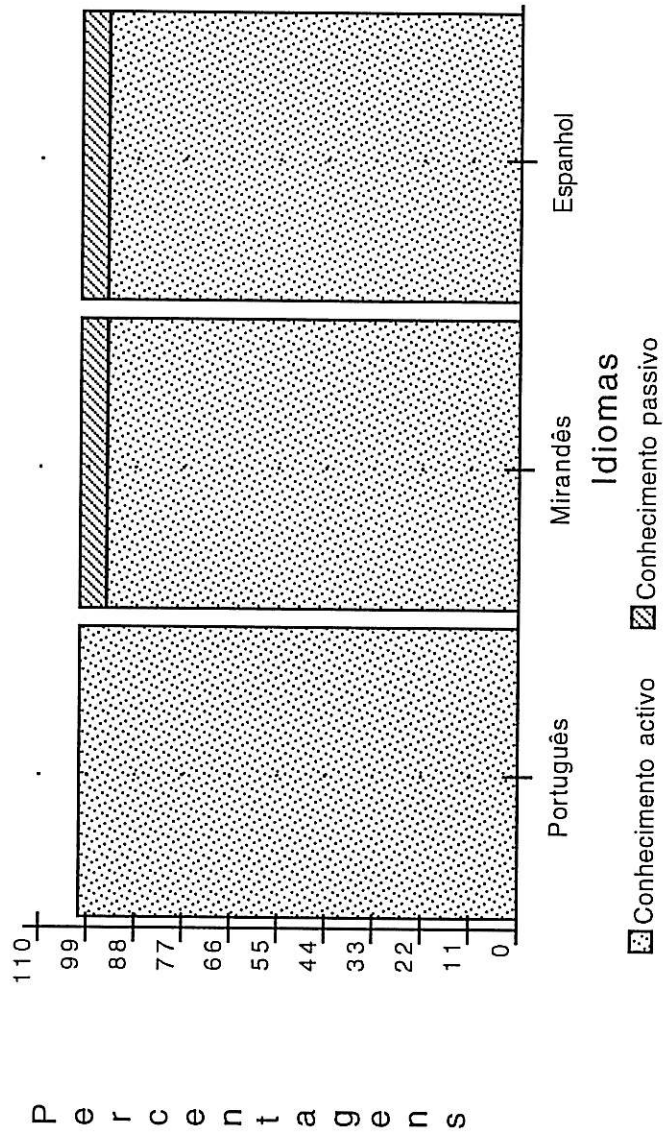


Gráfico XXXV

Proficiência linguística dos informantes de Paradelá em relação ao sendinês

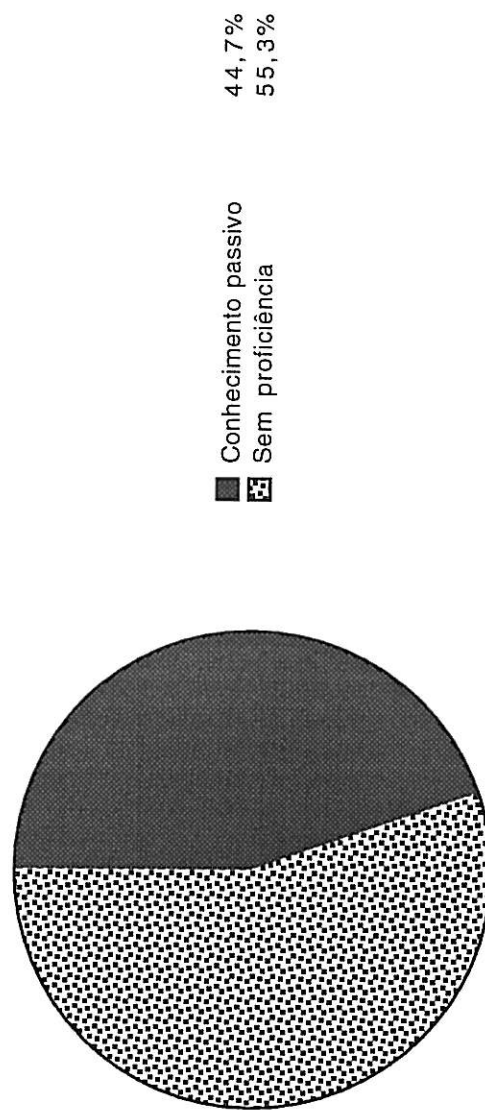


Gráfico XXXVI

Atitudes dos informantes de Paradela em relação à alternância de códigos

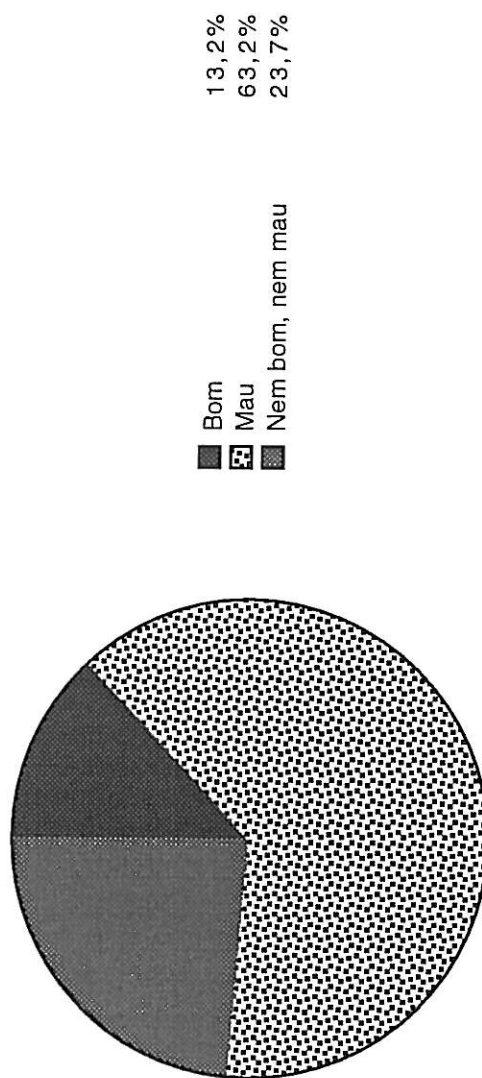


Gráfico XXXVII

Atitudes dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro em relação à alternância de códigos

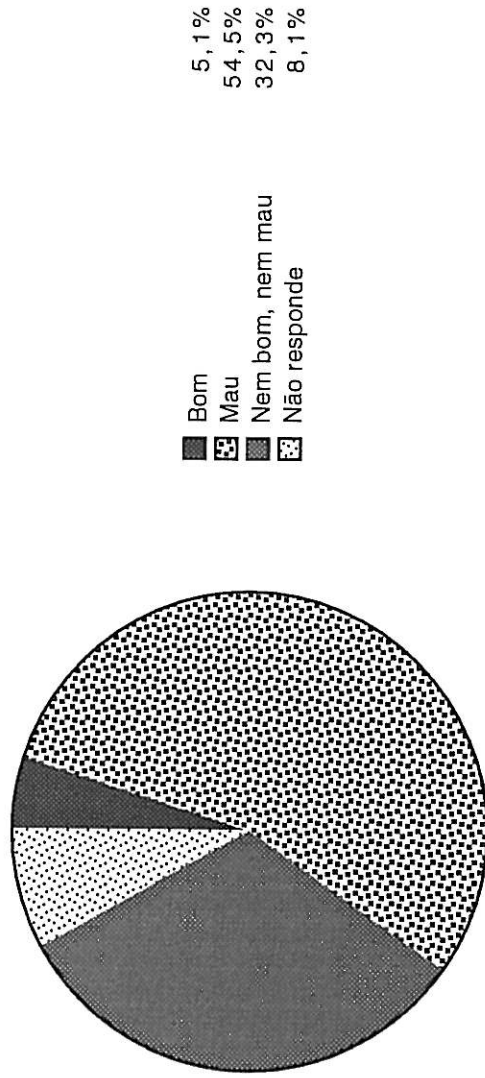


Gráfico XXXVIII

A prática da alternância de códigos segundo os informantes de Paradelá

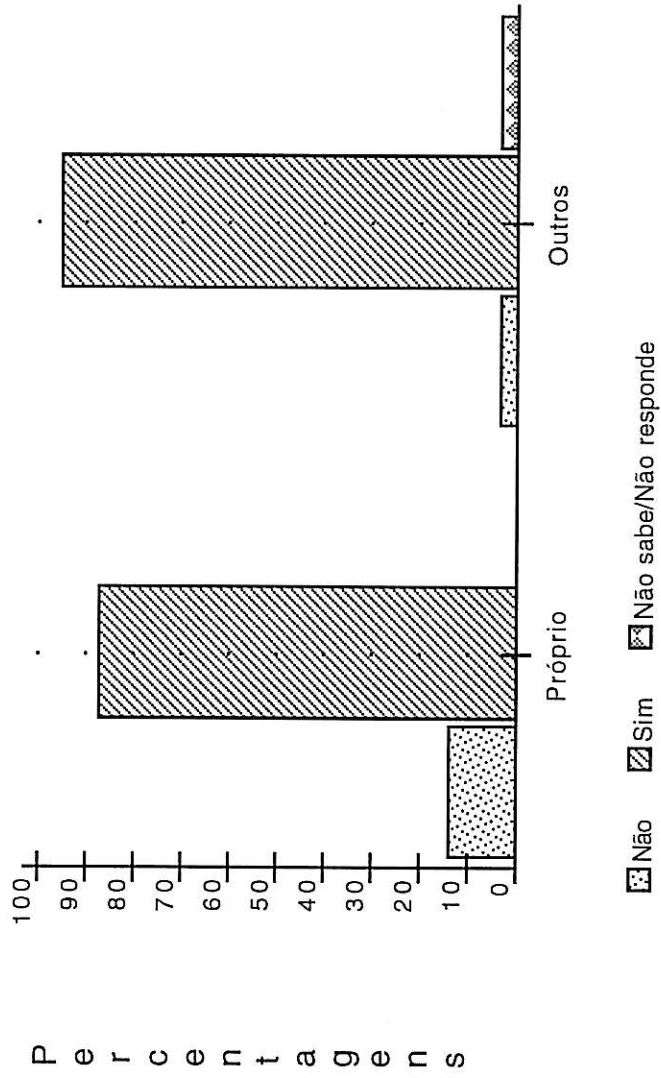


Gráfico XXXIX

A prática da alternância de códigos segundo os alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro

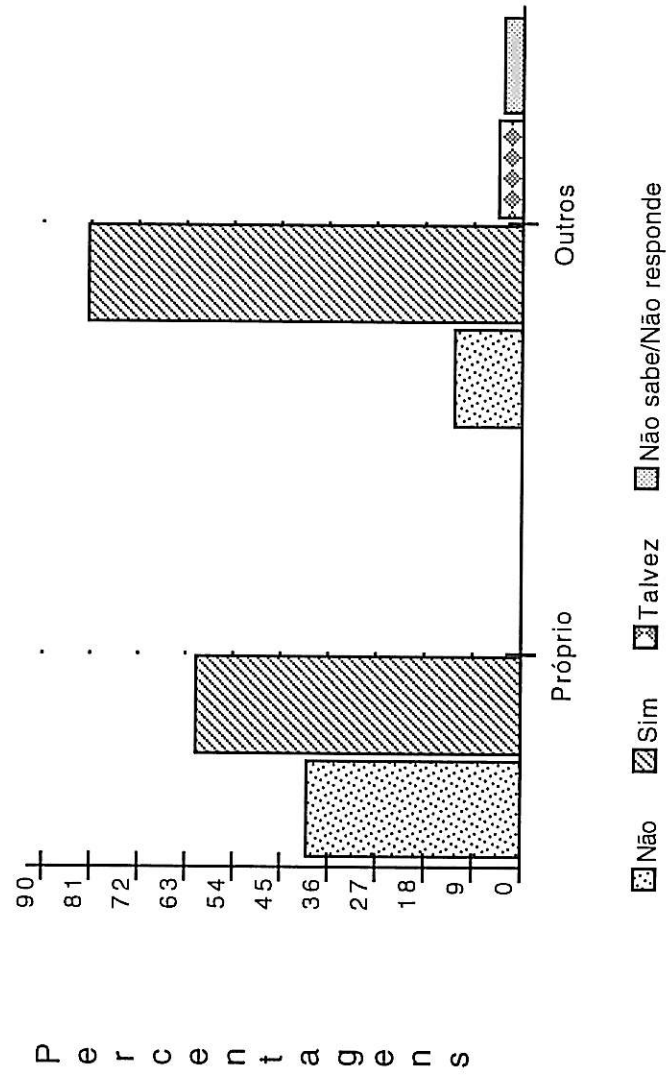
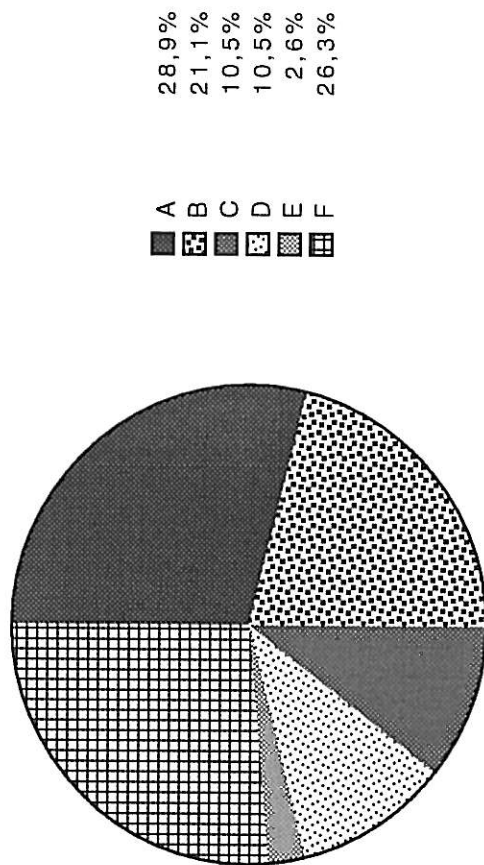


Gráfico XL

Razões apontadas pelos informantes de Paradelá para a prática da alternância de códigos

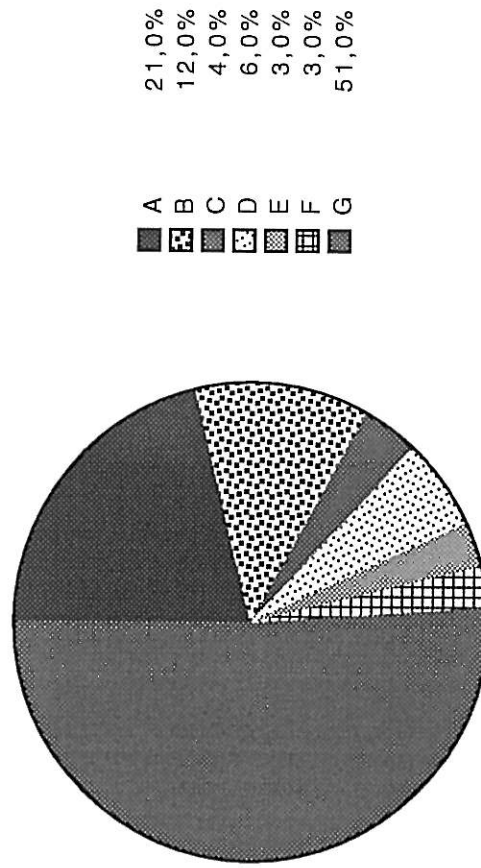


Legenda:

- A — Lacuna vocabular associada à falta de domínio perfeito de um ou mais sistemas linguísticos
- B — Confusão entre as línguas
- C — Mudança frequente de interlocutor
- D — Para facilitar a compreensão do interlocutor bilingue
- E — Hábito aceitável em situações de bilinguismo
- F — Não sabe ou não responde

Gráfico XLI

Razões apontadas pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro para a prática da alternância de códigos



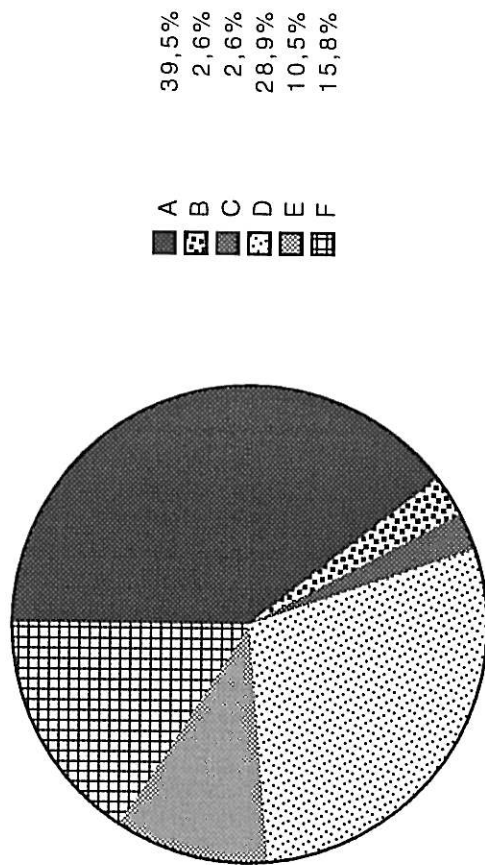
Legenda:

- A — Confusão entre as línguas
- B — Lacuna vocabular associada à falta de domínio perfeito de um ou mais sistemas linguísticos
- C — Mudança de parâmetros situacionais
- D — Hábito
- E — Por brincadeira
- F — Razões que se prendem com o estado emocional do falante (irritação, por exemplo)
- G — Não sabe ou não responde

Gráfico XLII

“Que língua costuma usar quando quer evitar que um estranho o compreenda quando fala com alguém seu conhecido (da sua terra, seu familiar, etc.)?”

Respostas dos informantes de Paradelá

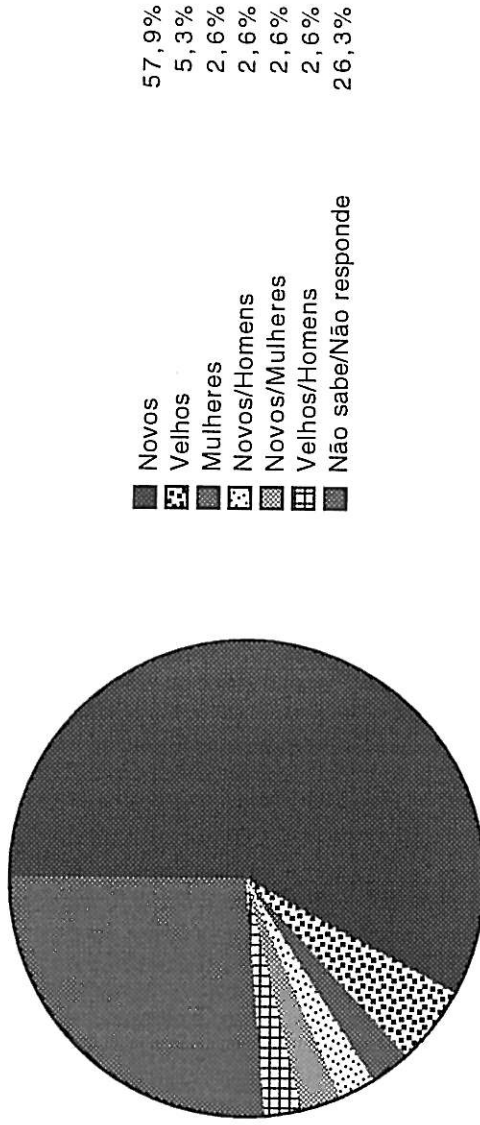


Legenda:

- A — Mirandês
- B — Espanhol
- C — Mirandês ou Espanhol
- D — É má educação usar mirandês para este efeito
- E — Não usa mirandês porque receia ser compreendido pelo monolíngue
- F — Não respondeu

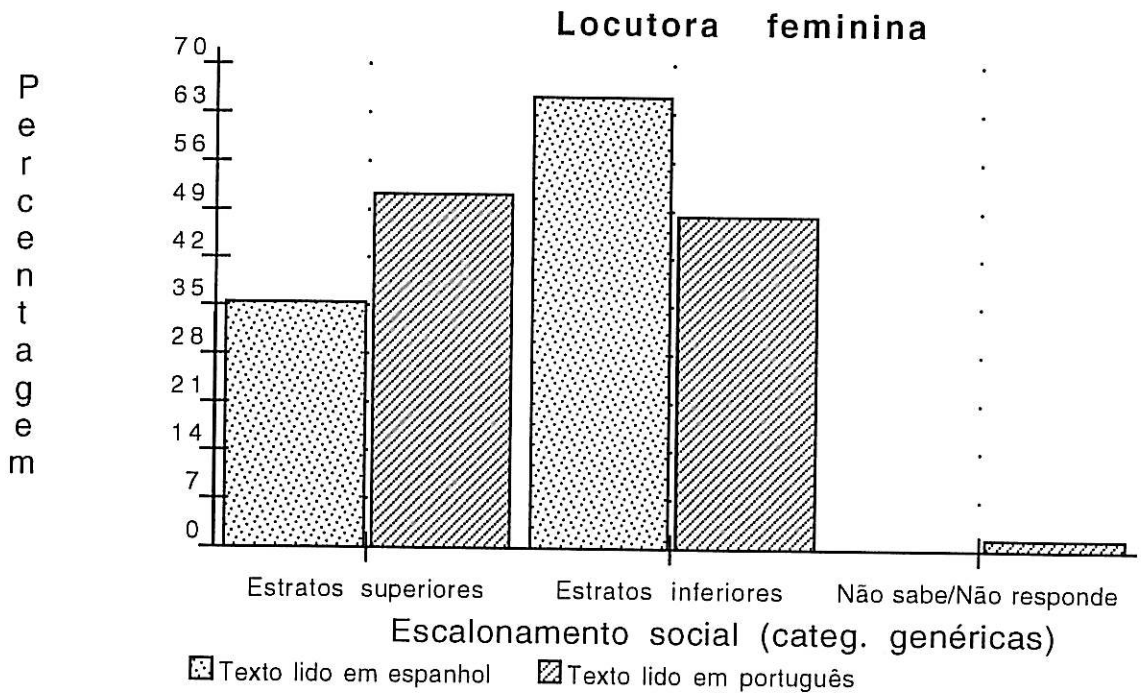
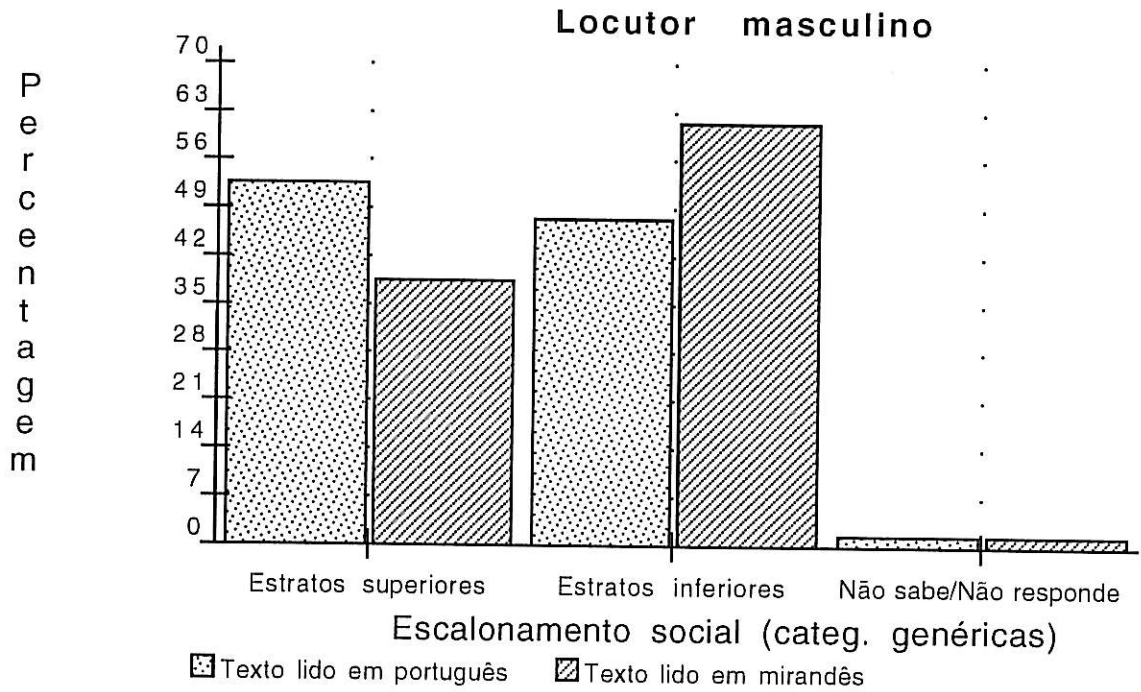
Gráfico XLIII

“Quem fala melhor em Paradelá? Os falantes novos, os velhos, as mulheres, as mulheres ou os homens?”
Respostas dos informantes de Paradelá



“MGT”

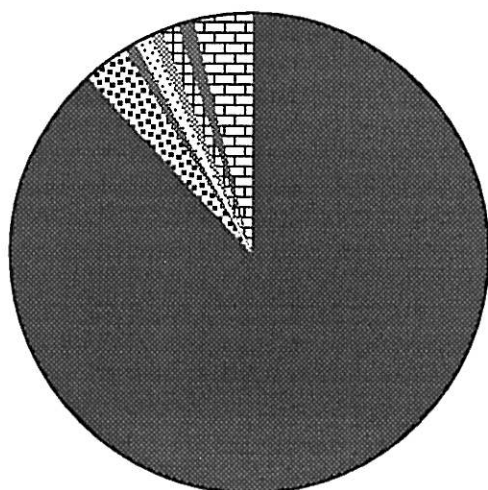
Escalonamento social atribuído aos locutores
 por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o
 idioma em que os textos foram lidos



“MGT”

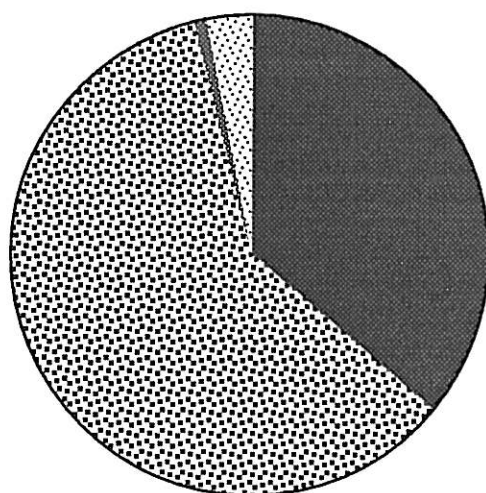
Regiões de origem atribuídas ao locutor masculino por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido

Português



| | |
|-------------------------|-------|
| ■ Trás-os-Montes | 88,0% |
| ▣ Minho | 3,0% |
| ▤ Beira Baixa | 1,0% |
| ▥ Beira Litoral | 1,0% |
| ▦ Lisboa | 1,0% |
| ▧ Porto | 1,0% |
| ▨ Alentejo | 1,0% |
| ▩ Não sabe/Não responde | 4,0% |

Mirandês

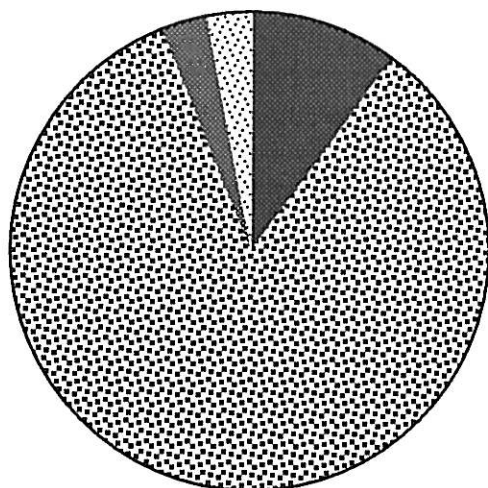


| | |
|-------------------------------|-------|
| ■ Miranda do Douro | 36,0% |
| ▣ Trás-os-Montes e Alto Douro | 60,0% |
| ▤ Guarda | 1,0% |
| ▥ Não sabe/Não responde | 3,0% |

“MGT”

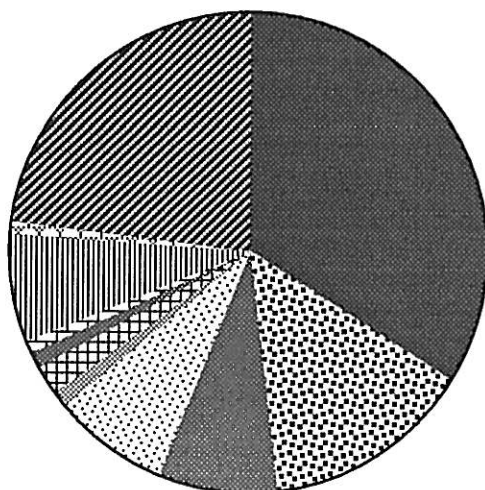
Regiões de origem atribuídas à locutora feminina por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido

Espanhol



| | |
|---------------------------------|-----|
| ■ Trás-os-Montes/zona fronteira | 10, |
| ▣ Espanha | 84, |
| ▤ Norte de Portugal | 3, |
| ▥ Não sabe/Não responde | 3, |

Português

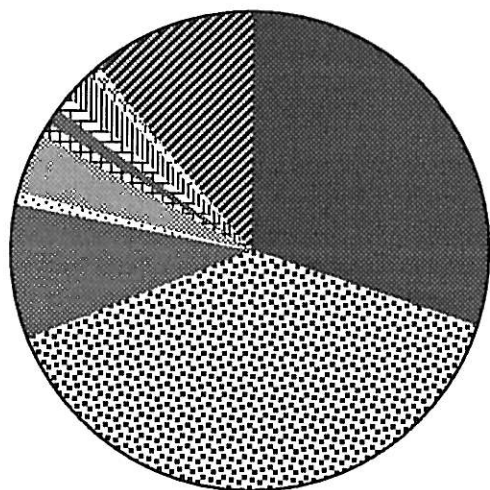


| | |
|-------------------------------|-------|
| ■ Trás-os-Montes e Alto Douro | 34,0% |
| ▣ Litoral-centro | 14,0% |
| ▤ Litoral | 8,0% |
| ▥ Douro Litoral | 8,0% |
| ▦ Minho | 1,0% |
| ▧ Norte de Portugal | 2,0% |
| ▨ Beira Litoral | 1,0% |
| ▩ Algarve | 1,0% |
| ▪ Portugal | 7,0% |
| ▫ Espanha | 1,0% |
| ▬ Não sabe/Não responde | 23,0% |

“MGT”

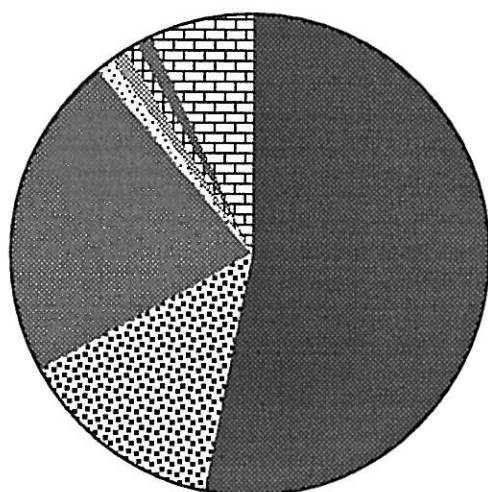
Profissões atribuídas ao locutor masculino por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido

Português



| | | |
|---|-----------------------|-------|
| ■ | Agricultor e afins | 30,0% |
| ▣ | Padre e afins | 39,0% |
| ▤ | Professor | 9,0% |
| ▥ | Comerciante | 1,0% |
| ▦ | Escritor e afins | 4,0% |
| ▧ | Médico | 1,0% |
| ▨ | Advogado | 1,0% |
| ▩ | Engenheiro | 1,0% |
| ▪ | Pintor | 2,0% |
| ▫ | Motorista | 1,0% |
| ▬ | Não sabe/Não responde | 11,0% |

Mirandês

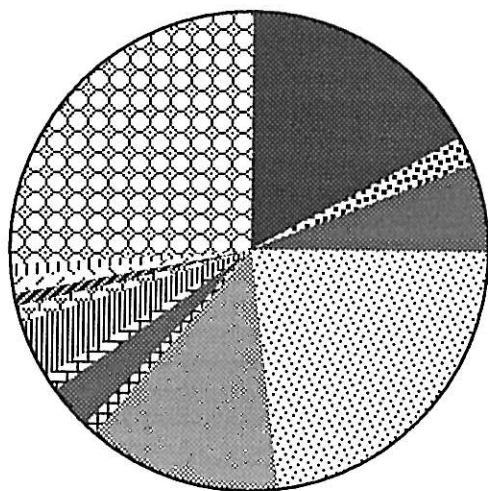


| | | |
|---|------------------------------|-------|
| ■ | Agricultor e afins | 53,0% |
| ▣ | Padre e afins | 14,0% |
| ▤ | Professor/ Prof. de Mirandês | 22,0% |
| ▥ | Trabalhador em Museu | 1,0% |
| ▦ | Viajante | 1,0% |
| ▧ | Pintor | 1,0% |
| ▨ | Poeta | 1,0% |
| ▩ | Não sabe/Não responde | 7,0% |

“MGT”

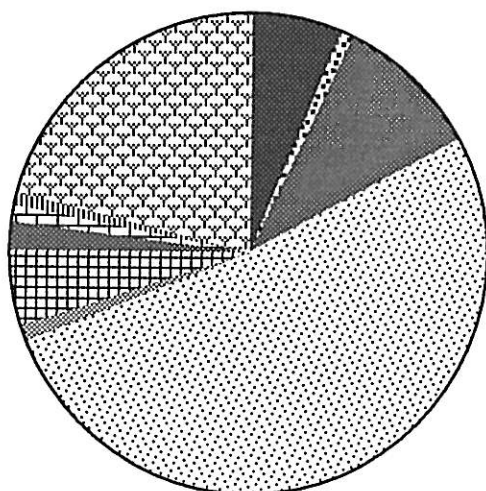
Profissões atribuídas à locutora feminina por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido

Espanhol



| | | |
|---|---------------------------|-------|
| ■ | Agricultor/a e afins | 17,0% |
| ▣ | Freira e afins | 2,0% |
| ■ | Doméstica | 6,0% |
| ▣ | Estudante | 23,0% |
| ▣ | Comerciante/Viajante | 13,0% |
| ▣ | Professora | 1,0% |
| ■ | Escritor e afins | 3,0% |
| ▣ | Psicólogo | 1,0% |
| ▣ | Trab. de construção civil | 4,0% |
| ▣ | Curandeiro | 1,0% |
| ▣ | Emigrante | 1,0% |
| ▣ | Empregado de bar | 1,0% |
| ▣ | Locutora | 1,0% |
| ▣ | Não sabe/Não responde | 26,0% |

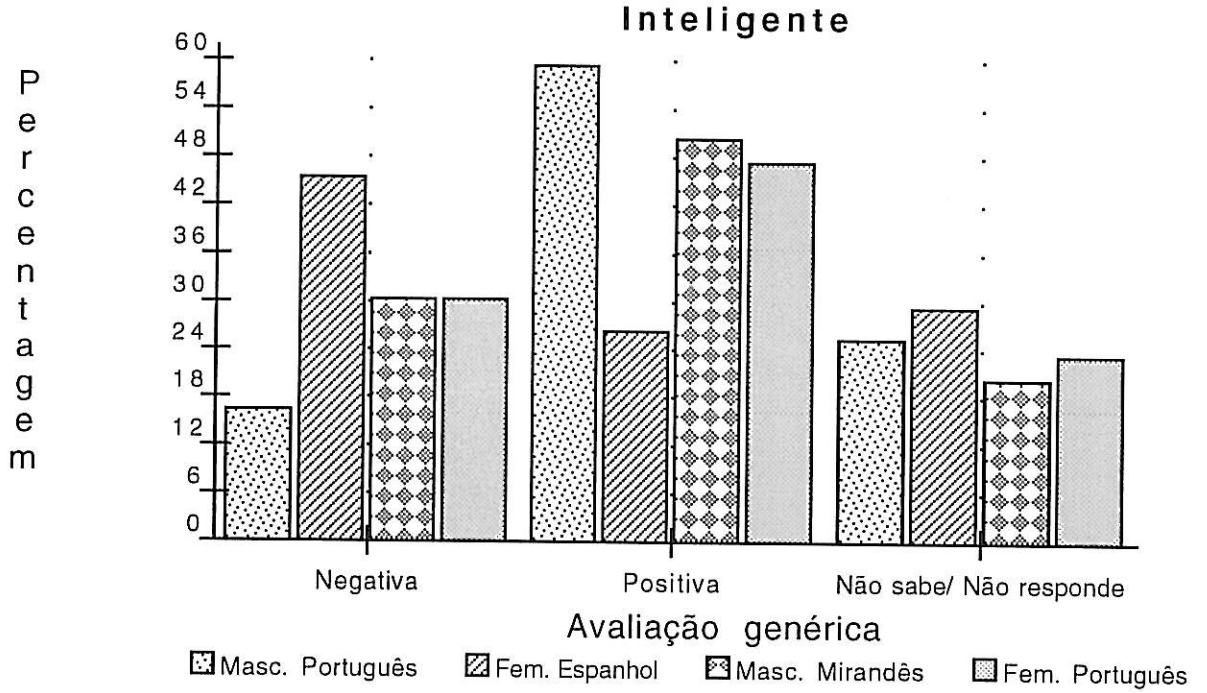
Português



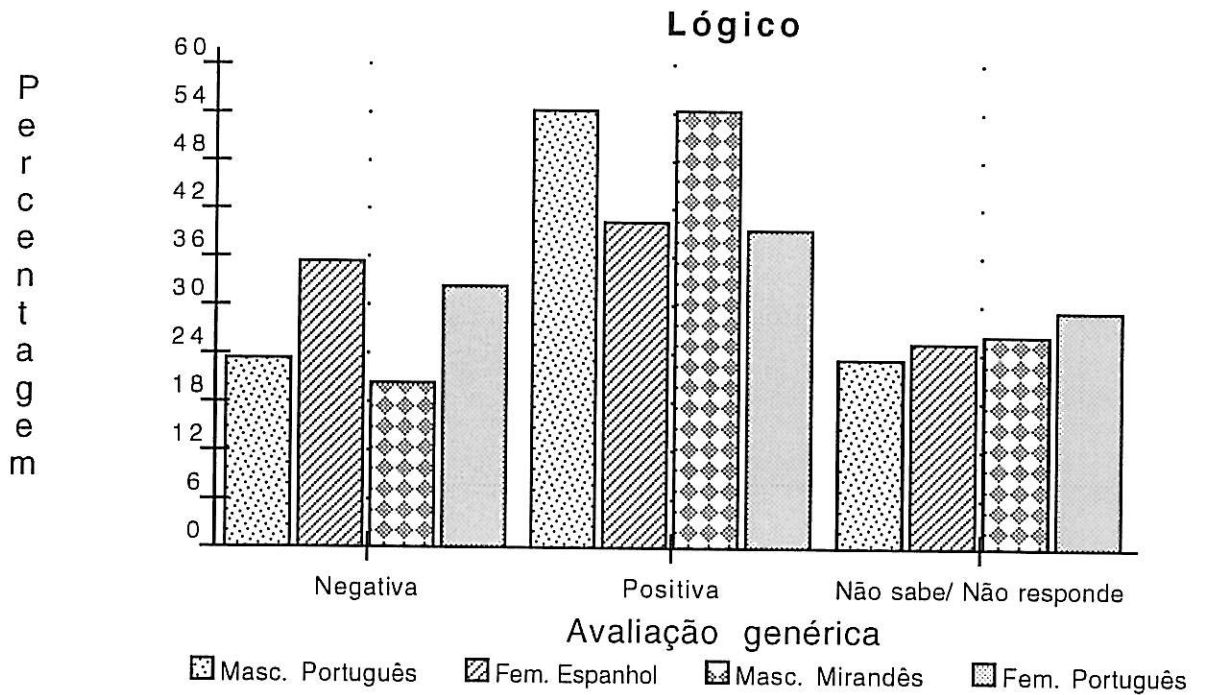
| | | |
|---|-----------------------|-------|
| ■ | Agricultor/a e afins | 6,0% |
| ▣ | Empregado | 1,0% |
| ■ | Doméstica | 10,0% |
| ▣ | Estudante | 52,0% |
| ▣ | Comerciante | 1,0% |
| ▣ | Professora | 5,0% |
| ■ | Médica | 2,0% |
| ▣ | Polícia | 1,0% |
| ▣ | Curandeira | 1,0% |
| ▣ | Não sabe/Não responde | 21,0% |

“MGT”
Resultados referentes às expressões do grupo “Status”

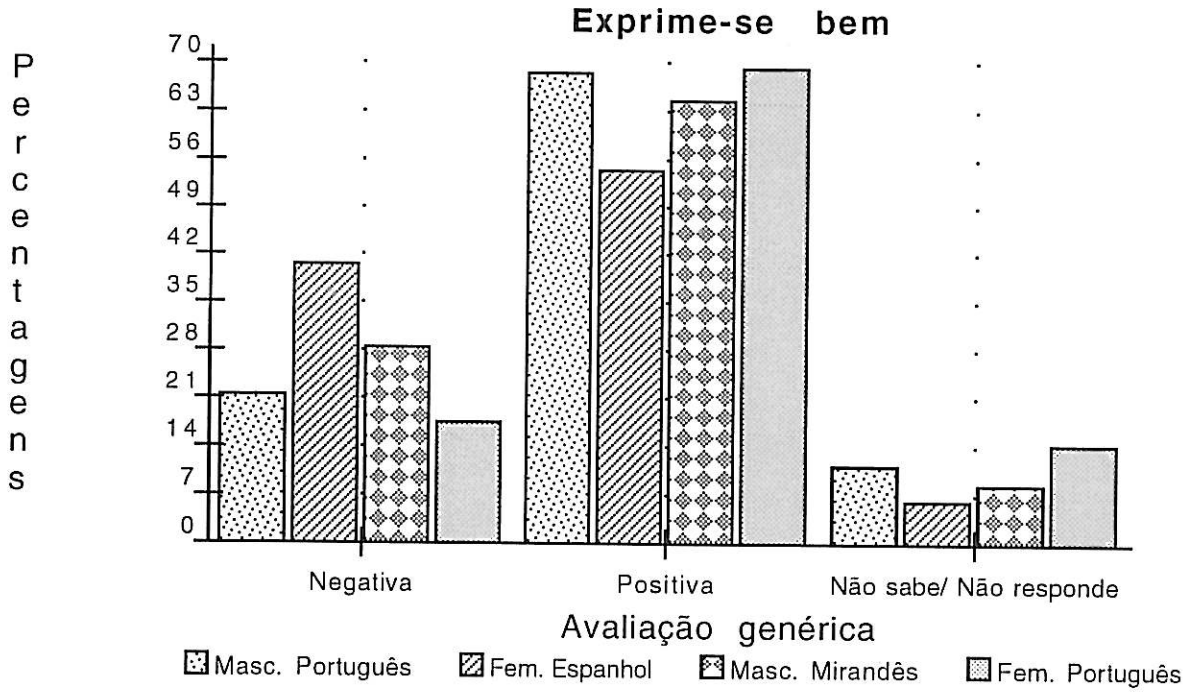
a)



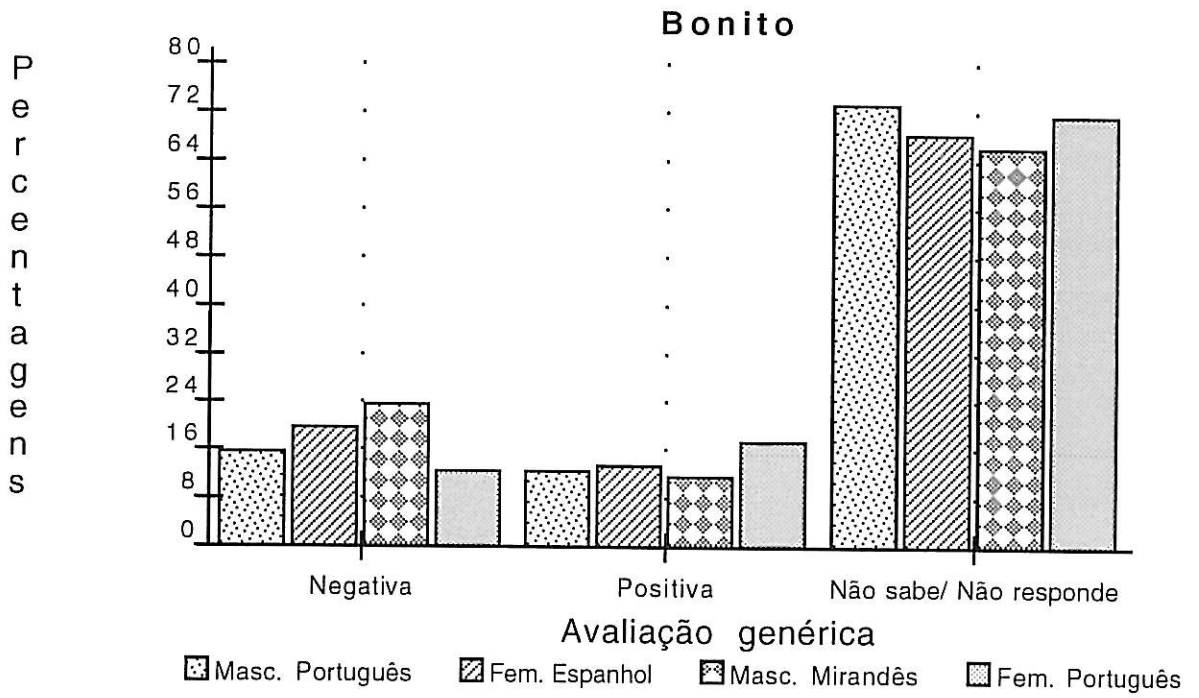
b)



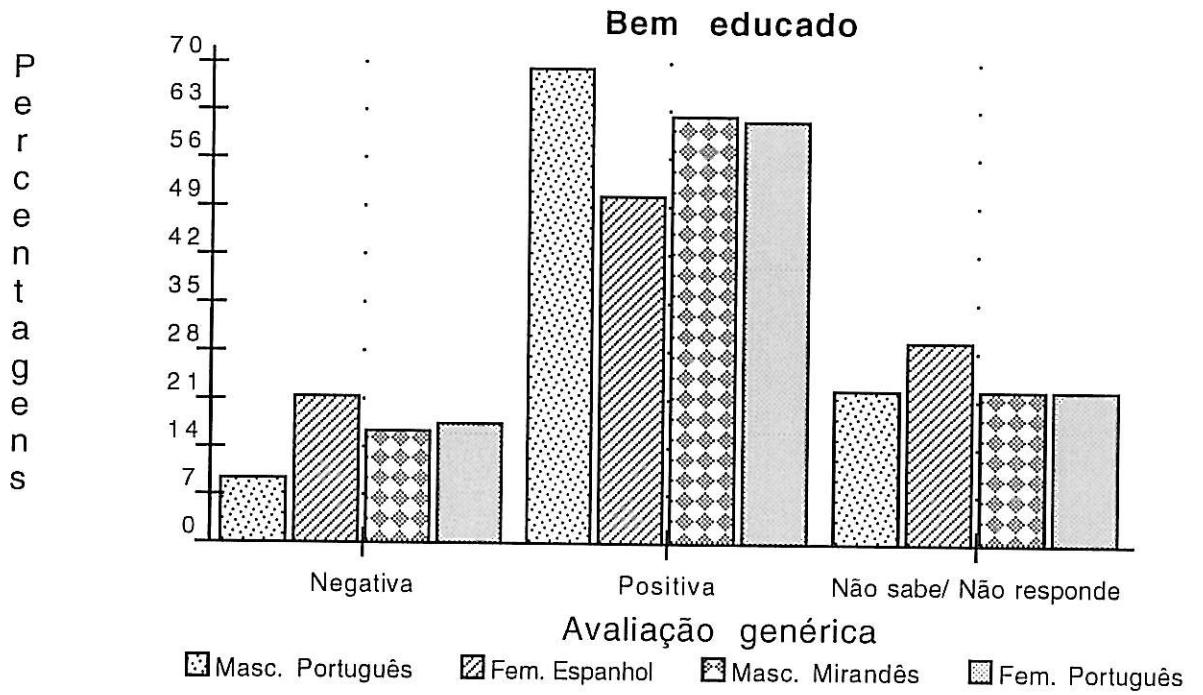
c)



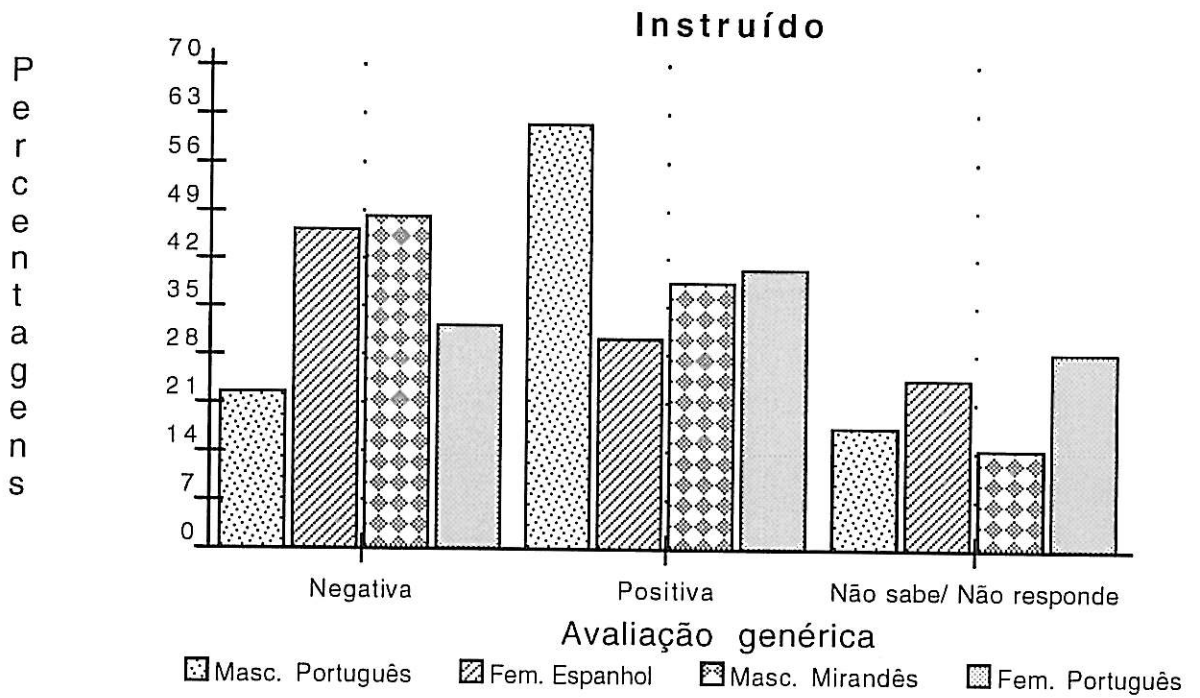
d)



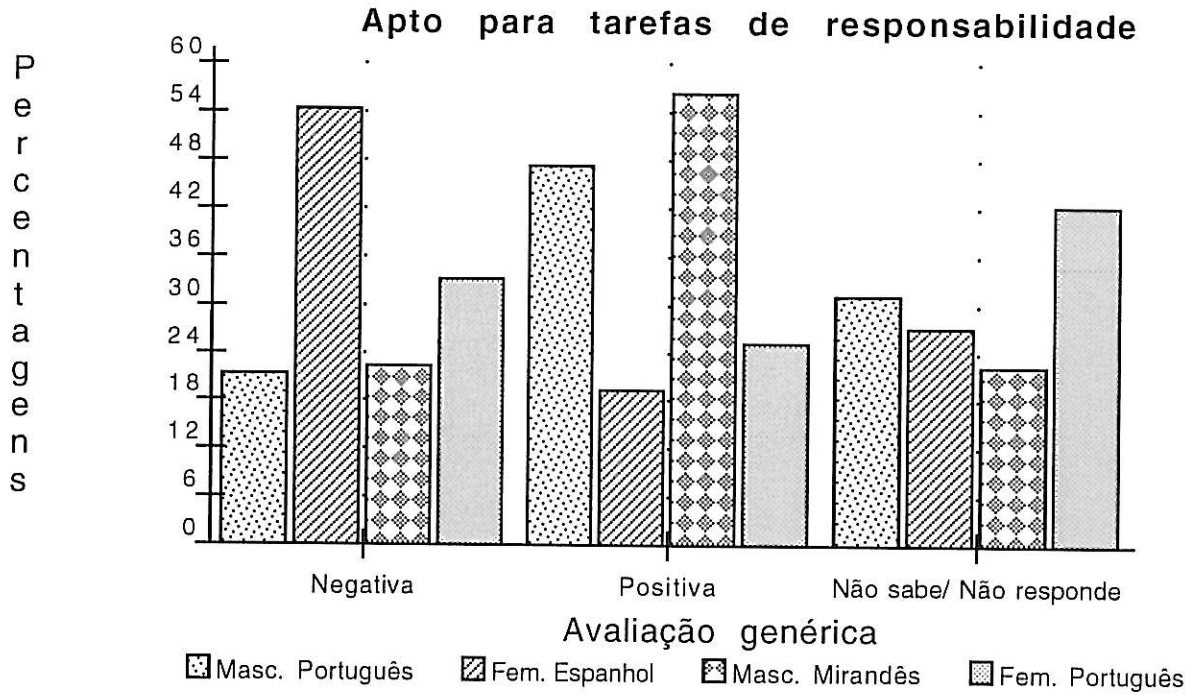
e)



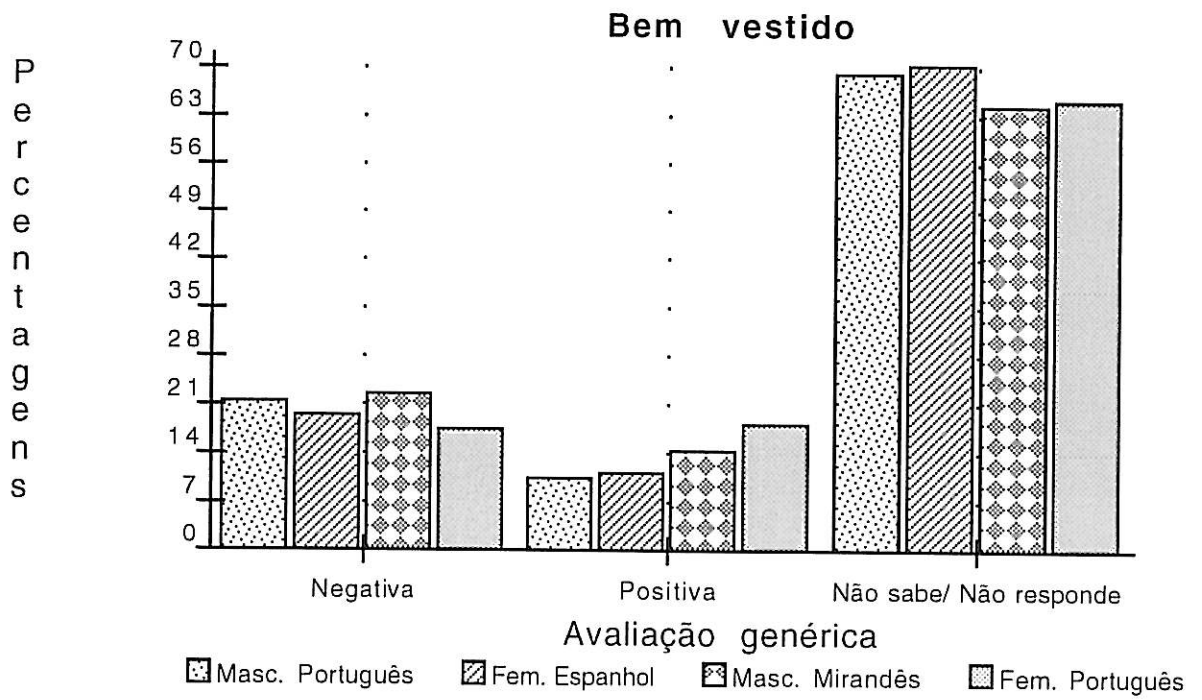
f)



g)



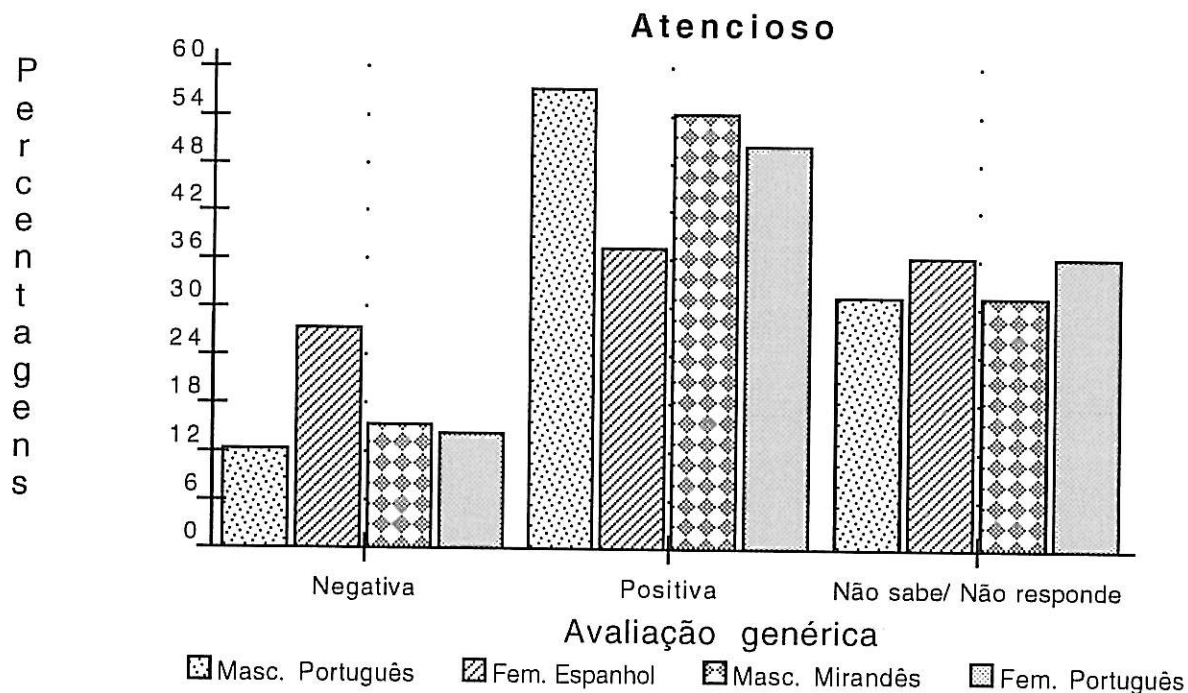
h)



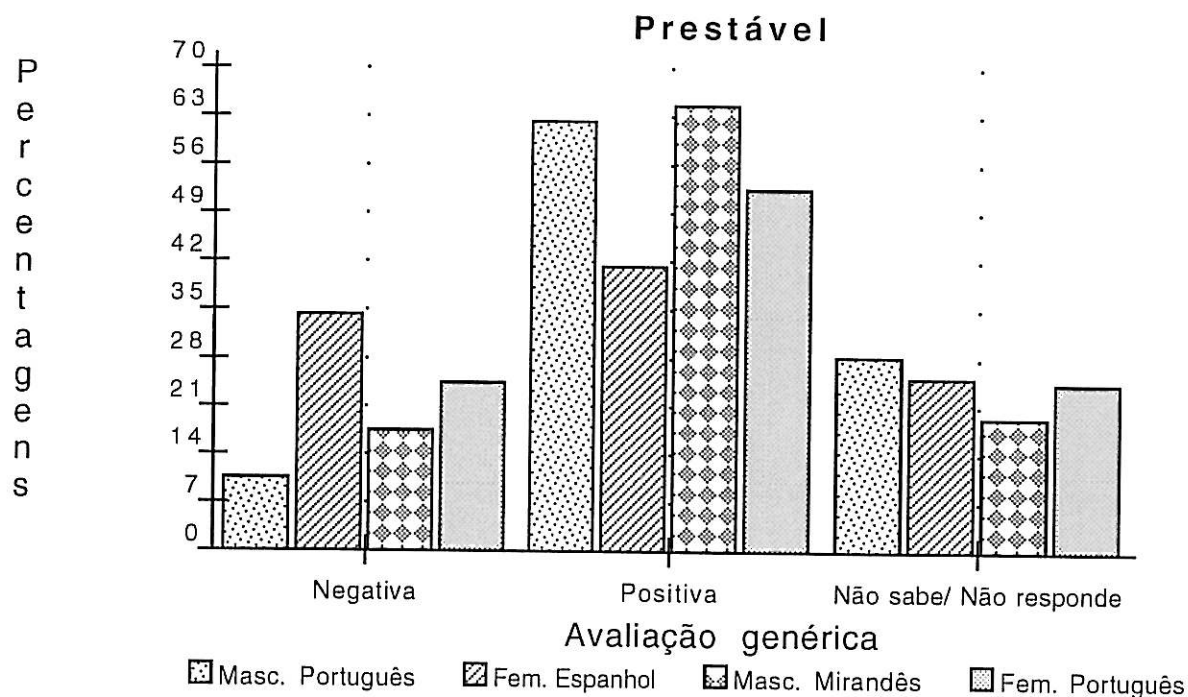
"MGT"

Resultados referentes às expressões do grupo "Solidariedade"

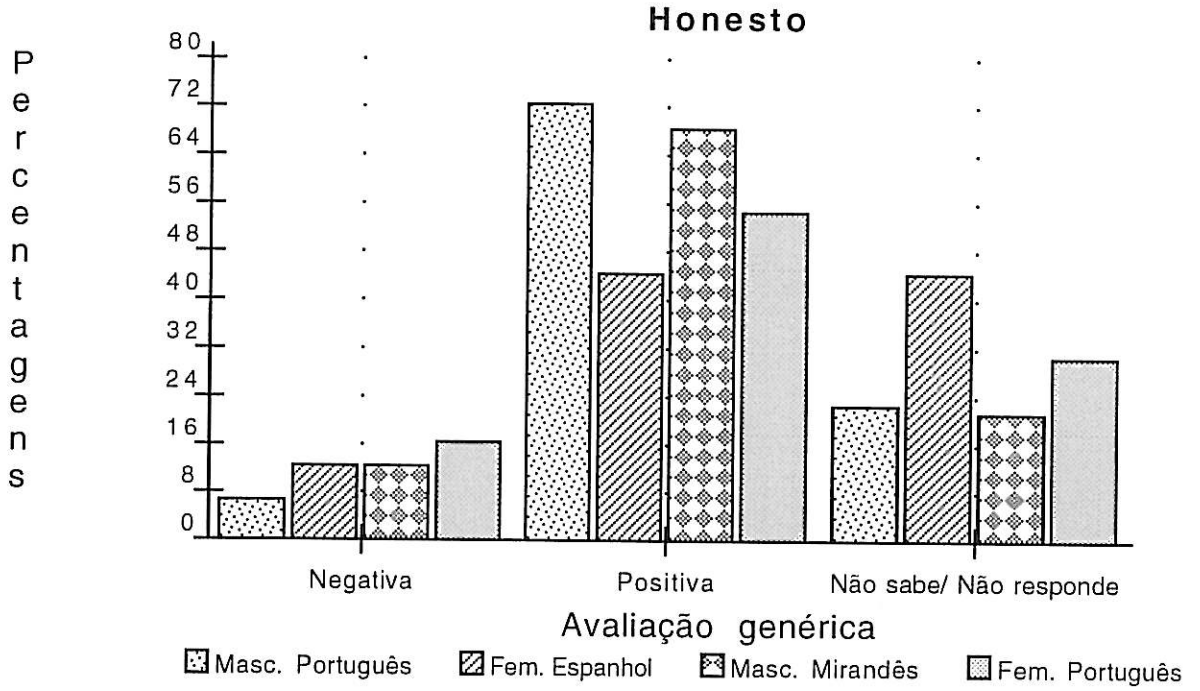
a)



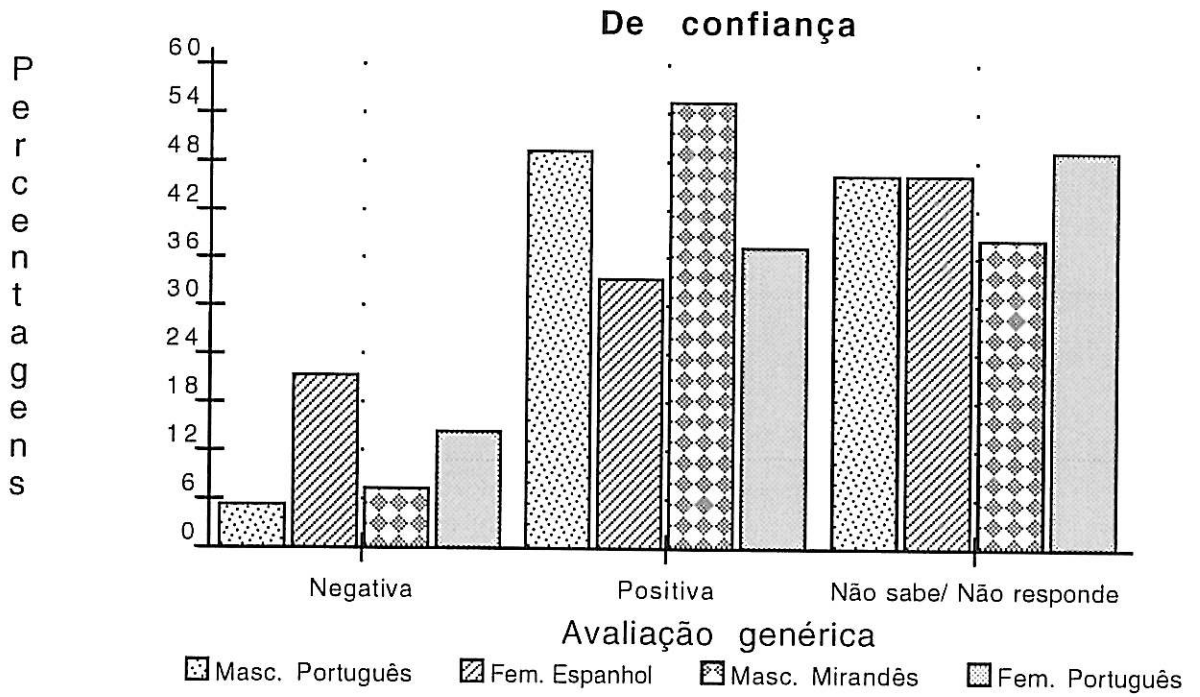
b)



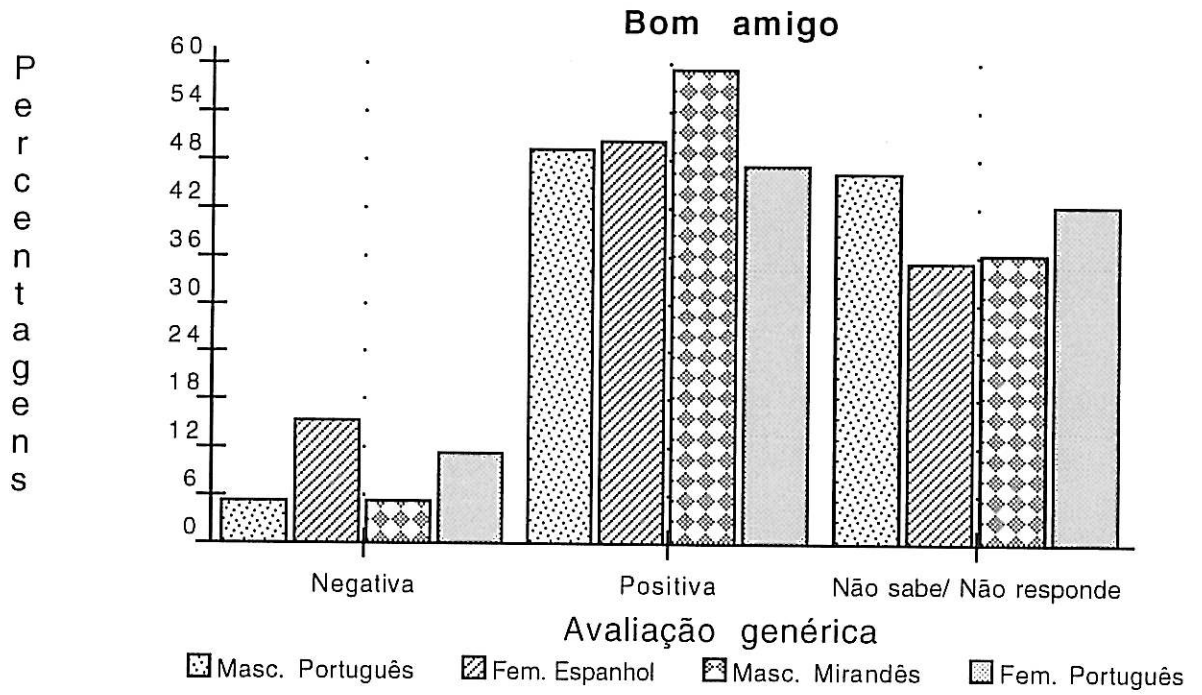
c)



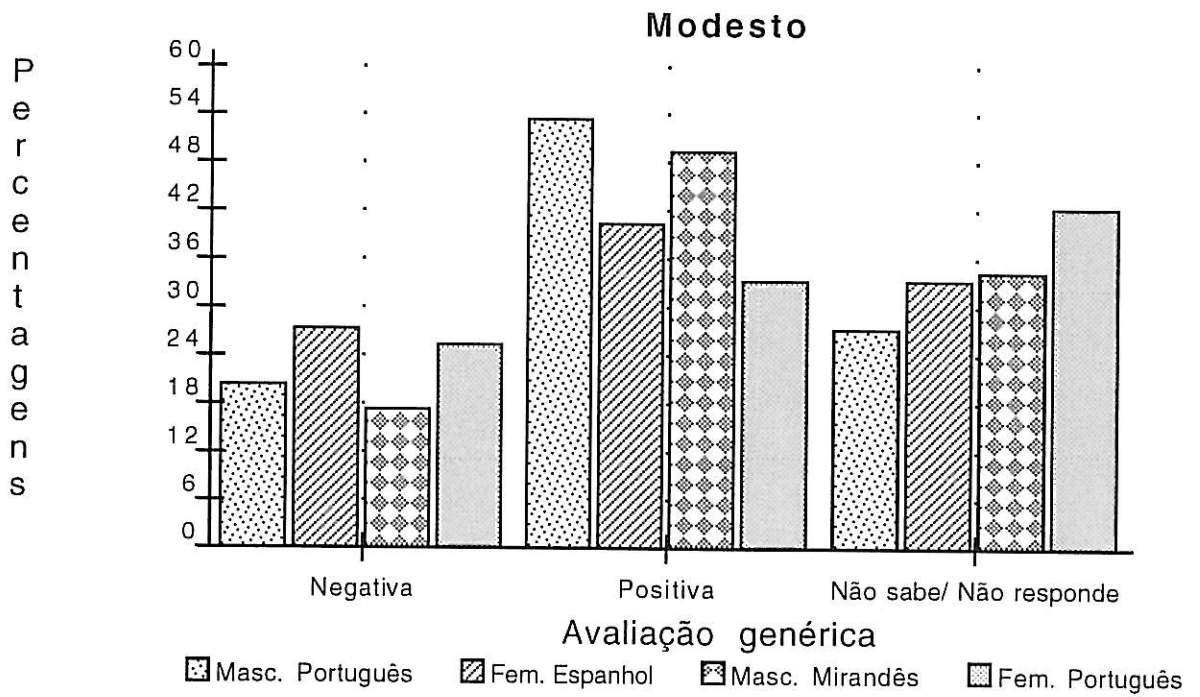
d)



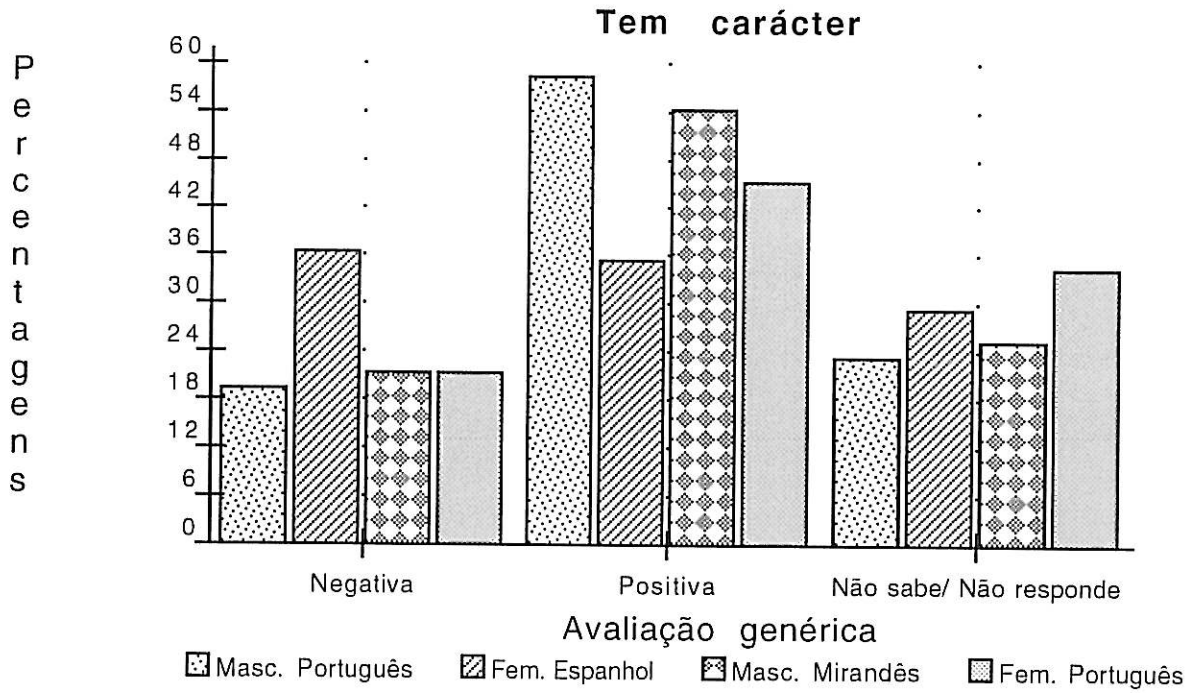
e)



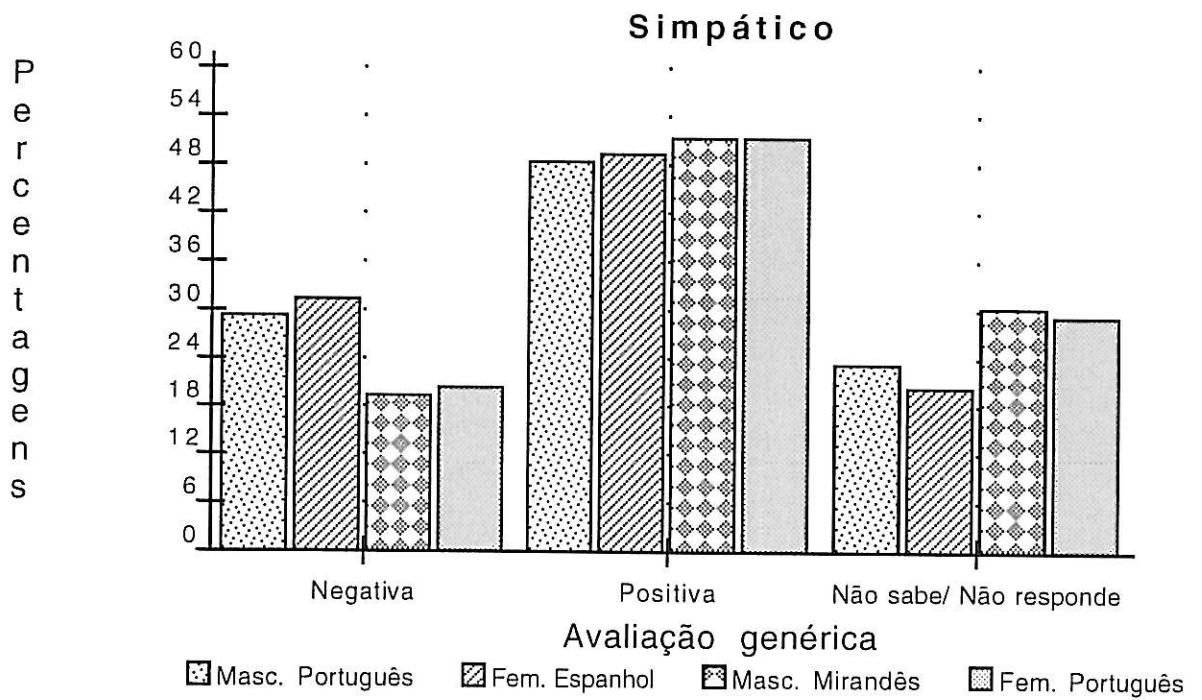
f)



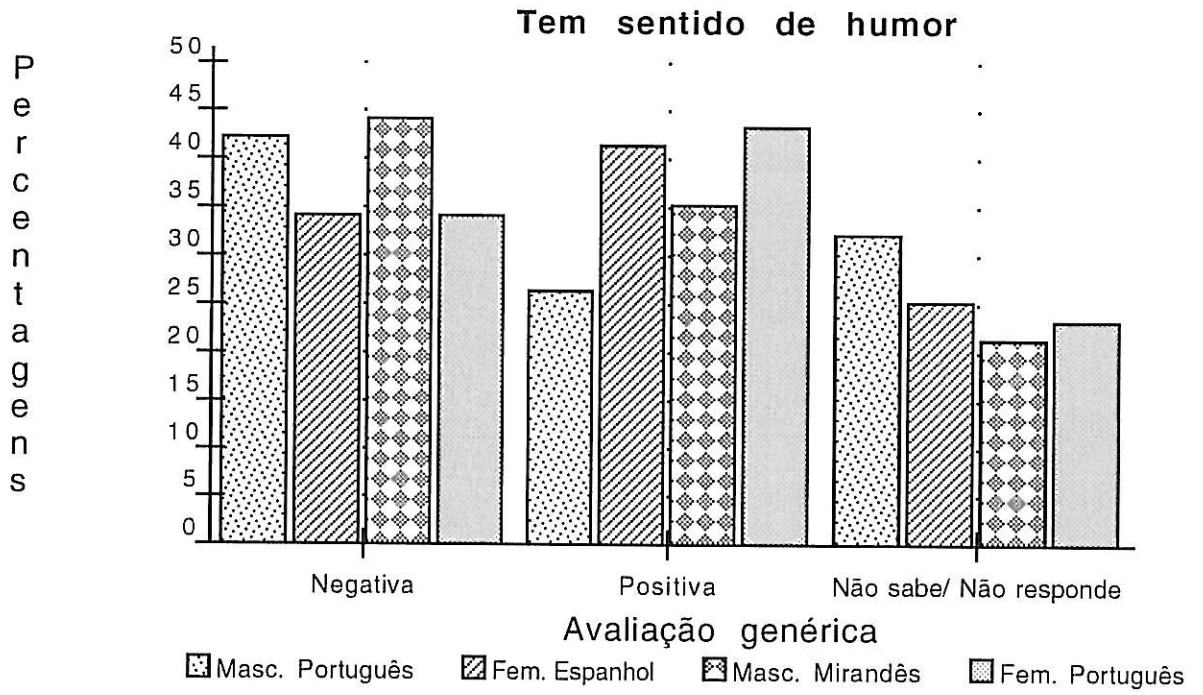
g)



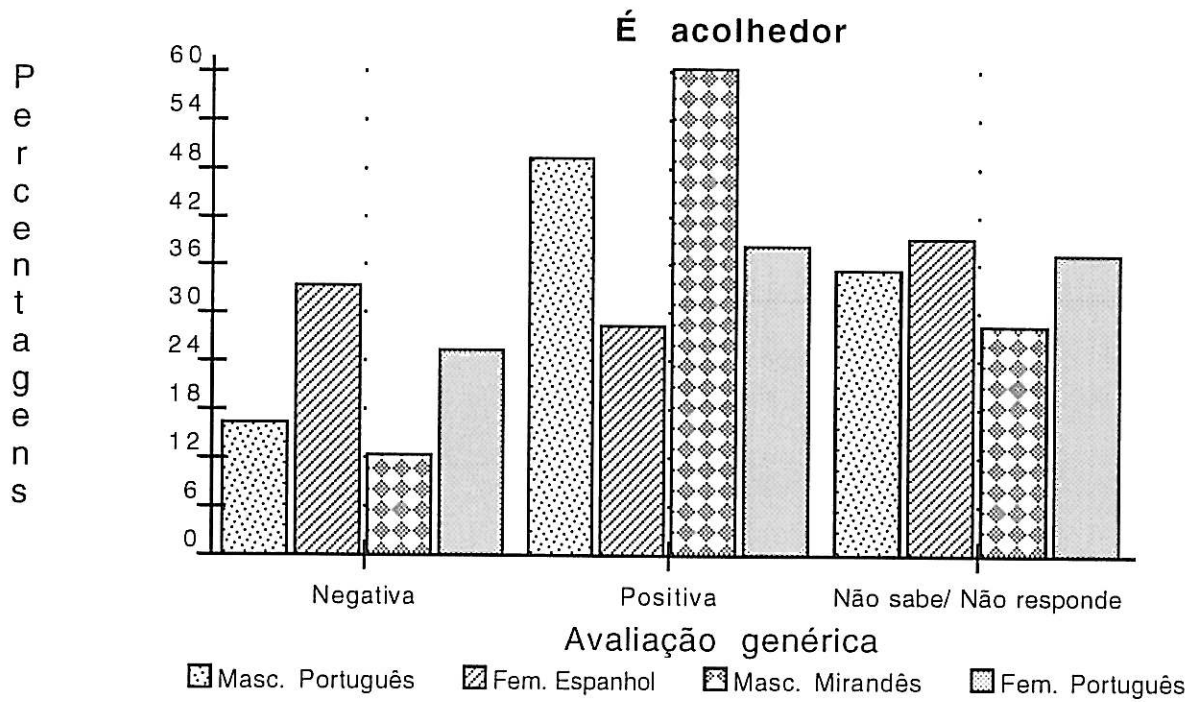
h)



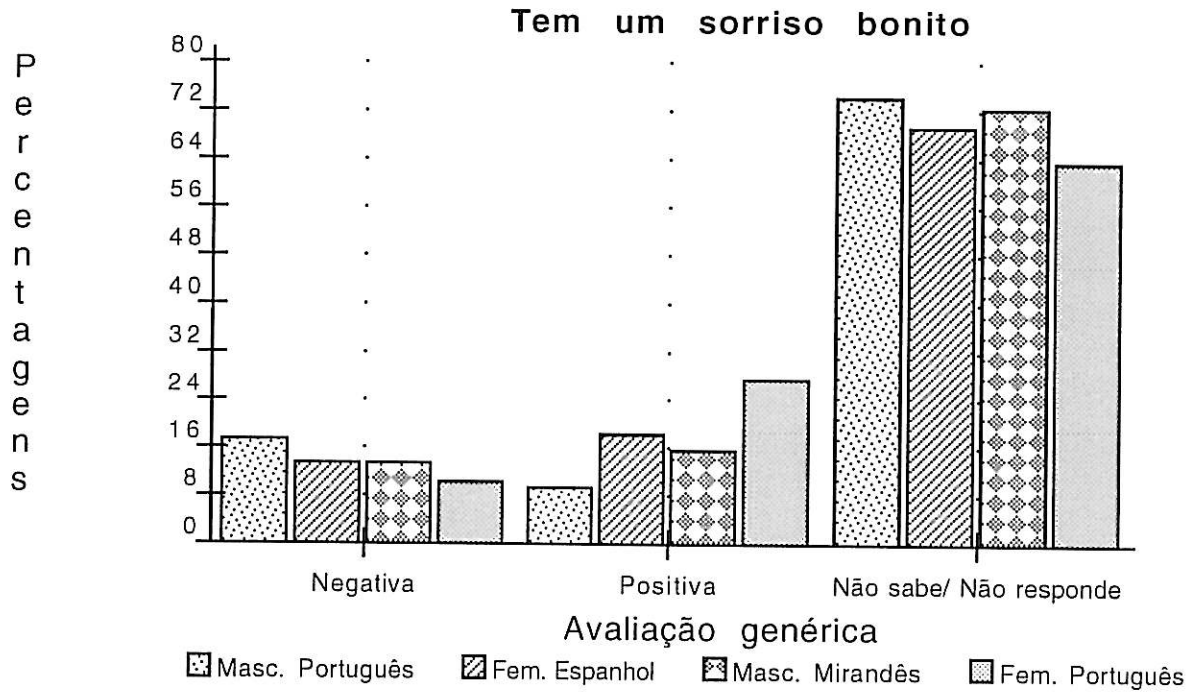
i)



j)



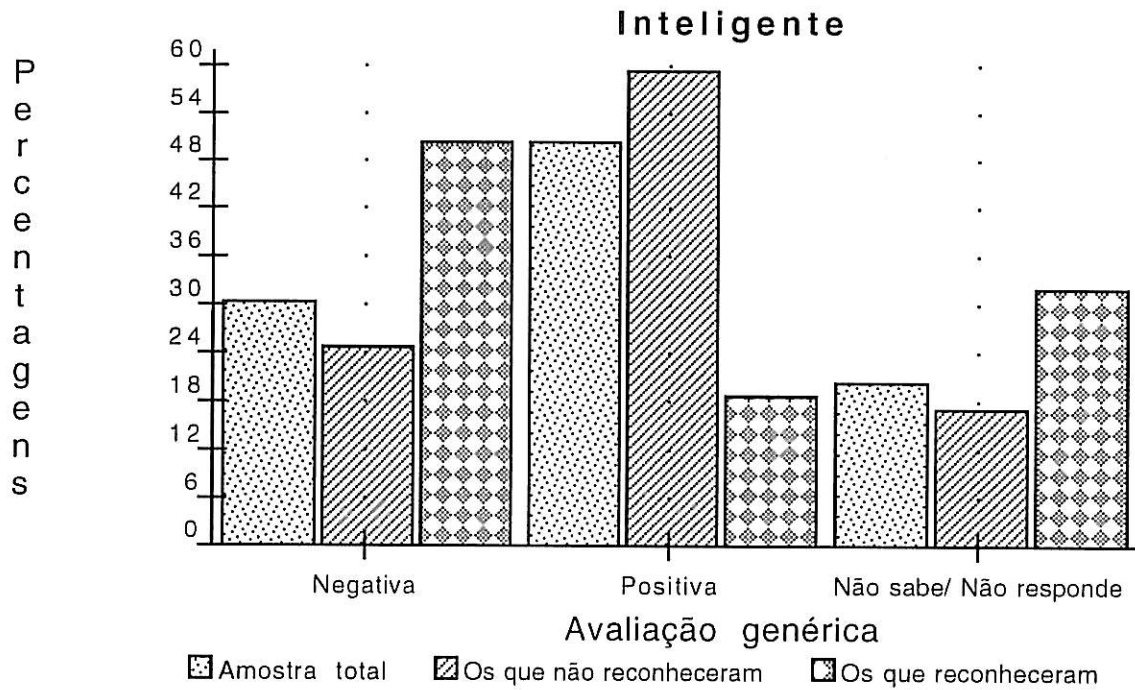
k)



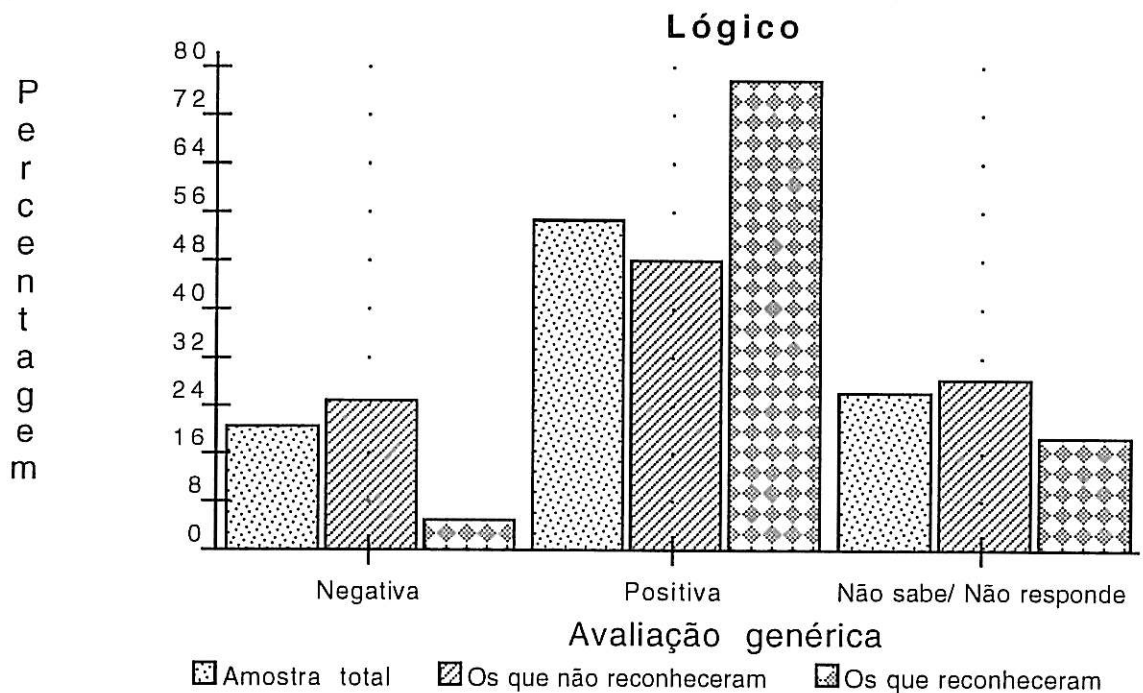
"MGT"

Resultados referentes às expressões do grupo "Status", obtidos pelo locutor masculino na leitura do texto em mirandês

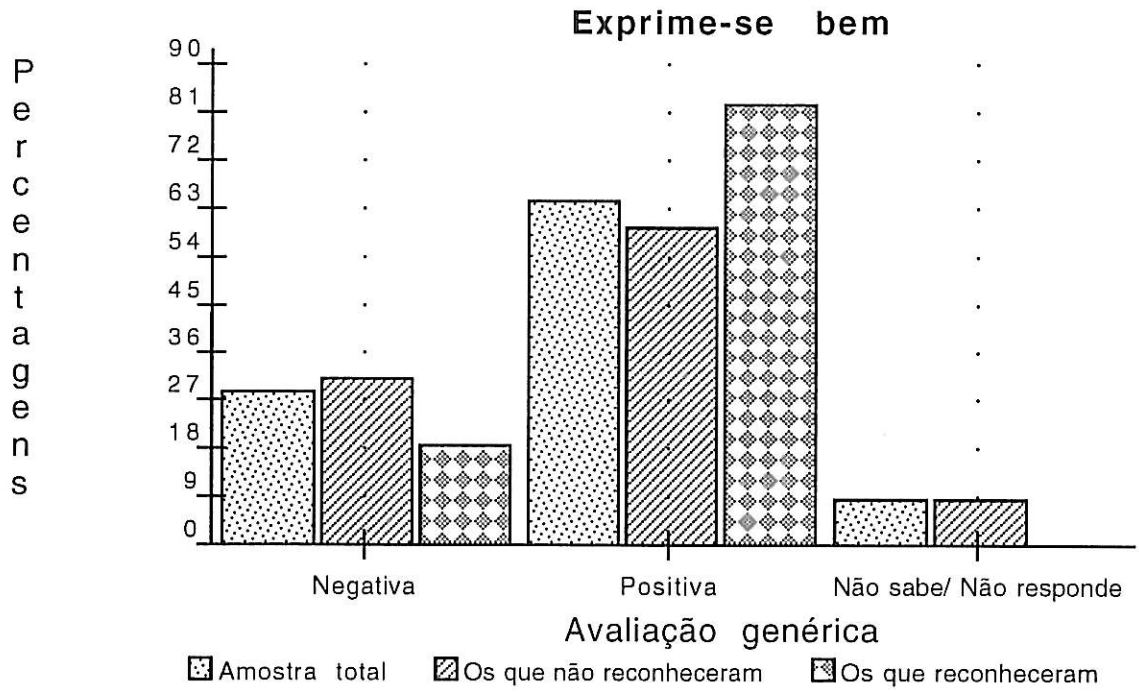
a)



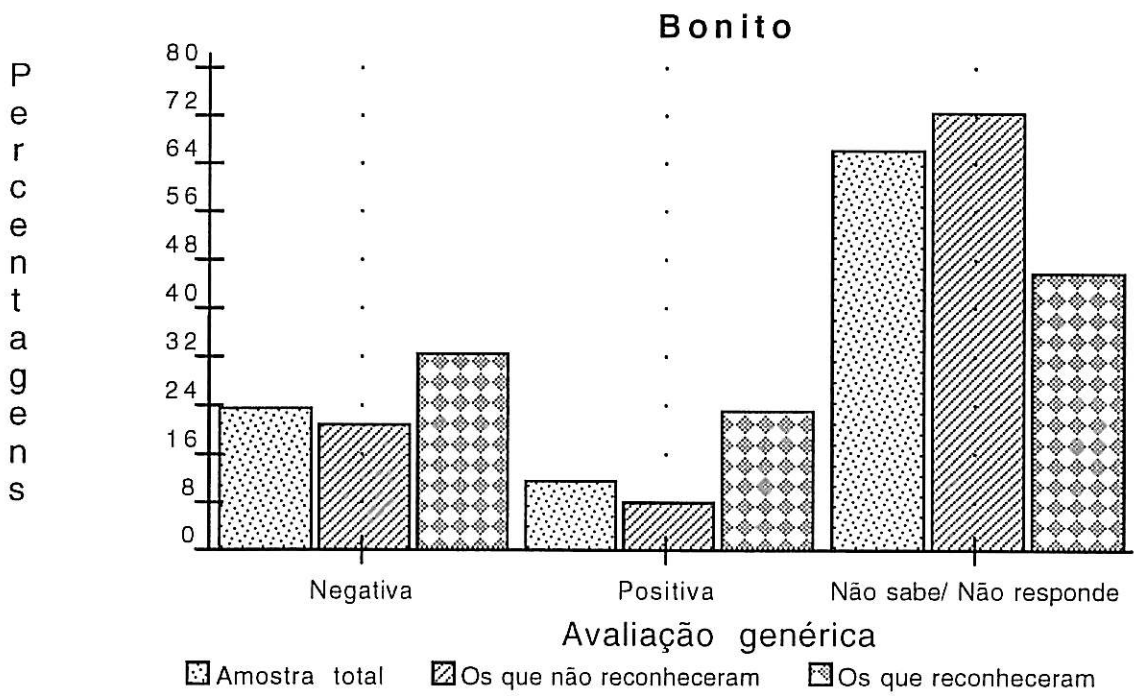
b)



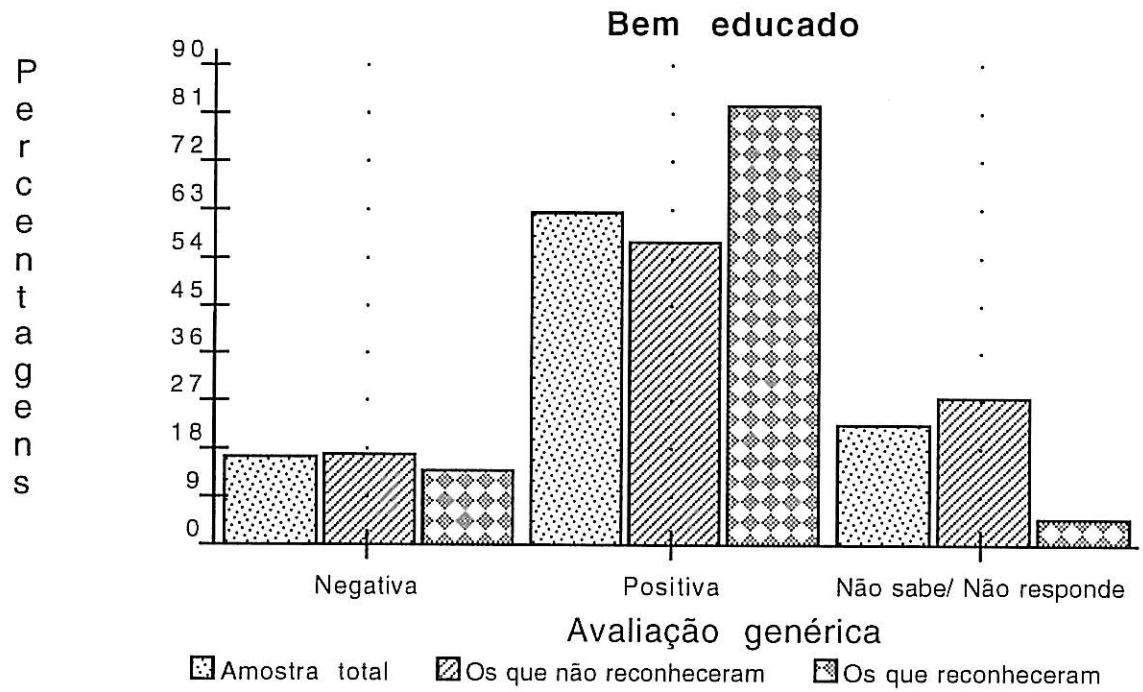
c)



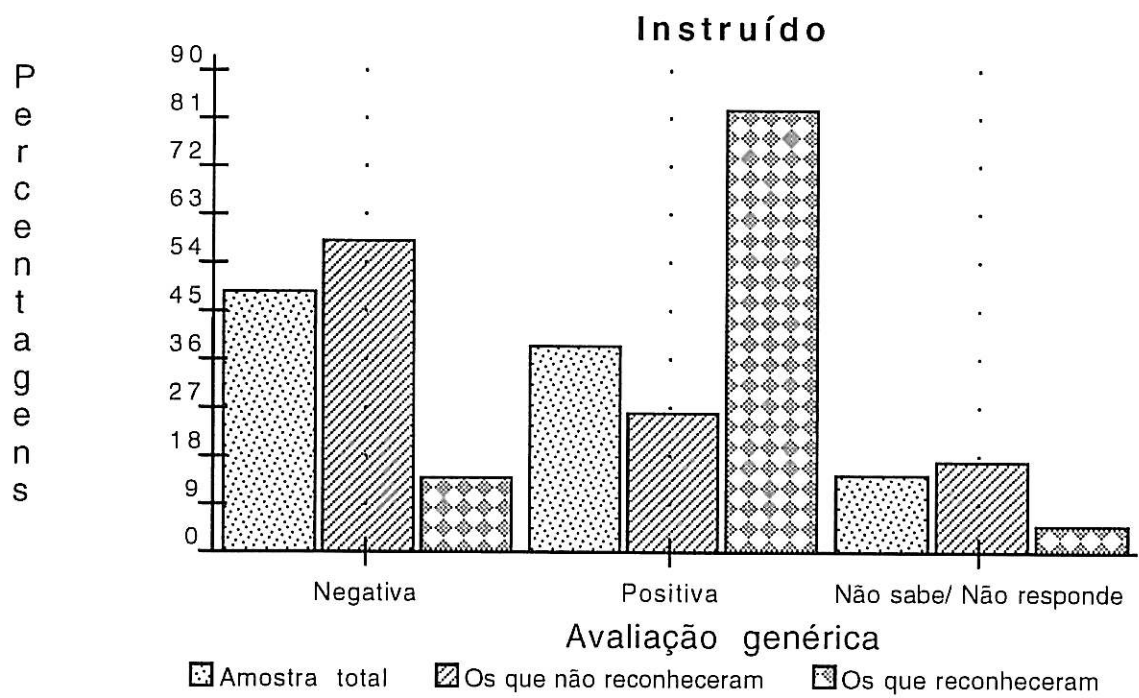
d)



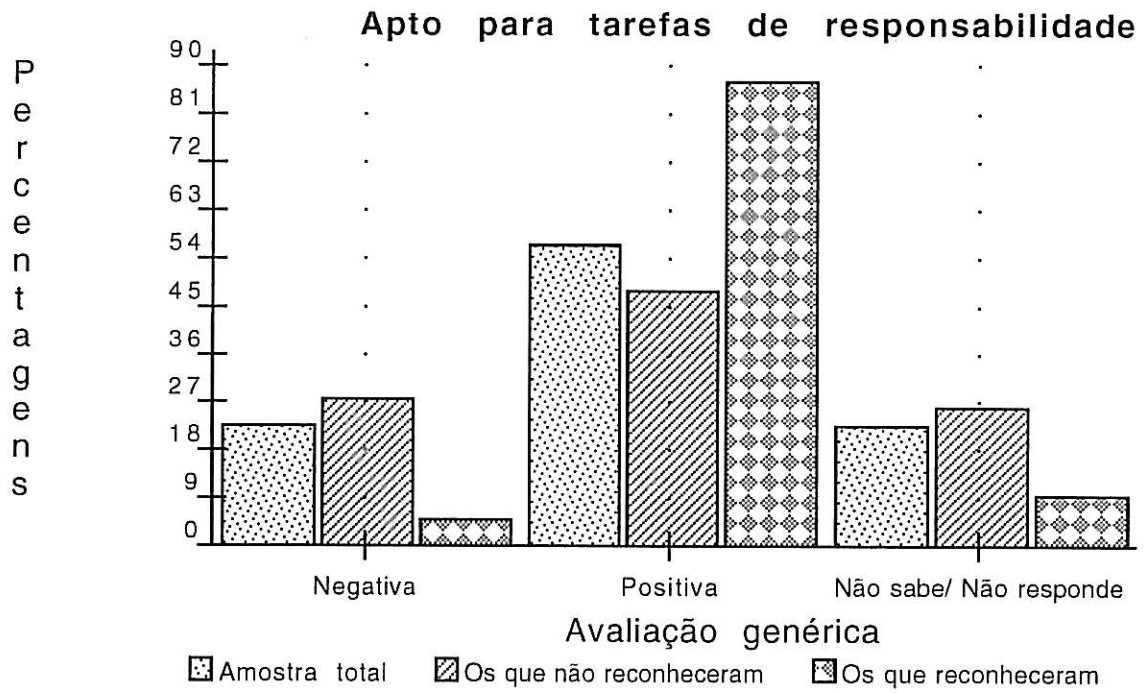
e)



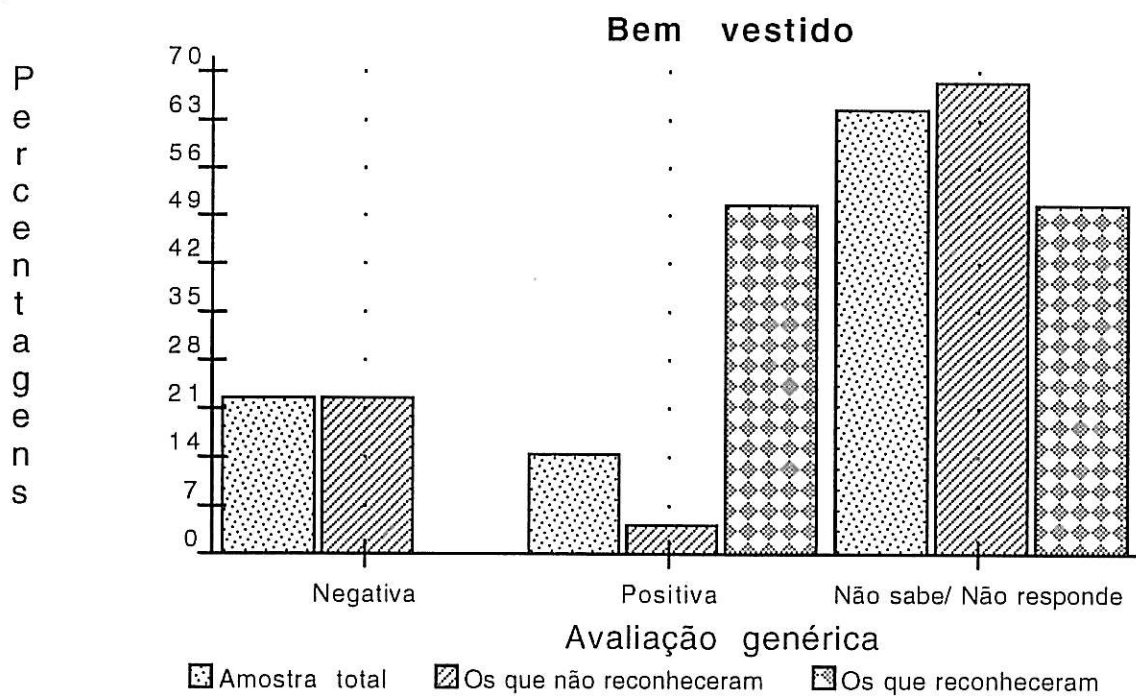
f)



g)



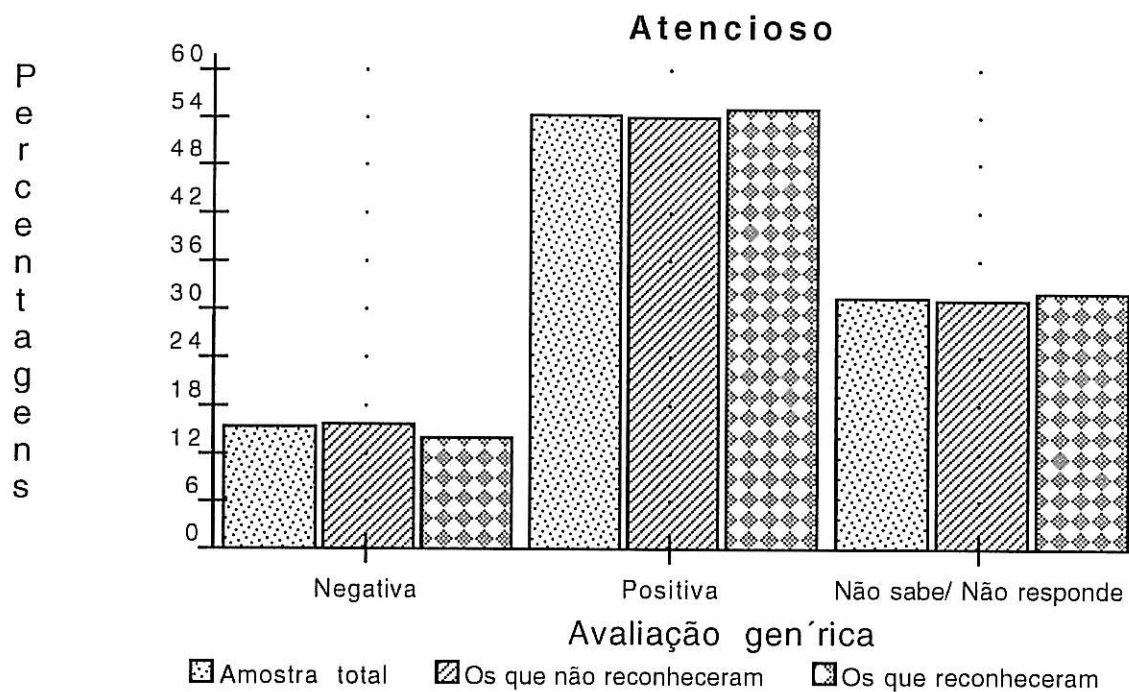
h)



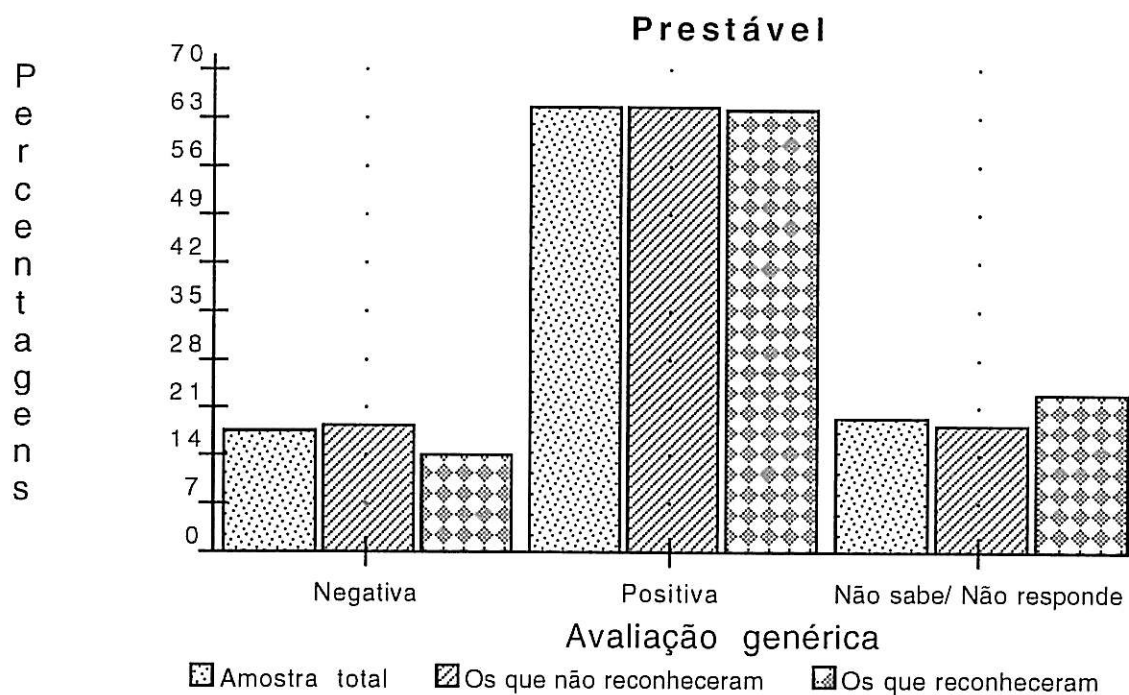
"MGT"

Resultados referentes às expressões do grupo "Solidariedade", obtidos pelo locutor masculino na leitura do texto em mirandês

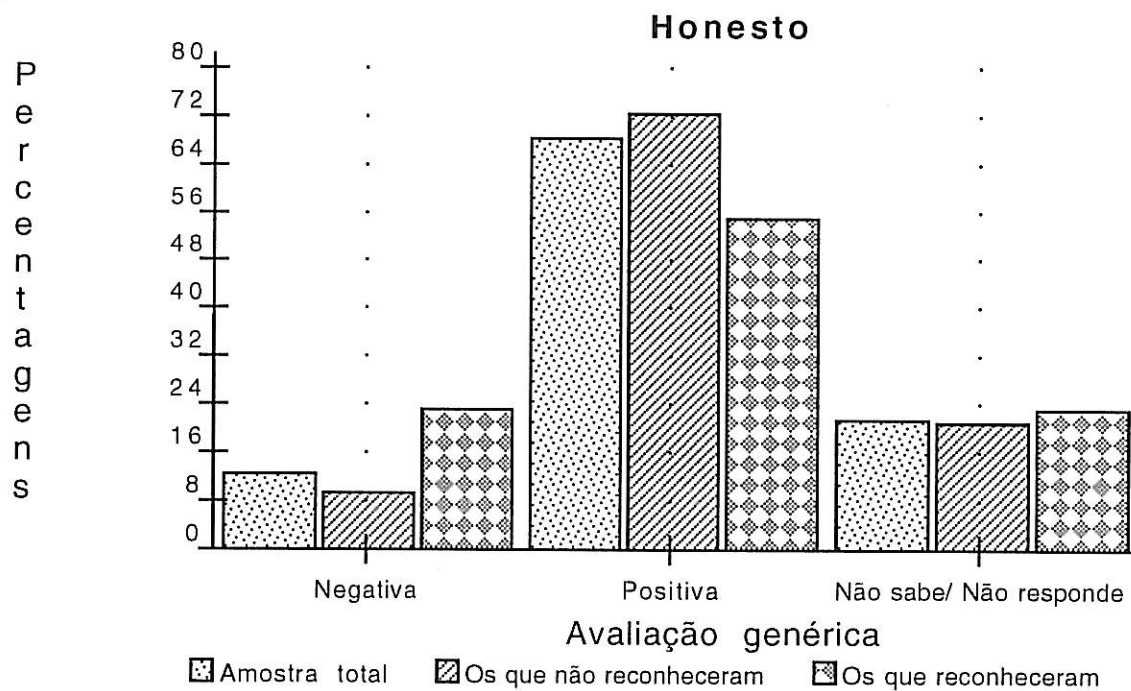
a)



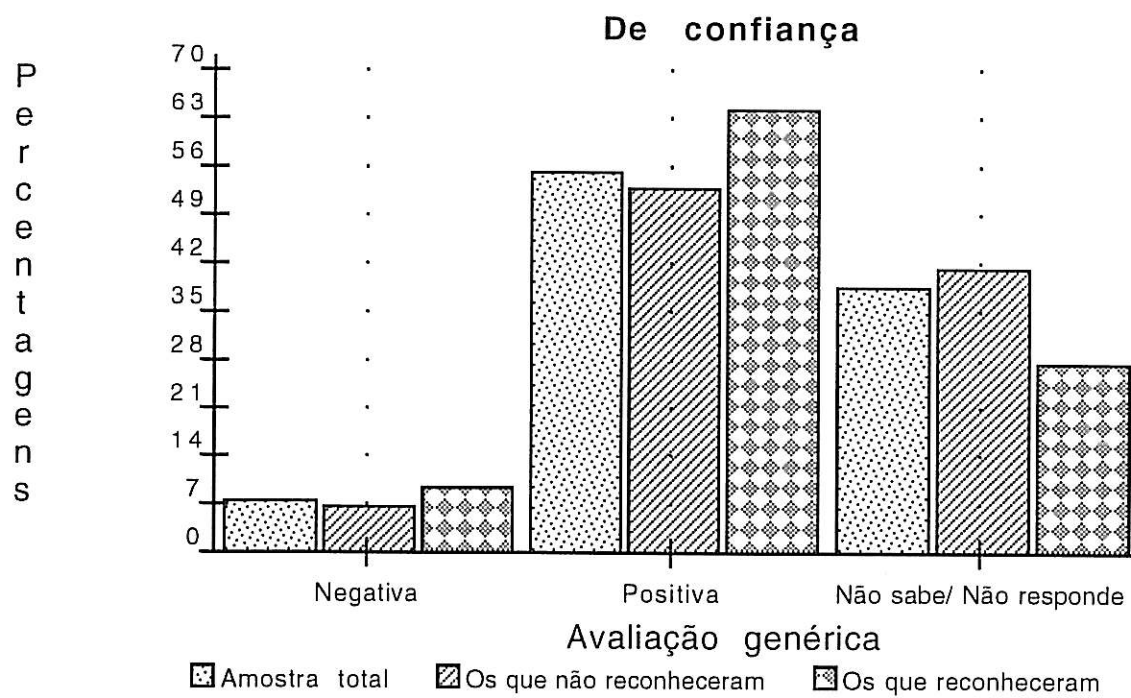
b)



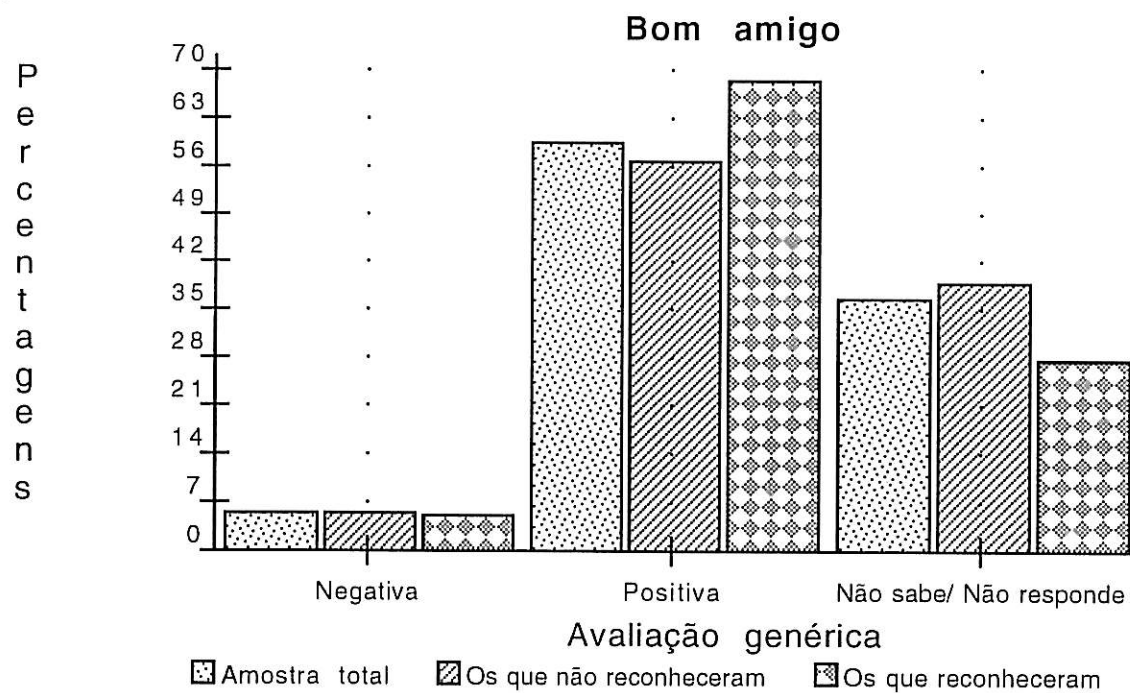
c)



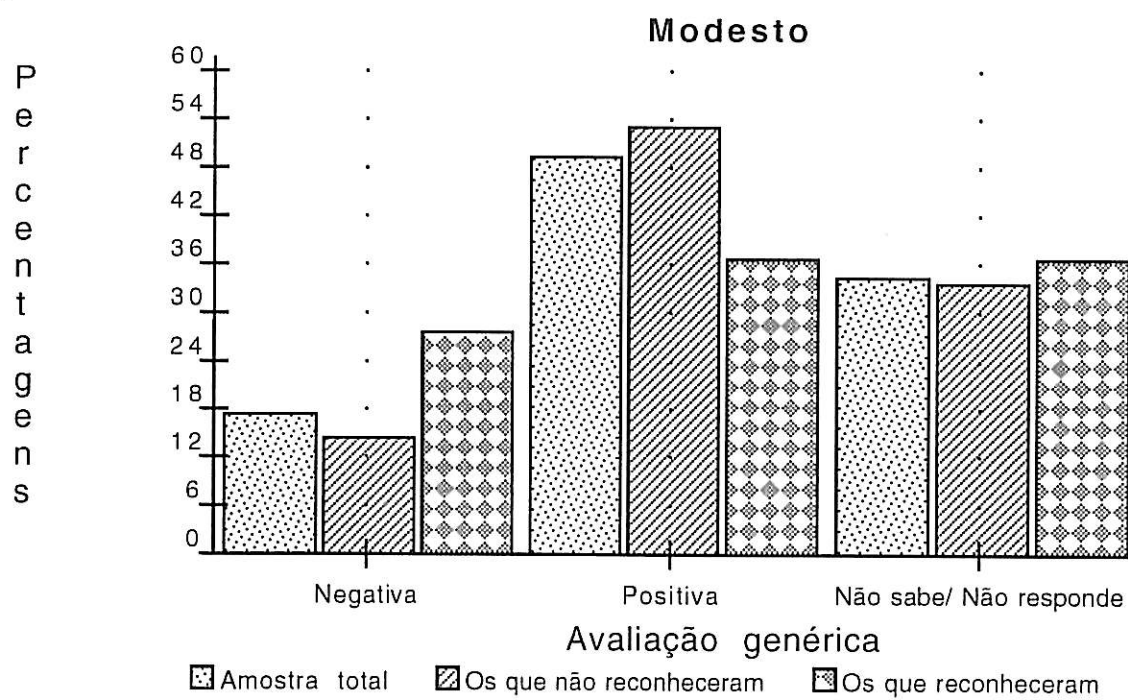
d)



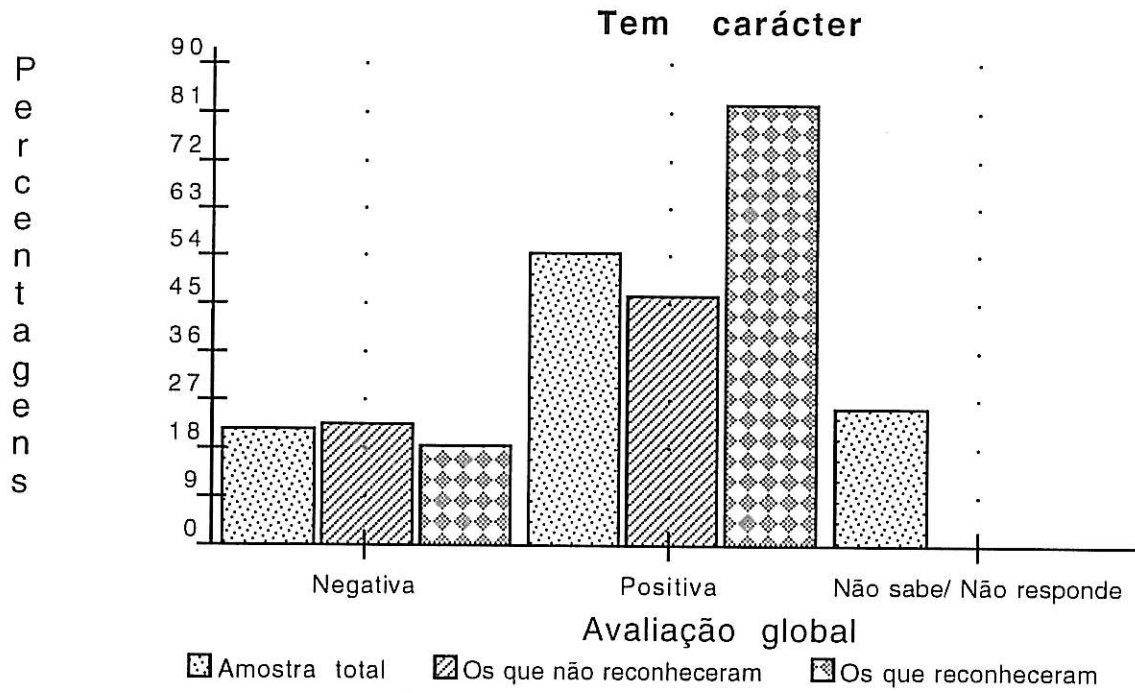
e)



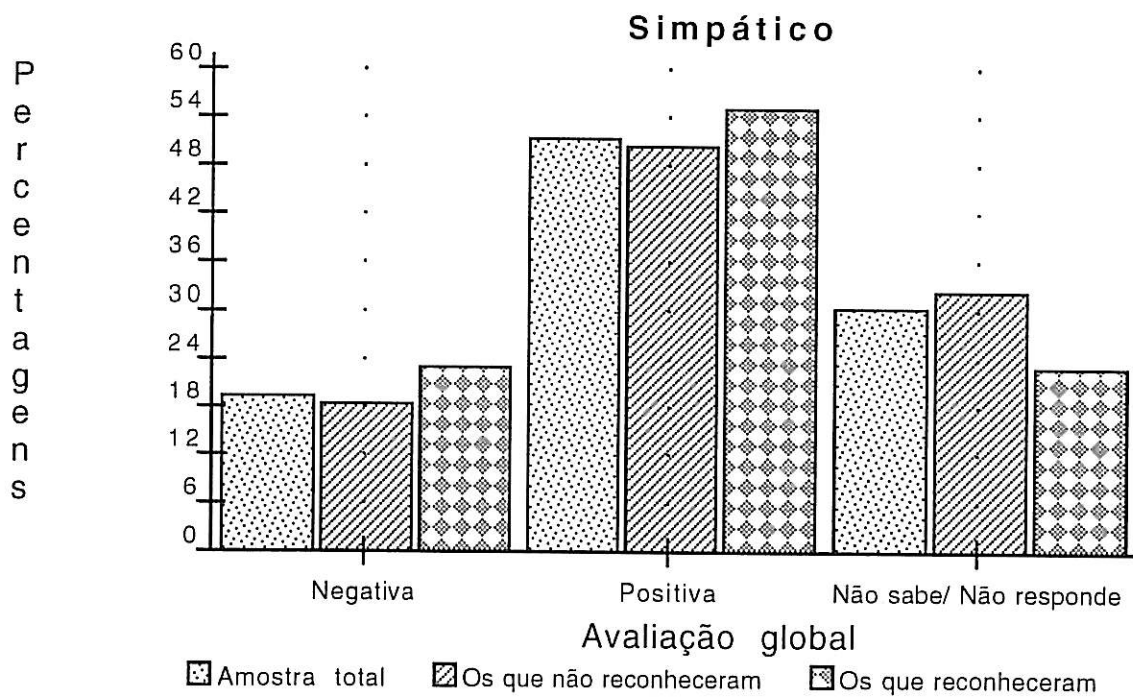
f)



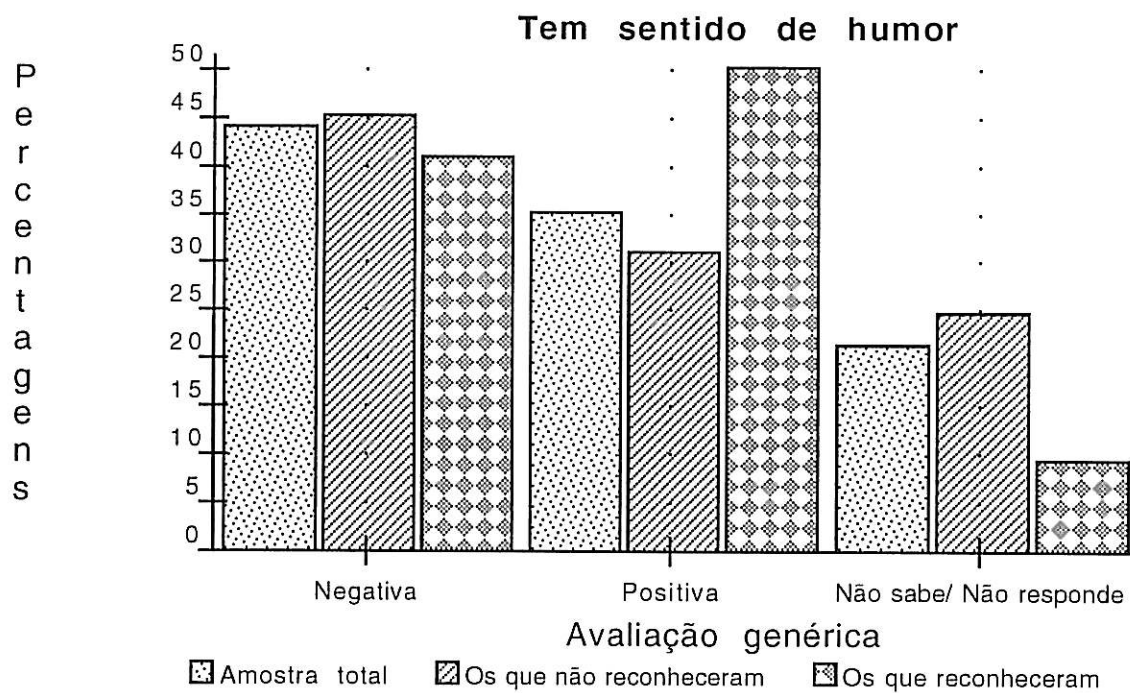
g)



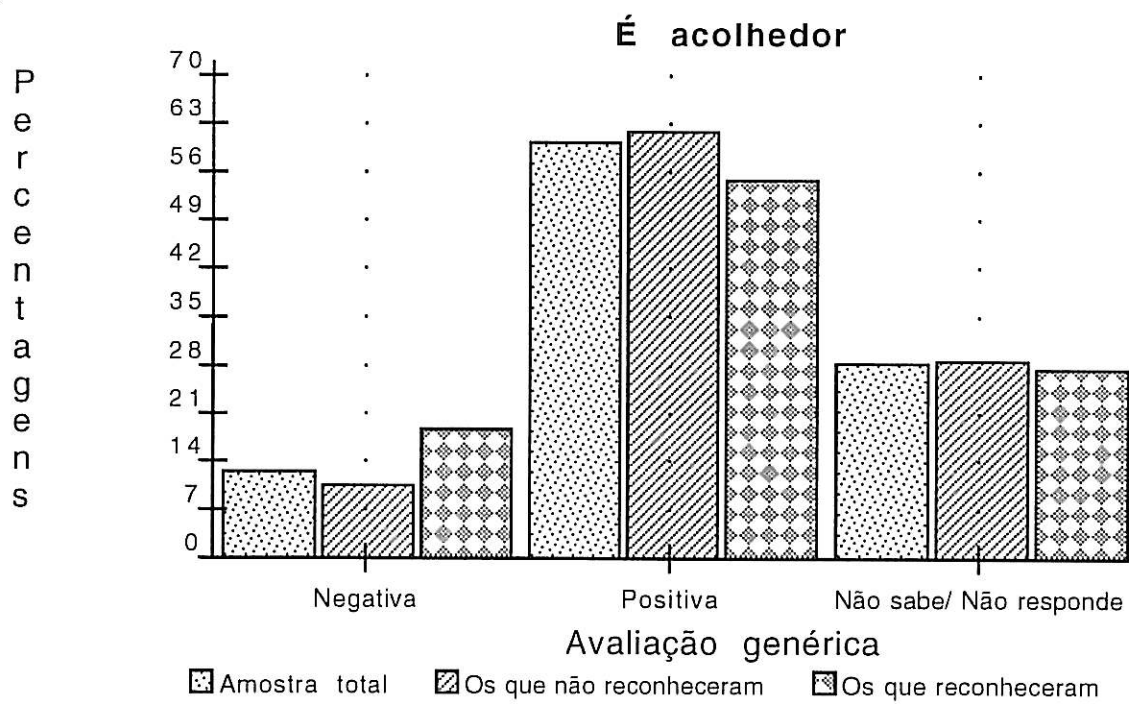
h)



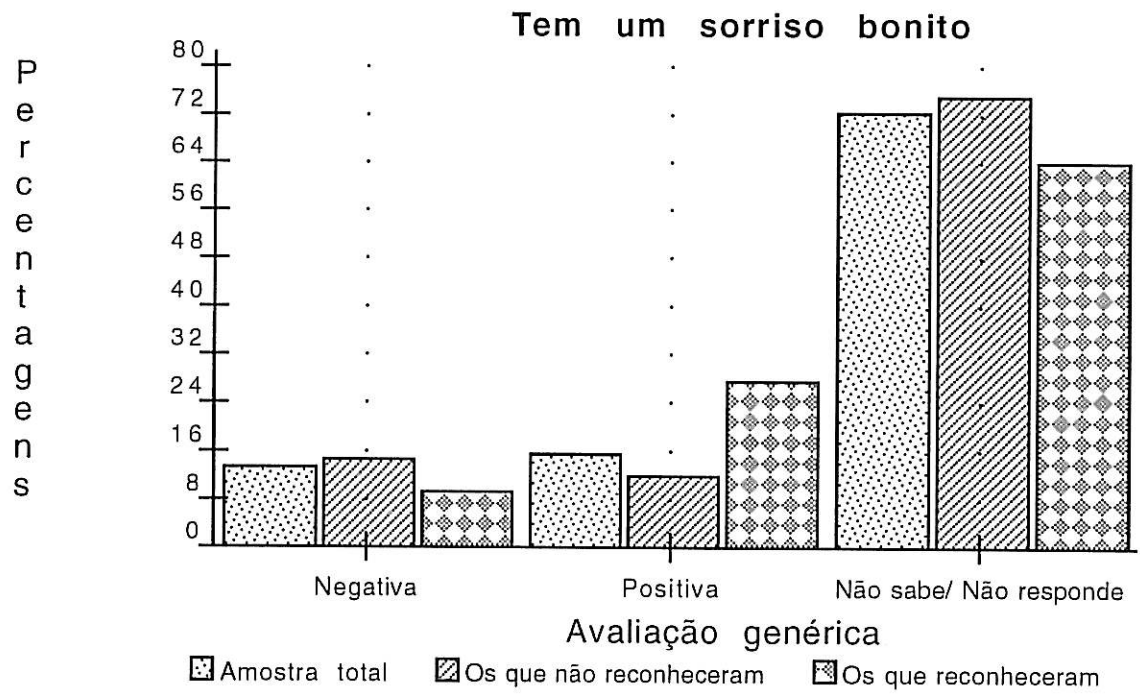
i)



j)



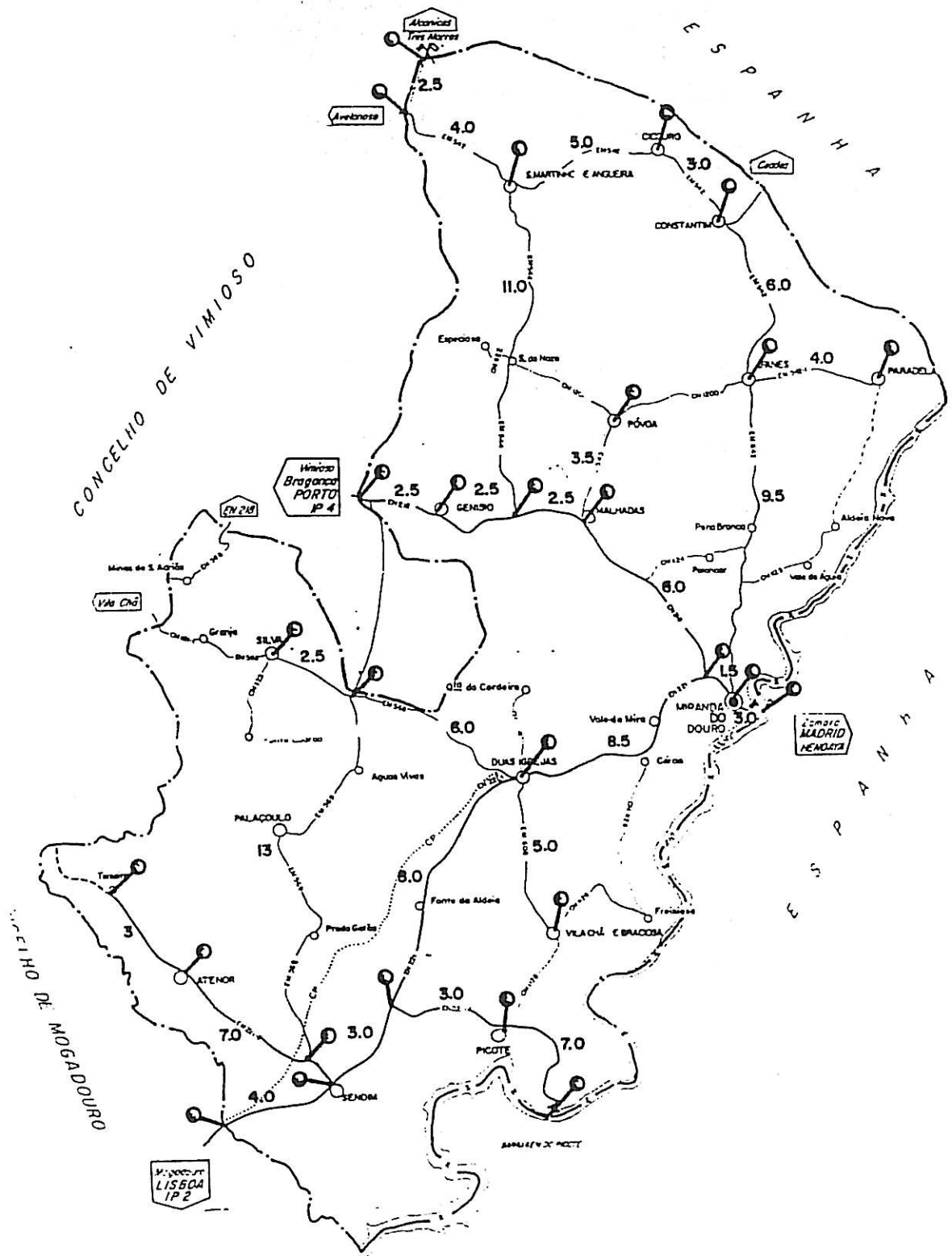
k)



Mapas

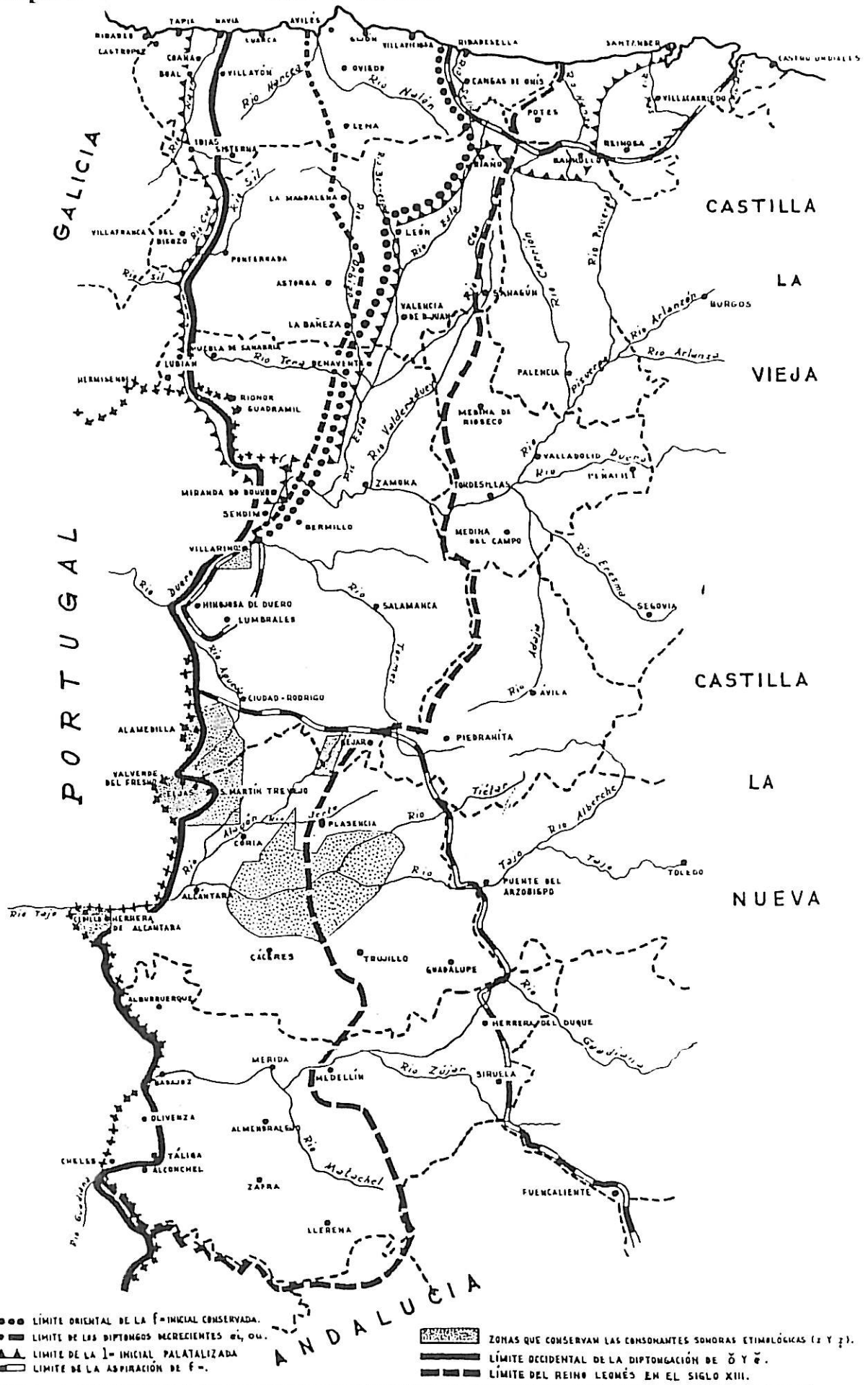
Mapa 1

Rede rodoviária do concelho de Miranda do Douro



Plano Director Municipal do Concelho de Miranda do Douro,

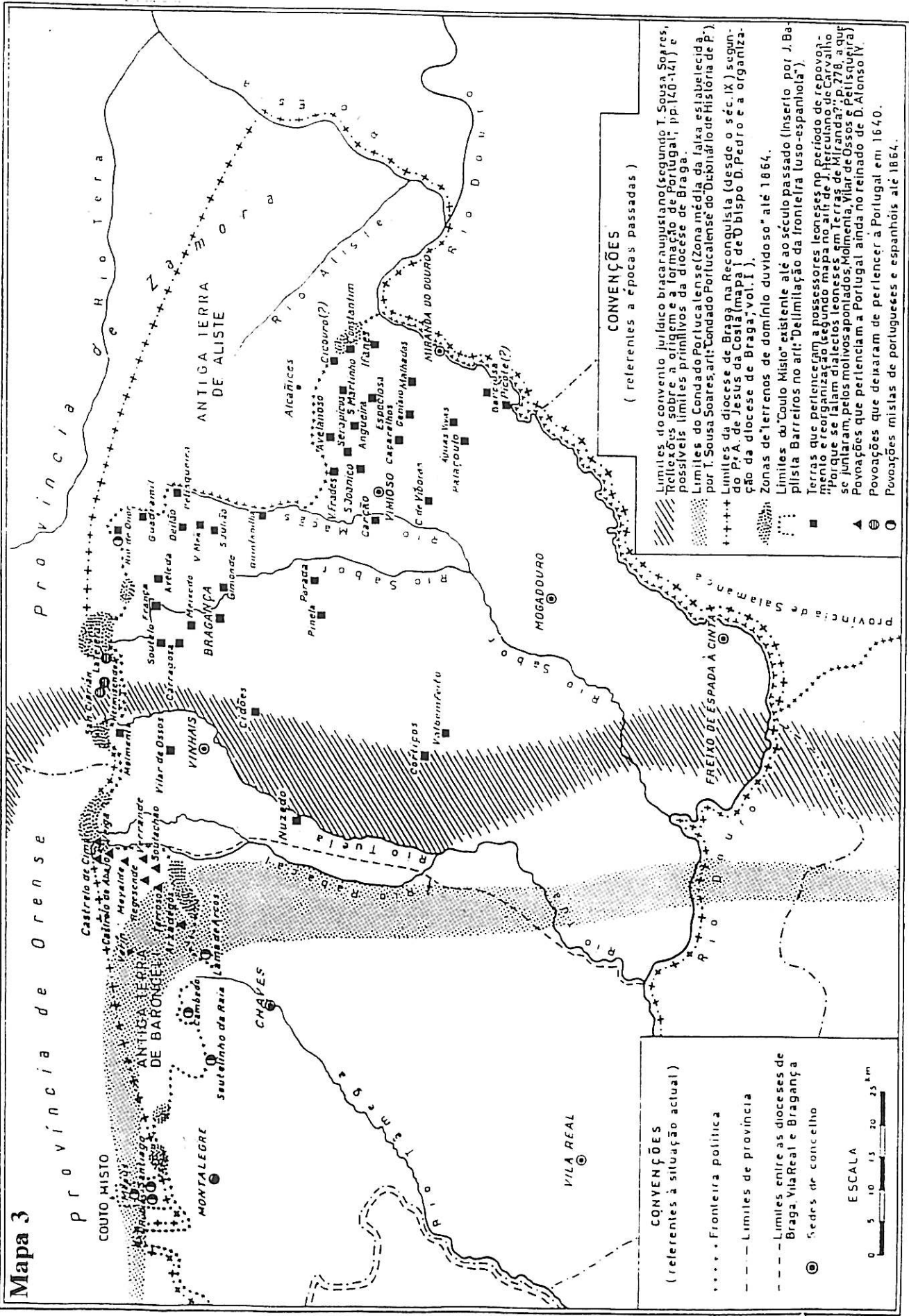
figura V-2—Distâncias quilométricas por troços da rede viária do Concelho.



○○○○○○ LÍMITE ORIENTAL DE LA f=INICIAL CONSERVADA.
 - - - - - LÍMITE DE LOS DIPTINGOS DECRECIENTES oi, ou.
 ———— LÍMITE DE LA j= INICIAL PALATALIZADA
 ———— LÍMITE DE LA ASPIRACIÓN DE f.

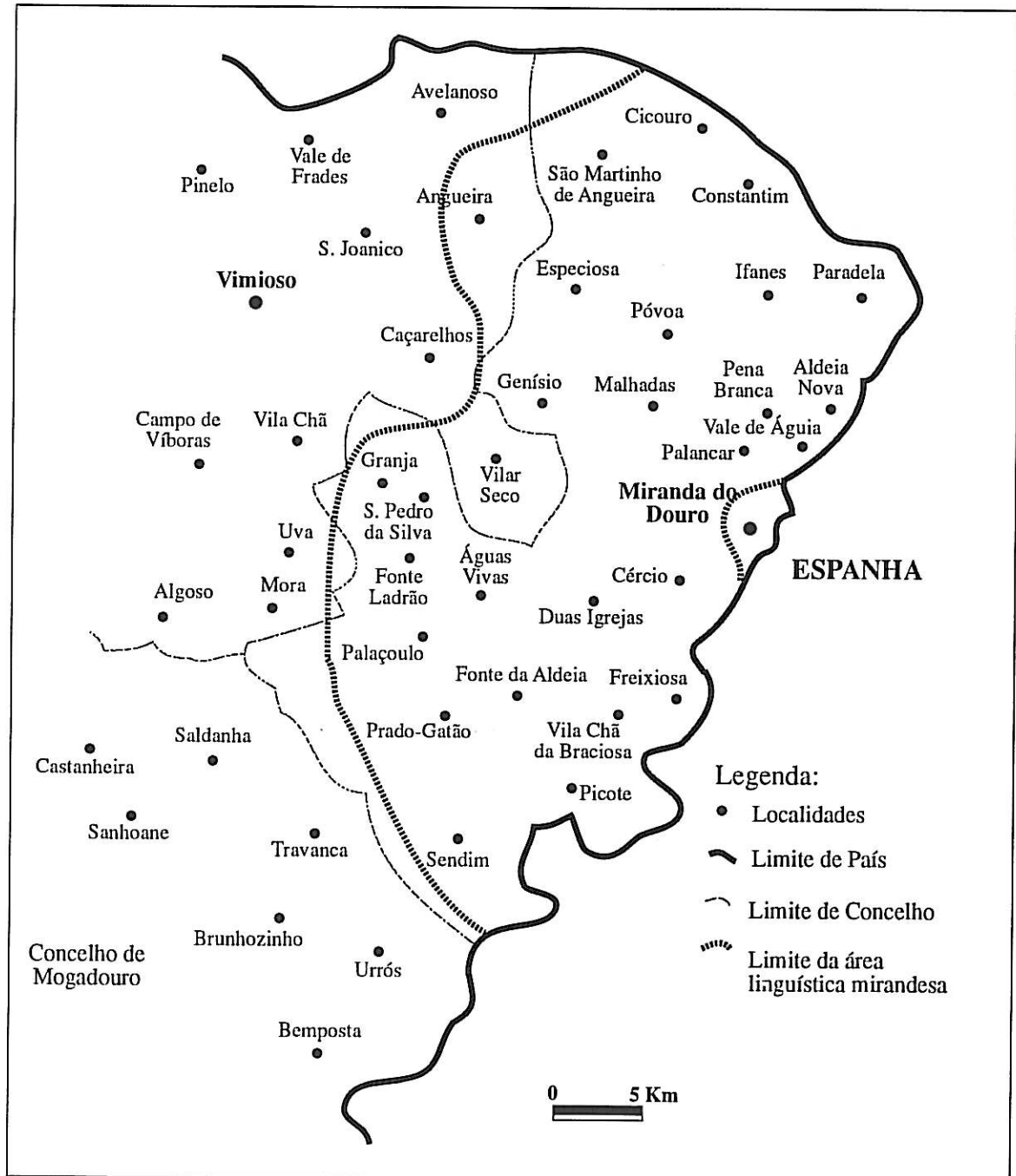
[Shaded Area] ZONAS QUE CONSERVAN LAS CONSONANTES SONORAS ETIMOLÓGICAS (z y ʒ).
 ———— LÍMITE OCCIDENTAL DE LA DIPTINGACIÓN DE ð Y ʒ.
 - - - - - LÍMITE DEL REINO LEONÉS EN EL SIGLO XIII.

Mapa 3



MARIA JOSÉ MOURA SANTOS, Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes, mapa 4—Vicissitudes históricas da região.

Mapa 4



Outros

| Informador | # | Idade | Sexo | Instr. | Prof. | Idiomas e Situações | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------|----|-------|------|--------|-------|---------------------|---|---------|-----|----------|----------|---|---|----------|-----|------|------|-----|--------|---|---|---|---|-----------------------------------|---|--|
| | | | | | | e | g | h | i | j | k | l | n | o | p | q | r | s | t | u | v | w | x | Evitar compreensão de monolíngues | | |
| M | 1 | 12/a | m | z | ð | — | — | P | M | — | — | P | P | M/P [19] | M | — | — | P | M | M | P | — | — | M | — | M |
| P | 2 | 13/a | f | @ | ð | — | — | — | P/M | — | — | P | P | M/P [20] | P | — | — | M | M | P | P | — | — | M | — | M ou E |
| M | 3 | 17/a | m | @ | @ | — | — | M/P [2] | M | — | — | P | P | M/P [21] | M | M | P | P | P [45] | P | P | — | — | M | — | M |
| P | 4 | 18/a | f | @ | ð | — | — | — | M | — | — | P | P | M/P [22] | P | M/P | P | P | P | P | P | — | — | M | — | M |
| M/P [1] | 5 | 19/a | f | @ | π | M | M | M/P | M | M | — | P | P | M | M | M | M | M/P | P | P | P | — | — | M | — | M |
| M | 6 | 21/b | f | @ | á | P | M | P | M | P | — | P | P | M/P [23] | P | M | M | M | P | P | P | — | — | M/P | — | M |
| P | 7 | 21/b | f | J | @ | — | P | — | P | — | — | P | P | P [24] | P | P | P | P | P | P | P | — | — | P | — | — |
| M | 8 | 24/b | m | z | @ | — | M | — | M | — | — | P | P | M/P [25] | M | M/P | P | M | M | P | P | — | — | M | — | — |
| M | 9 | 29/b | f | z | á | M | M | P | M | P | — | P | P | M/P [26] | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | — |
| M | 10 | 29/b | m | z | @ | P | M | P | M | P | — | P | P | M | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | — |
| M | 11 | 31/b | f | z | @ | M/P | M | M | M | — | — | P | P | M/P [27] | M/P | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | M, só se não for assunto muito sério |
| M | 12 | 31/b | m | z | @ | M/P | M | — | — | — | — | P | P | M/P [37] | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 13 | 37/c | f | z | π | M | M | M/P [4] | — | M/P | — | P | P | M/P [38] | P | P | P | M | M | M | M | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 14 | 38/c | f | z | á | M | M | M/E [5] | — | P | — | P | P | M/P [28] | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | Não usa M porque tem receio que seja entendida |
| M | 15 | 38/c | f | z | á | M | M | M/P [6] | — | M | — | P | P | M/P [39] | M/P | [41] | P | M | M | M | M | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 16 | 40/c | m | z | ø | M | M | M | — | P | — | P | P | M | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | M (embora não seja hábito) |
| M | 17 | 42/c | m | z | ø | M | M | M | — | P | — | P | P | M/P [29] | M/P | [40] | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| M | 18 | 44/c | f | z | á | M/P | — | — | — | P | — | P | P | M/P [30] | M/P | M | M | — | — | — | — | — | — | M | — | M (embora não seja hábito) |
| M | 19 | 46/c | m | z | á | M | M | M | — | M/P | — | P | P | M/P [31] | M | M/P | [42] | M | M | M | M | — | — | M | — | Não usa M porque tem receio que seja entendida |
| M | 20 | 50/d | m | z | á | M | M | M | M | M/P [8] | — | M | M | M/P [32] | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 21 | 51/d | f | z | á | M | M | M | — | — | P | P | P | M | M/P | M | M | M | M | P | P | — | — | M | — | M |
| M | 22 | 53/d | f | z | á | M | M | M | — | M [9] | M/P [17] | P | P | M | M | M | M | M | M | P | P | — | — | M | — | É, porque M pode ser compreendido |
| — | 23 | 53/d | f | z | á | M | M | M | — | M/P [10] | M | P | P | M/P [33] | M | M | M | M | P | P | P | — | — | M | — | M |
| M | 24 | 57/d | m | z | á | M | M | M | — | M | M | P | P | M | M | M | M | M | M | P | P | — | — | M | — | M |
| M | 25 | 58/d | f | y | á | M | M | M | — | — | — | P | P | M | M | M | M | M | M | P | P | — | — | M | — | E |
| M | 26 | 58/d | f | z | á | M | M | M | — | M | M | P | P | M/P [34] | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 27 | 59/d | m | z | á | M | M | M | — | P | P | P | P | M | M/P | M/P | [43] | M | M | M | M | — | — | M | — | Má educação usar M, mas pode acontecer |
| — | 28 | 60/d | f | y | á | — | M | — | — | M/P [11] | M | P | P | M | M | M | M | M | M | P | P | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 29 | 61/d | m | z | @ | M | M | M | — | — | — | P | P | M/P [35] | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| M | 30 | 63/d | m | z | á | M | M | M | — | M | M | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | É má educação usar M para este efeito |
| M | 31 | 64/d | m | y | á | M | M | M | — | M [12] | M | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| M | 32 | 65/d | m | y | á | M | M | M | — | M | M | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| M | 33 | 66/d | m | y | á | M | M | M | — | M [13] | M | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| — | 34 | 73/d | f | y | á | — | M | — | — | M/P [14] | M/P [18] | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| M/P | 35 | 73/d | m | z | á | P | P | P | — | P | P | P | P | M/P | P | P | P | M | M | M | M | — | — | P | — | M |
| — | 36 | 74/d | f | z | á | M | M | M | — | M [15] | M | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| — | 37 | 79/d | m | y | á | — | — | P [7] | — | — | — | P | P | M | M | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| — | 38 | 86/d | f | y | á | — | M | — | — | M [16] | M | P | P | M/P [36] | P | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| — | | | | | | — | — | M | — | — | — | P | P | M/P [36] | P | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |
| — | | | | | | — | — | M | — | — | — | P | P | M/P [44] | P | M | M | M | M | M | M | — | — | M | — | M |

Notas à grelha “Escolha de Línguas em Paradela”

- [1] Com os sogros fala sempre em mirandês; com os pais fala mirandês em Paradela e português em Bragança.
- [2] Depende do sítio onde a conversa decorre. Se os irmãos e cunhados estiverem em Paradela, fala com eles quase sempre em mirandês.
- [3] Usa predominantemente mirandês.
- [4] Fala mirandês com aqueles que residem na aldeia e português com os que, ainda que naturais de Paradela, residem fora.
- [5] Tem uma cunhada espanhola, com a qual fala sempre em espanhol.
- [6] Só fala português com as cunhadas, que não são oriundas da região.
- [7] O informante, em várias das suas respostas, demonstrou não possuir uma consciência linguística muito apurada.
- [8] O idioma a usar depende da natureza do assunto. Se estiver a tratar de assuntos relacionados com a escola, fala às filhas em português. Outros temas, mais ligados à vida familiar e doméstica, são tratados em mirandês.
- [9] Com os netos, já fala em português.
- [10] Com os filhos mais novos fala português, em consonância com as próprias preferências linguísticas destes. Com os mais velhos, fala em mirandês.
- [11] Também fala habitualmente mirandês com os netos. A única exceção é uma das netas, com a qual costuma falar português porque esta estuda.
- [12] Com os netos já fala mais em português.
- [13] Também fala mirandês com os netos, muito embora conviva pouco com eles, porque os filhos residem em Lisboa.
- [14] Com os netos que residem fora, fala português; com os que residem na aldeia, fala, regra geral, em mirandês.
- [15] Com os netos, já fala em português.
- [16] Com os bisnetos e tetranetos, já fala em português.
- [17] Fala mais português com os genros e noras que têm estudos do que com os outros. Ainda assim, considera que fala com todos um mirandês “atravessado”.
- [18] Com os netos que residem fora, fala português; com os que residem na aldeia, fala, regra geral, em mirandês.
- [19] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [20] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [21] O idioma usado depende da preferência linguística do interlocutor, bem como do facto de este ter ou não residido fora de Paradela.
- [22] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [23] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.

- [24] A avó fala-lhe, por vezes, em mirandês, mas a informante responde sempre em português.
- [25] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [26] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [27] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [28] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [29] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [30] O idioma usado depende da idade do interlocutor. Afirma que, com as pessoas da sua idade, já não fala mirandês, só o faz com as pessoas mais velhas. Observámos, no entanto, que esta falante recorria ao mirandês mesmo em interacção com as pessoas da sua própria idade.
- [31] O idioma usado depende da idade e das preferências linguísticas do interlocutor.
- [32] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [33] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [34] O idioma usado depende da idade e do grau de escolarização do interlocutor.
- [35] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [36] O idioma usado depende da idade do interlocutor: com os mais novos usa português e com os mais velhos mirandês.
- [37] O idioma usado depende das preferências linguísticas dos clientes e/ou da língua em que estes lhe dirigem a palavra.
- [38] O idioma usado depende da identidade das pessoas presentes. Se estão pessoas estranhas à rede local, fala em português.
- [39] O idioma usado depende da identidade das pessoas presentes. Se estão pessoas estranhas à rede local, fala em português.
- [40] O idioma usado depende da identidade e das características das pessoas presentes. Se estão pessoas da sua idade que tenham estado fora, já lhes fala em português; se forem pessoas mais velhas, percebidas como membros exclusivos da rede local, fala-lhes em mirandês.
- [41] Normalmente, fala em mirandês, mas se estiver presente o filho do Presidente da Junta de Freguesia, que estudou e é empregado bancário, já fala em português.
- [42] O idioma usado depende da gravidade dos assuntos. Sendo um assunto mais sério e/ou oficial, usa preferencialmente o português.
- [43] O idioma usado depende da gravidade dos assuntos. Sendo um assunto mais sério e/ou oficial, usa preferencialmente o português.
- [44] A informante considera que fala um português com bastantes interferências do mirandês.
- [45] Já com o professor da aldeia, que é oriundo de Constantim e com o qual tem bastante confiança ("trato-o por "tu")), fala em mirandês. Este comportamento contrasta com o da maioria dos demais informantes que,

desvalorizando a origem local do docente, consideram mais pertinente a sua formação académica superior, condição que os leva a falar-lhe em português.

[46] Já com o professor da aldeia, que é oriundo de Constantim e com o qual tem bastante confiança, fala em mirandês.

[47] Já com o professor da aldeia, que é oriundo de Constantim e com o qual tem bastante confiança, fala em mirandês.

[48] O uso da língua autóctone prevalecerá, especialmente se estiver muito aborrecido.

[49] O idioma usado depende do grau de irritação. Quanto maior este for, mais mirandês usa.

[50] Normalmente, ralha em mirandês. Ao tratar-se, no entanto, de uma repreensão mais séria, da qual pretende que as filhas retirem uma lição de moral, falará, de preferência, em português.

Tabela A

Idiomas e Situações de Interação

| % | e | g | h | i | j | k | l | n | o | p | q | r | s | t | u | v | w | x |
|---|------|------|------|----|------|------|----|-----|----|----|------|-----|-----|------|----|----|----|------|
| 0 | 9,5 | 10,8 | 17,9 | 10 | 42,1 | 20,5 | 97 | 100 | 3 | 18 | 8,5 | 100 | 100 | 8,5 | 5 | 12 | 5 | 14,8 |
| 1 | 84,5 | 78,4 | 68,5 | 80 | 34,2 | 66,7 | 3 | 0 | 50 | 61 | 77,9 | 0 | 0 | 69,4 | 0 | 88 | 92 | 63,5 |
| 2 | 6,0 | 10,8 | 12,3 | 10 | 23,7 | 12,8 | 0 | 0 | 47 | 21 | 13,6 | 0 | 0 | 18,9 | 0 | 0 | 3 | 21,7 |
| 3 | 0 | 0 | 1,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 95 | 0 | 0 | 0 |
| 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3,2 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Quadro I

Configuração da rede escolar do concelho de Miranda do Douro no ano lectivo de 1992/93

1. Ensino Básico (Primeiro Ciclo)¹

| Localidades | Número de Alunos |
|----------------------|------------------|
| Atenor ² | |
| Teixeira | 4 |
| Duas Igrejas | 32 |
| Cércio | 8 |
| Vale de Mira | 5 |
| Genísio | 6 |
| Ifanes | 10 |
| Malhadas | 22 |
| Miranda do Douro | 146 |
| Aldeia Nova | 4 |
| Palaçoulo | 22 |
| Prado Gatão | 10 |
| Águas Vivas | 21 |
| Paradela | 9 |
| Picote | 4 |
| Barrocal do Douro | 10 |
| Póvoa | 12 |
| S. Martinho | 5 |
| Sendim | 106 |
| Silva | 4 |
| Fonte Ladrão | 3 |
| Granja | 6 |
| Vila Chã da Barçiosa | 5 |
| Fonte de Aldeia | 4 |

¹ Foram desactivadas, em virtude do número reduzido de alunos (indicado entre parênteses), as escolas das seguintes localidades: Cicouro (4), Constantim (2), Especiosa (1), Pena Branca (1) e Freixiosa (2).

2. Ensino Básico (Segundo Ciclo)

Escola Preparatória de Miranda do Douro

| | Turmas | Número de Alunos |
|--------|---------------|-------------------------|
| 5º ano | 3 | 66 |
| 6º ano | 3 | 76 |

Escola C+S de Sendim

| | | |
|--------|---|----|
| 5º ano | 3 | 69 |
| 6º ano | 2 | 66 |

3. Ensino Básico (Terceiro Ciclo)

Escola Secundária de Miranda do Douro

| | Turmas | Número de Alunos |
|--------|---------------|-------------------------|
| 7º ano | 4 | 83 |
| 8º ano | 3 | 93 |
| 9º ano | 3 | 69 |

Escola C+S de Sendim

| | | |
|--------|---|----|
| 7º ano | 3 | 70 |
| 8º ano | 3 | 56 |
| 9º ano | 2 | 46 |

4. Ensino Secundário

Escola Secundária de Miranda do Douro

| | Turmas | Número de Alunos |
|---------|---------------|-------------------------|
| 10º ano | 6 | 173 |
| 11º ano | 4 | 123 |
| 12º ano | 3 | 92 |

Nota: Dados recolhidos, junto das instituições respectivas e a nosso pedido, pelo Dr. Domingos Raposo.

Quadro II

Padrões, funções e principais factores determinantes da escolha de línguas e da alternância de códigos

| GUMPERZ ¹ | SAVILLE-TROIKE ² | VALDES-FALLIS ³ | GARDNER-CHLOROS |
|--------------------------------------|--|--|--|
| A. Citações | A. Atenuar ou reforçar um pedido ou ordem | <u>I. Padrões de alternância devidos a factores externos</u> | A. Competência do locutor |
| B. Especificação do interlocutor | B. Intensificação ou eliminação de ambiguidade (repetição) | A. Alternância situacional | B. Avaliação e percepção do interlocutor |
| C. Interjeições | C. Efeito humorístico/citação directa / imitação | B. Alternâncias contextuais | C. Características de uma dada conversa |
| D. Reiteração | D. Afirmação ideológica | C. Marcadores de identidade | D. Características da língua a ser usada |
| E. Qualificação da mensagem | E. Necessidade lexical | D. Nomes próprios | E. Razões profundas |
| F. Personalização vs. objectivização | F. Exclusão de interlocutores | E. Citações e paráfrases | (i) Características individuais |
| | G. Estratégia de fuga | <u>II. Alternância devida a factores internos</u> | (ii) Mudança linguística |
| | H. Estratégia de emenda | A. Alternância ao acaso de itens muito frequentes | (iii) Compromisso étnico |
| | | B. Necessidade lexical | (iv) Comportamento social |
| | | C. Alternâncias "triggered" | |
| | | D. Formulações prévias | |
| | | E. Marcação discursiva | |
| | | F. Citações e paráfrases | |
| | | G. Alternância metafórica | |
| | | H. Alternância sequencial | |
| | | I. Respostas associadas | |

¹In: *Discourse Strategies*. Cambridge (Cambridge University Press), 1982.

²In: *The Ethnography of Communication: an Introduction*. Oxford (Blackwell), 1982.

³In: *Code-switching Among Bilingual Mexican-American Women: Towards an Understanding of Sex-related Language Alternation*. In: *The International Journal of the Sociology of Language*, nº 17, 1977, p. 65-72.

Quadro III

Parentescos e relações sociais existentes entre os informantes da amostra de Paradela

| | | |
|-------|---|--|
| 1 (m) | filho de irmão de cunhado de vizinho ¹ de | 23 (f) e 24 (m) 3 (m) e 10 (m) 6 (f) 25 (f), 29 (m) e 37 (m) |
| 2 (f) | filha de neta de sobrinha de vizinha de | 13 (f) e 16 (m) 34 (f) 11 (f) e 12 (m) 7 (f), 9 (f), 21 (f), 26 (f), 27 (m) e 30 (m) |
| 3 (m) | filho de irmão de cunhado de vizinho de | 23 (f) e 24 (m) 1 (m) e 10 (m) 6 (f) 25 (f) 29 (m) e 37 (m) |
| 4 (f) | filha de vizinha de | 18 (f) e 19 (m) 7 (f), 9 (f) 21 (f), 26 (f), 27 (m) e 30 (m) |
| 5 (f) | bisneta de neta de sobrinha de prima de prima, por afinidade, de nora de cunhada de | 38 (f) 36 (f) 26 (f), 30 (m) e 32 (m) 6 (f) 9 (f) e 10 (m) 22 (f) e 31 (m) 11 (f) e 12 (m) |
| 6 (f) | filha de esposa de nora de cunhada de prima de | 32 (m) 10 (m) 23 (f) e 24 (m) 1 (m) e 3 (m) 5 (f) |
| 7 (f) | filha de sobrinha de prima de prima, por afinidade, de | 21 (f) e 27 (m) 22 (f), 31 (m), 25 (f) e 29 (m) 11 (f) 12 (m) |
| 8 (m) | neto de companheiro de trabalho de | 28 (f) 3 (m), 10 (m), 12 (m) e 29 (m) |
| 9 (f) | nora de prima, por afinidade, de companheira de escola ² de | 26 (f) e 30 (m) 5 (f) 10 (m), 13 (f), 14 (f), 16 (m) e 17 (m) |

¹Referimos, nesta categoria, apenas os vizinhos que vivem nas proximidades imediatas das residências de cada informante. Com isto não queremos dizer que todos os que residem na aldeia não se considerem vizinhos, pois, pelo contrário, foi possível ouvir referências frequentes aos conterrâneos como “vizinhos cá do lugar”.

²Alguns dos informantes frequentavam um curso nocturno de Extensão Educativa, que funcionava na Escola Primária de Paradela, com vista à conclusão do 6º ano de escolaridade.

| | | |
|--------|--|---|
| 10 (m) | filho de irmão de marido de genro de companheiro de trabalho de companheiro de escola de | 23 (f) e 24 (m) 1 (m) e 3 (m) 6 (f) 32 (m) 3 (m), 8 (m), 12 (m) e 29 (m) 9 (f), 13 (f), 14 (f), 16 (m) e 17 (m) |
| 11 (f) | filha de esposa de nora de cunhada de cunhada e prima de cunhada de prima, por afinidade, de tia de sobrinha de prima de | 22 (f) e 31 (m) 12 (m) 34 (f) 5 (f) 13 (f) 16 (m) 16 (m) 2 (f) 21 (f), 27 (m), 25 (f) e 29 (m) 7 (f) |
| 12 (m) | filho de marido de genro de cunhado de irmão de cunhado de primo por afinidade de tio de sobrinho, por afinidade, de companheiro de trabalho de | 34 (f) 11 (f) 22 (f) e 31 (m) 5 (f) 16 (m) 13 (f) 13 (f) 2 (f) 21 (f), 27 (m), 25 (f) e 29 (m) 3 (m), 8 (m), 10 (m) e 29 (m) |
| 13 (f) | esposa de mãe de nora de cunhada e prima de cunhada de companheira de escola de | 16 (m) 2 (f) 34 (f) 11 (f) 12 (m) 9 (f), 10 (m), 14 (f), 16 (m) e 17 (m) |
| 14 (f) | esposa de companheira de escola de | 17 (m) 9 (f), 10 (m), 13 (f), 16 (m) e 7 (m) |
| 15 (f) | cunhada e vizinha de | 20 (m) |
| 16 (m) | filho de marido de pai de irmão de cunhado de primo, por afinidade, de companheiro de trabalho de companheiro de escola de | 34 (f) 13 (f) 2 (f) 12 (m) 11 (f) 11 (f) 17 (m) 9 (f), 10 (m), 13 (f), 14 (f) e 17 (m) |
| 17 (m) | marido de companheiro de trabalho de companheiro de escola de | 14 (f) 16 (m) 9 (f), 10 (m), 13 (f), 14 (f) e 16 (m) |
| 18 (f) | esposa de mãe de | 19 (m) 4 (f) |

| | | |
|--------|--|---|
| | vizinha de | 5 (f), 14 (f), 17 (m), 22 (f) e 31 (m) |
| 19 (m) | marido de pai de vizinho de | 18 (f) 4 (f) 5 (f), 14 (f), 17 (m), 22 (f) e 31 (m) |
| 20 (m) | cunhado e vizinho de | 15 (f) |
| 21 (f) | esposa de mãe de irmã de cunhada de tia de tia, por afinidade, de vizinha de | 27 (m) 7 (f) 29 (m) e 31 (m) 22 (f) e 25 (f) 11 (f) 12 (m) e 5 (f) 2 (f), 7 (f), 9 (f), 13 (f), 16 (m), 26 (f) e 27 (m) |
| 22 (f) | esposa de mãe de sogra de tia de cunhada de vizinha de comadre de | 31 (m) 11 (f) 5 (f) e 12 (m) 7 (f) 21 (f) e 25 (f) 4 (f), 18 (f) e 19 (m) 34 (f) |
| 23 (f) | esposa de mãe de sogra de comadre de vizinha de | 24 (m) 1 (m), 3 (m) e 10 (m) 6 (f) 32 (m) 25 (f), 29 (m), 35 (m) e 37 (m) |
| 24 (m) | marido de pai de sogro de compadre de vizinho de | 23 (f) 1 (m), 3 (m) e 10 (m) 6 (f) 32 (m) 25 (f), 29 (m) e 37 (m) |
| 25 (f) | esposa de cunhada de tia de tia, por afinidade, de vizinha de | 29 (m) 21 (f) e 22 (f) 7 (f) e 11 (f) 12 (m) e 5 (f) 23 (f), 24 (m) e 37 (m) |
| 26 (f) | filha de esposa de sogra de irmã de tia de tia, por afinidade, de tia-avó de vizinha de | 38 (f) 30 (m) 9 (f) 32 (m) 6 (f) 10 (m) 5 (f) 2 (f), 7 (f), 9 (f), 13 (f), 16 (m), 21 (f) e 27 (m) |
| 27 (m) | marido de pai de cunhado de tio de tio, por afinidade, de vizinho de | 21 (f) 7 (f) 29 (m), 31 (m), 22 (f) e 25 (f) 11 (f) 12 (m) e 5 (f) 2 (f), 7 (f), 9 (f), 13 (f), 16 (m), 26 (f) e 27 (m) |
| 28 (f) | avó de vizinha de | 8 (m) 36 (f) e 38 (f) |
| 29 (m) | marido de irmão de | 25 (f) 21 (f) e 31 (m) |

| | | |
|---------------|----------------------------|--|
| | cunhado de | 22 (f) e 27 (m) |
| | tio de | 7 (f) e 11 (f) |
| | tio, por afinidade, de | 12 (m) e 5 (f) |
| | companheiro de trabalho de | 3 (m), 8 (m), 10 (m) e 12 (m) |
| | vizinho de | 23 (f), 24 (m) e 37 (m) |
| 30 (m) | marido de | 26 (f) |
| | genro de | 38 (f) |
| | sogro de | 9 (f) |
| | cunhado de | 32 (m) |
| | tio de | 6 (f) |
| | tio, por afinidade, de | 10 (m) |
| | tio-avó, por afinidade, de | 5 (f) |
| | vizinho de | 2 (f), 7 (f), 9 (f), 13 (f), 16 (m), 21 (f) e 27 (m) |
| 31 (m) | marido de | 22 (f) |
| | pai de | 11 (f) |
| | sogro de | 5 (f) e 12 (m) |
| | tio de | 7 (f) |
| | irmão de | 21 (f) e 29 (m) |
| | cunhado de | 25 (f) e 27 (m) |
| | vizinho de | 4 (f), 18 (f) e 19 (m) |
| | compadre de | 34 (f) |
| 32 (m) | filho de | 38 (f) |
| | pai de | 6 (f) |
| | sogro de | 10 (m) |
| | irmão de | 26 (m) |
| | tio, por afinidade, de | 9 (m) |
| | tio-avó de | 5 (f) |
| 33 (m) | vizinho de | 15 (f) e 20 (m) |
| 34 (f) | mãe de | 12 (m) e 16 (m) |
| | sogra de | 11 (f) e 13 (f) |
| | avó de | 2 (f) |
| | comadre de | 22 (f) e 31 (m) |
| 35 (m) | vizinho de | 9 (f), 23 (f), 35 (m) e 37 (m) |
| 36 (f) | avó de | 5 (f) |
| | vizinha de | 28 (f) e 38 (f) |
| 37 (m) | vizinho de | 1 (m), 3 (m), 23 (f), 24 (m), 25 (f) e 29 (m) |
| 38 (f) | mãe de | 26 (f) e 32 (m) |
| | sogra de | 30 (m) |
| | avó de | 6 (f) |
| | avó dos cônjuges de | 9 (f) e 10 (m) |
| | bisavó de | 5 (f) |
| | vizinha de | 28 (f) e 36 (f) |

ÍNDICE

QUESTIONÁRIOS

| | |
|---|---|
| Dados sobre o informante..... | 2 |
| Questionário I — Funcionalidade social | 3 |
| Questionário II — Competência e proficiência..... | 4 |
| Questionário III — Valoração explícita | 5 |
| Questionário IV | 6 |
| Textos usados na experiência “MGT”..... | 7 |
| Grelha de respostas “MGT”..... | 8 |

CORPORA

| | |
|---|----|
| Nota explicativa | 10 |
| <i>Corpus</i> 1.1 — Valoração expressa pelos falantes de Paradela sobre os idiomas, o seu uso e o seu valor simbólico..... | 11 |
| <i>Corpus</i> 1.2 — Valoração expressa pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro sobre o mirandês, o seu uso e o seu valor simbólico..... | 43 |
| <i>Corpus</i> 1.3 — Excertos da entrevista ao Dr. Domingos Raposo. Informação atitudinal..... | 46 |
| <i>Corpus</i> 2 — Alternância de códigos..... | 49 |

GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico I — Comparação entre o número de habitantes na área de implantação linguística do mirandês, por freguesias, em 1981 e 1991 (população presente)..... | 120 |
| Gráfico II — Número de emigrantes no concelho de Miranda do Douro: década de oitenta | 121 |
| Gráfico III — Emigração no distrito de Bragança de 1890 a 1988..... | 122 |
| Gráfico IV — Relação entre nascimentos e óbitos no concelho de Miranda do Douro durante a década de oitenta..... | 123 |
| Gráfico V — Comparação entre a emigração permanente e temporária no distrito de Bragança em 1987 e 1988..... | 124 |
| Gráfico VI — Distribuição da população activa do concelho de Miranda do Douro por sectores económicos de 1796 a 1981 | 125 |
| Gráfico VII — Grau de analfabetismo no concelho de Miranda do Douro em 1981..... | 126 |
| Gráfico VIII — Comparação entre os graus de alfabetização e analfabetismo no concelho de Miranda do Douro em 1960 e 1981 | 127 |

| | |
|---|-----|
| Gráfico IX — Evolução do parque telefónico no concelho de Miranda do Douro de 1985 a 1990..... | 128 |
| Gráfico X — Evolução comparativa dos graus de alfabetização e analfabetismo na freguesia de Paradela desde 1878 até 1950..... | 129 |
| Gráfico XI — Grupos etários na freguesia de Paradela em 1981 (população residente)..... | 130 |
| Gráfico XII — Evolução do número de habitantes na freguesia de Paradela, por sexo, desde 1796 até 1991 (população presente) | 131 |
| Gráfico XIII — Comparação dos valores de emigração temporária nos distritos de Viseu, Vila Real e Bragança em 1987 e 1988 | 132 |
| Gráfico XIV — Evolução do número de famílias na freguesia de Paradela de 1930 até 1991..... | 133 |
| Gráfico XV — Evolução do número total de fogos na freguesia de Paradela desde 1796 até 1991 | 134 |
| Gráfico XVI — Distribuição da população activa da freguesia de Paradela por sectores económicos em 1981..... | 135 |
| Gráfico XVII — Sexo dos informantes que constituíram a amostra de Paradela..... | 136 |
| Gráfico XVIII — Estrutura etária da amostra constituída pelos informantes de Paradela..... | 137 |
| Gráfico XIX — Grau de escolarização dos informantes que constituíram a amostra de Paradela | 138 |
| Gráfico XX — Grupos profissionais representados na amostra constituída pelos informantes de Paradela... .. | 139 |
| Gráfico XXI — Estrutura etária da amostra constituída pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro | 140 |
| Gráfico XXII — Sexo dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro que constituíram a amostra..... | 141 |
| Gráfico XXIII — Zona de residência dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro que constituíram a amostra..... | 142 |
| Gráfico XXIV — Causas apontadas pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro para o declínio no uso do mirandês por parte dos falantes jovens | 143 |
| Gráfico XXV — Opinião dos informantes de Paradela sobre a escolarização em mirandês..... | 144 |
| Gráfico XXVI — Opinião dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro sobre a escolarização em mirandês | 145 |
| Gráfico XXVII — Opinião dos informantes de Paradela, favoráveis ao ensino em mirandês, sobre o número de anos de aprendizagem deste idioma..... | 146 |
| Gráfico XXVIII — Opinião dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, favoráveis ao ensino em mirandês, sobre o número de anos de aprendizagem deste idioma | 147 |
| Gráfico XXIX — Percentagem de alunos da Escola Preparatória de Miranda do Douro inscritos na disciplina de Mirandês desde o ano lectivo de 1986/87 até ao de 1993/94..... | 148 |
| Gráfico XXX — Proveniência regional dos alunos inscritos na disciplina de Mirandês em cada ano lectivo | 149 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico XXXI — Variedades idiomáticas em relação às quais os alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro admitiram ter melhor proficiência..... | 150 |
| Gráfico XXXII — Proficiência linguística dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro em relação ao sendinês, mirandês e espanhol..... | 151 |
| Gráfico XXXIII — Variedades idiomáticas em relação às quais os informantes de Paradela admitiram ter melhor proficiência | 152 |
| Gráfico XXXIV — Proficiência linguística dos informantes de Paradela em relação ao português, mirandês e espanhol..... | 153 |
| Gráfico XXXV — Proficiência linguística dos informantes de Paradela em relação ao sendinês | 154 |
| Gráfico XXXVI — Atitudes dos informantes de Paradela em relação à alternância de códigos..... | 155 |
| Gráfico XXXVII — Atitudes dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro em relação à alternância de códigos | 156 |
| Gráfico XXXVIII — A prática da alternância de códigos segundo os informantes de Paradela..... | 157 |
| Gráfico XXXIX — A prática da alternância de códigos segundo os alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro..... | 158 |
| Gráfico XL — Razões apontadas pelos informantes de Paradela para a prática da alternância de códigos..... | 159 |
| Gráfico XLI — Razões apontadas pelos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro para a prática da alternância de códigos | 160 |
| Gráfico XLII — “Que língua costuma usar quando quer evitar que um estranho o compreenda quando fala com alguém seu conhecido (da sua terra, seu familiar, etc.)?” Respostas dos informantes de Paradela..... | 161 |
| Gráfico XLIII — “Quem fala melhor em Paradela? Os falantes novos, os velhos, as mulheres ou os homens?” Respostas dos informantes de Paradela..... | 162 |
| GRÁFICOS REFERENTES À EXPERIÊNCIA ATITUDINAL “MATCHED-GUISE TECHNIQUE” (“MGT”) | |
| — Escalonamento social atribuído aos locutores por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que os textos foram lidos..... | 163 |
| — Regiões de origem atribuídas ao locutor masculino por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido..... | 164 |
| — Regiões de origem atribuídas à locutora feminina por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido..... | 165 |
| — Profissões atribuídas ao locutor masculino por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido..... | 166 |
| — Profissões atribuídas à locutora feminina por parte dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro, consoante o idioma em que o texto foi lido..... | 167 |
| — Resultados referentes às expressões do grupo “Status”..... | 168 |
| — Resultados referentes às expressões do grupo “Solidariedade”..... | 172 |
| — Resultados referentes às expressões do grupo “Status”, obtidos pelo locutor masculino na leitura do texto em mirandês..... | 178 |

| | |
|---|-----|
| — Resultados referentes às expressões do grupo “Solidariedade”, obtidos pelo locutor masculino na leitura do texto em mirandês..... | 182 |
| MAPAS | |
| Mapa 1..... | 189 |
| Mapa 2..... | 190 |
| Mapa 3..... | 191 |
| Mapa 4..... | 192 |
| OUTROS | |
| Grelha “Escolha de Línguas em Paradela”..... | 194 |
| Notas à grelha “Escolha de Línguas em Paradela”..... | 195 |
| Tabela A — Idiomas e situações de interacção..... | 198 |
| Tabela B — Grupos etários e uso idiomático por situações de interacção..... | 199 |
| Tabela C — Graus de escolarização e uso idiomático por situações de interacção..... | 201 |
| Tabela D — Grupos profissionais e uso idiomático por situações de interacção..... | 203 |
| Tabela E — Sexo e uso idiomático por situações de interacção..... | 205 |
| Quadro I — Configuração da rede escolar do concelho de Miranda do Douro no ano lectivo de 1992/93..... | 206 |
| Quadro II — Padrões, funções e principais factores determinantes da escolha de línguas e da alternância de códigos..... | 208 |
| Quadro III — Parentescos e relações sociais existentes entre os informantes de Paradela..... | 209 |